

Amor Profano

Erin Yorke

Clássicos da Literatura Romântica

NOVA CULTURAL

Título original: **Yesterday and Tomorrow**

Copyright: Erin Yorke

Publicado originalmente em 1987 pela

Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: Cecília Florence Borges Rizzo

Copyright para a língua portuguesa: 1990

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

PROJETO REVISORAS

Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.

Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.

Cultura: um bem universal.

*Disponibilização: **NutriRosangela***

*Apoio: **contribuintes da caixinha***

*Digitalização: **Palas Atenéia***

*Revisão: **Vaneska***





*Uma leitura fascinante para quem procura o
encanto do amor e a emoção do suspense*

**No calor do deserto, Cassandra se transforma numa amante insaciável em
busca de prazeres inesperados**

Entre as ruínas milenares e os sussurros do vento o grupo planejava a conspiração. Alheia a eles, Cassandra recolhia-se em sua tenda, incerta se havia sido uma boa decisão vir ao Egito resolver um passado obscuro em busca dos tesouros da lendária rainha Nefertiti.

Fatos estranhos se sucederam após sua chegada, sempre envolvendo o enigmático e atraente Marc Whittier. Talvez já houvesse partido, intimidada, se o coração não a obrigasse a ficar. Queria reviver a paixão que os assaltara na caverna de Akhenaton, quando a tempestade de areia lá fora havia sido um pálido reflexo de suas emoções. Queria descobrir do que Marc fugia, por que a rejeitava agora.

Naquela terra de segredos milenares, a magia pairava no ar, enfeitiçando-a, atraindo-a para junto de um homem capaz de inspirar um amor eterno ou um ódio sem limites.

CAPÍTULO I

Num gesto distraído, Cassandra Barstowe afastou os caracóis de cabelos castanho-escuros do rosto. Encontrava-se na biblioteca do padrinho, em Londres, sentada na beirada de uma poltrona estilo Windsor em brocado prateado. Sentia-se inquieta quanto a seus propósitos. Geralmente, não enfrentava dificuldade alguma em convencer Sir Robert a satisfazer-lhe as vontades, porém, como antecipara, ele mostrava-se relutante em atendê-la agora. Caso recusasse seu pedido, ela não teria a quem ocorrer e se veria forçada a abandonar o projeto ambicioso.

Enquanto a maioria das moças de vinte e um anos aspirava encontrar marido e estabelecer família, Cassandra sonhava com épocas remotas e lugares distantes. Recém-formada em História Antiga, ela estava determinada a seguir as pegadas do meio irmão. Afinal, o dr. Derek Barstowe tornara-se bem conhecido nas sociedades de arqueologia de Londres. Ele já trabalhara nas escavações mais importantes à volta do globo e encontrava-se agora em Amarna, no Egito, sob o patrocínio do Museu Britânico, à procura de indícios do túmulo de Nefertiti. Contudo, todas as tentativas de Cassandra para ser aceita em trabalho de campo tinham encontrado uma barreira intransponível. A bem da verdade, em 1935, moças de sua classe social não se dedicavam a esse tipo de atividade em regiões primitivas, embora de um mundo diferentemente civilizado. Ela fora considerada como uma jovem bem-intencionada mas de ideias utópicas. Assim, suas solicitações não foram levadas a sério.

Pedir a ajuda de Derek estava fora de cogitação. Ele jamais aceitaria seus planos. Além disso, ela desejava construir sua reputação através dos próprios méritos. Infelizmente, os obstáculos encontrados a forçavam a reconhecer a necessidade de usar outras ligações de influência. Essa seria a única maneira de levar a cabo o projeto, satisfazer sua ânsia por independência e conseguir trabalho de campo. Por isso, apresentara seu projeto a Sir Robert, um dos homens de maior prestígio em Londres, e esperava agora, apreensiva, pela resposta dele.

O padrinho, sentado à escrivaninha de carvalho, mantinha os olhos fechados e balançava a cabeça exasperado por Cassandra tê-lo colocado num dilema. A proposta absurda da afilhada não podia ser tomada em

consideração; entretanto, custava-lhe muito negar algo a essa criatura tão parecida com a mãe, quando essa tinha a sua idade. O afeto profundo de Sir Robert pela falecida transferira-se para a filha, o que o forçava a fazer-lhe as vontades mesmo quando o bom senso aconselhasse o contrário. Suspirou profundamente antes de lançar-se à tentativa de convencer a moça teimosa a mudar de planos.

— Cassandra, esta é a ideia mais tola que já teve. Você não tem de provar sua capacidade só porque seu irmão tornou-se um arqueólogo famoso. Derek ficaria felicíssimo com a sua ajuda, aqui em casa, fichando e catalogando as notas dele.

— Naturalmente ele gostaria disso, mas a tarefa não me estimula nem um pouco. Será que meu diploma universitário só serve para um trabalho de gabinete?

— Ora, Cassandra, você sabe que eu e Derek cedemos a seus caprichos desde a morte de seus pais. Chegamos até a permitir esse curso universitário, quando raras moças de sua classe social fazem isso. Concordamos em adiar sua apresentação à sociedade por um bom tempo. Derek mostrou-se satisfeito com sua especialização em História Antiga, mas trabalho de campo é um absurdo. Soube que o Museu Britânico está precisando de um assistente de curador para materiais de Éfeso recentemente descobertos — informou ele, desejoso de desviar o interesse de Cassandra para outras áreas da arqueologia.

— Já estou cansada de museus e bibliotecas. Quero sujar as mãos na terra e sentir a excitação de ser a primeira pessoa a segurar os ossos de um guerreiro da antiguidade ou a espada empunhada por ele — declarou a jovem com os olhos verdes brilhando de determinação. — Quero fazer parte de uma equipe de escavações e não me tornar uma solteirona empoeirada capaz apenas de registrar os achados.

— Minha querida, nem eu nem Derek desejamos que não se case. Por isso mesmo, achamos que está negligenciando sua promessa de debutar e criar juízo. O dever de uma inglesa para com a família consiste em atender aos requisitos da sociedade, ainda mais tratando-se de uma moça fina como você — argumentou Sir Robert.

Convencido de haver apresentado uma explicação plausível da qual Cassandra não poderia esquivar-se, surpreendeu-se ao ouvi-la insistir:

— Nunca quis nem quero ser uma moça fina. Pensei que pelo menos um de vocês dois compreendesse minha vontade de me tornar uma pesquisadora acadêmica e não uma debutante de cabeça oca. Não posso acreditar que você

e Derek teimem em seguir um costume antiquado ao me porem no mercado de casamento. Além disso, eu não passava de uma criança quando prometi debutar depois de me formar. Naquela época, eu não sabia o que queria, mas agora, sei — afirmou Cassandra enrolando, distraída, um caracol de cabelo no dedo, repetindo um hábito característico da mãe.

Mais uma vez, Sir Robert suspirou, consciente de estar perdendo o controle da situação.

— Bem, minha querida, e o que você quer agora?

Na pergunta simples Cassandra reconheceu o primeiro indício de uma concessão.

— Só quero a oportunidade de provar minha capacidade. Qual é a utilidade de um curso se ele não for usado? Você mesmo disse haver problemas com a expedição de Derek. Talvez eu possa ser-lhe útil. O museu pretende enviar um estagiário para ajudá-lo na próxima temporada de trabalho. E por que não eu? Com sua influência e posição, pode arranjar isso, tenho certeza. Quantas vezes me disse que mamãe desejava ser algo mais além de esposa e mãe? Pois então, me proporcione uma só temporada de trabalho no campo.

A referência de Cassandra à mãe e a própria necessidade de independência começavam a minar a resistência do padrinho.

— Seja razoável, minha querida. Se deseja tanto provar sua capacidade, deveria reconhecer a impossibilidade de ser uma pesquisadora independente trabalhando ao lado de seu irmão. Qualquer sucesso seu seria creditado à perícia dele. Além do mais, você sabe tanto quanto eu, Derek não permitiria sua presença lá.

O fato do Sir Robert começar a ver falhas em seu plano estimulou Cassandra a replicar depressa:

— Derek é apenas meu meio irmão e nós não nos vemos há nove anos. Ele jamais me reconheceria agora depois de tanto tempo. Posso ir para lá sob outro nome e ninguém nem mesmo ele, desconfiaria de nada. Se o museu aceitar minhas credenciais e habilidade, quem irá investigar meus antecedentes? Como Derek poderá levantar objeções quando eu já estiver lá? Ah, por favor, Sir Robbie, diga sim — insistiu Cassandra, já antevendo a vitória.

— Aos quinze anos, você declarou não ser mais criança para me chamar de “Sir Robbie” — protestou ele divertido. — Estou pensando no que diriam seus pais. Sua mãe, tão feminina e graciosa, transpunha os sonhos para poesias. Entretinha-se em cuidar das flores de um jardim lindo e jamais lhe

passou pela cabeça fazer escavações em algum lugar remoto do mundo. Às vezes, imagino como foi possível ela dar à luz esta filha.

— Ora, Sir Robbie, você a amava pela vivacidade e natureza impulsiva que a levou a desafiar certas imposições sociais. Você me contou que ela era imprevisível, como quando se casou com papai, homem divorciado e com um filho já bem crescido. Meus avós a deserdaram, mas você nunca a abandonou.

— É verdade, é verdade. Amanda era um encanto apesar de suas travessuras. Sob certos aspectos, você se parece muito com ela. Mas o nosso assunto é outro. Talvez possamos dizer a Derek que você resolveu fazer uma grande viagem e só debutar na volta. Isso poderá também justificar um lapso em sua correspondência. Você estaria muito ocupada passeando para escrever cartas. Todavia, ainda não me convenci de estar agindo bem em permitir sua ida para um lugar tão pouco civilizado. Você está a par da situação tumultuada do Egito por causa das negociações a fim de restaurar a constituição? Desde que a condição do país mudou de protetorado à de nação soberana, as aspirações do governo local só têm provocado instabilidade política e antipatia pelos ingleses.

— Vou ficar ao lado de meu irmão. Isso garante minha segurança, Sir Robbie.

— Seu meio irmão, a quem você não pretende revelar sua identidade — replicou ele censurando-a com os argumentos dela. — Tem certeza de não estar disposta a aceitar algo mais condizente a uma moça? — indagou em tom mais ameno.

O riso cristalino de Cassandra ecoou pelo ambiente iluminado de sol da biblioteca. Sir Robert fitou a silhueta esguia e graciosa à frente dele. Este anjo jovial não poderia ter nascido a não ser de Amanda, refletiu melancólico.

— Ah, querido Robbie, eu sabia poder contar com sua ajuda!

Sir Robert não chegou a dizer nada, pois Cassandra o abraçava entusiasmada e prosseguia:

— Já escolhi meu nome profissional. Na sua opinião, o que devo fazer primeiro?

Tendo cedido à vontade da afilhada, Sir Robert começou a esboçar um plano prático, embora ainda alimentasse dúvidas quanto à sensatez da empreitada. O primeiro passo foi transformar Cassandra Barstowe em Sandra Blake. Seguiram-se muitos outros e, quando terminaram, ela o beijou agradecida.

— Você já calculou todos os detalhes, até os mínimos. Lembre-se, não há nada com que se preocupar, Sir Robbie. Com todo esse cuidado, o que

poderia dar errado?

Sete semanas após a conversa com Sir Robert, o navio *The Hathaway* atracava em Alexandria e lançava Cassandra à realidade inconcebível de seus sonhos.

Enquanto os preparativos finais para seu desembarque e ida para Tell-el-Amarna estavam em andamento, ela decidiu explorar o cais. Em menos de uma hora, encontrava-se no fundo de uma carroça rudimentar sendo transportada por ruas movimentadas da zona portuária e da maneira mais desconfortável possível.

Cassandra lutou contra o gosto amargo na garganta provocada pelo mau cheiro que invadia o veículo. O sol quente do Egito intensificava o ar fétido emanado do lixo humano e animal amontoado pelo caminho. Se ao menos houvesse dado ouvidos a Sir Robert e ficado na Inglaterra, refletiu no auge do desespero. Lá havia o perfume de flores e ervas aromáticas para purificar o ar, ao passo que ali as pessoas conviviam com o odor terrível sem protestar. O cheiro característico de mar já havia desaparecido. Ela imaginava, através dos pregões de vendedores, estarem atravessando a *medina*, a seção murada e antiga da cidade com o bazar nativo e áreas superlotadas.

Tentou erguer-se um pouco e espiar por uma das frestas da carroça, mas foi empurrada por um gesto brusco de mão acompanhado de palavras ásperas cujo sentido não entendeu. Mais uma vez regorgitou e sentiu o gosto amargo de bile. O pano sujo com que os captores a tinham amordaçado aumentava-lhe o nojo. Ninguém iria procurar Cassandra Barstowe, refletiu, e sim Sandra Blake, uma pessoa que não existia.

Ela havia sido apanhada por bandidos a poucos quarteirões do cais onde desembarcara. Em questão de segundos, e apesar de seus gritos, pontapés e mordidas, eles a tinham amarrado pelos pés e mãos, amordaçado e jogado no fundo da carroça como se não passasse de um animal a caminho do mercado.

Mercado! A palavra ressoou-lhe com tal força na cabeça dolorida que Cassandra não teve dúvidas em relação às intenções de seus captores. Ela era a mercadoria a ser oferecida à venda, talvez a um indivíduo ou a um prostíbulo. Mas não faria diferença quem a adquirisse, pois ela se mataria antes de se entregar, resolveu.

De repente, os solavancos da carroça pararam e a parte de trás foi aberta. Cassandra viu-se arrastada para fora, mas, com pés e mãos amarrados e dormentes, mal conseguiu equilibrar-se. Estavam numa viela apinhada de homens vestidos em *gallabiyas*, túnica típica árabe. Porém, antes de poder ver

algo mais, vendaram-lhe os olhos. Num protesto contra mais essa afronta, ela puxou o braço e soltou-o da mão forte que o prendia. Todavia, os pés amarrados a fizeram cair num monte de lixo. Gargalhadas e vozes masculinas encheram o ar ao mesmo tempo que um homem a apanhava do chão e a jogava sobre um dos ombros como se fosse uma saca de cereais. Uma pesada mão deu-lhe palmadas e uma voz enérgica emitiu uma torrente de palavras incompreensíveis fazendo-a parar de retorcer o corpo. Os risos fizeram-se ouvir novamente e o homem que a carregava pôs-se a andar entre os outros. Mãos a apalpavam e beliscavam de leve sua pele.

Uma explosão repentina de seu captor pôs fim à exploração física, mas Cassandra podia sentir a expectativa das pessoas à volta. Tinha dificuldade em respirar naquela posição, com o rosto contra as costas do homem, os olhos vendados, a boca amordaçada, mãos e pés amarrados.

Afinal, como havia se metido em tal confusão?, indagou-se. E como sair dela? Sua única esperança era eles não contarem com a reação física de uma moça de estatura delicada. Tinha de esperar para apanhá-los de surpresa.

Todavia, a surpresa foi sua ao ser jogada inesperadamente ao chão. Com os pulsos amarrados, não pôde amainar a queda. As vozes agora pareciam empenhadas numa discussão. Seria possível que em toda a *medina* não existisse uma só pessoa disposta a socorrê-la?

Sem esperar, sentiu os tornozelos sendo soltos. Não teve tempo para usufruir a liberdade relativa, pois mãos a forçaram a se levantar e subir alguns degraus. Não eram muitos e, depois, teve a sensação de estar num espaço aberto e um tanto amplo. As vozes aumentaram em número: umas altas, outras sussurradas, porém todas dirigidas ao lugar onde estava. A mão forte a virava para a esquerda e direita, de frente e de costas. Cassandra logo percebeu que os movimentos obedeciam às ordens do homem que a manipulava. Uma das vozes tendia a dominar as outras e, apesar de atordoada, desejava ver o que estava acontecendo.

Surpreendeu-se quando a vontade foi satisfeita mal sua mente a havia formulado. Tão logo lhe removeram a venda, exclamações de admiração pela beleza de seus olhos verdes encheram o ar. Após acostumar a visão à claridade súbita, Cassandra certificou-se de estar, de fato, num leilão de escravas brancas.

A voz mais alta gritou algo e o seu captor soltou as amarras dos pulsos para, em seguida, levantar-lhe os braços, um de cada vez, bem acima de sua cabeça. Os gestos eram acompanhados de palavras em tom de desafio.

Então a voz que se destacava mostrou um tom de dúvida permeado de

riso. Estaria ele caçoando de sua aparência?, indagou-se Cassandra. Grandíssimos atrevidos! Se tivesse passado pelas indignidades infligidas a ela nessas últimas horas também apresentaria um péssimo aspecto.

Não teve tempo para grandes especulações. O homem a seu lado levantou-lhe a manga do vestido, cuspiu no trapo que servira de venda e começou a esfregá-lo na pele do braço. Depois mostrou-o aos outros como se desejasse provar a autenticidade de sua pele alva. Repetiu o gesto no rosto, sempre entoando as mesmas palavras que, com certeza, significavam o valor do último lance.

Ao lado dele, e numa atitude de humildade, Cassandra fingia submissão. Por seu lado, ele relaxou e, mais entusiasmado, continuou a apregoar a mercadoria. Várias vozes respondiam às ofertas, mas aquela persistente ainda sobrepunha-se a todas e novamente expressou dúvida. O captor, sem o menor resquício de respeito, ergueu-lhe a saia e expôs as pernas bem torneadas aos olhos ávidos dos homens. O gesto esgotou o resto de resistência de Cassandra. Se tinha de agir, haveria de ser agora.

Num movimento rápido, ela levantou o joelho e golpeou-o com força entre as virilhas. Quase ao mesmo tempo, empurrou-o para fora do tablado e saiu correndo sem olhar para a confusão armada. Ouviu o tilintar de moedas e calculou que a caixa de dinheiro do bandido havia caído, dando-lhe alguns segundos de vantagem na fuga. Dirigiu-se a uma viela estreita, a uns metros atrás, já que a multidão aglomerava-se na da frente. Só Deus sabia aonde iria parar. Enquanto esgueirava-se entre as paredes tortuosas e sombrias do beco, ouviu as gargalhadas dos homens. Certamente, eles caçoavam de seu algoz transformado em vítima.

Ofegante, Cassandra tirou a mordaça da boca, mas não parou, exigindo o máximo do corpo cansado. Quanto mais distante do mercado de escravas, melhor. Ainda ouvia o vozerio e a risada dos homens e mantinha vívido o terror provocado pela captura. Se alcançasse a segurança, então descansaria. Cada passo para frente constituía um esforço imenso e ela não sabia para onde ir. No momento, não havia outra alternativa senão seguir pela viela e afastar-se o quanto possível da cena deprimente deixada para trás.

Já quase sem fôlego, os pulmões ardendo pela falta de oxigênio, chegou a uma rua não muito larga e calçamento de pedras irregulares. Nesse instante, ouviu o barulho de patas de cavalo vindo do beco. Virou-se para trás e, atônita, viu um egípcio de estatura grande montado num garanhão. Tentou correr, porém tropeçou e caiu. Sua última lembrança, uma fração de segundo antes de bater a cabeça nas pedras, foi a de braços fortes estendidos para

apanhá-la.

A primeira sensação registrada pela mente de Cassandra ao recobrar consciência foi a temperatura amena e agradável. Encontrava-se deitada numa cama macia. O que teria acontecido após sua fuga da *medina* e onde estaria agora? Conseguira libertar-se, ou não?

Ainda de olhos fechados, moveu as mãos e os pés. Ótimo, não estava amarrada, descobriu. Bem devagar, entreabriu as pálpebras e, percebendo estar sozinha, escancarou-as a fim de examinar o local. Havia janelas pequenas no alto das paredes protegidas por venezianas que permitiam a entrada de ar mas não do sol. O aposento apresentava uma decoração bem simples e em estilo egípcio.

Cassandra levantou-se e viu não estar vestida com suas próprias roupas. Usava apenas uma túnica sem nada sob ela. Deus do céu, onde estaria? O melhor seria investigar logo não só o local como também as circunstâncias em que se encontrava. Sem fazer ruído algum, foi até a porta e experimentou o trinco. Felizmente não estava fechada a chave. Ainda em silêncio, saiu do quarto e viu-se num pátio parcialmente coberto, com uma fonte no centro.

Com os ouvidos atentos a qualquer sinal dos ocupantes da casa, manteve-se junto à parede sob a sombra de arcos que rodeavam o pátio. Devagar, caminhou sem direção a dois portões de madeira em uma das paredes. Ignorava se estava a salvo ali ou se continuava cativa, mas não queria perder tempo em verificar isso. As circunstâncias seriam esclarecidas quando conseguisse encontrar a polícia e dar queixa da violência de que fora vítima. Mais alguns passos e alcançaria a liberdade. Então, sobressaltou-se ao ouvir uma voz feminina e estridente quebrar o silêncio. Assustada, Cassandra correu para os portões e estremeceu de medo ao encontrá-los trancados.

Ao virar-se depressa para enfrentar a dona da voz autoritária, Cassandra surpreendeu-se ao deparar-se com uma mulher velha e franzina. De forma alguma ela poderia ser considerada uma boa guardiã e os protestos veementes proferidos por ela não atraíam ninguém mais.

Sem interrupção, continuou a bradar em árabe e a gesticular até fazer Cassandra compreender que deveria voltar para o quarto. Naturalmente, ela não atendeu à mulher idosa e continuou onde estava. Depois de uns poucos minutos, viu pelas frestas dos portões um homem de aspecto europeu atravessar a rua depressa, como se a algazarra toda lhe houvesse chamado a atenção.

— Por favor, senhor — gritou Cassandra —, necessito de seu auxílio.

O homem correu até o portão e olhou por cima dele com expressão preocupada. Antes de poder falar, ela continuou:

— Por favor, senhor, precisa me ajudar. Tenho de sair daqui. O lugar não me oferece segurança alguma. Fui sequestrada e quero dar queixa à polícia.

— Ah, então é isso? — comentou o homem irritado, ao fixar os olhos azuis em Cassandra. — Está enganada, sua segurança aqui é absoluta, moça.

Desconcertada com a resposta, ela o observou cheia de suspeita. Tratava-se de um homem de vinte e tantos anos, no máximo trinta, alto, magro, embora certas ondulações sob o terno indicassem musculatura bem formada. A pele tinha uma tonalidade dourada escura, sinal de que ele passava muitas horas ao sol, e o rosto poderia ser considerado bonito não fosse a expressão mal-humorada e a frieza dos olhos azuis.

A atitude e o tom de voz, além de não a agradarem, provocaram-lhe raiva.

— E posso saber onde estou? — perguntou ela num misto de arrogância e sarcasmo.

Os olhos azuis não esconderam a surpresa pela agressividade inesperada numa moça que julgara muito frágil pela estatura baixa e complexão delicada. Refazendo-se, ele replicou ao mesmo tempo que tirava um chaveiro do bolso e abria um dos portões:

— Está em minha casa.

Depois de entrar, ele acompanhou a velha através do pátio sem dar a mínima atenção às indagações de Cassandra. Os dois desapareceram atrás de uma porta, fechando-a em seguida. Cinco minutos depois, ele reapareceu e a informou:

— Por enquanto, você vai ficar aqui. Tenho de sair para tratar de uns negócios urgentes e já perdi tempo suficiente por sua causa. Não devo demorar e, quando voltar, esclareceremos sua situação.

Cassandra não estava em condições de esperar. Exigiu:

— Quero ir já ao consulado britânico. Não vejo razão para continuar aqui. Se não quiser me levar, vou sozinha.

— Escute bem, moça, você já provocou confusão demais ao andar sozinha por aí. Agora vai ficar aqui até eu voltar. E não adianta discutir — informou ele impaciente.

Cassandra tentou argumentar, mas o homem não lhe deu ouvidos. Suspirou irritado ao erguê-la no colo para, em seguida, atravessar o pátio e entrar na cozinha. A velha encontrava-se lá descascando e cortando legumes e não reprimiu o riso quando a viu sendo depositada no chão. Com a faca,

apontou-lhe um banquinho perto da parede. Como Cassandra continuasse imóvel, o homem forçou-a a obedecer e sentar-se no lugar indicado pela mulher. Depois, os dois trocaram umas palavras em árabe.

— Olhe aqui, moça, acabo de dizer a Suniya para não tirar os olhos de você. Comporte-se e não dê trabalho.

Sem nem mais uma palavra, virou-se e foi embora. Com o coração pesado, Cassandra ouviu a chave girar na fechadura do portão.

A ausência breve prometida pelo homem alongava-se por horas intermináveis enquanto Cassandra, sob o olhar vigilante da mulher, mantinha-se sentada no banquinho. No fogão rudimentar a lenha, algo de aroma estranho cozinhava lentamente. De vez em quando, Suniya ia até lá e mexia o caldeirão.

Com o passar do tempo, a preocupação de Cassandra crescia. O homem não tinha agido como um libertador, não se mostrara solícito e, muito menos, cavalheiro. Talvez ele tivesse ligações com os bandidos que a haviam raptado. Se a velha se distraísse um pouco, tentaria fugir novamente.

Várias vezes, Suniya tentou impingir-lhe uma tigelinha com a mistura do caldeirão; todavia, o perigo vivido e o cansaço físico haviam lhe tirado o apetite. Além do mais, não confiava em ninguém. A comida podia conter veneno ou, no mínimo, algum entorpecente. Quando a velha aproximou-se de novo e quis enfiar uma colherada em sua boca, Cassandra perdeu a paciência e, num gesto brusco, empurrou a tigela, que se espatifou no chão. No mesmo instante, uma exclamação furiosa chegou da porta entreaberta. Finalmente de volta, o homem tinha presenciado a última parte da cena e, sem consideração pelo estado emocional de Cassandra, interpretou-a mal.

— Então a *grande dama* inglesa não aprecia a comida nativa? É muito exigente!

Embora exausta e sem ânimo para discutir, Cassandra não aceitou passivamente o comentário maldoso.

— Não sou uma *grande dama*, mas também não sou uma escrava. Sou apenas...

— Apenas uma mocinha rica e mimada, em viagem de turismo, que se cansou dos passeios tradicionais e saiu à cata de aventuras excitantes. Espero que tenha aprendido a lição — declarou o desconhecido ao apontar para a porta. — Vamos embora, vou levá-la ao consulado.

— Espere um momento. E as minhas roupas? — questionou Cassandra.

— Não vejo nada errado com essa túnica. A maioria das mulheres deste país veste-se assim. Imagino que não a aprecie porque não foi desenhada por

seu estilista preferido. — Virou-se e deu uma ordem em árabe para a mulher, que saiu e voltou em seguida com as roupas de Cassandra. Estavam limpas, porém ainda úmidas.

— Você tem três minutos para se trocar. Se não terminar a tempo, voltarei aqui para ajudá-la — explicou ele antes de deixá-la a sós.

O tempo exíguo ainda não terminara quando Cassandra juntou-se a ele. Apesar de mal-arrumada, sentia-se feliz por ir embora daquele lugar.

Em silêncio, atravessaram o pátio e saíram à rua, onde ele apontou para um carro Leyland novo.

— Desculpe, mas o Rolls-Royce está na oficina e você tem de se contentar com este — ironizou ele. — Não importa o que eu faça, ou ofereça, você encontra defeito. Sem dúvida, sente-se superior a todos e a tudo aqui do Egito.

As palavras ferinas a magoaram, especialmente porque as aparências lhes davam fundamento. Sua atitude, que de fato sugerira altivez, na verdade nascera de um impulso de autodefesa, não sabia onde e com quem se encontrava. Estava exausta e quase em estado de choque. Talvez pudesse se explicar; porém, cada vez que olhava de soslaio para o indivíduo grosseiro, sua vontade fraquejava. À porta do consulado, ele voltou a usar de sarcasmo.

— Imagino que consiga descer do carro, atravessar a calçada e entrar no consulado em segurança. Você vai encontrar um cônsul acostumado a lidar com moças em dificuldades idênticas às suas.

O tom rude a feria mais que o sol escaldante acima de sua cabeça. A vontade de justificar sua atitude anterior evaporou-se por completo enquanto ela descia do carro e batia a porta com força. Embora ele fosse um homem de aparência capaz de acelerar o pulso de muitas mulheres, os cabelos escuros e olhos azuis não a atraíam. Na certa, essa reação de indiferença o irritava, Cassandra conjecturou.

— Garanto-lhe que poderia ter escapado sem a sua ajuda, sr. ...

— Whittier, Marc Whittier. Mas não precisa se preocupar em saber meu nome. Não pretendo encontrá-la novamente. Uma vez já foi o suficiente. Mulheres dadas a confusões, especialmente as ingratas, não estão entre as minhas prediletas.

— E eu dispensaria com gosto sua preciosa ajuda! — Furiosa, afastou uma mecha de cabelos solta do coque desalinhado na nuca.

— Bem, agora que já a salvei e a deixo aqui em segurança, minha responsabilidade acabou.

— Segurança?! Ora, seu arrogante atrevido! Não pense que me senti

muito segura ao ser largada aos cuidados daquela criada estrangeira!

— Pretensiosa! A estrangeira aqui é você! Por que não se preocupou em saber onde estava? Minha casa é bem melhor do que o lugar onde a encontrei e ninguém iria atacá-la lá.

— Com o mau humor com que você me tratou, era difícil saber o que me aguardava.

— Ah, sei! — Ele riu baixinho e sua voz era quase tão suave quanto a de um amante, não fosse um laivo de ironia. — Ficou desapontada porque eu não a ataquei? É essa a causa de sua irritação?

— O quê? É o homem mais vulgar que já conheci! Como se atreve a pensar uma coisa dessa? — perguntou indignada, porém afastou-se sem esperar pela resposta.

Indiferente ao comentário, ele acendeu um cigarro e sorriu malicioso ao vê-la não resistir e olhar para trás.

— Você lamenta o fato de eu não a ter comprometido, sem dúvida! — afirmou ele em voz alta o suficiente para excitar a curiosidade de um pedestre. — Apresso-me a informá-la que nunca me encontrei em situação de desespero a ponto de precisar usar tal recurso e duvido se jamais estarei. Você vai ter de procurar um outro homem para se divertir.

— Ora... eu... eu... nunca... — gaguejou Cassandra ao vê-lo acenar com um gesto exagerado.

— Isso é óbvio, mas talvez devesse — replicou ele ainda em voz bem alta e acima do roncar do motor do carro.

Era uma afronta a sua sensibilidade! Cassandra empurrou com o pé o portão de ferro e entrou no território do consulado.

— Desculpe, senhorita, em que posso ajudá-la? — o guarda indagou formal.

Num simples relancear de olhos, percebeu a beleza da moça, embora as roupas em desalinho, as faces rubras e a expressão de fúria nos olhos verdes não indicassem delicadeza e sofisticação.

— Ah, por favor — replicou ela numa tentativa de recobrar a compostura. — Mal posso acreditar em tudo que me aconteceu desde a chegada do *The Hathaway* ao porto de Alexandria. Quero registrar uma queixa. Meu passaporte e outros documentos foram roubados e...

— Acho melhor a senhorita contar sua história ao cônsul-geral. Faça o favor de me acompanhar.

Ele a conduziu através de um corredor sombreado até um vestíbulo de mármore onde não chegavam o barulho, a poeira e o calor das ruas. Por um

instante, a mudança da luminosidade exterior para o ambiente sombrio a cegou, mas a serenidade era muito bem-vinda. Tinha a sensação de haver passado por um turbilhão demoníaco desde a sua chegada, de manhã, a Alexandria. Felizmente ali no consulado estariam garantidos a sua segurança e um tratamento civilizado.

— Espere um momento. Vou ver se o sr. Carstairs pode atendê-la — informou o guarda.

A espera não foi longa. Ele voltou logo depois e a conduziu a um escritório confortável e austero.

— Sr. Anthony Carstairs, cônsul-geral em Alexandria, esta é a srta. ... — a voz do guarda parou confusa.

— Ca... Quer dizer, Sandra Blake.

Com o corpo roliço vestido em metros e metros de linho branco, papadas, faces rosadas, tufo de cabelos grisalhos sobre as orelhas e barba quase branca, o sr. Anthony Carstairs assemelhava-se a uma caricatura de funcionário público.

— Muito bem, minha cara senhorita, sente-se e conte o que lhe aconteceu. O guarda me informou que encontrou certas dificuldades e perdeu seus documentos — disse o cônsul em tom paternal.

— Perdi?! De forma alguma, senhor! Eles foram roubados antes de eu ser atacada, arrastada pelas ruas e quase vendida como escrava.

— Como assim? Acho melhor, srta. Blake, iniciar sua narrativa pelos antecedentes a fim de eu poder tomar notas completas para meu relatório.

O ar condescendente foi substituído pelo de eficiência, esperado de um representante do governo britânico.

— Certo. Meu nome é Sandra Blake e estou aqui em trânsito com destino a Amarna a fim de participar da expedição arqueológica do dr. Barstowe. Vou fazer meu estágio com ele — acrescentou ao ver o olhar inquisitivo do cônsul.

— Conheço Derek bem. Quando o vi pela última vez, ele mencionou o fato de o museu estar enviando um estagiário para trabalhar com ele. Todavia, não imaginei tratar-se de uma moça. Continue.

— Deixei o *The Hathaway* e estava passeando pelo cais quando dois rapazinhos tomaram minha bolsa com meu passaporte, as credenciais do museu e boa parte do meu dinheiro. Eles saíram correndo e eu os persegui gritando por socorro. Porém as ruas tortas me confundiram e logo me vi perdida numa zona de casebres sujos. De repente, surgiram três homens, não sei de onde, e avançaram sobre mim. Lutei o quanto pude, mas um deles

prende meus braços nas costas enquanto outro me amordaçava com um pano imundo.

A desaprovação do sr. Carstairs tornou-se evidente quando falou:

— É por fatos como esse que desaconselhamos a vinda de moças desacompanhadas a Alexandria. Apesar de nossas recomendações, todos pensam que o mercado de escravas aqui não passa de mera fantasia como histórias de fantasmas inventadas para amedrontar crianças. A sua experiência não pode ter sido nada agradável. Felizmente, a senhorita escapou.

— De fato, mas não devo isso às autoridades. Que tipo de representação a Inglaterra tem aqui que não garante proteção adequada a seus cidadãos? O senhor não...

— Srta. Blake! — interrompeu o cônsul. — O consulado britânico está aqui para ajudar e dar assistência a cidadãos ingleses em seus negócios legítimos neste país. A era colonial de lorde Kitcherer já terminou. Não temos autoridade para interferir na política local do Egito. Certamente, há muitas coisas ilegais. Entretanto, na atual conjuntura das negociações diplomáticas em relação à independência absoluta do país, meus poderes são muito limitados. Se a senhorita puder identificar seus sequestradores e o lugar para onde a levaram, talvez possamos registrar uma queixa. Pode fazer isso? — indagou nun misto de irritação e impaciência.

— Naturalmente que não. Eu estava muito preocupada em escapar viva para prestar atenção na aparência dos bandidos.

Cassandra estremeceu de raiva ao lembrar-se do horror passado na *medina* naquela manhã. Fechou os olhos na tentativa de apagar as visões repulsivas. O sr. Carstairs colocou-lhe nas mãos um cálice de xerez para acalmá-la e ela recomeçou a narrativa. Terminou-a com o detalhe de sua vinda ao consulado num Leyland.

— Então esse homem a trouxe aqui sem mais esta nem aquela? Não lhe contou, ao menos, o nome e como foi parar na casa dele? — perguntou o cônsul sem esconder o espanto.

— Ele disse chamar-se Marc Whittier.

— Marc Whittier?! Ele não costuma agir assim.

— Pois mostrou-se grosseiro e arrogante e eu não o consideraria um cavalheiro. Ficarei felicíssima se jamais voltar a vê-lo — declarou Cassandra.

O sr. Carstairs arqueou as sobrancelhas.

— Minha cara srta. Blake, isso será impossível.

— Para mim será possível, acredite.

— O homem é muito conhecido, é aceito em nosso círculo social, frequentou as melhores escolas, está ligado...

— Não me interesso pelas ligações dele, senhor. Juro que farei de tudo para evitar um novo encontro com esse homem.

— Como queira, srta. Blake. Entretanto, acho bom saber que, embora o sr. Whittier não seja muito cortês, é famoso em Alexandria pela boa vontade em ajudar qualquer pessoa em situação perigosa. Correm boatos sobre um mistério no passado dele, talvez uma mulher, não sei. Garanto-lhe, porém, que o sr. Whittier não tolera moças aventureiras, flertes levianos ou atitudes inconsequentes.

O cônsul fitou Cassandra e, como lhe notasse o desinteresse, resolveu ilustrar a informação.

— Vou lhe contar o que aconteceu numa festa, há dois meses, na casa de Sir Edmund Lyle, à qual eu e o sr. Marc comparecemos. A propriedade fica rio acima e tem três faces ladeadas pelo deserto. Regina, a filha de Sir Edmund, como todas as jovens de nossa classe aqui, está de olho em Whittier há um bom tempo. Pois bem, no final do almoço, Regina desafiou os rapazes à mesa a acompanhá-la numa cavalgada de uns oito quilômetros pelo deserto. Sir Edmund, furioso com a proposta indecorosa da filha, proibiu o passeio. Todos passaram a tarde distraíndo-se pela propriedade e só à hora do chá descobriu-se que Regina tinha saído com o garanhão do pai e ainda não voltara. Saímos em grupos para procurá-la, porém foi Whittier quem a encontrou muito depois de nós todos termos desistido. Naturalmente, ficamos muito felizes com o retorno dos dois, mas nem chegamos a expressar nossa alegria. Whittier desmontou, tomou Regina no colo e a colocou sentada no chão. Só pelo olhar, deu para perceber que ele tinha lhe passado o mais duro sermão que a moça já deve ter ouvido na vida. Depois, dirigiu-se a Sir Edmund, a quem entregou o chicote de montaria da moça dizendo: “Descobri que a melhor maneira de se lidar com mulheres irresponsáveis é pulso forte”. Sir Edmund concordou. Em agradecimento, pôs a casa à disposição de Whittier para quando ele bem quisesse. Aliás...

— Por favor, sr. Carstairs, passei por um mau pedaço hoje e não me encontro disposta a ouvir histórias sobre esse homem.

— Desculpe, srta. Blake.

— Para ser franca, eu preferia me enterrar na areia a ter de encontrar esse indivíduo de novo.

“É bem possível que tenha de fazer isso”, disse Carstairs a seus botões, tratando em seguida dos detalhes sobre documentos temporários.

Temendo perguntas sobre seu nome no passaporte, que diferia do apresentado nas credenciais do museu, Cassandra decidiu fazer uma sugestão.

— A fim de evitar uma demora desnecessária, Sir Robert Cranford providenciou a expedição especial de meus documentos. Não seria melhor eu escrever a ele pedindo uma duplicata das credenciais e um novo passaporte?

— Ótima ideia — concordou o cônsul satisfeito ao ver uma maneira rápida de resolver o problema dessa moça atrapalhada.

Contudo, ele precisava verificar sua identidade antes de proporcionar-lhe certas cortesias. Não podia arriscar-se facilitando a ida de uma pessoa não autorizada a terrenos de escavação arqueológica.

— Srta. Blake, por uma questão de formalidade, um de meus auxiliares a acompanhará ao *The Hathaway* amanhã a fim de identificá-la. O contrabando de antiguidades é um negócio muito lucrativo que infelizmente se expandiu muito. Por isso, lamento, precisamos nos certificar de que é mesmo quem diz ser antes de providenciar sua ida para Amarna.

Cassandra sorriu cansada, desejosa de terminar logo a entrevista. Mal deu ouvidos às explicações do cônsul sobre as acomodações para essa noite. Ela iria ficar num dos melhores hotéis da cidade e a conta seria debitada ao Museu Britânico.

Na verdade, Carstairs gostaria de hospedá-la na própria casa por duas boas razões: uma para evitar que ela se metesse em novas encrencas e outra para a mulher ficar a par das últimas novidades da Inglaterra. Todavia, ele não se atrevia a expor a filha adolescente à influência de uma moça estranha.

Nessa noite, enquanto se revirava inquieta na cama, protegida por um cortinado contra mosquitos, Cassandra não conseguia conciliar o sono. Sentia-se perseguida por olhos azuis de expressão fria e por um riso sonoro e sarcástico. *Não* precisaria dele para salvá-la novamente!

CAPÍTULO II

Na manhã seguinte bem cedo, Cassandra encontrou-se acomodada no banco de trás de um confortável Bentley, último tipo, cortesia do cônsul. Seu acompanhante, um rapaz de cabelos loiros claros, chamado Paul Thornton, parecia ignorar suas peripécias da véspera. Enquanto se arrastavam pelo trânsito congestionado da cidade, a caminho do *The Hathaway*, ele mostrou ser um guia atencioso e bem-humorado.

Não havia regras de trânsito, percebeu Cassandra ao observar filas de camelos, carroças puxadas por cavalos, carros e ônibus disputando espaço nas ruas e pondo em risco a vida de pedestres que se atreviam a cruzar a via pública. A confusão toda e a sua incapacidade de ler a sinalização em árabe a fizeram sentir-se agradecida ao sr. Carstairs por lhe haver sugerido o uso do carro e do motorista até o Cairo. Lá, um outro meio de transporte estava sendo providenciado.

A princípio, Cassandra havia resistido à ideia. Não queria chegar às escavações como uma moça indefesa, provando logo sua independência. Entretanto, quando o cônsul lhe explicara que esses arranjos tinham sido feitos em benefício de um tal sr. Pemberton, investigador do Museu Britânico, e que ela ia apenas aproveitar o transporte, aceitou a oferta.

Sob a luz dos acontecimentos da véspera, ela refletia sobre sua situação. A responsabilidade de substituir as credenciais e o passaporte roubados recaía sobre Sir Robert. Ela não poderia providenciá-los sem a ajuda dele.

A questão dos documentos não era a única a importuná-la agora. Encontrava-se em total desalinho. Além de ter perdido o chapéu na confusão da véspera, sentia-se péssima dentro do vestido que nem tivera tempo de passar.

Apesar dessa severa autocrítica, Paul Thornton não conseguia evitar de olhá-la pelo espelho retrovisor, encantado com sua beleza. Quem não admiraria aqueles cabelos castanhos-escuros que, rebeldes, fugiam do coque e encaracolavam-se à volta do rosto de pele alva, ou os olhos verdes sombreados por cílios longos? Isso sem mencionar o corpo esguio e delicado de curvas bem-feitas. Sem dúvida, a incumbência desse dia era a melhor das que lhe haviam dado há muito tempo.

O cais ficava a uns seis quilômetros do hotel, porém o movimento das

ruas os forçava a fazer o percurso muito devagar. A habilidade de Thornton em manobrar à volta de pedestres, rebanhos de carneiros, vários tipos de veículos e ainda conversar deixou Cassandra admirada.

— Espero, srta. Blake, que goste de viajar de barco. O sr. Carstairs me incumbiu de providenciar passagens para a senhorita e o sr. Pemberton do Cairo a Tell-el-Amarna. Geralmente, a viagem é feita de trem do Cairo a Mallawi e a travessia do Nilo, de balsa. Mas, como os trens não estão funcionando por causa de algum problema na ferrovia, terão de seguir *defalucca* — explicou ele referindo-se à embarcação a vela cujo desenho permanecia inalterável desde os tempos bíblicos.

Quando parados, esses barcos pareciam garças de asas quebradas, mas em movimento nas águas do Nilo adquiriam uma graça inesperada.

— Para mim, tudo bem, sr. Thornton — respondeu Cassandra. — O importante é chegar a Amarna. Mal posso esperar o momento de conhecer o lugar.

— Por que essa ansiedade em ir a uma área tão isolada, srta. Blake? Vai visitar alguém?

— Não. Vou ter a chance de fazer um estágio com o dr. Barstowe — explicou ela corando.

— Se não vai encontrar alguém especial, por que ficou vermelha? — brincou ele com um sorriso.

— Porque acho muito excitante iniciar minha carreira dessa forma.

— Deve ser muito bom trabalhar quando se gosta tanto do que se faz.

— O senhor não considera seu trabalho satisfatório?

— No começo, eu gostava. Tinha muito entusiasmo e ambição, mas as coisas não caminharam como planejei. Não conto com parentes e amigos influentes e é muito difícil conseguir promoções sem a ajuda de alguém importante.

Ao lembrar-se da maneira pela qual arranajara o estágio, Cassandra sorriu constrangida.

— Bem, isso não tem importância — continuou Thornton bem-humorado. — A vida é assim mesmo. Se eu tivesse sido promovido, não estaria aqui dirigindo o carro em sua companhia. Conhecê-la foi um grande prazer. Diga uma coisa, por que uma moça tão fina e bonita interessa-se em fazer escavações na areia? Sem dúvida um salão de festas seria mais adequado à senhorita do que o deserto. Deve ter deixado muitos pretendentes desapontados em Londres.

— De forma alguma — garantiu Cassandra rindo e começando a gostar

do flerte delicado. — Eu vivia tão ocupada com meus estudos que não tinha tempo para namoros. Quanto a minha vontade de passar os próximos meses em Amarna, é a oportunidade única e magnífica que isso representa. A história do lugar é interessantíssima. As ruínas da cidade são tudo o que resta da luta de um homem contra a ordem estabelecida.

— Nunca lhe disseram que moças bonitas deviam se interessar pelo lado romântico, e não o acadêmico da vida?

— Não concordo. Contudo, Amarna é um lugar extremamente romântico. O que poderia ser mais idílico do que a história do jovem faraó, sua lindíssima rainha e a cidade construída por ambos para sedimentar suas novas crenças e valores? Por um breve momento na história, um casal de amantes foi capaz de vencer uma sociedade hostil e dar vida a seus sonhos. É a cidade deles que vou estudar e sua saga que ajudarei a desenterrar. Grande parte da arte do período é tão impregnada de amor quanto linda. Já viu alguma peça, sr. Thornton?

— Não, não vi — respondeu ele depressa. — Mesmo que tivesse visto, não teria reconhecido. Entendo muito pouco sobre tesouros da antiguidade.

— Talvez devesse aprender a fim de impressionar seus superiores com o conhecimento da cultura egípcia. Isso poderia ajudar numa promoção, não concorda?

— Duvido muito. A senhorita conheceu o sr. Carstairs. Ele não é um grande apreciador das artes. O vaivém da alta sociedade local e comentários sobre a vida alheia o interessam bem mais. — E Paul passou a discorrer sobre a personalidade do cônsul inglês.

Em instantes, e numa camaradagem de velhos amigos, ambos riam divertidos à custa do homem de quem não gostavam.

Apesar de responder às perguntas de Paul a respeito de seu trabalho e fazer outras tantas, Cassandra mantinha o olhar voltado para a paisagem. Encantada, observava imagens, ruídos e odores que criavam o cenário daquela cidade intrigante e cheia de atrativos. Embora a grande biblioteca já houvesse sido destruída há muitos séculos, bem como o farol, uma das sete maravilhas do mundo antigo, Alexandria ainda possuía uma rede subterrânea de esgotos e catacumbas construídas pelos romanos durante a ocupação do Egito. Antes de retornar para a Inglaterra, ficaria ali alguns dias para conhecer um pouco o lugar.

No momento, Cassandra conformava-se em registrar as novas sensações. Em vez de admirar os edifícios modernos, construídos pelos ingleses e apontados por Paul, dedicava atenção às vielas tortuosas, aos bazares e casas

antigas. De todos os lados, vozes alardeavam as mais variadas mercadorias, pediam esmolas ou protestavam contra o tráfego moroso.

Ao aproximarem-se do cais, o odor do mar misturou-se ao de especiarias e comidas vendidas na rua. O sol continuava a subir num céu sem nuvens e Cassandra sentia-se feliz e tranquila. A terrível experiência da véspera já estava esquecida. Nenhum outro lugar no mundo poderia provocar-lhe tanto entusiasmo. Imaginou, divertida, que Alexandre, o Grande, havia erigido a cidade há séculos apenas para recebê-la. E nesse mundo fantástico não cabiam lembranças desagradáveis.

No cais, Paul contratou carregadores para transportarem sua bagagem e, ao subirem pela prancha do *The Hathaway*, foram recebidos com demonstrações de alívio pelo capitão. Este, avisado por Carstairs, já os esperava.

Membro do clube de Sir Robert e digno de confiança, o capitão Henderson estava a par da situação de Cassandra. Ele a registrara a bordo com o nome falso e pelo qual a tratava agora ao expressar satisfação por vê-la sã e salva.

Alto, de rosto avermelhado e cabelos ruivos já entremeados de fios brancos, possuía espírito jovial e alegre. Durante a viagem, entretera Cassandra com história inverossímeis de amores não correspondidos por solteironas ou missionárias conhecidas durante travessias marítimas. Todavia, nesse momento, o capitão achou necessário demonstrar uma certa autoridade e fez-lhe um sermão severo a respeito dos perigos a que uma moça poderia se expor no Egito. Dever cumprido, ele não aguentou a curiosidade e perguntou em voz mais amena:

— Afinal, srta. Blake, o que lhe aconteceu?

Com medo de que os detalhes de sua aventura chegassem ao conhecimento do padrinho, ou que o capitão Henderson a forçasse a voltar para a Inglaterra, Cassandra esquivou-se da indagação.

— Ah, é uma história complicada, capitão, embora sem importância. Prometo lhe contar tudo durante minha viagem de volta para a Inglaterra. Agora, desejo apenas trocar de roupa antes de passar minha bagagem para o carro.

Ao vê-la afastar-se, o capitão Henderson virou-se para Thornton com expressão enigmática:

— Desejo-lhe sorte, meu rapaz.

— Sorte, senhor?!

— Isso mesmo. Tomar conta da srta. Blake não é tão fácil como parece e

um bom exemplo é a maneira como desapareceu ontem por aí. Ela é encantadora, mas impetuosa, fato que o padrinho esqueceu de mencionar ao me encarregar de cuidar dela durante a viagem.

— Ela lhe causou problemas? — perguntou Paul um tanto preocupado.

— Não, de forma alguma, porém a moça tem o dom de atrair atenção. Não só pela beleza mas também pelo seu espírito aventureiro. Veja esse empreendimento em que se envolveu, ridículo, naturalmente. Contudo, eu não me atreveria a dizer-lhe isso. A moça é muito temperamental. Houve um sem-fim de brigas entre meus oficiais por causa dela, apesar de a srta. Blake se dar ao respeito. Não sei se tenho dó ou inveja do homem que ela venha a escolher como companheiro. Ah, vejo você pela sua expressão que não me compreende. Vocês jovens não gostam de mulheres submissas e tímidas, mas juízo e discernimento vêm com a idade.

A conversa depois desviou-se para os planos da viagem enquanto o capitão e Thornton observavam fardos de algodão sendo embarcados. Ainda falavam sobre o mesmo assunto quando Cassandra reapareceu. Estava impecável com um costume de linho branco e uma blusa de seda verde-esmeralda. Sob um chapéu de palha branca e abas largas, os cabelos estavam bem penteados e presos com firmeza. O aspecto de cigana atrevida que tanto encantara Paul havia desaparecido para dar lugar à aparência de moça fina e sofisticada.

— Srta. Blake — murmurou Paul. — Estarei tendo uma visão?

— Ah, mocinha, está lindíssima! — o capitão Henderson a elogiou sorridente. — Não é de admirar que se tenha tornado tão popular em Alexandria num curto espaço de tempo.

— Como assim? — perguntou Cassandra.

— Está de partida para o Cairo com este rapaz e um outro quando um terceiro a procurou aqui ontem.

— Não diga! Eu não deveria encontrar ninguém em Alexandria. Quem será?

— Ele foi mandado pela equipe de escavação e, segundo entendi, a senhorita não é exatamente quem eles esperam em Tell-el-Amarna — o capitão informou com um sorriso malicioso.

— Ora, capitão Henderson, que graça tem ser o que as pessoas esperam?

— gracejou ela com os olhos verdes brilhando de excitação.

— Bem, eles pensam que a senhorita é homem. Ele chegou aqui perguntando pelo sr. Blake. Por que estariam tão mal informados a seu respeito?

— Não faço ideia, capitão — replicou Cassandra num tom de mais pura inocência. — A bem da verdade, a minha solicitação para o estágio foi com o nome de Sandy Blake, porque eu não queria ser desclassificada antes da avaliação de meu currículo. A culpa não é minha se o comitê de seleção deduziu que eu era um homem, pois, afinal, o nome serve também para mulher. O senhor corrigiu o engano?

— Não. O rapaz era um tanto petulante e eu não me dei ao trabalho de esclarecê-lo — explicou o capitão sorrindo satisfeito ao pensar na reação do pessoal em Amarna quando essa moça linda aparecesse lá.

— Tenho a impressão de que homens grosseiros não são muito raros em Alexandria — comentou Cassandra ao lembrar-se de Marc Whittier. — Mas diga uma coisa, capitão, como esse cavalheiro ficou sabendo de minha chegada em seu navio?

— O rapaz explicou ter recebido ordens, de Londres, para vir a Alexandria e coletar documentos importantes no *The Hathaway*. As instruções dele incluíam levá-la às escavações.

Isso só podia ser artimanha de Sir Robbie, refletiu Cassandra. Ele permitira sua vinda, porém não admitiria deixá-la por conta própria.

— Lamento termos nos desencontrado. Aprecio e sou grata a seus esforços, sr. Thornton. Contudo, perdi uma boa oportunidade de saber fatos importantes sobre as escavações antes de chegar a Tell-el-Amarna.

— Haverá tempo suficiente para isso — consolou-a o capitão Henderson. — Além do mais, a reação do sujeito foi bem desagradável ao constatar que a senhorita havia desaparecido. Mais furioso ficou depois de abrir a mala de correspondência. Acredite, srta. Blake, é muita sorte sua viajar com o sr. Thornton e não com aquele homem.

Enquanto Paul supervisionava a transferência de sua bagagem para o carro, Cassandra reclinou-se no gradil do navio com o olhar perdido no cais. O efeito da experiência da véspera quase passara e o fato de haver enfrentado o perigo e saído ilesa estimulara-lhe a coragem. O único senão era a insistência da imagem dos olhos azuis de Marc Whittier em permanecer em sua mente. Eles encarnavam a essência da presunção masculina. Frequentemente, deparava-se com atitudes semelhantes, porém sempre as enfrentava com altivez. Agora, mais do que nunca, encontrava-se determinada a ser inflexível em relação aos homens.

A ida do cais à rua Crescent, onde o sr. Pemberton os esperava, foi vagarosa e tranquila. Thornton estacionou o carro em frente aos portões de um casarão, rodeado por muros altos e na melhor zona residencial da cidade.

No mesmo instante, um criado aproximou-se para verificar-lhe a identidade e intenções.

Enquanto o rapaz ia avisar o sr. Pemberton da chegada do carro, Cassandra teve a oportunidade de observar a construção suntuosa.

— Esta é a residência de algum alto membro do governo? — indagou impressionada com a beleza da construção.

— Não, srta. Blake, ela pertence a um comerciante de antiguidades. Esse é um negócio muito próspero atualmente aqui no Egito. O proprietário da mansão é o mais bem-sucedido.

— Fico impressionada como se pode acumular fortunas com o comércio de peças egípcias — comentou Cassandra.

— Não acredito que alguém chegue a este ponto honestamente — disse Paul com um sorriso estranho. — Mas o trabalho do sr. Pemberton deve levá-lo a qualquer lugar.

Interromperam a conversa ao verem um homem loiro, de estatura média e uns quarenta anos, surgir acompanhado de um egípcio em luxuosos trajes típicos. Os dois pararam a alguma distância do carro e, muito próximos, continuaram a conversar num tom baixo. Nesse ínterim, dois criados colocaram duas malas e uma valise amarradas no topo do carro. Isto feito, os homens se despediram efusivamente com apertos de mão e meneios de cabeça.

Thorton apressou-se para abrir a porta do carro e fazer as apresentações, porém não teve tempo, pois o homem loiro, rápido e ágil, já entrava no veículo.

— Ora, ora, quem temos aqui? — perguntou o novo passageiro entusiasmado ao se deparar com Cassandra.

— Srta. Sandra Blake, deixe-me apresentar-lhe o sr. Clive Pemberton — disse Paul e acrescentou dirigindo-se ao outro: — A srta. Blake vai com o senhor no carro do consulado, já que o destino de ambos é o mesmo. Ela é a estagiária do dr. Barstowe.

— Quem diria? Eu estava tão deprimido com a perspectiva desta viagem enfadonha e agora vejo que não tinha razão — afirmou Pemberton sorridente.

A expressão satisfeita e o olhar de interesse deixaram Cassandra apreensiva.

Pemberton era um homem atraente, elegante e considerava-se irresistível. Qualquer demonstração de indiferença feminina era encarada por ele como sinal de recato. Clive Pemberton pertencia a uma categoria que

Cassandra tomaria todo o cuidado de evitar, caso pudesse. Entretanto, viajavam juntos agora, ela espremida no banco de trás do Bentley e Pemberton cada vez mais próximo a cada curva do trajeto. Talvez estivesse se preocupando demais. Afinal, ele não dissera nada para aborrecê-la.

Ao deixarem a cidade para trás, Pemberton explicava seus vários encargos no Museu Britânico. Ajudava a catalogar nas escavações os achados mais importantes, seguia a trilha de antiguidades através de informações particulares e auxiliava as expedições a se livrarem da burocracia governamental.

Tagarelava sem parar e algo nessa conversa infundável perturbava Cassandra. Achava muito estranho que ele não lhe fizesse pergunta alguma. Todos tinham demonstrado curiosidade pelo fato de uma moça viajar sozinha para trabalhar em escavações no Egito. Entretanto, Clive Pemberton a aceitara com a maior naturalidade. E essa exagerada preocupação com as próprias experiências e reputação começaram a incomodá-la.

Em pouco tempo, enfadada com a conversa, ela não mais prestava atenção. Porém, ao ouvir o nome de Derek, ficou alerta.

— ...e, afinal de contas, o acampamento dele não passava de um empreendimento modesto, umas poucas barracas entre o Nilo e a cidade de Akhenaton.

— Absolutamente, eu não esperava acomodações luxuosas, sr. Pemberton — replicou Cassandra irritada com a referência desrespeitosa ao projeto de Derek, sem dúvida com o intuito de desencorajá-la.

Contudo, o comentário fora feito apenas como introdução ao relato de uma visita dele a uns amigos americanos numa expedição em Luxor. Com minúcia de detalhes, Pemberton descreveu as construções permanentes com água encanada e as refeições preparadas por um cozinheiro suíço. Falou-lhe sobre a biblioteca com soalho de parquet e da quadra de *badminton* onde ele ganhara todas as partidas.

— Esse projeto, srta. Blake, é o que eu chamo de civilizado. Um homem de minhas condições sente-se muito mais à vontade num ambiente como aquele e não nesse lugar horrível para onde vamos. Contudo, tenho meus deveres a cumprir e muita coisa depende disso. Certamente, sua presença tornará o acampamento em Amarna muito mais agradável — concluiu com um sorriso exagerado, que não foi correspondido por Cassandra.

A viagem para o sul, rumo ao Cairo, continuou por horas, durante as quais Clive Pemberton falava quase sem interrupção. Com a intenção de impressionar Cassandra, relatou viagens e realizações próprias, sem

conseguir despertar-lhe o interesse. Finalmente, desistiu e, cansado da viagem, caiu num sono profundo.

Aliviada, Cassandra viu-se livre para dedicar toda a atenção à paisagem. Havia achado extremamente interessante a coexistência do antigo e do novo em Alexandria, porém a estrada para o Cairo era ainda mais intrigante.

As pessoas vestiam *gallabiyas* como seus ancestrais o faziam há muitos séculos e as mulheres usavam véus sobre o rosto. Ao longo da estrada não havia povoados grandes, apenas pequenos amontoados de casebres minúsculos de tijolos de barro endurecidos ao sol, um método tradicional e antigo.

Em frente às casas havia varais de madeira para prender burros, camelos e, raramente, algum cavalo. Valas escassas de irrigação eram responsáveis por faixas estreitas de plantio, porém elas alargavam-se à medida que se aproximavam do Nilo. Mulheres e crianças cuidavam das plantas e os arados eram puxados por bois ou burros. Animais também andavam em círculos infundáveis para girar antigos moinhos d'água a fim de trazer o precioso líquido do rio para mais perto das casas.

Ao longo da estrada, homens guiavam carroças com feno ou conduziam rebanhos de carneiros. Mulheres caminhavam com cântaros de água ou cestas na cabeça e crianças, fugindo do calor opressivo, brincavam na água das valas de irrigação.

Perto de muitas casas havia blocos arredondados de barro cheios de pequeninos buracos. A uma indagação de Cassandra Thorton explicou tratar-se de lugares para a criação de pombos. Os *fellahin*, camponeses egípcios, os usavam para reforçar a alimentação.

Cassandra viu também vários tipos de carne pendurada ao sol para secar. Não podia entender como não estragavam naquele calor forte e sentia-se aliviada por ter recusado a comida oferecida pela criada de Whittier. Desacostumada àquele tipo de alimentação, provavelmente teria adoecido.

Aborrecida, viu-se pensando outra vez em Marc. Felizmente, Paul Thornton interrompeu-lhe o curso dos pensamentos parando o carro sob uma palmeira ao lado da estrada.

— Almoço — anunciou ele.

Embora não tivesse comido muito no café da manhã, a visão das carnes penduradas tirou o apetite de Cassandra.

— Obrigada, não estou com fome.

— Bobagem — disse Pemberton ao tomá-la pelo braço. — Venha comer um pouco. Não vai conseguir trabalhar nos próximos meses e subsistir no

Egito se não se alimentar bem.

Apesar de não apreciar o tom e a atitude de Pemberton, via-se obrigada a dar-lhe razão. Com um sorriso forçado, acompanhou-o até a toalha estendida por Paul sobre um baú tirado do carro. Para surpresa sua, viu alimentos que só esperaria encontrar na Inglaterra. Havia peixe em conserva, pão, laranja, bolo, bolachas, uma garrafa de vinho e outra de xerez. Só após começar a comer, deu-se conta da fome. Almoçou tão bem que até Pemberton ficou surpreso.

Terminada a refeição, reiniciaram a viagem.

— Vamos chegar ao Cairo depois do anoitecer — informou Paul. — Por isso a senhorita não vai ter uma visão muito clara do Nilo. Aliás, a melhor hora para vê-lo é ao amanhecer. Ele fica lindíssimo sob os primeiros raios de sol. O sr. Carstairs recomendou para levá-la ao novo Harrington Hotel onde o consulado mantém quartos reservados. Lá, a senhorita ficará bem acomodada. De manhãzinha, partirá para Amarna.

Já estava bem escuro quando entraram no Cairo. No hotel, Thornton acompanhou-os até a portaria e tratou de todos os detalhes. Depois explicou-lhes:

— Vamos ter de esperar uns momentos até que determinem os aposentos de cada um e levem as bagagens. Ah, srta. Blake, tomei a liberdade de pedir uma criada para ajudá-la. Ela ficará em seu quarto e lhe preparará um banho e o que mais desejar. Também estará a seu dispor amanhã cedo.

— Muito obrigada, sr. Thornton, porém não havia necessidade — protestou Cassandra, sincera.

— Considere isso uma pequena cortesia do consulado.

Pouco depois, o gerente do hotel trazia Nadja, a criada. Tratava-se de uma moça pequenina, um ou dois anos mais nova do que Cassandra. Os olhos escuros tinham expressão penetrante e estavam sombreados por *kohl*, enquanto os cabelos negros apresentavam um brilho excepcional graças a aplicações de *henna*. Esses dois ingredientes próprios para ressaltar a beleza feminina eram os mesmos usados por Nefertiti há três mil anos. Nadja manteve os olhos baixos e as mãos ao longo do corpo durante as apresentações, porém sorriu quando Cassandra agradeceu-lhe a disposição de ajudá-la.

Antes de se retirar, o grupo esperou pela confirmação dos planos de viagem no dia seguinte. Cassandra conversava despreocupada com os outros enquanto o olhar percorria o saguão do hotel. Notou o restaurante ao lado,

separado apenas por um arco, mas não se deteve em observá-lo ou a seus frequentadores.

Um deles, rapaz forte, atraente e de olhos azuis chamejantes, sentava-se a uma mesa de canto do restaurante provocando olhares de admiração feminina.

Recostado confortavelmente na cadeira, Marc Whittier dava-se ao luxo de relaxar enquanto saboreava um vinho encorpado, nacional, e antecipava o prazer da refeição. A bebida, bem como o fato de a viagem já estar quase no fim, deixava-o contente. Depois de jantar com calma, pretendia prosseguir a jornada a fim de juntar-se aos companheiros, de manhã, antes do início dos trabalhos. O caminhão alugado esperava-o lá fora cheio de suprimentos comprados no Cairo nesse dia. Ele havia contratado um motorista não só para trazer o veículo de volta como também para poder dormir durante o trajeto rumo ao sul. Sentia-se satisfeito por tudo ter corrido bem, o que, de certa forma, amenizava a raiva provocada pelos contratempos da véspera.

Ao levar o copo de vinho mais uma vez aos lábios, vagou o olhar pelo restaurante. Como sempre, encontravam-se ali turistas e alguns residentes da cidade. Distráído, olhou através do arco, decorado em estilo árabe, que separava a sala de refeições do vestibulo ornamentado do hotel. Incrédulo e furioso, viu a moça atraente e linda a poucos passos da recepção. Seria uma miragem?

“Maldita mulher!”, praguejou intimamente. Sem dúvida, era a mesma que salvara do mercado de escravas e cuja retribuição resumira-se a aborrecimentos. Pensara haver se livrado dela em Alexandria.

A moça tinha afirmado não precisar da ajuda dele para locomover-se no Egito e, pelo jeito, dissera a verdade. Lamentava não ter sabido disso antes, caso contrário não teria interrompido suas atividades para auxiliá-la.

Agora ali estava ela, vestida com elegância, embora o dinheiro e o passaporte lhe houvessem sido roubados. Registrava-se num hotel caro, a um dia de viagem do local onde ele a deixara, e via-se rodeada por um grupo de homens. Para completar o quadro, uma criada a acompanhava. Bem típico de uma moça rica e mimada, refletiu Marc irritado.

Sem querer, observou-a dirigir-se, cheia de graça, à escada, que subiu acompanhada pelo grupo. Ao vê-los desaparecer de vista, bateu o copo na mesa fazendo os talheres tilintarem e as pessoas à volta levantarem o olhar surpreso. Abrupto, ergueu-se e largou algum dinheiro na mesa no momento em que o garçom se aproximava com o jantar para o qual ele acabara de perder o apetite.

Quando os viajantes para Amarna alcançaram o andar de seus aposentos, Pemberton despediu-se e retirou-se deixando a Thornton o encargo de acompanhar Cassandra até seu quarto. À porta, ele deu-lhe as últimas instruções.

— Depois do café da manhã, o gerente do hotel lhe apresentará Mustafá, seu guia. Não deverá ocorrer mais problema algum em sua viagem, a não ser a conversa interminável de Pemberton — gracejou Paul provocando o riso de ambos. — É aconselhável não sair do quarto à noite e fechar a porta a chave. Sinto não poder vê-la amanhã cedo, pois devo voltar para Alexandria de madrugada. Quanto agora à noite, prometi visitar um velho amigo aqui no Cairo. Acredito também que esteja cansada da viagem e queira dormir logo.

Paul calou-se por um instante e depois acrescentou antes de despedir-se:

— Espero vê-la novamente, srta. Blake, caso vá a Alexandria. Se não considerar muita pretensão de minha parte, gostaria de levá-la para conhecer melhor a cidade lá, ou jantar. Seria uma boa oportunidade para me contar suas impressões sobre o trabalho e Amarna.

Ele se foi em seguida e Cassandra fechou a porta do quarto sorrindo. Sentia-se lisonjeada com as atenções de Paul, tão diferente do homem antipático que a socorrera em Alexandria. Talvez gostasse de rever Paul. O interesse do jovem diplomata prometia possibilidades agradáveis.

Depois de tirar das malas as roupas para a noite, Cassandra tomou um relaxante banho de imersão. A seguir, permitiu que Nadja a ajudasse a se vestir e lhe escovasse os cabelos. A dado momento, a criada riu e perguntou-lhe se o seu homem, Thornton, voltaria mais tarde. Cassandra corou até a raiz dos cabelos e explicou não ter namorado algum. A resposta deixou a moça com ar preocupado.

— Não fique triste, senhorita, logo arranjará um. Embora seja muito bonita, tenho vários talismãs especiais para se conquistar o amor e posso lhe dar alguns — ofereceu Nadja ao tirar de entre as dobras do *gallabiya* os tais amuletos, pequenos e rústicos.

Cassandra, delicadamente, rejeitou a generosidade da moça e imaginou qual seria a reação de Paul se soubesse que Nadja os tinha considerado amantes. Provavelmente, ele teria se divertido com o engano. Ele era realmente encantador, possuía bom humor, simpatia, charme. Tudo o que faltava ao pedante Pemberton e ao grosseiro Whittier.

Embora a quilômetros de distância, o homem continuava a aborrecê-la, refletiu ela irritada ao deitar-se na cama larga e confortável. Mal cerrou as

pálpebras os olhos azuis surgiram em sua lembrança com a mesma expressão sarcástica. Numa tentativa de apagar a imagem desagradável, começou a pensar em Derek e no que sabia a respeito do trabalho do irmão.

Ele sempre a cercara de mimo e atenção. Cassandra sentira-se perdida quando ele fora estudar fora e chorara amargamente na ocasião da partida de Derek para a primeira expedição. Doze anos mais nova do que ele, contava apenas oito nessa época. O afeto entre eles, porém, nunca se desfez. Apesar da distância, Derek continuara a agradá-la com cartas e presentes comprados em lugares remotos.

Eles haviam se visto apenas duas vezes depois de Derek iniciar a carreira de arqueólogo. A primeira, quando sua mãe falecera e a segunda, durante a enfermidade fatal do pai. O meio irmão herdara quase a totalidade da fortuna paterna e, embora Cassandra contasse com os próprios recursos, ele pusera boa parte do dinheiro à disposição de Sir Robert para que a irmã tivesse, além de conforto e boa educação, toda e qualquer vontade satisfeita.

A correspondência entre eles fora sempre frequente e, ao ficar mais velha, Cassandra começara a se interessar pelo trabalho de Derek. Envaidecido, ele satisfazia-lhe a curiosidade com descrições precisas. Fora assim que ela se apaixonara por História Antiga.

Os relatos do irmão permitiam que já tivesse formado na mente a imagem do acampamento em Amarna. Sentia até como se conhecesse as pessoas que trabalhavam nele, como Ahmet, o capataz egípcio, casado com Deva, uma mulher pequenina e engraçada. Eles tinham oito filhos e os três mais velhos já trabalhavam nas escavações.

Entre os poucos ingleses, havia Adam, rapaz um pouco mais velho do que Derek. Este o tinha no mais alto conceito por causa de sua grande habilidade em catalogar peças e decifrar hieróglifos. Várias vezes o irmão referira-se ao trabalho dele como algo inestimável, pois, além de competente, tinha chegado ali dois anos antes do que o próprio Derek. A perspectiva de conhecer pessoalmente esse homem a enchia de entusiasmo.

E, naturalmente, havia ainda o tal fulano a quem Derek chamava de Aton. O apelido tinha sido dado por causa do profundo interesse do rapaz pelo período de Akhenaton e, na opinião de Cassandra, também pelo aspecto um tanto rebelde da personalidade dele. Essa ideia a fez sorrir. Aton tinha se tornado o amigo mais chegado de Derek poucos anos depois da vinda deste para o Egito. O amor pelo trabalho e o respeito pela história antiga do Egito alimentados por ambos tinham estreitado a amizade. Embora Derek fosse

alguns anos mais velho, os dois haviam se tornado inseparáveis.

Derek, estudioso e idealista, não sabia lidar muito bem com os aspectos práticos da vida, razão pela qual encarregara Sir Robert de cuidar de Cassandra. Aton, segundo viera a saber, possuía índole pragmática e mantinha a organização do acampamento, embora fosse um pouco temperamental. Derek, por sua vez, era do tipo diplomático e paciente, especialmente em relação à burocracia governamental.

As cartas de Derek relatavam tanto os aspectos técnicos das escavações como seu relacionamento com Aton. Por isso mesmo, Cassandra tinha a sensação de conhecer o amigo do irmão quase tão bem quanto ele e, apesar de nunca tê-lo visto, já lhe dedicava uma boa dose de afeto.

Sonolenta, imaginou se reconheceria Derek. Lembrava-se da silhueta alta e magra, do sorriso franco emoldurado pelos fartos bigodes castanhos e dos olhos verdes e brilhantes, destacados pelos óculos que usava. Mal podia esperar pelo reencontro já tão próximo.

Adormeceu no instante em que os olhos verdes do irmão desapareciam de sua mente para dar lugar a outros azuis engastados num rosto bronzeado de sol.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, o sol elevou-se sobre os rochedos à volta de Amarna colorindo-os, e à areia, de um rosa pálido. Seus raios refletidos no Nilo transformavam a superfície das águas num manto de brilho esplendoroso. Quase todos os habitantes do pequeno acampamento arqueológico ainda dormiam alheios a essa manifestação da natureza. Derek Barstowe, encarregado do projeto, constituía a exceção. Pela fresta da cortina à entrada da barraca, e ainda deitado, ele apreciava a cena majestosa. Ela o fazia compreender como o faraó herege, Akhenaton, ou Akhenaten, podia ter abandonado o culto a muitas divindades egípcias centenárias em favor de uma fé monoteísta centralizada no novo deus sol, Aton. Akhenaton tinha visualizado Aton como um disco impessoal, mas fonte de todo poder e vida. O sol era a única constante na existência diária do Egito, e Aton assentava-se sozinho num céu vazio de nuvens, tão poderoso que os mortais apenas podiam contemplá-lo por breves momentos de cada vez.

Foi ali em Amarna que Akhenaton construiu a capital em honra a seu deus, e o sol havia penetrado não só as edificações e planícies das cercanias como também influenciara todos os aspectos da vida. Ocorreu um florescimento nas artes: experimentações na música, as artes visuais foram permeadas pelo naturalismo e o esplêndido *Hino ao Sol* foi composto. Tudo em honra a Aton, a divindade poderosa que reinou apenas enquanto Akhenaton governou o Egito. Após a morte do faraó, Aton foi banido para o esquecimento, sua memória quase apagada com a destruição de seus templos e a remoção de seu nome dos monumentos. Criador e criatura por pouco não tiveram seus nomes perdidos para a posteridade. Em Amarna, apenas os alicerces restaram para contar uma história de rebelião, idealismo e amor. O sol ardente de Aton brilhou por curto espaço de tempo, mas deixou sua marca na história.

Derek sentiu no rosto o calor e a luz do sol vindo pela abertura da cortina. Apertou um pouco os olhos e continuou fitando as ruínas em sua linha de visão. Tinha sido a essa nova capital que Akhenaton trouxera a esposa, Nefertiti, a Bem-Amada do Faraó, e onde imortalizara a união de ambos. Eram sinais de Nefertiti que Derek procurava ao vasculhar o cascalho da antiga cidade. Existiam evidências do desaparecimento dessa mulher

linda e misteriosa alguns anos antes da morte do marido. O túmulo de Akhenaton tinha sido encontrado ali, profanado de forma condizente a um herege, porém a adorável Nefertiti continuava seu descanso eterno em algum lugar sob as rochas e a areia.

Embora com a percepção sempre voltada às belezas do passado, Derek não era cego ao encanto da época atual. Sorriu enternecido ao ver os raios de sol atingirem Sidra adormecida a seu lado. Beijou-lhe o ombro nu, de um tomalidade morena dourada, e levantou-se silencioso. Já ouvia ruídos vindos da seção dos trabalhadores do acampamento, sinal do início das atividades de mais um dia. Vestiu-se e viu Sidra mexer-se fazendo os cabelos escuros ocultarem os seios firmes. Mesmo adormecida, seus movimentos eram femininos e graciosos. Atirou-lhe um beijo antes de sair da tenda e refletiu sobre a felicidade gozada por ambos nesses dois anos em que viviam juntos.

Ao percorrer o olhar pelo acampamento, Derek assumiu sua postura profissional.

Embora muitos arqueólogos vivessem em casas espaçosas e confortáveis às margens do Nilo, ele não via propósito em se gastar parte do dia indo e vindo aos locais de escavações. Também não concordava em desperdiçar parte das verbas em frivolidades. Por outro lado, não chegava ao extremo de se contentar em dormir em túmulos ou valas como Flinders Petrie, seu colega e mentor. O acampamento de Derek era muito prático, graças aos cuidados e organização de Aton. Além de pequeno e compacto, podia ser transferido de local facilmente.

Cada um dos três arqueólogos tinha sua própria tenda espaçosa e, ao lado da de Derek, ficava uma menor para Sidra por uma questão inútil de decoro, pois ela passava as noites na dele.

Havia ainda mais duas tendas grandes: uma ocupada pela cozinha e sala de refeições e a outra constituindo uma combinação de laboratório e depósito de suprimentos. Era ainda usada como escritório e para guardar as peças encontradas.

No lado oeste do acampamento, os trabalhadores tinham armado uma série de pequenas tendas triangulares e erguido casebres improvisados. Nessa área já havia bastante movimento e Adam também dava sinais de ter acordado. A tenda de Aton continuava silenciosa e vazia. Seu ocupante encontrava-se ausente há cinco dias e deveria chegar nessa manhã.

Derek dirigiu-se à ala dos trabalhadores, procurou Ahmet, o capataz, e deu-lhe as instruções para os trabalhos do dia. Esperou até Ahmet retransmitir as ordens aos escavadores e aos meninos carregadores de cestas

e só depois de verificar o andamento das atividades retornou ao centro do acampamento.

Ele já se encontrava bem perto da cozinha quando mudou de ideia e rumou para a própria barraca, onde Sidra continuava deitada, resolvido a satisfazer um apetite mais forte.

A adorável Sidra, de grandes olhos castanhos e pele dourada, ficara viúva aos vinte e um anos de idade, e, aos vinte e dois, tornara-se sua amante. Era uma mulher graciosa e de natureza apaixonada que expressava os sentimentos e desejos abertamente. Fora enviada a ele como enfermeira para tratar dos feridos de um desabamento nas escavações de Creta onde ele costumava passar o verão. Desde então, Sidra começara a acompanhá-lo nas viagens.

O desejo estimulado pela paixão compartilhada com Sidra há poucas horas fez Derek apressar o passo. Já alcançava a entrada da tenda quando uma voz familiar e profunda soou às costas dele.

— Achou algum tesouro enquanto eu estava fora?

— De jeito nenhum — respondeu Derek rindo e virando-se para o amigo Marc Whittier. — Sabe muito bem que nada importante aconteceria na sua ausência. Como foi de viagem e onde está o seu jovem estagiário Blake? — perguntou distraído e desejoso de levar a cabo os planos iniciais.

— Minha ida a Alexandria foi aborrecidíssima! Sandy Blake deixou o navio antes de eu chegar. Deve estar em algum ponto do caminho, a não ser que tenha mudado de ideia e voltado para a Inglaterra. Se não aparecer até amanhã, teremos de encarar o trabalho de ir procurá-lo, ou, pelo menos, encetar uma busca. Não entendo, Derek, como você concordou em receber um estagiário.

— Imaginei uma atitude mais condescendente para com o seu estudante, Aton — protestou Derek apreensivo com o contratempo.

— Meu estudante? — questionou Marc surpreso.

— Bem, na minha opinião, ele pode aprender bem mais com você sobre aspectos práticos da arqueologia. Gostaria que o rapaz ficasse sob sua orientação nos dois ou três primeiros meses e depois com Adam. Aliás — continuou Derek vendo os planos irem por água abaixo com a saída de Sidra da barraca —, o estagiário vai ficar em sua tenda. Isso dará oportunidade a ele de discutir, à noite, o trabalho do dia e os problemas encontrados. Você vai acabar gostando, Aton.

— Só me faltava isso, ser babá de estagiário. As coisas já não vão muito bem e nós não precisamos de mais obstáculo em nosso trabalho. Se o museu

tivesse me consultado, eu teria sugerido para mandarem esse estagiário para o inferno!

— Aton, nossa situação financeira é bem precária. Ainda não descobrimos nenhuma evidência concreta para apoiar nossas teorias quanto a Nefertiti. Nem mesmo encontramos artefatos significativos. No entanto, eles aparecem fora do Egito embora nós tenhamos a concessão para procurá-los. Manter Marquist, aquela mulher no Cairo, e o museu satisfeitos com nossos esforços é um encargo tremendo. Ela poderia vetar nossa verba a qualquer momento, portanto atender a um pedido do conselho de diretores do Museu Britânico é muito conveniente a nossos interesses neste momento. Pense bem, eles não nos enviariam um estagiário caso pretendessem interromper as escavações aqui. Considere a presença do rapaz na expedição como um seguro financeiro até o final deste período.

Marc franziu a testa e os olhos azuis faiscaram.

— Talvez o tal estagiário seja perito em fechar escavações. Não se esqueça de que também estão mandando Pemberton para cá. O homem nunca fica longe de expedições com problemas — comentou irritado, mas provocou o riso de Derek.

— Não creio. Recebi a carta de um colega que estava em Londres quando a escolha de estagiários foi anunciada. Corriam boatos sobre uma doação considerável feita para o museu, porém destinada a nosso projeto caso o tal estagiário fosse aceito.

— Então, Blake vem altamente recomendado, não é verdade? Não há maior referência ou credenciais melhores do que uma alta soma de dinheiro — resmungou Marc.

— O diabo não é tão feio como se pinta, Aton. Se serve de algum consolo para você, saiba que o escolhido pelo comitê possui credenciais inquestionáveis e foi considerado excelente para trabalhar aqui. Meu colega afirmou que vou ficar agradavelmente surpreso com o estagiário e está ansioso pela minha próxima carta relatando minhas impressões.

Marc suspirou.

Derek sacudiu a cabeça e sorriu para o amigo. Diante de si, via um rapaz atraente, de vinte e seis anos, cabelos escuros e ondulados, pele bronzeada pelas muitas horas passadas ao sol. Não era de causar admiração o fato de muitas senhoras inglesas confiarem as filhas a Marc sempre que preciso.

Apesar de Marc ser um homem de apetites ardentes, nada o irritava mais do que mocinhas impingidas a ele por matronas esperançosas. Ele desprezava jovens frágeis que se consideravam superiores à sociedade

egípcia e sentiam repulsa por certos traços da cultura do país. Embora soubesse pouco a respeito dos antecedentes do amigo, Derek considerava natural a atitude de Marc. Quantas dessas mães, atraídas pela boa aparência e fama de fortuna, continuariam a adulá-lo se tivessem uma vaga ideia de seu passado? Não muitas, pensou Derek, e pior para elas.

— Ah, já ia me esquecendo. O que havia de especial na mala do correio?

— indagou, ansioso para começar as atividades do dia, uma vez que seus planos com Sidra foram por água abaixo.

A pergunta deixou Marc nitidamente tenso.

— Os tais documentos importantes de Londres não passavam de correspondência e relatórios habituais. Nada de especial. Mas há uma carta de sua irmã — informou ele ao tirar um maço de envelopes de uma mochila pendurada no ombro.

Enquanto Marc procurava entre eles o de Derek, não passou despercebido a este o envelope timbrado com um braço endereçado ao amigo. De vez em quando, ele recebia uma dessas cartas e então passava uns dois dias arredio e introspectivo.

Ao apanhar a carta, o rosto, já normalmente bem-humorado do diretor do projeto, iluminou-se com um sorriso feliz. A correspondência de Cassie, a irmãzinha querida, sempre o afetava de maneira positiva. Esta carta, com toda a certeza, vinha cheia de detalhes sobre seu baile de debutante e de planos para as festas da estação. Haveria também as indagações e comentários sobre as escavações que tanto o agradavam. Talvez até lhe contasse sobre algum pretendente, já que Sir Robert tinha mencionado a existência de vários deles.

Derek abriu o envelope e leu depressa o seu conteúdo.

— A bobinha adiou mais uma vez sua apresentação à sociedade — comentou exasperado.

Enquanto Derek sentia-se desapontado, a informação aumentava o conceito de Marc sobre a irmã do amigo. Pelo que sabia a seu respeito, ela era um moça decidida, culta, a caminho da independência e bem diferente das outras que viviam sendo impostas a ele.

— Imagine — continuou Derek —, ela meteu na cabeça fazer uma grande viagem. Por que Sir Robert permite essas extravagâncias foge a minha compreensão.

— Você poderia pôr um paradeiro nisso — replicou Marc. — Era só ir lá fazer-lhe uma visita, ou então cortar parte do dinheiro que lhe dá,

— Impossível! Tenho trabalho demais aqui e, quando o terminar não

posso deixar de ir a Creta a fim de continuar o projeto de lá. Quanto a dar-lhe dinheiro é a única coisa que posso fazer para compensar minha ausência.

— Então não culpe o amigo fiel da família pelo comportamento de sua irmã. Você é tão responsável quanto ele. Aliás, não vejo nada de errado com a situação.

— Eu jamais deveria tê-la encorajado a cursar arqueologia na universidade. Talvez, se houvesse estudado literatura, já estivesse com a vida assentada.

— E, provavelmente, seria mais uma típica debutante inglesa, sem graça e chatinha, recitando poemas enquanto rodopiasse pelo salão de baile. Você devia dar-se por feliz, Derek, por sua irmã ter ideias próprias.

— Paciência. Sem dúvida, Sir Robert providenciou tudo com cuidado, especialmente uma boa acompanhante para Cassie.

— O que não aconteceu à pateta com quem cruzei em Alexandria — explodiu Marc de repente.

— Ah! — Derek deu um sorriso malicioso. — Pelo seu mau humor, imaginei que algo houvesse ocorrido lá. Te apresentaram mais uma candidata?

— Nada disso. Uma turista tola à procura de aventuras quase foi vendida no mercado de escravas brancas. Eu tinha vestido minha *gallabiya* e estava vagando pelas ruelas da *medina* para ver se conseguia alguma informação sobre os objetos de Amarna contrabandeados para fora do país no mês passado.

— Descobriu alguma coisa? — interrompeu Derek sério.

— Não. A moça tinha provocado uma confusão antes de eu poder fazer minhas investigações.

— Então, fale sobre ela. Sua história promete ser interessante.

— Foi muito irritante, isso sim. Eu me misturei com o povo e prestava atenção ao falatório quando ouvi uma barulheira na viela que sai do bazar. Juntei-me ao grupo e vi uma moça branca prestes a ser vendida num leilão improvisado. Havia mais de duas dúzias de homens à volta do tablado, portanto tirá-la dali à custa de heroísmo estava fora de cogitação. Minha opção única resumia-se a tentar comprá-la. O preço ficava cada vez mais exorbitante, acredite.

— Ela devia ser jovem e atraente.

— Se você gosta do tipo — resmungou Marc.

— Loira, imagino.

— Não, cabelos escuros e pouco inteligente. Quando eu já estava

dominando os lances, a idiota tentou escapar. Empurrou o sequestrador e correu às cegas pelos becos de trás. A fim de impedir o povo de persegui-la, atirei o dinheiro do último lance e mais um pouco na plataforma. Assim, como eu a tinha comprado, os homens acharam que recapturá-la era problema meu e ficaram caçoando de mim.

— Na minha opinião, essa mulher misteriosa é bem valente — comentou Derek.

— Tonta é um adjetivo melhor. Quando a alcancei, ela tentou correr e caiu. Desmaiou e só recobrou consciência muito tempo depois na minha casa. Suniya, minha criada, esforçou-se para ser hospitaleira, mas a bondade dela foi rejeitada com toda a grosseira possível.

— Mas, afinal, a moça valeu o preço pago?

— Não fiquei sabendo — replicou Marc com expressão furiosa. — Depois de eu tê-la salvado, ela teve a audácia de afirmar que poderia ter controlado a situação sozinha. Não faço a mínima ideia de por que a boboca vagava desacompanhada pela parte mais perigosa da cidade. Também não entendo o que veio fazer no Egito, pois nada daqui é suficientemente bom para ela. Queria que eu largasse meus negócios para levá-la ao consulado britânico e comportava-se como se estivesse me fazendo um favor ao permitir que eu a ajudasse. Se não fosse por esse contratempo, talvez tivesse descoberto algo sobre o contrabando ou, pelo menos, interceptado Blake antes de ele desembarcar. Por Deus, jamais encontrei uma mulher tão obstinada, arrogante e desagradável em toda a minha vida!

Derek riu outra vez.

— Pelo jeito, essa senhorita foi um páreo a sua altura, meu velho.

— De forma alguma!

— Então por que não a esquece?

— Já tentei, a arrogância dela foi difícil de engolir.

— Arrogância?! Acho que se trata mais de autoconfiança. Era de esperar que você considerasse isso estimulante. Será que não está tão mal-humorado por ter se sentido atraído por ela e ser rejeitado?

— Atraído coisa nenhuma! Nunca senti tamanha antipatia na minha vida! Ainda posso ver aquele rostinho petulante. A convencida acreditava mesmo ter escapado do leilão de escravas por conta própria. Quanto a esquecê-la, pensei ter conseguido quando a vi de novo, ontem à noite no Cairo, e na companhia de dois homens. Parece perseguição!

— Dois rivais! Ciúme, meu amigo? Paciência, os caminhos do amor verdadeiro são sempre íngremes. Não perca as esperanças, Aton, ela poderá

segui-lo até aqui. Afinal, as mulheres o acham irresistível.

O riso do amigo fez Marc virar as costas e dirigir-se a sua tenda. Pelo caminho, foi resmungando contra moças frívolas e amigos pouco compreensivos.

A poucos passos da entrada, cruzou com Adam que o cumprimentou sorridente. Baixo, meio gordo e com um ralo bigode castanho, Adam Ward era simples e modesto apesar de sua alta posição e competência. Ele dirigia-se agora ao laboratório a fim de decifrar hieróglifos de alguns fragmentos de cerâmica recentemente desenterrados. Para ele, essa constituía-se uma das partes mais agradáveis da arqueologia. Recebeu apenas um monossílabo incompreensível em resposta ao cumprimento, mas, conhecedor do temperamento explosivo de Marc, não se ofendeu. Adam aprendera que as manifestações de fúria do colega, embora raras, podiam ser perigosas, por isso continuou rumo ao laboratório como se nada estivesse fora do normal.

Alguns minutos mais tarde, e já vestido para o trabalho, Marc deixou a tenda e juntou-se aos trabalhadores nas escavações. O esforço físico ajudava-o a aliviar a raiva. Fez os homens trabalharem bastante, mas ele próprio, com grande energia, deu-lhes o exemplo.

A tensão começava a ceder quando Derek aproximou-se assobiando uma velha canção que falava de um amor não correspondido. Mark retesou os músculos e teria agredido o amigo se não o estimasse muito. A desafinação e a expressão divertida de Derek venceram sua animosidade e ele acabou rindo de si mesmo.

— Está bem, não vejo razão para eu continuar aborrecido por causa de um estagiário extraviado por aí e de uma moça antipática que jamais voltarei a ver. Fico de bom humor, Derek, se você parar com essa música hedionda.

Os dois interromperam o trabalho por uns instantes a fim de saborear um refresco na sombra. Em pouco tempo, ambos riam dos contratempos enfrentados por Marc em Alexandria e arquitetaram histórias para justificar o desaparecimento de Blake e a atitude arrogante da moça encontrada nas vielas da *medina*. No final da conversa, Marc ofereceu-se para ir procurar o estagiário, caso ele não chegasse logo.

Nascido no Egito, Marc deixara os amigos de infância ao ir estudar na Inglaterra. Apesar de não conhecer o pai, entusiasmava-se com a perspectiva de frequentar a instituição que educara várias gerações da família. A mãe sempre lhe falara amorosamente sobre o homem que o gerara e ele desejava

muitíssimo conhecer o lar de seus ancestrais. Contudo, durante os anos passados na Inglaterra, o convite jamais chegara. O pai não lhe reconhecia a existência e isso havia transformado a criança feliz num rapaz amargurado. Ele ressentia-se do homem que se ligara a sua mãe e havia passado a não confiar mais nas pessoas.

Além desse grande desapontamento, Marc estranhara a cultura britânica, tão diferente daquela em que tinha sido criado. Sentira-se um intruso e mantivera-se à parte dos colegas. Acabou transformando-se num menino solitário e agora era um homem avesso a relacionamentos.

O seu amor pelo Egito mantivera-se intacto através dos anos. Nos dias frios e úmidos do inverno inglês, ele lembrava-se com saudade do sol ardente de sua terra natal. Quando tinha dezenove anos, a mãe morrera e ele vira-se desobrigado a cumprir-lhe a vontade de terminar o curso universitário. Aliviado, retornara ao Egito.

Mais desapontamentos o esperavam na pátria. As lembranças que o tinham sustentado nos anos de exílio foram substituídas pelo reconhecimento de não pertencer mais ao lugar de sua origem. A educação recebida na Inglaterra o separava dos amigos de infância e, no final, não era aceito em nenhum dos dois países.

Apesar de os ingleses residentes no Egito demonstrarem satisfação em recebê-lo em seu círculo, graças a sua educação e fama de fortuna, Marc não apreciava a atitude condescendente deles em relação à cultura egípcia. Eles admiravam a antiguidade gloriosa do país e desprezavam o momento atual.

Dessa forma, Marc tinha se encontrado na periferia das duas sociedades e disciplinara-se a aceitar a situação até começar a trabalhar com Derek. Antes disso, já se dedicava à arqueologia e tinha ouvido referências elegiasas à competência e equanimidade do dr. Barstowe. Procurara emprego e fora aceito pelo arqueólogo inglês. Desde o início, inteirara-se do respeito de Derek pela cultura egípcia, tão intenso quanto o seu próprio. A amizade entre ambos tinha nascido espontânea e, ao tornar-se cada vez mais sólida durante projetos em várias escavações, Marc havia percebido que a muralha de seu isolamento começava a ruir.

Marc não era o único ligado às escavações de Amarna a sentir-se aborrecido nessa manhã. Cassandra, que não havia tido oportunidade de ver muitas coisas em Alexandria, não conhecera nada no Cairo. Não tinha podido ir visitar as Grandes Pirâmides ou a Esfinge em Giza, nas proximidades da cidade. Lamentava a falta de sorte e tentava se convencer de que o dever

vinha antes do prazer. Consolava-a a perspectiva de chegar a Amarna, uma das áreas mais excitantes sendo exploradas no Egito nesse momento.

Sentia-se ligada ao projeto por duas razões importantes. Naturalmente uma delas devia-se a Derek e às escavações iniciadas, há mais de quarenta anos, por Flinders Petrie, um verdadeiro ídolo para o irmão. Todavia, a principal relacionava-se ao fato de o lugar ter sido descoberto por duas mulheres egípcias dez anos antes dos trabalhos de Petrie. E agora, refletia animada, outra mulher chegava para desvendar seus segredos.

Cassandra tinha consciência de como sua posição era invejável, ainda mais levando-se em consideração que o governo britânico só dera permissão para o reinício das escavações há poucos anos. Havia muito trabalho importante a ser feito na cidade de Akhenaton e, por isso mesmo, o projeto de Derek era muito estimulante.

Ao seguirem rio acima, ela sonhava com a possibilidade de participar numa descoberta significativa que a colocasse em posição de destaque na comunidade da arqueologia. Felizmente, o sr. Pemberton a deixara entregue aos próprios pensamentos. Ele encontrava-se muito ocupado conversando com Mustafá, o guia, a respeito de outras escavações ao sul do Egito. Contudo, quando aportaram num vilarejo para o almoço e as preces do meio-dia, ele voltou a dedicar-lhe toda a atenção. A fim de ajudá-la a subir a margem do rio, segurou-lhe o braço por mais tempo do que o necessário. Embora reservada, ela mostrou-se cortês, pois ignorava a influência do sr. Pemberton no projeto do irmão.

— Estamos chegando. Desembarcaremos depois da próxima curva do rio — anunciou Mustafá, após navegarem por um bom tempo.

De repente, toda a determinação de Cassandra começou a desmoronar. Seria mesmo capaz de manter a farsa e não correr para os braços de Derek? Isso lhe arruinaria os planos; se o irmão descobrisse sua identidade, sem dúvida a mandaria de volta para a Inglaterra. Esforçou-se para manter a serenidade tão necessária, porém Pemberton notou seu nervosismo. Num gesto audacioso, tomou-lhe uma das mãos entre as dele e iniciou um longo discurso sobre a autoconfiança. Na primeira oportunidade, Cassandra soltou-se e ficou na ponta dos pés para observar logo o lugar sobre o qual lera nas cartas do irmão.

De repente, vislumbrou-o por entre a vegetação ribeirinha. Era exatamente como o imaginara, através das descrições de Derek, engastado na margem leste do Nilo. O acampamento não fugia a suas expectativas e as ruínas, não muito visíveis a essa distância, aguçaram-lhe a curiosidade.

A chegada da *falucca* atraiu vários rapazinhos a caminho de casa depois de um dia longo de trabalho. Eles ajudaram os passageiros a desembarcar e encarregaram-se das bagagens. O grupo formado à margem do rio começou a se dispersar, sinal da presença de alguém do acampamento. Lá estava Derek, o irmão inteligente e querido, dirigindo-se para eles. Cassandra, com o coração aos pulos, percebeu o absurdo de pensar que talvez não o reconhecesse. Sentiu um nó na garganta e, só então, deu-se conta da imensa saudade provocada pelos anos de separação.

— Olá! — cumprimentou ele já bem perto.

— Olá! — respondeu Cassandra com os olhos baixos e a voz mais aguda que o seu natural.

— Sou Pemberton — anunciou seu companheiro ao apertar a mão de Derek e apresentar-lhe as credenciais.

O arqueólogo examinou-as de imediato, aliviado por ter uma desculpa para disfarçar a surpresa ao vê-lo acompanhado de uma moça.

— Tudo em ordem, sr. Pemberton. Prazer em tê-lo aqui conosco — disse ele, e ficou à espera da apresentação da jovem. Como isso não acontecesse, aventurou-se meio hesitante: — E esta é sua... — Parou sem saber se dizia mulher, filha, irmã, ou se empregava o sempre útil eufemismo “sobrinha”.

— Ora, meu caro — alardeou Pemberton —, a moça não é minha e sim toda sua.

— Minha?! — indagou Derek confuso, enquanto Cassandra empalidecia sem saber do quanto Pemberton estava informado.

Apesar dos cuidados extremos tomados por Sir Robert e ela, o homem poderia ter descoberto algo por intermédio de amigos do museu. Felizmente o atordoamento provocado pelo medo passou por calma aos olhos de todos.

— Naturalmente sua, meu rapaz. Deixe-me apresentar-lhe a sua estagiária Sandra Blake.

Nem mesmo as maneiras educadas de Derek conseguiram impedi-lo de abrir a boca com uma expressão de choque. Levou alguns instantes piscando incrédulo para a criatura parada à frente dele tão serenamente.

— Muito prazer, srta. Blake — murmurou enfim ao encontrar a voz, e Cassandra respirou aliviada. — Seja bem-vinda a Tell-el-Amarna.

— O prazer é meu em conhecê-lo, dr. Barstowe — respondeu ela estendendo-lhe a mão, e, desesperada para saber se ele a reconheceria, indagou: — Algo errado?

— Não — Derek respondeu confuso. — Apenas estou em posição

desvantajosa. Não fui informado quanto a seu... Quer dizer, imaginava que Sandy Blake fosse...

— Garanto-lhe, dr. Barstowe, que sou altamente qualificada para este trabalho — afirmou Cassandra. — Espero que o senhor não considere embaraçosa a questão de eu ser mulher.

— De forma alguma — mentiu Derek imaginando como poderia proteger esta moça encantadora e desacompanhada num lugar cheio de homens saudáveis.

Dirigiram-se ao centro do acampamento enquanto Derek pensava na carta que escreveria ao colega sobre a estagiária. Lá foram recebidos por Adam Ward e Sidra.

Esta chamava atenção por sua beleza, apesar da simplicidade. Vestia uma saia justa bege e uma camisa de homem. Os cabelos longos e negros caíam-lhe nas costas e sua postura demonstrava graça e feminilidade. Antes de Derek fazer as apresentações, Sidra aproximou-se e passou o braço pelo dele numa atitude possessiva. Assim não restava qualquer dúvida quando à camisa que usava.

— Sidra e Adam, aqui estão o sr. Pemberton e a srta. Sandra Blake, nossa nova estagiária.

Adam, como Derek, não conseguiu esconder o espanto. O rosto gorducho do homem baixo adquiriu uma expressão atónita. Em sinal de boas-vindas, Sidra sorriu aos recém-chegados. Depois fitou Derek com ar de proprietária e, em seguida, desviou o olhar para Cassandra. Tendo estabelecido seus direitos de maneira silenciosa, seu sorriso alargou-se.

Cassandra sentia-se pouco à vontade. As coisas não eram exatamente como esperara, exceto o acampamento e Derek. De forma alguma, Adam Ward correspondia à imagem feita por ela através das cartas do irmão. Ele não podia ser o homem descrito em termos tão elogiosos. E pensar que ela concordara em encontrá-lo em Londres na próxima ida dele à Inglaterra! Quando a Sidra, ignorava-lhe completamente a existência, pois jamais fora mencionada nas cartas. E onde estaria Aton? Poderia ele provocar-lhe outro desapontamento?

Sem precisar esperar, Cassandra ouviu uma voz curiosamente familiar e sarcástica vinda de trás de si.

— É impressionante o que se pode encontrar no deserto.

Seus joelhos quase dobraram quando se virou para ver o homem grosseiro de Alexandria, ainda com a expressão presunçosa no rosto enquanto sacudia um escorpião morto no ar.

— De fato — concordou ela com voz trémula —, o deserto deve abrigar toda sorte de animal nocivo. Preciso tomar muito cuidado.

— Como sempre, a fêmea da espécie é a mais letal — replicou ele, ríspido.

— Aton, esta é a srta. Blake — interrompeu Derek antes que o diálogo entre os dois se tornasse mais agressivo.

— Srta. Blake, seu trabalho será orientado pelo sr. Whittier. Para evitar confusão, aviso-a de que, muitas vezes, eu o chamo de Aton, embora a maioria dos amigos dele prefira usar o nome Marc.

— Não se preocupe em aprender isso — retrucou Marc. — Pode me chamar de sr. Whittier caso, um dia, queira se dirigir a mim.

No instante seguinte, ele virou as costas e foi embora.

— Por favor, não repare no sr. Whittier — pediu Adam.

— De vez em quando ele explode — explicou Derek embaraçado enquanto levava o grupo à tenda da cozinha. — Ele ficou de muito mau humor por ter cruzado com uma bobinha em Alexandria. Quando o conhecer melhor, tenho certeza de que os dois irão trabalhar muito bem juntos.

Cassandra empalideceu e, ansiosa, imaginou o quanto Derek sabia sobre a tal “bobinha”.

CAPÍTULO IV

Como sempre, o jantar foi servido na tenda da cozinha, onde Derek reunia os associados à volta de uma mesa comprida.

Pemberton monopolizava a atenção de Derek e Adam, fazendo-lhes perguntas sobre o acampamento e sua organização. Marc ignorava os recém-chegados e empenhava-se numa discussão com Sidra sobre a falta de feminilidade das mulheres independentes. Em silêncio, Cassandra observava as personalidades descritas pelo irmão e, para ela, acabadas de adquirir vida numa forma inesperada e desconcertante. Seu olhar discreto tentava observar Derek, porém, para desgosto seu, os gestos de Marc a atraíam com frequência.

Após terminar o jantar, ingerido sem o menor apetite, Cassandra levantou-se, pediu licença e retirou-se. Queria andar um pouco ao longo do Nilo a fim de clarear as ideias. O único homem no mundo inteiro com quem não desejava se encontrar não só integrava a expedição como também se antagonizava abertamente com ela. Precisava impedi-lo de contar a Derek o encontro de ambos em Alexandria. O irmão já se mostrara perturbado com fato de não ter *um* e sim *uma* estagiária e, por isso mesmo, não precisava saber quem era a “bobinha”. Uma moça irresponsável poderia ser mandada imediatamente de volta para a Inglaterra.

Agora entendia por que Carstairs tinha insistido na impossibilidade de poder evitar um reencontro com Whittier. Mas como aquele grosseirão podia ser o mesmo homem de quem o irmão gostava tanto?

— Srta. Blake, posso fazer-lhe companhia? — perguntou uma voz feminina.

A um aceno seu, Sidra pôs-se a andar a seu lado.

— Os arranjos para sua acomodação aqui tiveram de ser mudados. O dr. Barstowe havia lhe designado a tenda do sr. Whittier, mas isso foi repensado. Como não dispomos de muito espaço aqui, vai ficar comigo — explicou Sidra.

— Quanto a mim, tudo bem, só lamento ter de incomodá-la. Sem dúvida, você valoriza sua privacidade — Cassandra disse num tom amável, numa tentativa de provocar confidências.

Sentia-se curiosa em relação a Sidra. Derek jamais mencionara a

existência de mulher alguma no acampamento. Entretanto, a adorável Sidra dava a impressão de desempenhar papel relevante não só nas escavações como também na vida de Derek.

— Não vai me causar nenhum problema, srta. Blake, mas a tenda é pequena. Não sou importante o suficiente para ter uma grande. Para mim, vai ser muito bom ter uma mulher com quem conversar, especialmente aqui onde os tempos modernos cessam de existir. Há muito que não falo sobre moda, novidades em cosméticos ou qualquer assunto que não diga respeito às escavações no Egito. Devo confessar que me admira a sua aprovação pelo museu, srta. Blake.

— Por favor, deixe a cerimônia de lado e me chame de Sandra. Você está há muito tempo com esta equipe? Não sabia que o governo egípcio permitia o trabalho de moças solteiras em locais de escavações — tateou Cassandra.

— Ah, oficialmente não faço parte do grupo. Sou enfermeira, cuido de um pequeno suprimento de medicamentos e, em ocasiões de grande movimento, catalogo e fotografo peças. Derek, quer dizer, o dr. Barstowe, convidou-me para acompanhá-lo da Grécia para cá. Eu tinha ido lá para cuidar das vítimas de um acidente provocado pelo desabamento de uma parede de arrimo. Vim por umas poucas semanas e acabei ficando com Derek. É muito bom trabalhar com Derek e, além disso é um amigo muito especial — declarou Sidra virando-se para fitá-la.

Cassandra corou. O irmão e Sidra?

— E os outros homens? — perguntou ela. — São também amigos especiais? Eles aceitarão uma profissional no acampamento? Serei bem recebida, ou devo contar com a má vontade deles por não ser o homem que esperavam?

Sidra deixou escapar um riso cristalino.

— Talvez alguns cientistas ajam dessa forma, mas não os daqui. A bem da verdade, só posso falar por Derek. Ele é muito atencioso e nunca fala comigo em tom de superioridade a respeito das escavações e achados. Tão logo ele se recupere da surpresa, creio que lhe dará a oportunidade de provar seu valor como estagiária. Ele é muito justo.

— Assim espero. E quanto ao sr. Whittier? Ele mostrou-se bem grosseiro — queixou-se Cassandra, satisfeita por poder dar vazão à raiva e, ao mesmo tempo, obter uma opinião feminina a respeito do homem tão admirado pelo irmão.

— Marc? Ah, você vai descobrir que ele é uma pessoa encantadora quando deseja ser. Todos nós aqui somos muito informais, mas ele o é mais

do que ninguém. Marc não vê razão para perder tempo com trivialidades, todavia é um grande conhecedor de arqueologia, mesmo sem ter um diploma. De vez em quando, Derek brinca dizendo que Marc dever ser a reencarnação de algum egípcio da antiguidade. Ele até o apelidou de Aton, o grande amor de Nefertiti. É fácil imaginar Marc vestido de faraó, na sala do trono da amada, pondo em dúvida a eficácia de se procurar seu túmulo nesta área.

Sidra riu da própria ideia, mas Cassandra achou-a provocativa e, até mesmo, estimulante. Ombros bronzeados nus culminando um torso musculoso, coxas fortes expostas pelas roupas curtas de linho branco e bordadas a ouro. Afastou a imagem da mente e prosseguiu.

— E Adam, é sempre muito quieto? Como Derek o vê? — perguntou achando mais fácil usar o primeiro nome do irmão, já que Sidra passara a fazê-lo.

— Derek o considera um bom cientista, embora um tanto pedante e organizado demais. Ele é o exemplo típico do rato de museu: primeiro a metodologia, depois a intuição. Com frequência, Derek tem de ser juiz nos debates entre Marc e Adam sobre o prosseguimento das escavações. Marc fica impaciente porque Adam gasta um tempo enorme fotografando e classificando o local.

— Marc e Adam então não se dão bem? — indagou Cassandra, vendo a possibilidade de arranjar um aliado no segundo.

— Ah, não é bem assim. Eles agem como duas crianças enquanto Derek banca o pai conciliador. Acho que Adam, às vezes, sente ciúme não só da competência como também da popularidade de Marc com as mulheres. Aliás, Derek disse uma vez que Adam era o tipo de homem com quem ele gostaria de ver a irmã se casar, capaz de fazê-la encarar a vida a sério.

— O quê? Casar? Quer dizer, a irmã dele? — Cassandra perguntou completamente atônita e ciente de precisar disfarçar a reação. — Pensei que você fosse a única moça solteira aqui. Onde está a irmã do dr. Barstowe?

— Ah, não se preocupe, caso esteja interessada em Adam. Ela mora na Inglaterra sob a proteção do padrinho.

Furiosa com a intenção do irmão, Cassandra manteve-se calada enquanto Sidra continuava a falar.

— Pelo jeito, a moça não tem aptidão para o casamento e ainda não se interessou por homem algum. Isso deixa Derek preocupado. Ele gostaria de vê-la casada e... ,

Sidra parou de falar ao perceber que Cassandra não caminhava mais ao

lado dela. Olhou para trás e a viu sentada numa das muitas pedras ao longo do rio.

— Desculpe, Sidra, mas acho que já ouvi informações suficientes sobre as pessoas do acampamento. Se não se importar, gostaria de ficar aqui sozinha por um pouco.

— Tem certeza de se sentir segura sem mim? Derek ficaria furioso se eu perdesse a estagiária dele na sua primeira noite aqui.

O tom possessivo de Sidra ao falar em Derek aumentou a irritação de Cassandra.

— Fique sossegada, vou voltar logo. Quero pensar um pouco e apreciar minha estreia no deserto egípcio.

Sidra não insistiu e afastou-se depressa demais na opinião de Cassandra. Com certeza, ia direto para a cama de Derek, imaginou. “E o infeliz está aborrecido comigo. Preciso lhe dizer umas boas verdades. Onde já se viu pensar em me casar só para se livrar de mim?” Lembrou-se da situação em que se encontrava e da impossibilidade de discutir com o irmão.

Em seu subconsciente, esperara uma recepção emocionada do irmão que não via há tantos anos. Ficara surpresa e até desapontada com a atitude profissional e cerimoniosa dele ao recebê-la como colega, embora tratando-se de uma mulher em vez do homem esperado. Mas de que outra forma ele poderia ter tratado Sandra Blake?, indagou-se ciente de estar sendo injusta nesse ponto. Também não era razoável sentir ciúme de Sidra, pois não tinha direito à atenção exclusiva de Derek.

Todavia, a vontade de querer casá-la com um indivíduo como Adam Ward era imperdoável, além de intolerável. Ela precisaria ser mesmo uma tolinha para aceitar aquele homenzinho meticuloso. Talvez, na maneira de pensar de Derek, essa seria uma ótima solução: Adam ganharia uma companheira culta que o faria relaxar um pouco e ela sossegaría com umas doses de arqueologia.

Os homens, às vezes, são insuportáveis, pensou ao levantar-se da pedra e começar a caminhar em direção ao acampamento. Primeiro fora Whittier e agora Derek.

— Ai! — gritou Cassandra sentindo uma dor intensa. Distraída com os pensamentos, não tinha olhado onde pisava e acabara de torcer o tornozelo numa pedra semi-enterrada na areia.

— Aton, você sabe do meu respeito por suas opiniões e eu sei dos problemas que está tendo com o sexo fraco por causa daquela bruxa Marquist

e da mocinha das velas de Alexandria. Mas isso não justifica tratar a srta. Blake tão mal. As mulheres não são todas iguais, meu amigo.

Os homens encontravam-se sentados, como de hábito, na tenda do laboratório para revisão das atividades do dia.

— Ela não é a idiotinha que passeava desacompanhada por Alexandria, então por que culpá-la pela irresponsabilidade de outra pessoa? Imagine as consequências se as considerássemos em pé de igualdade — insistiu Derek ao levantar-se da cadeira à escrivaninha e dirigir-se à entrada da tenda e acender um cigarro. Por isso, não viu a indecisão expressa no rosto de Marc e prosseguiu: — Amanhã de madrugada, ela estaria a caminho de volta para a Inglaterra. Não tenho paciência ou tempo para gastar com uma estagiária que precisa de uma babá. Mas como este não é o caso, já que falamos de duas moças diferentes — insistiu parando em frente à cadeira de Marc —, por que não tratar a srta. Blake como uma arqueóloga recomendada pelo museu e esquecer a que sexo pertence?

Tendo tomado uma decisão sobre o assunto, o bom humor de Marc voltou a dominá-lo.

— Isso talvez seja difícil, Derek, se você mantiver as determinações anteriores quanto às acomodações da estagiária. Se bem me lembro, você disse que Sandy Blake ia ficar na minha tenda, certo?

— Não mais, Don Juan. Agora, sim, você volta a ser o Marc Whittier que eu conheço. Pelo que vejo, seu antagonismo contra as mulheres não é permanente.

— Não, só quando se trata das feias, antipáticas e mimadas — replicou Marc.

— Bem, já sabemos que a sua srta. Blake é linda, portanto só temos de nos preocupar com os dois outros defeitos. Duvido que ela os tenha. Com o seu talento, Marc, você poderia conquistá-la num abrir e fechar os olhos. Mas a vida aqui fica mais simples, Aton, se não se envolver pessoalmente. Estamos no deserto para estudar história antiga e não para fazer outra nova. A sua Nefertiti poderia sentir ciúme.

— Eu não gostaria de ofender uma mulher que está morta há três mil anos. Não se preocupe, Derek, vou deixar você e Sidra encarregados do romantismo do acampamento. Sabe, você nunca acertou muito bem no alvo. Espero que, desta vez, não erre muito na avaliação de nossa estagiária.

Resolvida essa parte sobre a srta. Blake, os dois começaram a planejar os trabalhos de escavação da semana seguinte e ainda encontravam-se envolvidos nesse assunto quando, muito mais tarde, Sidra entrou na tenda.

— Bem-vinda! —gracejou Derek. — Já estávamos imaginando aonde você teria ido.

— Mentira! Vocês dois estavam tão entretidos com negócio que nem deram pela minha falta. De qualquer jeito, obrigada pelas palavras amáveis.

Sidra tinha consciência de que o trabalho se constituía no grande amor de Derek, porém sentia-se feliz por manterem um relacionamento bastante harmonioso.

— A srta. Blake não estava com você, Sidra? Ou ela já se retirou para sua tenda? Pensei em tomarmos um drinque todos juntos, pois Aton resolveu tratá-la com civilidade. Por que não vai buscá-la? — sugeriu Derek, que costumava fazer muitas perguntas ao mesmo tempo e não esperar pelas respostas.

— Ela ainda não voltou? Deixei-a lá nas pedras perto do rio há mais de uma hora. Tinha certeza de que Sandra estava aqui com vocês — disse Sidra preocupada.

— Você verificou na sua tenda? — indagou Marc enquanto Derek a fitava com olhar severo como se a responsabilizasse pela ausência da estagiária.

— Verifiquei, sim. Não está lá. Imaginei que estivesse aqui falando sobre as escavações. Ela parecia tão interessada. Achei...

— Achou o quê? — esbravejou Derek. — Achou que era seguro largar uma pessoa recém-chegada aqui a alguns quilômetros de distância do acampamento? Ah, vocês mulheres são todas iguais!

— Acalme-se Derek, elas não são todas iguais, lembra-se? — disse Marc com um sorriso satisfeito. — E a culpa não é de Sidra. A srta. Blake deve ter querido relaxar um pouco sozinha e não sabia como escurece depressa no deserto. Ela já deve estar voltando, mas, mesmo assim, vou procurá-la a cavalo. Nomad e eu a traremos num instante. E você, Sidra, não se preocupe, a moça está bem. A expedição não corre nenhum risco só porque você não arrastou a srta. Blake de volta para o acampamento.

Nesse momento, a verdadeira ameaça ao sucesso da expedição encontrava-se em sua tenda escrevendo uma carta ao comparsa no Cairo.

“Tudo continua a correr bem por aqui. Bosrah deve chegar amanhã como escavador. Não deverá haver problema algum com a contratação dele aqui, nem em colocá-lo onde nos possa ser útil. Tenho certeza de que a vinda dele não vai despertar suspeitas. Deixei claro a ele a necessidade de relatar a mim as descobertas especiais a fim de não serem registradas na maneira

habitual. Como esperávamos, Barstowe não está satisfeito por ser objeto de investigações. Por causa disso, intensificou os cuidados com o processo de registros. Porém não deverá haver dificuldades.”

Ele pôs a carta no envelope, selou-o e foi até a tenda da cozinha onde o colocou no malote a ser levado na manhã seguinte a Mallawi.

Cassandra examinou o tornozelo com cuidado, embora por cima da bota. Mesmo assim, percebeu que já começava a inchar. Se removesse o calçado, não conseguiria recolocá-lo. Distraídas conversando, ela e Sidra haviam se distanciado bem uns três quilômetros do acampamento e agora não lhe restava outra escolha senão manquitolar no trajeto de volta.

Exasperada com a situação, porém ciente da futilidade de se autocensurar, Cassandra iniciou a caminhada. O passeio projetado para relaxar e ajudá-la a fazer uma avaliação de sua presença na expedição transformava-se numa prova de resistência física enquanto as sombras se alongavam e os uivos dos chacais ecoavam a distância.

— Pensar — disse ela baixinho para si mesma — que há dois dias eu tentava escapar do mercado de escravas brancas em Alexandria e agora aguento as consequências da minha própria estupidez. Quem sabe Sir Robbie não tivesse razão? Talvez meu lugar seja mesmo numa sala de estar onde eu possa servir chá.

A escuridão aumentava, o caminho a sua frente tornava-se indistinto e a coragem fraquejava. O uivo dos chacais parecia mais próximo do que há poucos minutos e cada passo em direção ao acampamento provocava-lhe mais dor. Ela já não mais andava, apenas arrastava-se. De vez em quando, olhava para o rio com medo de ver crocodilos nas margens, pois não sabia se eles deixavam a água só nas horas de sol quente ou à noite também.

A fim de afastar o medo e se distrair da dor, resolveu pensar no dilema que a esperava no acampamento: o que fazer a respeito de Marc Whittier e o encontro anterior deles?

Se ele contasse a história para Derek, a situação seria difícil de ser contornada. Contudo, tentaria. Agora que estava no Egito, o irmão não tinha o direito de mandá-la de volta para a Inglaterra. Lutaria contra isso mesmo que tivesse de revelar sua verdadeira identidade.

De repente, Cassandra ouviu o som distinto de patas de cavalo vindo do acampamento. Parou e ficou à espera. Pouco depois, surgia Marc montado num cavalo árabe.

— E então, srta. Blake? Imagino que possa dispensar minha ajuda desta

vez também.

Embora a voz dele fosse ainda mais áspera do que Cassandra se lembrasse, encontrava-se exausta e com dores fortes demais para se irritar com ele.

— Pisei em falso numa pedra e torci meu tornozelo — explicou baixinho, constrangida com a situação difícil e temerosa de antagonizar mais o homem atraente diante de si. — Desta vez, necessito de seu auxílio, caso não se incomode em oferecê-lo.

— Ah, pelo menos adquiriu um pouco de humildade desde a última vez em que nos vimos. Aguenta-se um pouco aí. Calma, Nomad.

Marc desmontou e aproximou-se para examinar o tornozelo. Depois de descalçar a bota, apalpou com os dedos o lugar machucado e ficou satisfeito por não perceber fratura alguma. Não se surpreendia que tornozelo tão bonito e delicado se machucasse com facilidade. Cassandra não sentiu a dor aumentar com o exame, pelo contrário, o contato dos dedos foi bem confortador, admitiu contra a vontade. Marc tomou-a nos braços e colocou-a montada à frente da sela. No instante seguinte, ele acomodava-se também em cima do animal e, de posse das rédeas, guiou-o em direção ao acampamento.

— Sabe, o dr. Barstowe está bem bravo com você por ter ficado sozinha por aí, e com Sidra por ter permitido isso. Quando vai aprender que o Egito não é lugar para explorações pessoais?

O tom de Marc tinha um laivo de censura, porém não era rude. Cassandra achou natural e familiar sentir aqueles braços à volta do corpo. Virou o rosto para o dele e viu que, à luz da lua, os olhos azuis mostravam-se mais penetrantes. Sentia que eles lhe vasculhavam a alma e sorriu.

— Desculpe ter atrapalhado sua noite e muito obrigada por vir me buscar. Com certeza, o senhor tem coisas mais importantes para fazer do que ajudar moças em apuros.

Marc relanceou o olhar para a mulher a sua frente e imaginou o que teria acontecido à criatura irascível de quarenta e oito horas atrás. Sob o luar e encostada no peito dele, Sandra demonstrava a doçura de uma fada. O nariz já não se erguia petulante, os olhos expressavam meiguice e o corpo aninhava-se macio de encontro ao dele. “Não!”, protestou mentalmente, não a deixaria enfeitá-lo. Estava cansado dessas inglesas mimadas.

— O dr. Barstowe foi quem ficou preocupado com você. Por isso, eu...

— Então o senhor, amavelmente, ofereceu-se para vir procurar a bobinha, não é? — interrompeu ela furiosa ao constatar que Marc não se afligira por sua causa.

Ele percebeu sua retração e explicou:

— Geralmente saio à noite para cavalgar. Este ar fresco ajuda um homem a refletir.

— O senhor tem lá tão grandes pensamentos que precise ficar a sós para avaliá-los?

Se Marc não queria admitir a solicitude implícita na vinda dele até ali, então era bom saber que, para ela, não importava quem aparecesse para buscá-la.

Pararam ao chegar nos limites do acampamento, a trégua temporária entre eles perdida nas dunas do deserto.

— Pode ter certeza de que, daqui em diante, farei minhas cavalgadas sozinho, Sandra, não importa do quanto você necessite de meus socorros — declarou Marc, desmontando e, sem a mínima cerimônia, passou-a para o chão. — A tenda de Sidra é a segunda. Imagino que não vá se perder pelo caminho.

— Sr. Whittier, quanto ao outro... — começou Cassandra meio hesitante numa tentativa de resolver o incidente anterior.

— Não se preocupe. Não vou contar nada ao dr. Barstowe. Ele já ficou bastante aborrecido com sua escapadela de hoje sem saber da outra. Não quero que me culpem, mais tarde, por ter contribuído para o seu fracasso como estagiária. Isso também você pode fazer sozinha, sem minha ajuda. Boa noite.

Enquanto se arrastava até a tenda de Sidra, mal suportando a dor no tornozelo, as últimas palavras de Marc ecoavam na mente de Cassandra, atormentando-a.

— Sandra, sinto muito tê-la deixado sozinha. O que aconteceu? — perguntou Sidra, atenciosa.

Ela acabava de sair da tenda, acompanhada de Derek, e vinha-lhe ao encontro.

— Srta. Blake, ficamos muito apreensivos com sua ausência prolongada. O acampamento é muito ermo, apesar de seu ar civilizado. Não devia ter se afastado tanto — repreendeu Derek com severidade.

— Desculpe, dr. Barstowe. Minha intenção era voltar logo depois de Sidra, mas torci o tornozelo e mal conseguia andar — explicou e, como esperava, o ferimento desviou a atenção do passeio questionável.

— Derek, ajude-a até a tenda enquanto acendo o lampião — determinou Sidra, assumindo o comando da situação.

Num instante, ela providenciou unguentos e ataduras e pôs-se a examinar o tornozelo.

— Dói assim, Sandra? E assim? — perguntou ao virar o pé de várias maneiras a fim de certificar-se quanto a uma possível fratura.

— Não mais do que quando o pé está imóvel. Posso apoiar meu peso nele e o sr. Whitter acha que o tornozelo não está quebrado. Mas a perna toda dói muito e lateja cada vez mais — informou Cassandra numa voz fraca e reveladora de seu sofrimento. — Não resta dúvida de que fui muito insensata.

— Bobagem, não foi nenhuma catástrofe. Derek, a torção foi bem grande e a tentativa de andar nessas condições forçou músculos e ligamentos, porém tenho certeza de não haver dano permanente. Vou aplicar estes unguentos de ervas medicinais para diminuir o inchaço e, depois, coloco uma atadura bem firme. Infelizmente, não temos gelo para minorar a dor, mas vou lhe dar um comprimido, Sandra — prometeu Sidra.

— Dr. Barstowe, lamento muitíssimo ter começado de maneira tão desastrada. O senhor deve achar que sou uma irresponsável, mas, acredite, não costumo ser descuidada. Prometo não me afastar mais sozinha e seguir todas as regras do acampamento. Repito, sinto ter causado aborrecimentos — insistiu Cassandra, preocupada com a opinião de Derek.

— Acidentes acontecem, srta. Blake. Talvez agora nosso trabalho de escritório possa ser posto em dia. Marc e eu temos a tendência de adiar a redação de nossos relatórios que o Museu do Cairo e a supervisora de nossa concessão, a exigente srta. Marquist, consideram essenciais. Há ainda outras tarefas em que nos poderá ser útil como fazer esboços de peças encontradas, por exemplo. Durma bem e considere-se bem-vinda em Tell-el-Amarna, srta. Blake. Espero que seus dias aqui sejam menos acidentados no futuro. Sidra, mais tarde falo com você — disse Derek antes de se retirar.

A saída dele provocou um suspiro de alívio em Cassandra. Infelizmente, ia fazer o trabalho enfadonho de secretária por uns dias, porém não teria de ir embora. No momento, desejava apenas relaxar e tentar dormir.

— Obrigada, Sidra, você ajudou bastante a desarmar a fúria do chefe. Ele estava bem bravo quando voltei.

— Ele ficou mais aborrecido comigo do que com você, mas Derek é responsável pelo bem-estar de todos aqui. Se cada um resolvesse passear por conta própria e voltar machucado, o que ele faria? Ele ficou realmente preocupado com sua demora primeiro e depois com o ferimento.

Embora cansada, Cassandra percebeu como Sidra defendia Derek com

presteza.

— Se não há mais nada que queira de mim, vou falar com o dr. Barstowe e volto logo para me deitar também.

— Tudo bem, Sidra. *Khattar kherak*.

Apesar do sotaque carregado de Cassandra, suas palavras de agradecimento em árabe provocaram uma reação de prazer em Sidra. Sem dúvida seriam boas amigas, refletiu ao sair.

Cassandra apanhou-se imaginando se a companheira de tenda, de fato, voltaria logo. Todavia, o cansaço e o sono a impediram de manter-se acordada para verificar.

Enquanto adormecia, a sensação de braços fortes amparando-a e a lembrança de olhos azuis encheram sua alma de paz.

As semanas seguintes correram sem grandes novidades para Cassandra. Sidra insistia para que não se apoiasse no tornozelo machucado durante, pelo menos, dez dias. Derek e Adam logo transferiram várias de suas incumbências para ela, que podia executá-las sentada. Sabia ser difícil livrar-se dessa responsabilidade quando já pudesse se locomover à vontade.

Uma das tarefas mais apreciadas por Cassandra era fazer o pagamento dos trabalhadores egípcios. Eles recebiam semanalmente e mostravam-se impacientes após seis dias de trabalho. Eles dividiam-se em duas categorias: gufti e operários.

Os gufti vinham da região de Guft e pertenciam a uma tribo cuidadosamente treinada por Flinders Petrie durante as primeiras expedições dele nesta área. O arqueólogo conseguira formar peritos no uso de enxadas e pás, rápidos e cuidadosos, e que transmitiram o conhecimento para a geração seguinte. Os gufti eram procurados pelas expedições arqueológicas por todo o Oriente Médio e Derek tinha muita sorte de poder contar com um bom número deles trabalhando como escavadores. Eles eram um povo orgulhoso de sua reputação e zelosos da responsabilidade assumida. Sabiam que se cavassem com muito vigor poderiam destruir o objeto de suas buscas. Cassandra aprendeu logo a respeitar esses homens e a valorizar-lhes o talento.

Abaixo destes *tourieh*, escavadores, vinham os rapazes das cestas encarregados de remover a terra e cascalho dos locais. Como o trabalho deles não exigia perícia e podia ser feito por qualquer um, a rotatividade desses operários era frequente. Cansavam-se logo das exigências feitas a eles e iam para outros acampamentos onde o trabalho era mais fácil, como o dos

americanos em Luxor. Marc e Ahmet, o capataz egípcio, mostravam-se sempre minuciosos e vigilantes.

Como o nome e feições dos trabalhadores egípcios causavam confusão a Cassandra, ela precisava fazer anotações cuidadosas para não pagar o salário de um para outro, ou descontar faltas e atrasos da pessoa errada,

A questão de *baksheesh*, um bônus para achados especiais, constituía ponto de extremo interesse para ela, pois lhe proporcionava um exame, em primeira mão, do objeto encontrado. *Baksheesh*, um dinheiro extra além do salário, como recompensa pela localização de antiguidades preciosas, desencorajava os trabalhadores a escavarem sem atenção. Também ajudava a impedir contrabandistas e comerciantes inescrupulosos de procurarem os operários a fim de comprar-lhes os achados fora do acampamento. Estes sabiam que seriam bem pagos pelos donos legítimos das peças e assim não tinham necessidade de alimentar o mercado negro, pelo menos, na teoria.

O valor de *baksheesh* dependia do cuidado com que a peça era desenterrada e de sua antiguidade e raridade. Como cabia a Marc determinar esse valor para as descobertas diárias, Cassandra via-se, com frequência, ajudando-o a fazer as avaliações. Ambos mantinham uma atitude profissional e não faziam referências a experiências passadas.

Quando a folha de pagamento e os relatórios encontravam-se prontos, Cassandra sentia um enorme prazer em tomar o bloco e copiar nele desenhos intrincados de peças encontradas no início do período de escavações desse ano. Embora no começo Adam criticasse sua escolha de objetos para desenhar, alegando não valerem elas o esforço e o tempo gastos, logo prontificou-se a ajudá-la a usar do melhor critério.

À noite, reuniam-se todos na tenda usada como depósito. Pemberton não aparecia sempre, pois, apesar de querer pertencer ao grupo, sentia-se como um intruso posto de lado.

Essa era a hora de que Cassandra mais gostava. Através de registro, descrição e análise, revisavam cada item descoberto nesse dia. Marc encarregava-se do aspecto físico, Derek de marcar, num gráfico, o local do achado, Adam de escrever a descrição de Marc numa ficha e de dar um número de registro à peça, enquanto Cassandra fazia um esboço rápido dela para o relatório do museu. Finalmente, punham o número de registro no objeto e o embalavam para guardá-lo até ser enviado para o Cairo.

Os arqueólogos, ao notarem um certo acúmulo de descobertas numa localização particular do gráfico, podiam começar a tirar conclusões quanto à área em que estavam fazendo escavações e à importância dos achados. Todos

deviam participar das discussões e Cassandra sentia-se orgulhosa quando Derek elogiava seus comentários.

— Sabe, Derek, apesar de minhas dúvidas iniciais, reconheço o valor de Blake para a equipe — confessou Marc uma noite como se ela não estivesse presente. — Hoje, até me desafiou quanto ao *baksheesh* a ser pago a Mohammed Abu por aquele amuleto. Fiz um segundo exame e fui obrigado a concordar. Ela estava certa, embora ainda seja inexperiente.

— Você o estava classificando como trabalho comum, mas a execução da faiança mostrava-se natural e intrincada para ser ordinária. Podia até ter pertencido a Nefertiti. Com as sete fileiras de grande talento artístico: centauros, papoulas, no interior, folhas de uva e...

A descrição entusiasmada parou abruptamente quando ela ouviu as risadas a sua volta.

— Nós vimos o amuleto, Sandra. Foi a primeira peça catalogada esta noite, lembra-se? — indagou Derek.

Ele rira de seu entusiasmo, mas a tinha chamado de Sandra pela primeira vez. Talvez Derek, finalmente, começasse a aceitá-la como membro da equipe.

— O que acha, Derek? Devemos deixá-la nos acompanhar, amanhã, à sala do artesão? — Marc consultou o diretor da expedição. — Acho que ela já está pronta para sujar as mãos.

— Naturalmente, se pensa que ela pode nos ajudar, Aton — concordou Derek e depois dirigiu-se a Cassandra: — Marc crê que estamos prestes a descobrir uma oficina artesanal, Sandra. Você conseguirá manter a eficiência demonstrada aqui se a deixarmos em liberdade nas escavações? — perguntou em tom de brincadeira e em referência a seu passeio desastroso na primeira noite ali.

— Com toda a certeza, dr. Barstowe. Aqueles relatórios insípidos para a srta. Marquist me deixaram ansiosa para remexer a areia e os cascalhos.

— Deixe o “o doutor” de lado, Sandra. Seu trabalho com a papelada provou que está em pé de igualdade conosco. Amanhã, você vai conhecer a parte suja desta empreitada.

— Excelente! Então, até amanhã.

Excitada, Cassandra deixou-os e foi para a tenda compartilhada com Sidra a fim de se preparar para o seu primeiro dia no local das escavações.

— Você tem de admitir, Marc, que a moça é bem animada — disse Derek com um sorriso malicioso. — O bom desempenho dela até agora não é o de

uma pessoa mimada. E é uma belezinha. Acho bom você tomar cuidado. Talvez ela consiga laçá-lo, caso você lhe desperte o interesse.

Derek falou brincando, porém Marc não achou graça no comentário.

— Isso jamais acontecerá. Sandra não é o meu tipo.

Nessa mesma noite, em Alexandria, Cassandra também foi alvo de converva no consulado britânico.

— Sr. Carstairs, aqui está o passaporte confiscado por uma patrulha na fronteira. A fotografia mostra uma semelhança incrível com aquela Sandra Blake que levei ao Cairo, mas o nome é outro — informou Paul Thornton perplexo.

— Deixe-me ver — resmungou o cônsul — Cassandra Barstowe?! Não é estranho? Derek não mencionou a vinda de nenhuma parente para cá. E se a moça é qualquer coisa dele por que o nome falso? Mas você tem razão, ela se parece muito com Sandra Blake. Isso me faz duvidar da história dela naquele dia. Verifique o malote diplomático, Paul. Veja se veio alguma coisa de um tal Sir Robert Cranford para ela.

Thornton apressou-se a obedecer e Carstairs, a sós, queixou-se em voz baixa enquanto folheava o passaporte:

— Coisa aborrecida. Pensei ter me livrado da moça com sua ida para as escavações e agora, isto!

Thornton não demorou a voltar.

— Chegou um envelope grande para a srta. Blake hoje da Inglaterra. Ia ser enviado ao acampamento amanhã.

— Vamos dar uma olhada, Thornton. Num caso como este, Sua Majestade não consideraria meu gesto como violação de correspondência.

Carstairs abriu o envelope e mais confuso ficou ao encontrar uma carta para Cassandra e documentos em nome de Sandra Blake.

— Que diabos vem a ser isto? Ouça só e diga o que entende desta carta, Thornton.

“Minha querida Cassandra,

Espero que a perda de seus documentos não seja uma prova de um grande erro meu ao permitir-lhe levar o cabo seu plano audacioso. Você não foi muito explícita sobre as razões pelas quais veio a precisar de duplicatas de seus papéis. Gostaria muito de ter logo notícias suas a fim de me tranquilizar. Junto, envio vistos de viagem, porém o passaporte ainda demora uns dias para ser expedido. Deverá seguir em breve. Os nomes diferentes não

provocaram confusão no cônsul? Faço votos para que se encontre bem e esteja gostando da expedição. Sabe muito bem que este velho preocupa-se com você aí nessa terra antiga, embora goze da companhia de Derek.

Afetuosamente, Sir Robbie”

— Não sei o que pensar disto, Thornton. Sabe o que mais? Amanhã, você segue para Amarna a fim de entregar a carta pessoalmente a Barstowe e ver o que ele tem a dizer sobre o caso. Essa moça pode fazer parte do grupo de contrabandistas de que nos informaram. É, você vai até lá — confirmou Carstairs seguro do plano. — Fale primeiro a sós com Barstowe e, depois, vocês dois interrogarão Blake, ou seja lá qual for o nome da moça.

Tendo resolvido como agir a respeito da questão, Carstairs voltou a atenção a outros papéis sobre a escrivania, apanhou um e entregou-o a Thornton.

— Como estamos com falta de funcionários no Cairo por causa de negociações políticas pendentes, você está sendo transferido para lá. Mande o relatório pelo canal costumeiro.

— Muito bem, senhor — replicou Thornton, considerando a transferência como ponto de menor importância. — Não acredito que a moça seja contrabandista. Ela é simpática e...

— Ficarei sabendo quem e o quê ela é quando receber seu relatório, Thornton. Não se envolva pessoalmente ou perderá o emprego. Não temos lugar para apaixonados bobos. Se você aprendesse a se concentrar no trabalho, não deixaria de ser promovido — concluiu Carstairs.

Thornton retirou-se e, apesar da resposta cordata à recriminação do superior, não conseguiu afastar da mente a imagem do sorriso lindo e do interesse genuíno de Sandra Blake pelas pessoas e cenas a sua volta. Era muito fácil saber que ela seria incapaz de fraude. Quanto a ser culpada de contrabandear objetos para fora do Egito, Paul tinha absoluta certeza de que não era verdade.

CAPÍTULO V

A ansiedade pelo primeiro dia de trabalho nas escavações impediu Cassandra de gozar um sono longo. Em plena madrugada, acordou pela primeira vez certa de estar na hora de se levantar. Ciente do engano, conseguiu adormecer novamente, mas não por muito tempo. Antes do nascer do sol, despertou do sono leve segura de ter ouvido a cortina à entrada da tenda farfalhar como se tivesse sido aberta. Levantou-se e foi até lá a fim de verificar o que poderia ter provocado o ruído. Sidra continuava dormindo e não desejava acordá-la. Sem fazer barulho e com cuidado, olhou para fora, porém não viu nada de anormal. Não havia movimento nas outras tendas, sinal de que seus ocupantes não tinham ainda acordado.

Satisfeita, Cassandra já ia voltar para a cama quando notou algo à entrada da tenda de depósitos. Clive Pemberton e um homem vestido à moda árabe saíam de seu interior. Não havia erro quanto à identificação do primeiro, porém não era possível discernir a do *tourieh*, vestido em *gallabiya* e turbante, na luz difusa do amanhecer.

Como aquela área era proibida aos escavadores, Cassandra ficou desconfiada. Teria de mencionar essa quebra dos regulamentos a Derek. Se Pemberton insistia em imiscuir-se em todos os cantos do acampamento, precisava compreender que, por razões de segurança, os trabalhadores não gozavam do mesmo privilégio.

Entretanto, se comunicasse o fato ao irmão agora de manhã, poderia causar problemas e Cassandra não desejava uma mudança na rotina diária no seu primeiro dia de trabalho nas escavações. Estava convencida de que Pemberton não queria suas idas e vindas exploratórias sendo questionadas, por isso mesmo ela informaria Derek antes do anoitecer.

O céu começava a iluminar-se depressa e Cassandra, ainda com a camisola leve e transparente que lhe delineava as curvas com precisão, resolveu lavar-se e vestir-se em vez de voltar para a cama.

Dirigiu-se à mala onde guardava suas roupas para escolher o que vestiria. Na procura de algo adequado ao novo tipo de trabalho, encontrou o amuleto escondido ali por Nadja, a criada do hotel no Cairo. Sorriu e ficou imaginando que poderes ele teria ali no acampamento. Calças compridas provocavam reações estranhas entre os habitantes da região, por isso

escolheu uma saia cinza franzida, blusa branca de algodão de mangas curtas e uma jaqueta azul que poderia tirar se fizesse muito calor. Uma echarpe para o pescoço e sapatos confortáveis, mas bem femininos, completavam a toalete.

Em seguida, despejou a água de uma jarra coberta numa bacia, ambas sobre o caixote que lhe servia de mesa de toalete, e começou a lavar-se. Pelos ruídos vindos de fora, percebia o despertar do acampamento.

Todavia, seus pensamentos não se concentraram nas pessoas dali e sim na cidade que estava sendo descoberta. Ela estava ali há três semanas e só tinha visto as escavações a distância. A mão parou no meio de um movimento e ela esqueceu o que fazia ao pensar nas origens românticas de Tell-el-Amarna. Akhenaton ordenara sua construção em terra virgem, num lugar jamais consagrado a outros deuses que não Aton. Visões de Akhenaton e sua amada esposa Nefertiti percorrendo palácios e templos encheram-lhe a mente até que, sacudindo a cabeça, voltou à realidade.

Desejosa de demonstrar seu alto grau de informação sobre o local quando, finalmente, ia integrar a equipe de escavações, Cassandra começou a revisar seus conhecimentos. Amarna existira por apenas vinte e cinco anos, por isso todas as descobertas podiam datar da era de Akhenaton, embora o naturalismo nas obras de arte constituísse identificação suficiente. Pessoas e coisas tinham sido envolvidas pelos artistas num período de tempo e, felizes, comemoraram a produção exclusiva que separava a arte do reinado de Akhenaton da altamente estilizada de épocas anteriores.

Cassandra lera as teorias sobre a fuga de artistas cretenses da destruição violenta de Cnossos para a corte de Akhenaton, onde criaram trabalhos com as mesmas características empregadas em sua terra. Ela havia observado fotografias de peças das duas culturas e tendia a concordar, porém seu treinamento não lhe permitia aceitar a questão como verdadeira sem evidências concretas.

Até agora, o melhor exemplo da nova arte tinha sido o passadiço do Palácio Norte escavado em Tell-el-Amarna por Flinders Petrie no século passado. Infelizmente, o passadiço decorado fora destruído, mas não antes de haver sido, a duras penas, registrado.

A lembrança vívida das reproduções e fotografias de Flinders provocava uma forte tentação em Cassandra de se vestir depressa e correr à cidade sem vida e silenciosa a fim de explorá-la sozinha sem a influência de outras pessoas. Contudo, tinha de se submeter a Marc, sob cuja supervisão ela fora colocada para seu trabalho de campo.

Eles haviam mantido a maior distância possível, porém, quando

forçados a um contato mais próximo, tratavam-se com formalidade. Cassandra não fazia ideia como o trabalho diário, lado a lado, afetaria a trégua entre eles, mas jurava não fazer nada que pudesse prejudicá-la, só mesmo se fosse obrigada a isso.

A promessa de tornar-se uma assistente perfeita trouxe-a de volta aos preparativos da manhã. A água refrescante escorreu pelo corpo dando-lhe um prazer quase sensual. Ao imergir a esponja outra vez na bacia, notou, pelo canto dos olhos, um movimento num canto afastado do chão da tenda. Disposta a verificar se não se tratava de mais um lagarto inofensivo, visitante comum ali, apanhou uma toalha e aproximou-se. A forma longa e deslizante deixou-a paralisada quando reconheceu nela uma cobra enorme bem junto a seu pé e a caminho do espaço sob sua cama.

Um grito agudo escapou-lhe dos lábios e Sidra acordou assustada. Em poucos segundos, a cortina à entrada da tenda abriu-se e Derek, semibarbeado e sem camisa, entrou.

— Por Deus do céu, o que aconteceu? — perguntou ele tentando ajustar a visão à penumbra. Ao constatar a quase nudez de Cassandra, desviou o olhar e insistiu: — Qual é o problema?

— Há uma cobra imensa entrando debaixo de minha cama — balbuciou ela.

Marc, atraído pelo grito, viera também, mas ficara do lado de fora da tenda. A resposta de Cassandra o fez entrar no momento em que Derek, cauteloso, afastava a cama do lugar. Posicionou-se para alvejar a víbora com a pistola trazida por precaução e atirou com precisão absoluta.

— Como uma coisa deste tamanho entrou aqui? — trovejou Derek incrédulo. — Boa pontaria, Aton. Você está ficando perito em defender moças.

— Meu Deus, essa cobra podia ter nos matado! — exclamou Sidra assim que encontrou a voz perdida no início do incidente.

— Ora, cheguei a tempo. Como Derek disse, sou um especialista em socorrer moças em perigo — replicou Marc rindo.

Cassandra corou mais por causa das lembranças evocadas pelo comentário do que pelo estado em que se encontrava. Derek deu-se conta de seu constrangimento e, atribuindo-o à segunda razão, não sabia onde fixar o olhar, Marc, por seu lado, não demonstrou cerimônia alguma em admirar a silhueta sinuosa a sua frente. Percebendo-lhe o interesse, Cassandra enrolou-se mais na toalha.

— Não sei como agradecer sua ajuda, sr. Whittier — disse sincera e com

a maior dignidade possível.

— Não precisa me agradecer, Blake — garantiu Marc rindo e relanceando o olhar mais uma vez pelo corpo bonito. — Já fui muito bem pago — afirmou e saiu acompanhado de Derek.

Do interior da tenda, Cassandra podia ouvir a voz dos dois homens a quem se haviam juntado Pemberton e Adam, mas não entendia o que falavam. Aborrecida, imaginou se o assobio baixo de Adam devia-se à descrição da cobra ou de seu estado de seminudez.

Sidra já começava a rotina matinal e, quando terminou o banho e já estava vestida, sentou para escovar os cabelos negros e longos. Só então notou que a companheira de tenda ainda não acabara de se aprontar.

— Sandra, é melhor apressar-se. Não vai querer ficar para trás quando Marc for para as escavações hoje — admoestou com voz suave e desapontou-se por suas palavras não surtirem efeito. — Sandra, já passou tudo. Qual é o problema agora? Estamos quase em cima da hora.

— Lutei muito para ser aceita como arqueóloga e esperei este dia com tanta ansiedade, mas a maneira como a manhã começou me dá a sensação de que nada vai correr bem. Eu estava aqui há poucas horas quando torci o tornozelo e fiquei impossibilitada de trabalhar nas escavações durante semanas. Afinal, chega o grande dia e eu provoco o maior alvoroço no acampamento porque não sei cuidar de mim mesma.

— Sandra, seu comportamento foi normalíssimo diante das circunstâncias. Eu teria agido da mesma forma, mas com um grito bem mais alto. Os homens podem estar aborrecidos com o fato em si, porém não com sua reação. Além do mais, eles gostam de uma oportunidade para demonstrar como são viris e corajosos — brincou Sidra.

Cassandra não se sentiu muito convencida. Sua inexperiência não se limitava apenas à arqueologia e não compreendia por que Derek e Marc precisavam de auto-afirmação quanto à virilidade deles.

— Vamos, mexa-se! Sem dúvida, eles não estão bravos com você — garantiu Sidra. — Acho até que Marc gostou muito de vir aqui.

Cassandra fez uma careta, porém o riso alegre de Sidra a contagiou.

— Não sou o tipo dele — replicou enquanto voltava a se aprontar.

— Isso não posso dizer. Até hoje, não conheci nenhuma das namoradas de Marc, apesar de serem numerosas, segundo Derek me contou.

A informação de Sidra fez o aborrecimento de Cassandra voltar-se contra Marc. Estava determinada a provar ao presunçoso que uma mulher tinha outras funções e interesses além de cozinhar, limpar e apaziguar os apetites

sexuais de um homem. Tensa, ela acompanhou Sidra à tenda da cozinha, preparada para reagir contra comentários de mau gosto feitos durante o café da manhã.

Exibindo uma compostura longe de ser sentida, Cassandra sentou-se à mesa. Marc e Derek ainda não tinham chegado, porém Adam demonstrou-lhe simpatia pelo incidente desagradável. Solícito, Pemberton lamentou o episódio. Quando Derek e Marc apareceram, ela ficou à espera de referências constrangedoras ao fato ocorrido, entretanto eles só mencionaram o tamanho da serpente. Na verdade, a conversa durante a refeição correu amena, o assunto principal girando em torno das particularidades técnicas das escavações. Cassandra não deixou de prestar uma atenção ávida e seu interesse traduzia-se no brilho intenso dos olhos verdes. Finalmente, Marc levantou-se e disse-lhe:

— Está na hora de irmos, Blake. Vá pegar suas coisas e me encontre em frente da tenda de depósito em cinco minutos.

Sem que ninguém visse, Sidra apertou a mão de Cassandra num gesto de boa sorte e a caloura afastou-se depressa.

Entrou meio apreensiva na tenda, mas viu logo que alguém tinha removido os restos da visitante inoportuna. Apanhou o bloco de desenho, lápis, tintas e pincéis e colocou tudo numa sacola. Já ia sair quando viu sobre o travesseiro uma pequena pistola e uma caixa de balas. Era óbvio que se tratava de uma mensagem sobre a necessidade de aprender a se defender. Juntou as duas coisas aos objetos de desenho na sacola e ficou imaginando quem as teria trazido ali. Marc ou Derek?

Chegou ao lugar marcado junto com Marc e, sem dúvida alguma, estava digna de admiração. A excitação de, finalmente, ir conhecer a cidade fantástica coloria-lhe as faces e aumentava o brilho de seus olhos. Marc notou isso e ficou um tanto perturbado. Porém Cassandra notou apenas que a atitude reservada dele, ausente de manhãzinha, voltava a ser exibida.

Sem pronunciar uma palavra sequer, Marc partiu em direção às escavações, a um quilometro e meio de distância, com Cassandra tendo problemas em seguir-lhe os passos largos e rápidos. Umas duas vezes, ela encontrou dificuldade em atravessar as depressões do terreno arenoso que margeava o Nilo. Cassandra sabia que na época de Akhenaton haviam sido construídos canais para o transporte de especiarias, porém o conhecimento da origem desses acidentes geográficos não facilitava cruzá-los.

Determinada a não dar razão de queixa a Marc, ela esforçava-se para acompanhá-lo. De vez em quando, ele virava-se para ver se continuava sendo

seguido e sacudia a cabeça satisfeito ao vê-la a poucos passos atrás.

De repente, Marc parou. Cassandra alcançou-o e prendeu a respiração estupefata diante da planície do deserto limitada por um semicírculo de altos penhascos rochosos, cujas extremidades chegavam quase até o grande rio. Ali estava ela, a cidade do faraó rebelde, líder e, ao mesmo tempo, considerado um pária por sua sociedade.

Inconsciente da observação de Marc, Cassandra não escondeu sua reação. Permaneceu por um longo tempo hipnotizada pela paisagem, fruto da força de vontade de um homem que havia lutado contra a tradição a fim de transformar uma faixa do deserto numa cidade cheia de vida. Um leigo veria apenas ruínas de paredes e cômodos de areia. Todavia, aos olhos treinados de Cassandra, cada elevação falava de segredos enterrados muito antes de a primeira pedra ter sido coletada para as fundações de Tróia.

Encontravam-se no extremo norte da cidade e Marc identificou os edifícios já escavados: o Palácio Norte, o ateliê de Thutmose, onde a famosa efígie de Nefertiti tinha sido encontrada, o Palácio Oficial e o pátio do Templo de Aton. Ele explicou que as partes sul e central de Tell-el-Amarna já tinham sido completamente escavadas por vários países.

Derek alegava que qualquer informação sobre o local do túmulo de Nefertiti, o alvo definitivo dele, deveria ser achada ou na área dos artesãos de Amarna ou na dos artífices de túmulos. No ateliê de Thutmose não fora encontrada evidência de arte funerária. Marc intuía que, sob algumas das estrias de areia, escondiam-se oficinas de outros artistas. Talvez elas proporcionassem indícios valiosos ou até mesmo trabalhos de arte.

Marc tinha escolhido procurar as oficinas enquanto Derek supervisionaria o exame do cascalho e terra da área dos artífices funerários. Adam trabalhava na zona de residências de oficiais da corte na esperança de que a descoberta de alguma nova referência os ajudasse na busca.

— Aí vêm os escavadores — anunciou Marc enquanto um grupo grande de trabalhadores chegava de Et Til, um vilarejo às margens do Nilo e a três quilômetros e pouco ao norte dos limites de Amarna. — Quero que, agora de manhã, você observe como as coisas são feitas. Assim, à tarde, talvez já possa supervisionar uma parte do trabalho. Olhe, Pemberton deve aparecer hoje por aqui. Tome cuidado para não desobedecer a regulamento algum. Não tente inovações de métodos.

— Entendido, sr. Whittier. O nosso visitante é uma outra pessoa de quem o senhor não gosta, não é?

Marc fitou-a com frieza antes de responder:

— Digamos que não goste das razões da visita dele.

Cassandra não se intimidou e declarou:

— Não compreendo.

— Não importa — replicou Marc lacônico.

— É muito estranho um investigador visitar o local de escavações? — persistiu Cassandra, desejosa de descobrir por que a presença de Pemberton provocava tensão no acampamento.

— Não é natural um deles visitar um arqueólogo tão conhecido como o dr. Barstowe por um período longo — explicou ele com expressão preocupada. — Nenhum de nós gosta das implicações da visita dele, por isso quero que você seja muito cuidadosa no seu trabalho hoje.

Num tom bem profissional, Cassandra replicou:

— Minha intenção é exatamente essa, sr. Whittier. Não preciso do estímulo da presença do sr. Pemberton para executar meu trabalho da melhor maneira possível.

Marc riu ao vê-la comprimir os lábios vermelhos a fim de conter a raiva e enrubescer. Em seguida, ele dirigiu-se a uma pequena elevação de areia, próxima ao ateliê de Thutmose, examinada por ele na véspera. A escavação começou de maneira rápida e eficiente. A equipe dele era muito bem treinada e, sob a supervisão competente de Ahmet, o trabalho prosseguiu rapidamente.

Observadora atenta, Cassandra admirou a forma usada pelos escavadores para segurar cestas vazias sob o queixo enquanto as enchiam com movimentos rápidos de pá e as passavam à fila comprida de meninos. De mão em mão, a cesta seguia até o último e o seu conteúdo era despejado num lugar cuidadosamente escolhido para não desfigurar o local onde, por acaso, outro edifício estivesse enterrado. O trabalho continuou até o topo de três paredes surgir primeiro e, depois, sua altura completa. Aí, então, as escavações assumiram um ritmo lento e cuidadoso a fim de não danificar objetos que pudessem ser achados no nível do chão.

Durante esse tempo todo, Cassandra não fizera outra coisa senão observar a movimentação completa e, em especial, as técnicas de Marc para calcular a altura e comprimento das paredes. Tentava também memorizar as ordens dadas por ele em árabe na direção das atividades. Subitamente, ouviu-se o grito de um dos escavadores quando sua pá encontrou certa resistência, sinal de um achado. Cassandra apanhou a sacola largada na areia e acompanhou Marc ao local do aviso para ver o que ele faria. Mal conteve a agitação ao ouvi-lo dizer:

— Muito bem, Blake, vamos verificar seu trabalho.

Nervosa, ela apanhou um pincel grande da sacola e começou a tarefa meticulosa de remover a areia grudada no objeto. Sentia o olhar atenta de Marc e a transpiração brotar-lhe na testa.

De fato, Marc a observava com muita atenção e admirou-se logo de sua habilidade. Notou-lhe o tamanho diminuto das mãos, tão adequado ao desempenho da tarefa. A aptidão que demonstrava dava-lhe uma sensação de prazer que tentou reprimir. Deixou-a sozinha e foi supervisionar o andamento de outros trabalhos. Porém, de onde estivesse, continuava a volver o olhar em sua direção. Sentindo-se vigiada, Cassandra estava convencida de que Marc esperava testemunhar um erro seu. Enganava-se. Ele não via a arqueóloga trabalhando com tanta diligência e sim a moça assustada, de cabelos escuros soltos nos ombros e o alto dos seios deixado à vista pela borda da toalha em que ela se enrolara, de manhãzinha, na tenda.

Finalmente, o objeto apareceu livre da prisão arenosa. Tratava-se de uma armadura pectoral decorada com flor de lótus e o anel elíptico de Akhenaton. Cassandra, então, apanhou o material de desenho e fez um esboço da peça. Assim, se ela sofresse algum dano ao ser levantada do chão, a forma e desenhos originais estavam registrados para ajudar na restauração. Só então, ergueu-a e a colocou numa cesta vazia ao lado. Virou-se para trás à espera da aprovação de Marc e surpreendeu-se ao ver Pemberton observando-a.

Nesse instante, ouviu-se o apito de Ahmet anunciando a hora do almoço. Os egípcios largaram as ferramentas e acomodaram-se à sombra das paredes recém-descobertas para serem servidos por Deva, que acabava de chegar com a refeição. Esta constituía-se de carne enlatada, um prato de legumes, pão, laranjas, tâmaras e chá frio. Pemberton informou já ter almoçado e que voltaria ali depois de observar o resto das escavações.

Cassandra e Marc também sentaram-se encostados à parede. Convencida de que uma refeição leve era mais condizente ao calor do deserto, ela recusou a carne e o pão limitando-se a aceitar apenas os legumes.

— Se bem me lembro, Blake, você não gostava da comida egípcia — comentou Marc sorrindo e fazendo-a corar com a referência a Alexandria.

— Estou aprendendo a saboreá-la — replicou sem graça.

Fizeram a refeição em silêncio mas numa atitude de quase cordialidade. Marc não resistia à tentação de olhá-la de soslaio. Cassandra, entretanto, mantinha o rosto virado para a frente e fingia distrair-se com as crianças das cestas que comiam e brincavam ao mesmo tempo por ali. De repente, um grupo delas tropeçou numa menininha sentada e derrubou-lhe a comida no

chão. Triste, ela constatou que não poderia salvar nada, e fechou os olhos conformada à espera do reinício do trabalho. Cassandra, depois de perguntar a Marc se já havia terminado, preparou um prato com o que ambos não haviam consumido e levou-o à menina. Esta, acanhada, custou a aceitar e foi preciso Cassandra convencê-la através de afagos, já que não sabia falar árabe.

De longe, Pemberton viu as duas juntas, porém percebeu apenas que uma passava algo para a outra. Correu até lá para verificar o que a estagiária acabava de entregar à criança. Cassandra já ia explicar o ocorrido quando Marc aproximou-se e reclamou com o sarcasmo ausente da voz nesses últimos dias:

— Não é contra os regulamentos alimentar os egípcios, Pemberton.

— Calma, meu velho, estou só cumprindo minha obrigação — disse o investigador em voz calma. — Olhe, já está na hora de eu ter uma conversa com a srta. Blake para saber das primeiras impressões dela sobre isto aqui, se é que entende meus procedimentos, Whittier.

— Entendo perfeitamente — respondeu Marc com frieza. — Vá em frente e seja rápido. Blake tem muito trabalho esta tarde — declarou e afastou-se à procura de Ahmet.

— E então, srta. Blake, como está a nossa assistente de campo novata, hoje? — indagou Pemberton solícito.

Como sempre, o olhar inquiridor a embaraçou, mas Cassandra ergueu o queixo enfrentando-o.

— A bem da verdade, sr. Pemberton, bem confusa. Não entendo por que sua presença aqui é tão mal recebida.

— Muito simples, minha cara. A equipe se ressentida de minha investigação — explicou ele com rude franqueza.

— Então sua visita não é de rotina?

— Aparentemente sim, mas todos sabem que a razão principal de minha vinda é a questão do contrabando. Tenho certeza, srta. Blake, que não desconhece as exigências da concessão. Todos os objetos achados devem ser cuidadosamente catalogados e enviados ao Museu do Cairo no final do período de escavações. O diretor de lá tem prioridade para selecionar as peças para o acervo do museu. O diretor do acampamento, neste caso o dr. Barstowe, retém apenas as que o museu lhe permite.

— Sei disso muito bem — redarguiu Cassandra impaciente —, só não entendo qual a relação com o contrabando.

— Bem, o dr. Barstowe vem fazendo escavações nestes últimos períodos anuais durante os quais artefatos não catalogados de Amarna têm aparecido

fora do Egito. O Museu do Cairo não possui registro deles em nenhum relatório arquivado desde 1891, quando começaram as escavações aqui. Embora não exista evidência do envolvimento de algum membro da equipe, a possibilidade precisa ser examinada.

— Ouvi falar de problemas com o projeto, mas imaginei que fossem de natureza técnica. Naturalmente, um homem com a reputação do dr. Barstowe...

— Ah, minha cara srta. Blake, num caso como este, ninguém fica isento de suspeitas — afirmou Pemberton olhando na direção de Marc. — Mas eu queria falar com a senhorita porque não fazia parte da equipe inicial. Por acaso notou algo fora do comum no acampamento?

Cassandra fitou o inquiridor com um brilho de desafio nos olhos verdes.

— A bem da verdade, vi sim. Vi o senhor e um egípcio saírem da tenda de depósito hoje cedinho. O senhor deve saber que aquela área é proibida aos trabalhadores.

Uma expressão de surpresa tomou conta das feições de Pemberton, porém foi logo disfarçada.

— Vejo que meu trabalho secreto está mais óbvio do que eu imaginava. Garanto ter plena autoridade para isso e também para recomendar-lhe a não mencionar minha entrada na tenda de depósito a ninguém. Todavia, a senhorita deve me comunicar qualquer coisa irregular ocorrida no acampamento. Como represento o museu nesse assunto, conto com sua absoluta colaboração.

Cassandra sacudiu a cabeça e, aborrecida, lamentou as circunstâncias que permitiam porem em dúvida a integridade da expedição de Derek. Não teve oportunidade de dizer mais nada, pois o apito de Ahmet anunciou o reinício do trabalho.

Mal-humorado, Marc perguntou-lhe se a conversa com Pemberton tinha sido agradável. Sem saber como se expressar a fim de não revelar nada, Cassandra mencionou as explicações dadas pelo investigador sobre o trabalho dele.

— Não precisa ficar tão nervosa com essa história, Blake. Nós também temos o nosso estudo sobre o contrabando.

Nessa tarde, Marc encarregou-a de supervisionar as escavações da parede sul e mostrou-se satisfeito com o progresso de seu grupo. Encontraram apenas algumas ferramentas indicativas de ser o lugar a oficina de trabalhadores em metal. Tudo seria catalogado à noite e Cassandra teria a oportunidade de apresentar algo desenterrado por si própria. Quando

chegou a hora de voltarem ao acampamento, Marc a cumprimentou:

— Bom trabalho, Blake.

O estímulo do elogio a fez esquecer-se do cansaço.

O ambiente durante o jantar era descontraído e alegre, pois os escavadores descansariam no dia seguinte. Isso proporcionava à equipe tempo para dedicar-se ao lazer ou terminar algum trabalho começado.

Pemberton anunciou a ida dele a Mallawi, uma cidadezinha na margem oposta do Nilo, para telegrafar ao museu relatos do progresso das investigações. Derek estava resolvido a fazer uns relatórios pela manhã e relaxar à tarde. Sidra, um tanto corada, comentou a intenção de dedicar-se à leitura e Adam, o filólogo da equipe, mencionou a vontade de passar o dia transcrevendo hieróglifos. Num arroubo de coragem, perguntou se Cassandra não gostaria de acompanhá-lo. Antes que ela pudesse responder, Marc participou os planos dele e da srta. Blake de irem visitar os edifícios escavados anteriormente na Cidade Oficial e dar uma olhada no túmulo de Akhenaton. Cassandra, por não ter combinado nada com Marc Whittier, viu-se apanhada de surpresa. Contudo, como a perspectiva era agradável, não o contradisse.

Na reunião, mais tarde, ela foi alvo de congratulações gerais e até de um elogio por parte de Marc graças a suas primeiras descobertas. Derek também tivera sorte e havia encontrado uma peça interessante, uma adaga ornamental com cabo de esmalte elaborado e de grande beleza.

Feliz com a descoberta de Derek, Cassandra afirmou ser esta peça muito melhor do que o punhal achado numa expedição anterior. Parou abrupta no meio dos elogios ao dar-se conta da expressão curiosa no rosto dele. Horrorizada, percebeu estar se referindo a uma informação recebida numa carta de Derek. Numa tentativa de encobrir o erro, ela confessou ter lido todos os relatórios dele antes de se candidatar ao estágio. Todos aceitaram a desculpa e riram de seu entusiasmo; ele, porém, continuou a fitá-la, de vez em quando, de maneira um tanto estranha.

Na manhã seguinte, Cassandra vestiu-se com cuidado excepcional. Escolheu uma blusa verde-clara com delicados botões de madrepérola, os dois últimos deixados abertos. A saia, da mesma cor mas numa tonalidade mais escura, delineava-lhe a curva dos quadris e, por ser feita com o tecido enviesado, ondulava-se graciosa mais abaixo. O conjunto, de algodão fino, era prático e bem feminino; todavia, a silhueta de Cassandra dava a ele um encanto especial.

A caminho da tenda da cozinha, sua aparência provocou um sorriso enigmático em Sidra e Derek levantou as sobrancelhas imaginando quais seriam os planos verdadeiros de Aton e dessa nova estagiária.

Como Pemberton já estivesse a caminho de Mallawi, os cinco sentiram-se bem mais à vontade à mesa do café. Conversaram e riram animados durante a refeição feita sem a pressa habitual dos dias de trabalho. Quando terminaram e deixaram a tenda, Derek notou uma bruma cor de areia ao sul do penhasco. Apontando para lá, disse a Marc e Cassandra:

— Se eu fosse vocês, mudaria de planos. Pelo jeito, vamos ter tempestade de areia.

O ar de desapontamento de Cassandra fez Marc contestar.

— Ainda faltam alguns meses para a época do *kashim*, Derek. Deve ser uma tempestade fraca que vai se desfazer antes de chegar a esta distância ao norte. Não há com o que nos preocupar, vamos fazer nossa expedição.

Ele apanhou tudo de que precisariam e os dois puseram-se a caminho num passo bem mais lento do que o da véspera. Na primeira depressão do terreno, Marc passou a andar mais devagar ainda.

— Você encontrou o que eu deixei em seu travesseiro ontem de manhã?
— perguntou ele observando-lhe a expressão. — Não posso estar sempre à mão para protegê-la, Sandra. Você precisa aprender a se cuidar nesta terra.

Então tinha sido Marc, Cassandra constatou, e disse:

— Achei, sim, mas não sabia que o presente era seu. Muito obrigada pela atenção, sr. Whittier. O senhor não pára de me causar surpresas, haja vista este passeio.

— Como sua educação de campo é minha responsabilidade, achei que devia fazer o serviço completo — Marc confessou com um sorriso tímido e revelador de um aspecto da personalidade dele completamente novo para Cassandra. — Vamos indo, temos muito para ver hoje.

Na cidade antiga, subiram e desceram por entre as ruínas. De vez em quando, nos lugares de acesso mais difícil, Marc a amparava pela cintura. Ela demonstrava ser uma aluna ávida de conhecimentos enquanto o mentor explicava as funções de cada edifício. Depois de horas nessa atividade, rumaram para os lados do penhasco, passando no lugar onde Derek escavava atualmente, a caminho do vale escondido onde ficava o túmulo de Akhenaton.

Quando alcançaram a abertura na base do penhasco, passagem para o vale, o vento começava a soprar com força levantando e espalhando areia. Preocupada, Cassandra fitou Marc.

— Não seria melhor voltarmos? O vento está muito forte.

— Se a tempestade piorar, o túmulo será um abrigo seguro. As rochas e nichos oferecem proteção — garantiu Marc.

— Você sabe mais do que eu — concordou ela com um sorriso confiante, seguindo-o bem de perto. Mal podia conter a impaciência para ver, pela primeira vez, o túmulo real.

Enquanto Cassandra e Marc atravessavam o vale, Derek já tinha desistido de relaxar. Antes de começar os relatórios de manhã, fora informado por Adam que um representante do consulado britânico acabava de chegar ao acampamento para vê-lo.

— Dr. Barstowe — disse o rapaz ao mesmo tempo que estendia a mão — , sou Paul Thornton, funcionário do consulado de Sua Majestade.

— Em que posso lhe ser útil, sr. Thornton? — indagou Derek ao pensar, com pessimismo, se apareceriam outros problemas para atrapalhar seu projeto.

— Recuperamos o passaporte de um membro de sua equipe, a srta. Sandra Blake.

— Muita bondade sua em vir trazê-lo — agradeceu Derek, aliviado com a trivialidade do assunto.

— Infelizmente, existe um pequeno problema — informou Thornton e, em seguida, apanhou o passaporte na pasta para entregá-lo ao diretor do acampamento.

O arqueólogo franziu as sobrancelhas sobre o nariz quando apanhou o documento e depois arqueou-as em sinal de surpresa ao constatar o problema. O passaporte de Sandra Blake tinha sido emitido com o nome de sua irmã. Seria essa moça adorável e autoconfiante a criança pequena e vulnerável que ele vira, pela última vez, há dez anos na Inglaterra? Não importava o ângulo pelo qual encarasse a questão: a moça que invadira sua expedição não passava de uma impostora!

— O que vem a ser isto, sr. Thornton?

— Na verdade, não estou a par dos detalhes, senhor. A srta. Blake queixou-se ao consulado sobre o roubo de seus documentos em Alexandria — contou Thornton enquanto entregava os vistos de viagem e a carta de Sir Robert a Derek. — Ela escreveu a Sir Robert Cranford pedindo a emissão de novos documentos e, nesse ínterim, seu passaporte foi reencontrado. Quando a questão da verdadeira identidade da moça chegou a nosso conhecimento, o cônsul-geral me mandou até aqui para discutir o assunto com o senhor.

Depois de ler rapidamente a carta do tutor da irmã, Derek voltou a examinar a foto do passaporte e a compará-la com as lembranças da menina decidida e de olhar expressivo. Reconheceu a possibilidade de a estagiária ser realmente a irmã impetuosa. De natureza impulsiva, Cassandra era bem capaz de ter arquitetado a aventura e a história da grande viagem repentina não deixava de ser uma coincidência curiosa demais. O fato de a estagiária despertar-lhe uma simpatia peculiar e, ainda, demonstrar conhecimento detalhado das descobertas dele fortificava a probabilidade de tratar-se mesmo da irmã. Só não entendia como Sir Robert concordara em tomar parte num projeto tão leviano e arriscado. Pensou em escrever-lhe uma carta de censura, porém lembrou-se da opinião de Aton sobre a responsabilidade dele na formação da personalidade de Cassandra. E ele se mantivera ausente... Não lhe restava outra alternativa senão encarar a obrigação e tentar corrigir os erros da tolinha.

Percebeu que o representante do consulado esperava uma resposta, ou solução.

— Obrigado, sr. Thornton, por vir pessoalmente me informar sobre este assunto. Ao que tudo indica, trata-se mesmo de uma parenta minha, para ser mais preciso, de minha irmã, moça muito voluntariosa e decidida a quem não vejo há muitos anos. No momento, ela encontra-se em companhia de meu associado, Marc Whittier, visitando escavações anteriores às minhas. Imagino que, com a aproximação da tempestade, eles vão demorar a voltar. Prometo apurar os fatos tão logo ela retorne e o informarei de tudo. Enquanto isso não é possível, eu apreciaria sua descrição sobre o assunto.

Paul Thornton prometeu sigilo e foi à tenda da cozinha fazer uma refeição. Depois, visitaria o acampamento em companhia do dr. Adam Ward enquanto esperava pela volta da moça. Na verdade, não desejava ser usado como instrumento para causar-lhe problemas. A questão era mais de família do que governamental, refietiu aliviado. Seria um prazer revê-la e interessantíssimo conhecer o acampamento.

Deixado a sós, Derek tentou pensar em como enfrentar o caos provocado por Cassandra à já atribulada expedição. Se o dr. Barstowe até agora não se preocupara como Sandra e Marc enfrentariam a tempestade, Derek, o irmão, começava a se afligir com a ideia de como os dois se distrairiam até as forças da natureza abrandarem. No momento, não havia nada a fazer senão reforçar a segurança das tendas contra os ventos fortes e a areia.

Após escalarem cerca de quatro metros no penhasco, Cassandra e Marc

alcançaram a base do túmulo de Akhenaton, uma pequena plataforma natural. Havia uma abertura em cujo dintel, no frontispício superior, via-se o anel elíptico do faraó. Esta era a Montanha Oriental de Akhenaton e de onde ele esperara emergir todas as manhãs, através da eternidade, para tornar-se um só com Aton.

Marc acendeu a lanterna e conduziu Cassandra pela mão por degraus estreitos e corredores. Só a soltou quando chegaram à câmara mortuária principal.

Seguindo à risca o papel de mentor, explicou-lhe que o túmulo real tinha sido redescoberto no final do século anterior. O sarcófago foi retalhado, bem como a múmia, queimada antes a ponto de ficar irreconhecível. Esse gesto, provavelmente um ato de vingança praticado pelos tradicionalistas pouco depois da morte do faraó herege, visava impedi-lo de gozar a vida futura da qual não o consideravam merecedor. Como os restos mortais não podiam ser identificados, Marc enfatizou, a teoria era aceita apenas como mera conjectura. Mesmo assim, Cassandra podia sentir que o ódio pelo faraó perpetuara-se pelos séculos e a câmara pareceu-lhe mais fria do que era na realidade.

A seguir, Marc chamou-lhe a atenção aos murais em ruínas e explicou como eles diferiam de outros datados de épocas anteriores. Eles não se dividiam em regiões, ou seções, mostrando atividades isoladas. Tomavam paredes inteiras exibindo uma única cena em que pessoas interagiam e compartilhavam experiências comuns de vida. Cassandra observou os momentos de felicidade ali registrados: Aton distribuindo suas bênçãos a Akhenaton, Nefertiti e as seis filhas deles. Havia também a representação de momentos de tristeza como a do casal real lamentando a morte de uma das filhas que, Marc informou, havia sido sepultada numa câmara acima da do pai.

Em cada mural, os artistas da antiguidade tinham capturado gestos ou olhares amorosos do par real. O prazer de observá-los acabou dissipando dos pensamentos de Cassandra o efeito do ódio posterior às cenas retratadas. Aproximou-se bem para estudar detalhes intrincados das pinturas e percebeu a silhueta de Marc logo atrás de si. Quando ele estendeu o braço para identificar cada filha de Akhenaton e Nefertiti, sentiu-lhe a respiração no rosto. Depressa, afastou-se para o lado desejosa de acalmar a excitação que a assaltou. Marc, porém, seguiu-a e, tomando-lhe a mão, fez as pontas dos dedos percorrerem as inscrições esculpidas nas paredes da câmara. Além das que exaltavam o faraó e o seu deus, havia outras sobre o encanto e a beleza de sua consorte.

— Ela deve ter sido lindíssima — comentou Cassandra impressionada com a história de um amor que havia sobrevivido, por tantos séculos, a seus protagonistas.

— Sem dúvida — concordou Marc em voz baixa, consciente apenas da mulher a sua frente.

Se o desejo não fosse contido, logo lhe escaparia ao controle. Então ele quebrou o encanto do momento com uma ordem abrupta para voltarem ao acampamento.

Mais uma vez, Cassandra deixou-se guiar no percurso de corredores e degraus. Quando se aproximavam da entrada constataram que, de fato, a tempestade de areia chegara até ali impossibilitando-lhes o retorno. Sentaram-se lado a lado num canto da plataforma ouvindo o vento uivar e vendo as areias do deserto assaltarem os penhascos com violência.

— Deve passar dentro de uma hora ou duas — informou Marc antes de oferecer-lhe água para beber.

— Gostaria de agradecer, sr. Whittier, por tudo que me ensinou hoje.

— Desconfio, Blake, não ter sido o suficiente.

— Como assim? — perguntou Cassandra temerosa de haver exibido ignorância ou erros de julgamento durante a visita.

— Quando um arqueólogo é levado ao local de uma descoberta espetacular, ele — Marc fez uma pausa —, ou ela, deve oferecer *baksheesh*. Eu lhe mostrei maravilhas da antiguidade, no entanto, você não me deu nada em troca.

— E o que gostaria de receber? — indagou ela trêmula.

— Apenas — começou Marc, aproximando-se mais dela — o que quiser me dar.

Com essas palavras, segurou o rosto de Cassandra entre as mãos e beijou-a. Como não encontrasse resistência, abraçou-a sentindo o corpo frágil amoldar-se ao seu. Com delicadeza e ternura, acariciou-lhe as costas, deixando as mãos infiltrarem-se por baixo da blusa para tocar a pele macia.

Surpresa e prazer se mesclavam. Cassandra, levada pelos impulsos, começou a corresponder às carícias, primeiro mergulhando os dedos nos cabelos escuros e revoltos, depois abraçando-o com mais força para tê-lo bem junto de si e incentivando-o a tornar o beijo suave num ardente encontro de lábios e línguas.

A atração reprimida por muitas defesas agora ruía ante aquela explosão de vontades.

Marc abriu-lhe a blusa e expôs os seios firmes, que ele vislumbrara na

manhã anterior. Tocou-os de leve com a ponta dos dedos e, depois, roçou um dos mamilos com os lábios provocando um gemido de prazer. Voltou a estreitá-la entre os braços enquanto murmurava:

— Sandra, minha adorável Sandra!

As palavras apaixonadas provocaram uma reação inesperada.

— Não — protestou ao mesmo tempo que o afastava.

Como podia permitir a intimidade com um homem que nem sequer sabia quem ela era? E como revelar-lhe a verdade agora? Incapaz de começar um caso amoroso e ao mesmo tempo manter uma farsa, Cassandra pediu:

— Marc, não, por favor não!

Atônito, ele a fitou.

— E por que não? Você estava gostando, Sandra. Não pode negar isso.

— Eu sei, Marc, mas estamos indo depressa demais — queixou-se baixando o olhar. — Eu... eu não tenho experiência e... e ainda não me sinto preparada.

Diante dessa confissão, Marc atendeu-a. Endireitou-se mas manteve um braço sobre os ombros dela.

— É uma questão de tempo, sabe disso, Sandra.

— Concordo, Marc, mas deixe-me dizer quando vai ser o momento certo — pediu, temerosa de não ser mais aceita quando a verdade viesse à tona. — Lutei muito para conseguir esta oportunidade de provar meu valor como profissional e não posso pôr em risco minha posição aqui. Não posso ter outras preocupações.

— Há maneiras de se fazer isso — replicou ele não muito convencido com o argumento.

— Marc — murmurou, acariciando-lhe o rosto —, é muito cedo para mim.

— Vou ficar esperando.

Protegidos pela fortaleza de Akhenaton, continuaram abraçados na expectativa de a tempestade de areia amainar.

CAPÍTULO VI

Para Cassandra, o retorno ao acampamento não levou mais do que poucos minutos. Lamentava a situação delicada em que se encontrava e não sabia como agir. O envolvimento com Marc era um imprevisto que abalava todos seus planos. Durante a caminhada, não conseguira deixar de olhá-lo, admirando o rosto que voltara a exibir uma expressão séria. Um dia, quando lhe revelasse a troca de identidade e a razão desse seu gesto, talvez pudessem levar adiante um relacionamento. Por enquanto, teriam de esperar, embora não fosse tarefa fácil manter longe um homem que, reconhecia agora, mexia profundamente com seus sentimentos.

— Marc — ela parou obrigando-o a virar-se para ela —, eu nunca te agradeci por não ter contado nada sobre o nosso encontro em Alexandria ao dr. Barstowe. Você merece outro *baksheesh*.

Sem se dar conta de que já se encontravam nas imediações do acampamento, enlaçou-o pelo pescoço e beijou-o. Marc aconchegou-se nos braços e aceitou-lhe o carinho. Esquecidos do resto do mundo, não perceberam a aproximação de Derek e Ahmet, vindos da tenda de depósito.

— O quê?! — explodiu Derek apressando o passo. — Então o acampamento encontra-se num caos e vocês estão apenas preocupados com essa exibição amorosa? Imagine se vão se preocupar com o roubo de peças preciosas e sua substituição por imitações grosseiras, ou com o resultado desastroso da tempestade de areia no trabalho de escavação das últimas semanas! Trocar beijinhos é bem mais agradável, não?

Às primeiras palavras, Cassandra e Marc separaram-se abruptamente.

— Olhe, Derek — começou Marc, mas habituado a não dar satisfação de seus atos, não soube continuar.

Rubra de constrangimento, Cassandra protestou:

— Hoje é o nosso dia de folga e só quisemos conhecer...

— Vi muito bem o que estavam conhecendo, srta. Bla-ke, mas sobre isso conversaremos mais tarde. Com certeza, vai querer tomar um banho e trocar de roupa. Vá fazer isso e esteja em minha tenda daqui a uma hora para falarmos a respeito de seu comportamento.

O tom de Derek não admitia réplicas, por isso Cassandra mordeu o lábio e afastou-se intrigada pelo mau humor do irmão. Ainda ouviu-lhe a voz

áspera dirigida a Marc quando já se encontrava perto de sua tenda, mas não conseguiu entender o que dizia.

Furioso com a cena provocada pela irmã e o melhor amigo, Derek deu vazão à raiva.

— Marc, seus interesses amorosos, quando não estiver em período de escavação, não são de minha conta, mas aqui o projeto vem em primeiro lugar. Fui claro?

— Pela sua reação, Derek, parece que cometi um crime. Pensei que nossa amizade incluísse confiança mútua e não permitisse este tipo de repreensão ridícula. Se quiser falar comigo de maneira racional, sabe onde me encontrar. Sandra e eu não merecemos esse tratamento e, pelo menos eu, não vou ouvir seu sermão — declarou Marc ao virar as costas e ir em direção à própria tenda.

Derek seguiu-o e Ahmet, que embaraçado assistira a tudo, tomou a direção oposta, embora ainda não tivesse sido dispensado pelo diretor do acampamento.

— Vá pára o inferno, Derek! Durante não sei quantos dias você vem me amolando para ser mais gentil com a moça, dar-lhe oportunidade de trabalhar nas escavações, fazer parte da equipe e sentir a magia de Amarna. Muito bem. Eu a levo para conhecer o túmulo de Akhenaton e você reage com um ciúme de fazer inveja a uma leoa zelosa dos filhotes. Que bicho te mordeu? Não profanamos o sarcófago do faraó com atitudes libidinosas, se essa é a sua preocupação. Aliás, não tivemos maior intimidade, por isso, caso você a queira, ela é toda sua. Blake não vale o fim de nossa amizade, garanto.

Quando Marc terminou de externar a indignação, Derek já havia preparado duas doses grandes de bebida forte para ambos e sentado na cama do amigo. Com um meio sorriso e um gesto conciliatório, estendeu-lhe um dos copos.

— Não acredito que profanar sarcófagos seja do seu estilo, Aton. Desculpe. A nossa amizade — brindou Derek. — Talvez uma explicação do que andou acontecendo por aqui hoje faça você compreender meu estado de espírito.

O desabafo restituíra o bom humor a Marc. Sentou-se numa cadeira e ergueu o copo a Derek.

— Tudo bem. Tenho a impressão de que você vai me contar algo interessante.

Não tanto quanto a história verdadeira de Sandra, refletiu Derek. Todavia, isso não podia revelar agora. Depois da sua demonstração de zanga,

Marc pensaria que não o considerava à altura da irmã. Ficou um momento em silêncio, tentando esquecer por hora a raiva e a preocupação por Cassandra e concentrar-se apenas nos eventos danosos ao projeto ocorridos nesse dia.

— Vamos, Derek, crie coragem e conte tudo logo de uma vez. Prometo manter a calma mesmo que sua explicação não seja muito boa. Posso até ajudá-lo a melhorar a história antes de ir pedir desculpas a Sandra.

— Ficou louco? Jamais vou fazer isso! Quero mais é...

— Está bem, companheiro — interrompeu Marc. — Lamento se coloquei o dedo na ferida. Já não está mais aqui quem falou. Esqueça que eu mencionei a moça.

— Muito bem. Você sabe que no primeiro dia de folga do mês eu trabalho no meu relatório para o Museu Britânico. É uma tarefa que exige uma certa atenção, pois Cranford e os diretores, em Londres, querem documentos periódicos com avaliações sobre o significado de cada peça. Eles não se contentam com cópias das informações semanais mandadas a Marquist no Cairo. Gosto de fazer o rascunho do documento num dia calmo, quando não há ninguém por perto para interromper.

— Exceto Sidra, claro — provocou Marc.

— Por favor, Aton, agora não. Isto aqui é negócio sério — avisou Derek.

— Ela apenas me ajuda.

— Não precisa se irritar, acredito em você. Aliás, conheço bem o seu procedimento, por isso pode pular os preâmbulos todos e ir direto ao assunto — disse Marc antes de levantar-se e encher novamente os copos.

Desejava evitar outra explosão e percebia que havia um motivo muito sério preocupando o amigo.

— Você se lembra daquela peça, 506-28, que despertou um grande entusiasmo em Sandra?

— O amuleto com centauras, papoulas etc, que Blake sugeriu ter sido usado por Nefertiti? É claro, nós o catalogamos na semana passada.

— Bem, eu queria incluir uma descrição pormenorizada e uma foto da peça em meu relatório para Londres, já que as de Adam ficam com Marquist. Você não vai acreditar, mas o amuleto que encontrei esta tarde não é o mesmo catalogado por nós. Ele não bate com o esboço feito por Sandra e mais a ficha de identificação completada por Adam desapareceu do arquivo.

— Tem certeza de ter examinado a peça certa? Quem sabe não se enganou? — sugeriu Marc confuso.

— De jeito nenhum. Essa foi a primeira coisa de que me certifiquei. O

amuleto tem o número de registro correto e bate com o do esboço, porém não é a mesma peça que examinamos. A imitação é grosseira.

— Quem recebeu *baksheesh* por ela? Não foi Mohammed Abu?

— Certo. Se eu não tivesse visto a original, juraria que Cass, quer dizer, Sandra, tinha feito um esboço falso.

— E quanto às fotos tiradas por Adam de cada descoberta? Você pode comparar o amuleto com elas.

— Infelizmente, Adam estavam revelando o filme durante a tempestade da areia e estragou tudo — desabafou Derek. — Resolvi examinar outros achados importantes das últimas semanas e descobri mais dois cuja aparência não bate com os originais registrados nem com os esboços. Mandeí Adam investigar o resto e ele não encontrou mais nada errado. Ainda bem.

— Estou pensando por que os esboços não foram alterados — comentou Marc, pensativo.

— Com toda a certeza, porque Sandra os levou para a tenda dela. Ela os está colorindo, caso o museu queira fazer uma exposição em Londres. O problema é que cada peça em questão foi encontrada por Mohammed Abu ou Bosrah, por isso eu os despedi. Eles não gostaram, mas Ahmet deu por falta deles ontem à noite no acampamento dos trabalhadores e Sidra os viu perto da tenda de depósitos quando dava uma volta.

— Na verdade, ia de sua tenda para a dela, imagino — corrigiu Marc num resmungo baixo demais para ser ouvido. — O que eles disseram ao serem interrogados? — perguntou em voz alta.

— O que era de esperar. Negaram. Juraram não conhecer nosso sistema de registro e não terem visto as peças depois de as entregarem a você para a avaliação do *baksheesh*. Garantem que não são responsáveis, porém ninguém mais poderia passar as informações para as réplicas serem preparadas.

— Derek, Mohammed Abu já está conosco há dois períodos consecutivos. Você não imagina que, de repente, ele resolveu ficar rico pela via mais fácil. Ele sente orgulho de ser gufti e...

Derek não deixou Marc terminar.

— Ótimo! — disse com raiva e sarcasmo. — Era só do que eu precisava, uma pessoa a mais para pôr em dúvida o meu julgamento. Primeiro foi Sidra, depois Ahmet e alguns gufti mais antigos. E, antes de tudo isto começar, um idiota do consulado britânico apareceu por aqui, logo de manhã, para estragar meu dia. Acho que levantei com o pé esquerdo. Ele não foi embora, passou o dia zanzando por aí à espera de que você e Sandra voltassem.

— O que ele quer comigo? Você não mencionou nada sobre o consulado

antes.

— Não é nada com você. É uma bobagem qualquer sobre os documentos de Sandra e a maneira com que estamos impedindo impostores de entrarem no acampamento e roubarem antiguidades. Veja bem em que situação eu me encontro. *Tive* de mandar Mohammed e Bosrah embora a fim de mostrar aos outros a minha intransigência com trabalhadores que se aproximam da tenda de depósito e roubam peças de *baksheesh* alto. Naturalmente, levando em conta o que pagamos, todos sabem o que é importante para nós.

— Derek, você não pode ter certeza se esses dois estão mesmo envolvidos em contrabando ou imitação de peças.

— Vá para o inferno, Marc! Quem mais poderia ser? Você não, lógico! Adam trabalha nestas escavações antes de aparecermos por aqui e não tem um pinga de ambição financeira para envolver-se em contrabando. O museu mandou Pemberton como investigador autorizado, portanto ele é digno de confiança, pelo menos aparentemente, e Sandra.

— E Sandra? Os esboços que diz estar colorindo pode muito bem alterá-los para bater com as substituições — teorizou Marc no papel de advogado do diabo, porém sem imaginar que Derek o levasse a sério.

— Ela também foi enviada pelo museu, mas pode ter certeza de que eu tenho um bom número de perguntas importantes para fazer à moça.

O tom de Derek não deixava dúvida quanto à severidade da conversa com a estagiária. Ficou um instante em silêncio e depois prosseguiu, mais calmo:

— Quero que me faça um favor, Aton, mesmo não concordando comigo. Ajude Ahmet a pôr os homens para trabalhar amanhã cedo. Ele está com medo do ressentimento deles em relação à demissão dos companheiros e eu não preciso de tumultos para complicar mais a situação.

— Pode contar comigo, Derek, mas continuo achando que você agiu com precipitação. Se tivesse esperado um pouco para mandar os homens embora, talvez nós conseguíssemos provas.

— Ora, você não se encontrava aqui quando precisei de conselhos e agora é um pouco tarde para dar algum. Não quero saber de ninguém pondo em dúvida minhas ordens — Derek declarou ríspido e saiu da tenda.

Marc continuou sentado pensando na ideia de percorrer o acampamento à noite a fim de verificar a reação dos trabalhadores. Se estivessem contrariados, poderiam surgir problemas. Além do mais, ele deveria ficar bem visível por ali. A julgar pelo mau humor de Derek, talvez Sandra viesse a precisar de conforto mais tarde e, nesse caso, ele gostaria de estar a seu lado.

Ansiosa para resolver o mistério do comportamento estranho de Derek, Cassandra ficou contente quando entrou na tenda e encontrou Sidra.

— O que aconteceu a Derek, Sidra? — perguntou enquanto se despia.

— Por quê? — indagou a companheira levantando o olhar de uma caixa colorida aberta. — Alguma razão para pensar na existência de problemas? — acrescentou desconfiada.

— Ele acabou de dar uns gritos comigo e Marc. Demoramos para voltar da visita ao túmulo de Akhenaton por causa da tempestade de areia, mas a raiva de Derek foi mais forte que um furacão — contou Cassandra ao começar a passar a esponja molhada pelo corpo. — Derek ficou louco quando nos viu. A bem da verdade, ele nos apanhou numa pequena demonstração de afeto, porém, que eu saiba, isso não é razão para se crucificar pessoas.

— Concordo, caso contrário o próprio Derek já estaria morto há muito tempo. Não creio que você e Marc sejam responsáveis pelo mau humor dele e fico muito contente por vocês dois estarem se dando melhor. O mau humor de Derek tem a ver com o contrabando de peças.

Com cuidado, Sidra tirou um embrulho de papel de seda de dentro da caixa e abriu-o. Tratava-se de uma estatueta de um homem vestido numa toga elaborada e montado num camelo.

— Como faltam apenas três semanas para o Natal, pensei em começar a montar o presépio que Derek e eu compramos em Belém no verão passado. Quero distraí-lo um pouco. O que acha?

— Nada, com franqueza — replicou Cassandra acabando de se enxugar e pronta para vestir-se. — Só consigo pensar naquela voz de trovão dando ordens para eu encontrá-lo no prazo de uma hora. É como se eu estivesse sendo condenada à morte por um crime hediondo. Isso me faz lembrar a chefe de meu dormitório, na escola, excitada com a perspectiva de nos castigar com a palmatória.

— Eu o conheço bem quando fica assim, mas não se preocupe. É o desaparecimento daquele amuleto que você catalogou outro dia que o está tirando do sério.

— Impossível! Eu mesma o guardei na prateleira depois de terminarmos o registro!

— Derek e eu estávamos trabalhando no relatório para o museu e ele resolveu examinar o amuleto outra vez antes de descrevê-lo. Quando foi ver a peça, descobriu que ela não era a mesma catalogada por você. Depois achou mais duas substituições por imitações e mandou Adam verificar o resto. Por

sorte não apareceram outras irregularidades. Adam garante não saber de nada; aliás, ele nunca sabe. Ficou bem ofendido por Derek questioná-lo oficialmente.

Depois de retirar o terceiro Rei Mago da caixa, Sidra olhou à volta à procura de um lugar para colocar o trio.

— Eles podem ficar aqui e, cada noite, chegarão mais perto do estábulo que vou montar na tenda de Derek. Essa é uma tradição da família dele, iniciada pela madrastra. Derek gostava muito dela, deu-lhe mais amor do que a própria mãe. Talvez hoje ele não esteja com disposição de rememorar a família, por isso só vou arrumar a manjedoura amanhã.

— Ótimo, Sidra, é uma tradição muito bonita, porém o que devo fazer quanto ao mau humor de Derek?

— Aprendi a dizer o que penso sem me preocupar com acessos de fúria e opiniões de qualquer homem. Derek está aborrecido agora, e com razão. O contrabando é um problema sério. Contudo, Pemberton encontra-se aqui e foi enviado pelo museu para ajudar na solução do caso. O nervosismo de Derek não vai ajudá-lo em nada.

— Não sei, não. Não confio muito em Pemberton, ele é muito afetado para o meu gosto. Gasta um tempo enorme conversando com os trabalhadores e as crianças das cestas perto da tenda do depósito. E isso nas horas mais estranhas, ou cedinho de manhã ou tarde da noite. Não sei se devo contar isso a Derek — murmurou Cassandra.

— Dizer o que a Derek? — trovejou uma voz à entrada da tenda. — Pensei ter deixado claro que queria vê-la em minha tenda, srta. Blake, e não esperava ter de vir buscá-la.

— Estávamos apenas conversando um pouco, Derek — aparteou Sidra.

— Não falei com você, Sidra. Ficaria muito grato se não se metesse no que não é de sua conta — reclamou ele. — Srta. Blake, venha imediatamente até minha tenda.

Enquanto ele abria a cortina para Cassandra sair, Sidra fitou-a cheia de simpatia e encolheu os ombros. Não ia ser fácil acalmar Derek e Sandra teria de esperar até que a fúria passasse para então convencê-lo a deixá-la continuar o estágio. Porém, conseguiria o intento. Piscou-lhe e apontou para os Reis Magos ao sussurrar:

— Paz!

A passos largos e segurando Cassandra pelo braço, Derek percorreu o espaço entre as duas tendas em questão de segundos. Ela começava a sentir

medo desse homem feroz que, embora seu irmão, transformara-se num estranho.

No interior da tenda, ele a fez sentar-se numa cadeira, acendeu um lampião e postou-se ao lado da escrivainha. Irritado demais para começar a falar logo, manteve-se calado, cabisbaixo, sem ver a expressão de medo no rosto de Cassandra. Depois, pôs-se a andar de um lado para outro.

Receosa de dar um passo em falso e lembrando-se da preocupação de Sir Robbie de enviá-la para junto do meio irmão, há tanto tempo ausente, Cassandra manteve-se quieta na cadeira à espera das palavras de Derek. Quando finalmente ele falou a suas costas, assustou-se e estremeceu.

— E então, senhorita, quais são seus planos? Está orgulhosa do que vem fazendo?

Impossibilitada de ver-lhe o rosto, Cassandra avaliou a intensidade da raiva pelo volume da voz. Nervosa, tentou responder.

— Não sei a que está se referindo, dr. Barstowe. O sr. Whittier e eu fomos visitar o túmulo de Akhenaton e...

Antes de poder terminar, Derek encontrava-se à frente de sua cadeira, agarrava-lhe os braços e a fazia levantar -se. Ao mesmo tempo, ele sacudia a cabeça e não desviava os olhos dos seus.

— Não é disso que estou falando e você sabe muito bem — rugiu ele com o rosto a centímetros do seu.

Derek procurava provas em suas feições, porém o nervosismo de Cassandra não a deixou perceber o exame minucioso.

— O senhor não pode pensar que sou responsável pelo contrabando — disse incerta quanto ao que ele queria ouvir, porém afastando-o com suas palavras.

— E por que não? Aposto como você tem bastante prática em fazer trapanças, Sandra Blake. Você é bem capaz de executar qualquer plano arquitetado por essa sua cabeça teimosa, seja ele legal, ou não. Correto, *Sandra Blake*! Ou seria melhor chamá-la pelo seu verdadeiro nome?

Diante do silêncio e surpresa de Cassandra, ele continuou:

— Não é Cassandra Barstowe quem tenho a minha frente? Em uma grande viagem, segundo a informação de Sir Robert, no qual eu acreditei. Entretanto, a minha querida irmã encontra-se aqui me fazendo de bobo e tumultuando meu acampamento.

Raivoso, virou-se de costas dividido entre a vontade de estrangulá-la e de estreitar nos braços a única parente que lhe restava.

— Derek, lamento muitíssimo tê-lo deixado bravo. Acredite, nunca

passou pela minha cabeça magoar ou irritar você com a minha vinda para cá. Eu queria tanto ser arqueóloga e nenhuma expedição aceitava moças solteiras. Nas cartas, você não se cansava de falar das descobertas magníficas, da beleza, da magia do deserto. No entanto, sempre que eu lhe escrevia sobre meu futuro, você respondia referindo-se apenas a minha apresentação à sociedade e à necessidade de eu me transformar numa senhora de respeito e classe.

Cassandra aproximou-se e pôs os braços sobre os ombros de Derek forçando-a a fitá-la.

— Derek, você é a pessoa mais importante para mim neste mundo. Eu seria incapaz de magoá-lo. Preciso de você, eu adoro você! Se acha que a minha permanência aqui vai lhe causar transtornos, então eu volto para a Inglaterra.

Cassandra fez a promessa com um grande peso no coração, porém a importância do trabalho do irmão sobrepujava os próprios desejos. Abraçou-se a ele e deixou as lágrimas correrem pelas faces. Emocionado, Derek a acolheu, mas depois afastou-a um pouco para poder admirá-la. O olhar dele perdera o rancor e exprimia ternura.

— Cassie, por que não confiou em mim? Podia ter me contado tudo isso em suas cartas. Você sabe que eu te quero bem e sempre desejei o melhor para você. Em Londres, você contava com o apoio e cuidados de Sir Robert.

— Ora, Derek, você jamais permitiria minha vinda para cá, confesse. Quando cheguei, foi difícil não correr para abraçá-lo. Mas eu tinha de conseguir a posição de arqueóloga por meus méritos e não com a complacência do irmão mais velho e respeitado.

— E quanto à aventura em Alexandria? — indagou Derek fazendo seu coração disparar. — Fiquei sabendo que roubaram seu dinheiro e documentos e você teve de recorrer à intervenção do consulado.

Felizmente, pensou Cassandra, ele não sabia do resto.

— Ah, vamos esquecer esse incidente, Derek. Afinal, estou aqui em segurança e sendo útil à expedição. Pelo menos, você e Marc afirmaram isso. Não vai me mandar de volta para Londres antes do fim da expedição, vai? Posso ajudar bastante no trabalho e, quem sabe, até a encontrar os contrabandistas. Você sabe disso.

— Só sei que gostaria de deitar você nos meus joelhos e dar-lhe umas boas palmadas. Pelo jeito, Sir Robert não fez isso o bastante.

— Não mesmo — concordou Cassandra. — Meu padrinho sempre me deixou fazer tudo.

— Isso é óbvio, Cass. Ele até colaborou para este seu plano maluco.

— Mas agora estou aqui, Derek, e isso você não pode mudar. Afinal, como descobriu a verdade?

— O consulado britânico em Alexandria achou seu passaporte. Como o nome não batia, eles mandaram um funcionário até aqui para fazer averiguações. O nome dele é Thornton.

— Paul está aqui? Que ótimo! — A perspectiva de rever o amigo a entusiasmou.

— Outra conquista romântica, minha querida? Pelo que observei hoje, você logo terá uma coleção.

— Sobre esse assunto, você não tem a mínima autoridade. Considerando o tempo que Sidra fica aqui com você, é muito estranho que nunca a mencionou nas cartas dos últimos dois anos.

— Acho que vou ter mesmo de lhe dar umas palmadas, Cass. Está muito atrevida, sabia? — ameaçou Derek em tom de brincadeira, começando a persegui-la pela tenda.

A sombra deles dançou nas paredes de lona até os dois caírem rindo na cama e no exato momento em que Sidra chegava perto da tenda.

— Ai, Derek, é uma maravilha rir com você, abraça-lo e dizer o quanto te amo. Senti tanta falta disso. Você nem pode imaginar minha alegria. Eu só não queria que ninguém soubesse...

— E a minha alegria, querida? Faz tanto tempo que nos vimos pela última vez! Agora, seja uma boa menina, me dê um beijo de boa noite e vá dormir. Também não quero que ninguém suspeite de nada.

Sidra ouviu claramente o diálogo entre os dois. Furiosa, voltou para sua tenda. Dessa noite em diante, dormiria ali. Se Derek encontrara uma nova namorada, paciência, mas teria de arcar com as consequências.

— Então você não está mais bravo comigo? — perguntou Cassandra já do lado de fora. — Você é um amor.

Para dar mais ênfase às palavras, enlaçou-o pelo pescoço e o beijou no rosto.

Marc viu o vulto dos dois, porém não discerniu detalhes preciosos. Tinha vistoriado o acampamento dos trabalhadores e vinha não só para dar o relatório a Derek como também para consolar Sandra, caso estivesse deprimida. Jamais pensara em testemunhar a despedida amorosa entre ela e o seu melhor amigo. Agora entendia por que Derek ficara furioso ao flagrá-los trocando um beijo.

— Boa noite, Sandra. Amanhã conversaremos, mas estou muito contente

com a sua permanência aqui.

Enquanto acompanhava, com os olhos, os passos da irmã, Derek avistou Marc.

— Aton, conseguiu alguma coisa?

“Não tanto quanto você”, pensou Marc antes de responder.

— Umas tantas. A maioria dos homens acha que Mohammed foi injustiçado, mas, por outro lado, não confia em Bosrah. Dizem que o homem tinha sempre muito dinheiro e não gostava de oferecer cigarro e bebida. No consenso geral, Mohammed não está envolvido na questão de forma alguma. Mesmo assim, não acredito que teremos problemas amanhã. Os gufti são muito razoáveis.

— Não como eu, na sua opinião — riu Derek. — Confesso que estava com um mau humor terrível, mas já passou.

— Então acha que Blake está fora de suspeitas?

Marc fez a pergunta e, irritado, arrependeu-se. Havia dito a Derek que Sandra não lhe interessava, porém só por uma questão de amizade. Agora, o ciúme o corroía.

— Sandra? Ela está inocente — garantiu Derek. — Bobagem sua duvidar dela.

— De fato. Fiquei cansado com esta confusão toda. Bem, vou dormir. Boa noite.

Derek voltou ao interior da tenda imaginando o que teria aborrecido Marc. Distraiu-se ao dar-se conta da ausência de Sidra e justificou-a com a sensibilidade da namorada. Com certeza, ela não queria ter assistido a uma cena desagradável. Afinal, a moça ignorava a situação verdadeira de *Sandra*. E, por enquanto, seria melhor que não soubesse nem os outros. Cassie merecia a chance de provar sua capacidade e de ser aceita pelo grupo. Ninguém sairia prejudicado se o segredo fosse mantido por mais alguns dias.

Pela primeira vez em muito tempo, Derek dormiu sozinho. Contudo, sentia-se feliz e sorriu na escuridão. Era muito bom ter a companhia da irmã, reconheceu esquecido da questão do contrabando.

Em outra tenda, a raiva não permitia que Marc Whittier conciliasse o sono. Sandra Blake tinha passado depressa demais dos braços dele para os de Derek e isso não constituía uma atitude compatível com a pureza alegada por ela. Quanto mais tentava achar uma explicação para o fato, mais a irritação aumentava. Finalmente, levantou-se e foi selar Nomad. Uma cavalgada pelo deserto o faria relaxar.

Capaz de aceitar e compreender a rejeição de Sandra à tarde, a intimidade dela com Derek o enfurecia agora. Por que essa moça tinha de aparecer para macular uma amizade e transtornar sua vida?

CAPÍTULO VII

Na manhã seguinte, Derek acordou com um menino trazendo-lhe um bilhete de Marc. O amigo aconselhava a troca de ambos na supervisão dos trabalhos. Na verdade, Marc não queria ficar ao lado de Sandra, mas argumentava com o fato de os gufti, sob o comando de Derek, serem os mais ressentidos com a ocorrência da véspera. Depois de rabiscar o consentimento no próprio bilhete, Derek mandou-o de volta a Marc. Em seguida, aprontou-se depressa e saiu em direção à tenda da cozinha.

No trajeto, ele estranhou a falta de movimento habitual a essa hora do dia e mais surpreso ficou ao encontrar apenas Sandra e Thornton à mesa do café.

— Bom dia. Onde está o resto do pessoal?

— Não sei — respondeu Cassandra. — Marc apareceu e falou qualquer coisa sobre mudança de supervisão, mas eu não entendi direito. Sidra já não estava na tenda quando acordei de manhãzinha.

— Esta moça graciosa e amável foi minha única companhia no café da manhã — informou Paul Thornton. — O senhor está de parabéns, dr. Barstowe, o seu acampamento é muito bem organizado. A srta. Blake me explicou o uso do pseudônimo profissional a fim de evitar acusações de favoritismo por parte de outros membros do grupo. Aliás, profissionalismo é o que não lhe falta. Com muita competência e clareza, ela desvendou alguns dos mistérios da arqueologia para um leigo como eu.

— Fico contente, Thornton. Imagino que não haja mais problemas com a documentação de Cassandra.

— Não se preocupe, eu esclarecerei tudo ao consulado. Lamento não poder passar uns dias aqui para descobrir por que uma moça tão encantadora não se incomoda de trabalhar com este calor e poeira. As que conheço não se atrevem a passar uma hora sequer à tarde no deserto, quanto mais, meses.

— Paul pode voltar para nos visitar, não é, Derek? Sei que é proibida a entrada de pessoas estranhas nos locais de escavação, mas ele pertence ao governo.

Thornton riu.

— Não passo de um funcionário sem importância, do escalão mais baixo. Pelo seu jeito de falar, srta. Blake, até parece que pertenço à corte de St. James

em Londres. Mas eu gostaria muito de revê-la bem como a Amarna também, caso não veja inconveniência, dr. Barstowe.

— Não, de forma alguma, Thornton. Só não provoque ciúme aos meus outros arqueólogos. Essa moça aí é bem capaz de destruir corações.

— Derek! Você fala como se eu fosse uma namorada irresponsável — protestou Cassandra corando.

— Ninguém acreditaria nisso, senhorita. Talvez eu tire uns dias de férias na época do Natal e venha visitá-los, se o senhor tem certeza de que isso não contraria os regulamentos daqui.

— Será um prazer tê-lo conosco, Thornton. O Natal é mesmo o tempo certo para se cultivar amizades — declarou Derek, amável, e depois virou-se para Cassandra: — Vamos trabalhar, mocinha. Hoje sou seu supervisor, pois Marc vai tomar conta dos homens nas escavações do túmulo e Adam continua nas residências oficiais. Por causa da tempestade de areia, há muito serviço extra.

Cassandra despediu-se de Paul e escondeu o desapontamento por não trabalhar ao lado de Marc. Talvez fosse melhor assim. Agora, teria uma oportunidade maior de mostrar a competência ao irmão.

Nas semanas seguintes, Cassandra só teve mesmo chance de trabalhar com Derek. Marc a ignorava e fazia parceria com Ahmet nas escavações recorrendo a Sidra para registrar *baksheesh* ou para ajudá-lo a catalogar peças. As sessões após o jantar na tenda de depósito tinham perdido a animação. Ela e Derek incumbiam-se apenas do material encontrado por eles, enquanto Marc e Adam cuidavam das peças do grupo de cada um. Sidra andava esquiada e não aparecia na tenda de Derek, onde costumavam conversar no final da noite. Na verdade, ela quase não deixava a dela depois do escurecer.

Finalmente, uma noite, enquanto Derek preparava chá para ambos, hábito iniciado com a troca de lembranças do passado, Cassandra questionou-o sobre o estranho abatimento do pessoal. O irmão tirou os óculos e massageou os olhos cansados antes de responder.

— Às vezes isso acontece, Cassie. As pessoas, com a aproximação do Natal, tornam-se irritadiças, sensíveis e, em lugar de procurarem os amigos, retraem-se. É estranho. Infelizmente, acontece.

— Que coisa horrível, Derek! Sinto como se Sidra me odiasse. Quando vou para minha tenda à noite, vejo Marc e, às vezes, Pemberton andando por aí, com certeza me vigiando. Reencontrei você, porém estou perdendo os outros.

— Olhe, Cassandra, sem dúvida alguma Marc não anda espionando você. Faz parte dos hábitos dele fazer uma ronda no acampamento tarde da noite e também cavalgar. Todos nós temos trabalhado demais a fim de recompensar os estragos causados pela tempestade de areia. Ninguém teve mais um dia de folga, por isso estamos irritados e nem um pouco sociáveis ou com disposição para qualquer outra coisa — explicou Derek, pensando na ausência estranha e prolongada de Sidra. — Há ainda o fato da investigação de Pemberton. Isso aumenta a tensão de todo mundo.

Cassandra sorriu e aceitou os argumentos.

— Você tem razão. Eu queria tanto que este Natal fosse muito especial. Há quanto tempo nós dois não passamos essa data juntos?

— Nem sei, minha querida, por isso mesmo eu lhe prometo um dia muito feliz. Pemberton vai ao Cairo daqui a dois dias para levar as imitações das peças roubadas e passar o feriado lá. O ambiente ficará bem melhor sem ele. No dia 24, paramos as escavações ao meio-dia a fim de prepararmos tudo para a celebração da noite de Natal. Não vamos comer ganso recheado, maninha, porém você não ficará desapontada, garanto.

As palavras de Derek assumiram uma conotação profética alguns minutos mais tarde com a chegada de Sidra. Ela vinha decidida a ficar até depois da saída de Cassandra e, de modo ostensivo, não tomou parte na conversa. Diante do ambiente constrangedor e consciente do direito do irmão e da amiga de ficarem algum tempo a sós, Cassandra deu boa noite e retirou-se após uns instantes.

Ela já percebera antes a tensão entre os dois, porém não imaginava a gravidade do problema que sua falsa identidade acabara provocando. Se soubesse, ficaria aborrecidíssima, pois não desejava ser responsável pelo mal-entendido entre Sidra e Derek.

— Sidra, meu bem, senti tanta falta sua nesses últimos dias — murmurou Derek aproximando-se por trás e abraçando-a.

Os dedos procuravam os seios sob a blusa e os lábios roçavam a pele sensível do pescoço, carícia que frequentemente conseguia desarmá-la até mesmo quando algum aborrecimento a deixava arredia.

— Não sei onde andou se escondendo, minha querida, mas é tão bom tê-la aqui de volta.

Raivosa, Sidra empurrou-o e virou-se de frente para ele.

— Não se atreva a me tocar, seu rato do deserto! Todas as noites das duas últimas semanas você passou com outra mulher e agora tem a audácia de dizer que sentiu minha falta! Miserável!

No auge da fúria, Sidra apanhou a primeira coisa à mão, um cinzeiro pesado, e atirou-o. Derek conseguiu esquivar-se. Ela então viu o delicado bule de chá de porcelana e jogou-o também em direção à cabeça do amante, ao mesmo tempo que ele gritava:

— O que é isso, mulher? Ficou louca?

Embora Derek protegesse o rosto com os braços levantados, não conseguiu escapar da tampa do bule que lhe bateu na testa, cortando-o.

— De *onde* surgiu esse bule, *dr.* Barstowe? Para mim servia uma chaleira de cobre e as folhas de chá ficavam no fundo das xícaras. De repente, você ficou mais sofisticado e providenciou louça fina?

Derek tirou o lenço do bolso e levou-o à testa. Surpreendeu-se ao examiná-lo em seguida e ver o tecido branco manchado de sangue. Suspirou desanimado com o estado em que ficara a escrivaninha, cheia de cacos de louça e folhas molhadas de chá sobre os papéis de relatórios.

— Sidra, com toda a honestidade, não faço a mínima ideia de por que você está agindo dessa forma. Veja só a confusão que armou na minha mesa de trabalho! Não posso entender aonde quer chegar.

— Pois muito bem, caro Derek, para mim, chega! Chega, ouviu bem?

Um soluço abafado acompanhou suas palavras e ela correu à saída, porém Derek interceptou-lhe o caminho. Tomou-a nos braços e, quando viu suas lágrimas, ficou mais confuso ainda.

— Minha querida, não sei a causa desse seu aborrecimento todo. O bule de chá pertenceu a minha mãe e estava guardado numa das caixas do depósito. Desde...

— Isso mesmo, desde que a sua estagiária inglesa chegou, você encontrou alguém merecedor da honra de usá-lo e o desempacotou. Deixe-me ir embora!

Ele sentou-se numa cadeira com Sidra no colo e não permitiu que ela se levantasse.

— Escute bem, sua louquinha, você está se comportando da maneira mais absurda possível. Fique quieta um instante e me ouça. Cassie disse que você estava um tanto estranha com ela, mas eu jamais esperava...

— Cassie, é? Até já arranjou um apelido carinhoso e romântico? Você nunca foi de perder tempo, nem nas escavações nem aqui dentro da tenda.

Sidra bateu com o calcanhar na perna de Derek e escapou quando ele deu um pulo de dor. Novamente em pé, ela o enfrentou decidida a dizer tudo que pensava.

— Aposto como você pediu uma estagiária. Enjoou-se da enfermeira

apanhada em Creta? Não precisava, porque ela já se cansou de bancar a boba. Imagine, pensei que você me amasse de verdade. Que grande ingenuidade a minha! A primeira moça que aparece no acampamento, você sai correndo atrás dela.

A voz de Derek soou como o estrondo de um tiro de canhão aos ouvidos de Sidra, deixando-a estarrecida.

— Você passou dos limites, Sidra! Venha cá, sente-se e escute. Está redondamente enganada! Sente-se, já falei!

Estremecendo diante dessa explosão de fúria, ela obedeceu.

— Se quiser ir embora depois de eu acabar minhas explicações, a escolha é sua. Apesar de sua interpretação falsa do que acontece em minha tenda, eu te amo muitíssimo e ainda quero muito me casar com você. Sandra, a mulher fatal de sua imaginação desvairada, não é outra senão Cassandra, minha irmã mais nova que devia estar fazendo uma grande viagem. Eu não a reconheci e, quando descobri a verdade, não contei nada a ninguém porque ela me implorou para manter o segredo de sua identidade. Ela deseja ser arqueóloga através dos próprios méritos e não porque é minha irmã.

— Cassandra?! Então essas noites aqui em sua tenda, quando eu pensava... — Sidra começou a rir. — Derek, sinto muitíssimo, mas qualquer pessoa teria imaginado...

De repente, Derek viu a situação absurda pelo ângulo de Sidra e compreendeu sua atitude. Riu e declarou:

— Só espero não ter de explicar a minha irmã que você pensou que fôssemos namorados.

— Ah, Derek, lembre-se de que você e eu passamos muito tempo aqui e não foi trabalhando.

— Mas você não é minha irmã, Sidra, e meus sentimentos por você não são nada fraternos. Aliás, estou louco para mostrar-lhe isso.

Novamente, ele a tomou nos braços e, dessa vez, Sidra não tentou escapar.

— Então mostre, Derek. Já passamos muitas noites separados.

Foi um prazer atendê-la.

Ao entrar na tenda, Cassandra surpreendeu-se por Sidra não ter deixado o lampião aceso, cortesia que se tornara um hábito entre ambas.

— Ora essa! — exclamou irritada enquanto andava às apalpadelas até a mesinha. — Onde estarão os fósforos?

Ouviu um barulhinho atrás de si e estremeceu lembrando-se da visita

inoportuna da cobra. Todavia, desta vez, manteria a dignidade e não gritaria. Procurou os fósforos com as mãos, e, ao encontrá-los, riscou logo um. Aflita, olhou para o chão à volta do pés e por isso não viu a silhueta humana deixar a tenda antes de realizar seu intento.

Aceso o lampião, Cassandra examinou o lugar todo e respirou aliviada por não encontrar animal algum rastejando por ali. Começava a se despir quando notou a sacola com seus pertences de trabalho aberta sobre sua cama. Já havia arrumado para a manhã seguinte e achava estranho encontrar parte do material esparramado do lado de fora. Depressa, examinou o conteúdo, porém, como o bloco de desenho estivesse na tenda de Derek, não havia nada de muito valor para ser roubado, refletiu esquecida da pistola que Marc lhe dera.

Provavelmente, Sidra precisava de alguma coisa e depois de pegá-la tinha esquecido de guardar o resto. De manhã, verificaria essa possibilidade. Não iria perturbá-la agora, na tenda de Derek. Além disso, estava cansada e queria dormir.

Nas sombras do lado de fora, a pessoa aguardou um instante, na dúvida de se devia esperar até a moça adormecer a fim de continuar a busca. Contudo, a aproximação de Marc o fez fugir, às escondidas, para o próprio alojamento.

Na manhã seguinte, Cassandra ficou satisfeitiíssima ao saber que voltaria a trabalhar ao lado de Marc na área dos ateliês dos artífices. Porém, encontrava-se decidida a manter o relacionamento impessoal e distante imposto por ele desde o dia da tempestade de areia. Às vezes, quando seus lábios queimavam com a lembrança dos beijos ardentes, imaginava se aquele dia do passeio não fora um sonho seu. Ele não podia ter sido tão romântico e carinhoso como a memória a fazia crer.

Na manhã do dia 24 a equipe começou o trabalho determinado por Derek: reexaminar todas as casas escavadas anteriormente. Precisavam de dados para, durante os feriados, elaborarem estratégias. Como faltavam apenas três meses para a estação das tempestades de areia, Derek e Marc queriam concentrar-se só nos locais mais promissores. Nesse dia preparavam-se para tomar decisões importantes, talvez até abandonando algumas escavações com menor chance de sucesso.

A maioria dos *tourieh*, escavadores, ajudava no exame da área e as crianças das cestas, desocupadas, brincavam pelos arredores. Enquanto esperava alguma ordem de Marc, Cassandra as observava. De repente, Mari, a menininha a quem tinha servido almoço uns dias atrás, aproximou-se meio

acanhada.

— *Tal hamineen* — murmurou para Cassandra. — *Tal hamineen* — repetiu com ênfase.

Ciente apenas de que a menina queria que a seguisse, Cassandra procurou Marc com o olhar para avisá-lo, mas não o encontrou. Resolveu acompanhar Mari assim mesmo. Se houvesse algum problema sério, poderia mandar a menina chamá-lo. Ela mostrava-se mais excitada do que assustada.

Correndo pelas trilhas improvisadas entre as paredes em ruínas, Mari levou Cassandra ao que parecia ser uma ramificação dos muitos canais da cidade, talvez, neste caso, a provisão de água para algum artesão.

A menina ajoelhou-se na areia ao lado de uma depressão rasa. Agitada, começou a falar depressa ao mesmo tempo que apontava enfática para um lugar. A princípio, Cassandra não entendeu nada, porém quando Mari pôs-se a imitar movimentos feitos com um pincel, percebeu-lhe a intenção. Tirou depressa um da sacola e, com o máximo cuidado, começou a afastar a areia do ponto indicado por Mari.

Contagiada pelo entusiasmo demonstrado agora pela menina, trabalhou o mais depressa possível até parar abrupta e soltar um grito de euforia.

— Marc, Marc, venha depressa! É fabuloso!

Temerosa de não ser vista por ele, ficou em pé e acenou freneticamente para chamar-lhe a atenção. Embora viesse depressa, Marc perguntou sem o menor entusiasmo:

— O que encontrou, Blake? A menos que seja algo espetacular, não poderia esperar até depois dos feriados? Você tinha de escavar por conta própria, não é?

Pelo tom, Cassandra não podia julgar se ele falava sério ou apenas brincava. Contudo, tão logo ele se abaixou e examinou o material, não conteve a excitação.

— Sabe o que isto parece? Ora, aposto tratar-se de um molde para máscara funerária. Que diabos estaria fazendo aqui? — perguntou perplexo.

— Talvez o artesão o valorizasse muito e achou este lugar seguro para escondê-lo quando teve início a profanação da cidade de Akhenaton após a sua morte — teorizou Cassandra enquanto começava a remover a peça de bronze incrustada há tantos séculos naquele ninho de areia.

A forma convexa tinha uma coloração azul-esverdeada provocada pela oxidação. Apesar de o formato geral e de a protuberância do nariz e olhos estarem vagamente delineados, seria preciso um tratamento muito cuidadoso para revelar a beleza original do achado.

— Com delicadeza — murmurou Marc. — Esse bronze é preciosíssimo. Temos de ser extremamente cuidadosos com ele. Talvez seja nossa descoberta mais importante até agora, embora não possamos dizer com certeza a quem a máscara pertenceu. Ela é pequena, quem sabe de uma criança ou mocinha.

Enquanto os dois transferiam a carga delicada para uma bandeja de suporte da sacola de Cassandra, as mãos se tocaram. Ela tentou fitar-lhe os olhos, porém Marc estava muito absorvido no trabalho e Mari pulava à volta deles, batendo palmas e gritando:

— *Baksheesh, baksheesh!*

Marc riu vendo a criança os acompanhar até o acampamento sempre repetindo a mesma palavra.

— Você o merece, menininha, e muito. Vai recebê-lo logo depois do Natal, Mari.

Como falasse no dialeto da região, ele não teve problemas em se fazer compreender e com isso a criança afastou-se feliz e ainda gritando:

— *Baksheesh, Mari, baksheesh, Mari.*

Cassandra sorriu e teve vontade de imitá-la, mas substituindo o nome dela pelo seu, mas não sabia que tipo de reação seu comentário provocaria em Marc. Ele, por sua vez, acompanhou-a com o olhar enquanto ela se dirigia à tenda de Derek a fim de compartilhar com o chefe da expedição a descoberta preciosa.

Sandra não fizera um movimento sequer para incluí-lo em sua excitação, ele pensava aborrecido. Sempre que algo importante era encontrado, todos costumavam tomar parte nas manifestações de alegria.

Lembrava-se de ocasiões em que apertara a mão de Derek, abraçara Sidra e quase chegara a ponto de fazer o mesmo com Adam, tal o entusiasmo da equipe. Todavia, hoje, Sandra Blake não demonstrara a mínima vontade de incluí-lo em seu regozijo. Apenas rira com a menina e agora procurava Derek.

Marc sacudiu a cabeça furioso. Não se importava quanto à menina, porém a questão com Derek era diferente. Ele sempre valorizara muito a amizade entre ambos, entretanto, nestes últimos dias, quase não recebia atenção do amigo, que passara a dedicar as horas livres só a Sandra. Como Sidra aguentava esse comportamento do namorado fugia à compreensão dele. O fato de ambos estarem sofrendo rejeição não os unia, pois Sidra comportava-se como se não houvesse nada errado. Ele respeitava-lhe o orgulho e mantinha-se afastado. E a velha sensação de ser um mero intruso naquele lugar voltou a assaltá-lo.

Relutando, Marc entrou na tenda de Derek, certo de que não seria incluído nas comemorações do dia.

Encontrou o amigo examinando a peça com uma lente de aumento. Como cientista e acadêmico respeitado, o diretor do projeto abstinha-se de omitir opiniões sem provas indubitáveis de que o objeto incrustado tratava-se, de fato, de um molde funerário. Só então, ele compartilharia do entusiasmo de todos. Colocou a peça num banho de ácido e levou os assistentes à tenda da cozinha.

Cassandra, contudo, continuou animada e não desistiu de debater o valor da peça com Derek. Ao lado, Sidra ocupava-se em fazer chá e preparar sanduíches. Satisfeito em ter algo para comer, Adam ouvia a discussão em silêncio.

— Depois de o molde passar alguns dias imerso em sulfato de cobre, poderemos enchê-lo com areia e ver o rosto de quem surgirá dele. Mas — Derek prosseguiu enfático — o fato de você o ter achado fora das paredes do ateliê sugere a possibilidade de não ser o que está pensando.

— Pode ter sido escondido pelo próprio artista ou, quem sabe, as paredes originais da casa dele ficavam em outro lugar, Derek — argumentou Cassandra. — Você não sabe se não é um artefato de valor.

— Não sei mesmo. Mas até Adam e Marc poderem ler as inscrições e nós examinarmos o trabalho detalhadamente, temos de ser cautelosos. Não quero catalogar um objeto sem ter certeza absoluta do que ele é — declarou Derek.

— Ele tem razão — aparteou Marc. — Caso seja um achado muito valioso e nós não o cataloguemos logo, talvez consigamos atrair os contrabandistas e apanhá-los.

Antes de poderem continuar a conversa, um vozerio vindo de fora anunciou a chegada de visitantes. O grupo todo saiu para ver de quem se tratava.

— Ah, o meu Papai Noel vem vindo com os presentes — comentou Derek, e, vendo a incompreensão estampada no rosto de todos, explicou: — Como Thornton se convidou para passar o Natal conosco, dei-lhe uma lista de coisas para as minhas meninas e meninos bonzinhos. Portanto, quero que vão para suas tendas e só voltem quando a nossa festa estiver preparada.

O tom de Derek não admitia réplicas, por isso foi obedecido. Paul teve permissão de cumprimentar Cassandra antes de ser levado com a carga preciosa para dentro da tenda da cozinha.

— Estranho — Marc comentou com Adam —, Derek nunca deu muita importância ao Natal. Geralmente, tudo não passava de um jantarzinho mais

consistente precedido pela leitura da história de Belém na Bíblia e de um dia de folga.

— Seja qual for a razão da mudança, fico satisfeito. Um pouco de alegria não faz mal a ninguém — replicou o colega.

Quando voltaram mais tarde à tenda da cozinha, viram que os esforços de Derek tinham ido além dos habituais. Folhas de palmeiras e guirlandas de papel colorido pendiam do teto e a área de refeições encontrava-se iluminada por velas. Uma pequenina árvore artificial de Natal, rodeada por pacotes enfeitados, ocupava um lugar de destaque na mesa.

Enquanto todos apreciavam a transformação do ambiente, Derek, orgulhoso, postou-se ao lado de um caldeirão, usado como poncheira, pronto para servir a bebida. Cassandra, na ponta dos pés, beijou-o sem esconder a alegria.

— Muito obrigada, Derek. Você foi fantástico ao providenciar tudo isto. Eu te amo, quer dizer, a sua festa — corrigiu-se confusa e Paul Thornton tentou ajudá-la fazendo uma reclamação.

— E quanto a mim, senhorita, afinal saqueei o consulado britânico e transporte a mercadoria. Não mereço agradecimentos também?

— Naturalmente, Paul. Desculpe se não reconheci sua cooperação. Se eu lhe der dois beijos, você me perdoa?

Em resposta, Paul abraçou-a deixando-a um tanto constrangida, o que provocou o riso de Derek e Adam. Marc virou as costas e, num tom ríspido, indagou ao cozinheiro:

— Vai nos servir o jantar, ou a srta. Blake é o único prato do cardápio?

— Marc, não seja grosseiro sem necessidade — repreendeu Sidra. — Tudo não passa de um brincadeira sem importância. As pessoas gostam de se divertir um pouco.

— Vamos, vamos — advertiu Derek. — Esta noite é de “paz na terra e boa vontade entre os homens” e eu espero que o preceito bíblico seja observado, certo?

Em seguida, ele encetou uma conversa descontraída que, em poucos instantes, uniu o grupo. Quando o jantar foi servido, o verdadeiro espírito do Natal reinava desanuviado.

Ao mesmo tempo que Derek leu a história bíblica do nascimento de Jesus, Sidra completou o presépio dando um cunho místico ao encontro.

Cassandra sentia-se muito feliz. Ganhara do irmão a primeira edição dos escritos de Flinders Petrie sobre Tell-el-Amarna e Sidra lhe entregara, sorridente, uma blusa bordada por ela mesma. Paul a tinha surpreendido

com um lindíssimo colar de pedras esculpidas em forma de hieróglifos antigos entremeados de modernas flores de lótus. Quando ele o colocou em seu pescoço, prometeu traduzir o significado dos símbolos egípcios caso ela o acompanhasse num passeio a cavalo no dia seguinte. Sorrindo, Cassandra respondeu:

— Gosto de mistérios, Paul. E se eu não quiser saber o que o meu colar diz?

— Então, você poderá estar correndo o risco de dizer ao mundo que é a reencarnação da concubina de um faraó, ou, talvez, ter sido vendida como escrava para mim — brincou ele.

— Acho bom você aceitar o convite, Sandra. Meus arqueólogos não podem andar por aí espalhando informações indecorosas — aconselhou Derek.

Dessa forma, o dia seguinte passava a apresentar perspectivas agradáveis. Quanto a esta noite, o único senão resumia-se no contrangimento de Marc ao receber seu presente, refletiu Cassandra. Ele não dera nada a ninguém e talvez por isso se sentisse aborrecido por ser presenteado.

Na verdade, suas lembranças não passavam de meros esboços deles mesmos feitos às escondidas. No de Marc, ela aproveitara a brincadeira de Sidra sobre a reencarnação de um faraó. Desenhara-o como um homem do mundo antigo entrando no novo, influenciado pelos sonhos e valores do passado, porém dominado pela tentação da procura eterna do amanhã.

— Sandra, é meia-noite — avisou Paul abraçando-a. — Feliz Natal!

Cassandra virou-se para abraçar todos e viu Marc deixar a tenda. Como se acabasse de perder algo precioso, entristeceu-se. O comportamento dele nesses últimos dias a deixava incerta quanto à maneira de julgá-lo. A fim de dissipar o desapontamento, abraçou Sidra afetuosamente.

— Feliz Natal — murmurou a amiga. — Foi muito bom conhecer a irmã de Derek.

— Ah, é muito bom ser conhecida — replicou Cassandra no momento em que Derek abraçava a ambas.

— Feliz Natal! — entoou ele com voz possante.

— Isso mesmo, Feliz Natal — Marc repetiu baixinho ao ouvir a voz de Derek ecoar pelo acampamento até a periferia onde ele se encontrava.

Riu triste, reconhecendo sua nova posição social no grupo, nem fora nem dentro. Era aceito na expedição por causa de sua capacidade profissional, mesmo assim, mantido à parte dos outros. Nesta noite, até Sidra tomava parte nas festividades enquanto Adam e Thornton, um intruso, eram bem

recebidos no círculo íntimo. Quanto a ele, ninguém se importara em integrá-lo ao grupo. Porém, não havia necessidade de pensar muito no assunto. Logo o feriado chegaria ao fim e ele poderia enterrar-se novamente no trabalho, a única coisa que o fazia sentir-se bem ultimamente.

— Sandra Blake — murmurou irritado. — Desde aquele primeiro dia na *medina*, conseguiu atrapalhar minha vida, não é verdade? É uma pena que não possa desaparecer para sempre.

CAPÍTULO VIII

Num gesto automático, Cassandra tirou do malão o conjunto de algodão verde, a roupa mais elegante trazida para o acampamento. Sentia-se alegre por causa do passeio a cavalo com Paul, mas, ao tocar o tecido macio da blusa, lembrou-se dos acontecimentos da última vez que usara aquela roupa. Maldito Marc! Pensou em trocar o conjunto por um vestido mas mudou de ideia. Considerando a pouca importância que ele atribuía a ela, era muito remota a possibilidade de ele lembrar-se de como ela estava ou não vestida num dia que já devia há muito ter esquecido! Maldito, praguejou novamente. Ali estava ela preparando-se para um passeio agradável, acompanhada de um cavalheiro, e a imagem de Marc Whittier a perseguia ameaçando estragar seu programa. Com raiva, enfiou o conjunto de volta no malão.

Apanhou a blusa dada por Sidra e verificou que ela seria ideal para realçar o exótico colar presenteado por Paul. O bordado, com motivos egípcios, e a abertura do decote combinavam com a jóia. Uma saia bege, transpassada e própria para equitação, completava o traje. Assim que se aprontou, Cassandra deixou a tenda confiante de sua boa aparência.

Algun tempo depois, quando partiam, ela olhou para a tenda de Marc e ponderou que o passeio a faria esquecer-se um pouco dele. Gentil e carinhoso no dia da tempestade de areia, ele tornara-se inexplicavelmente irascível depois.

A lembrança das carícias trocadas à entrada do túmulo do faraó a fez corar. Marc Whittier que fosse para o inferno! Ela não precisava de estímulos sensuais para apreciar a companhia de um homem educado e atencioso, refletiu sorrindo para Paul. Por que Marc não se comportava como ele?, indagou-se consciente de preferir a companhia do mal-educado.

Partiram em direção ao oeste e cavalgaram por trechos de terra cultivada ao longo do rio. Pararam e fitaram-se com olhar interrogador.

— Que tal irmos para o norte, além de Et Til? — sugeriu Cassandra. — Nunca passei da vila, exceto quando subi o rio na vinda para cá, mas não prestei muita atenção ao panorama. Estava ansiosa demais para ver o acampamento de Derek.

— Não, tenho uma ideia melhor. Vamos dar asas a nosso espírito aventureiro e seguir em direção oposta, aonde nenhum de nós dois já foi.

Cassandra concordou com um aceno de cabeça e eles viraram as montarias para o sul. Depois de percorridos alguns quilômetros, chegaram a um pequeno aglomerado de casas pertencentes a Haag Quandil. Nenhum dos trabalhadores do acampamento morava ali, pois os habitantes do lugar preferiam o emprego oferecido pelas jazidas de alabastro das cercanias.

Paul sugeriu que passassem pelo lado de fora do vilarejo a fim de não serem incomodados por olhares curiosos. Depois seguiriam até Hawatta, a uns três quilômetros de distância, e contornariam o extremo sul dos penhascos que circundavam Amarna. Dessa forma, poderiam avistar as jazidas no topo das quais ficava o deserto alto.

Quando passavam pela primeira vila, o aroma de comida sendo preparada fez Cassandra comentar:

— Curioso, passei a associar estes cheiros estranhos com vilas e acampamentos como o nosso. Há poucas semanas, achava-os horríveis. Gosto deles agora. Eles me tornam consciente da presença de pessoas quando me encontro entre as ruínas de nossa cidade morta.

— Não se acostume demais a eles. Se não, o que fará durante o Ramadan e os muçulmanos jejuarem do nascer ao pôr-do-sol? Você não perceberá cheiro algum de comida exceto bem tarde — explicou Paul.

— Terei de me contentar com outras coisas que me façam sentir em segurança quando estiver sozinha — respondeu ela.

— Não há nada de errado em permitir que novos amigos lhe dispensem conforto. E eu espero ser considerado amigo seu, ainda mais que fui transferido para o Cairo, e estarei perto daqui.

Cassandra sorriu e eles continuaram a cavalgar em silêncio. Depois de passar Hawatta, apreciaram a vista das jazidas e prosseguiram em frente. Desse ponto em diante, havia raras propriedades e nada muito importante para perturbar a paz do passeio. Os penhascos já estavam bem perto do rio e eles iam retornar quando Paul apontou para uma passagem quase imperceptível nas rochas. Por sugestão dele, foram até lá explorá-la antes de iniciar o trajeto de volta.

A passagem era estreita e tortuosa. Os paredões irregulares de rocha erguiam-se altíssimos de ambos os lados e com saliências que dificultavam a passagem dos cavalos. Cassandra duvidara da existência de algo de interesse arqueológico no lugar e já ia expressar sua opinião quando ouviu um baque surdo atrás de si. Virou-se e viu Paul Thornton caído ao chão lutando com um beduíno.

— Meta as esporas, Sandra! — gritou ele. — Volte para o acampamento!

Todavia, a trilha estreita dificultava não só a manobra da montaria como também a ultrapassagem do atacante. Nesse instante, alguém agarrou-a por trás e a puxou para o chão para, em seguida, enfiar um saco sobre sua cabeça. Sentiu-se presa por mãos de ferro e, embora tentasse se defender com pontapés e gritos, o assaltante não a soltou; ao contrário, aumentou a força com que a segurava. Cassandra apurou os ouvidos para detectar sinais da luta de Paul, porém não distinguiu ruído algum e temeu pelo pior. Finalmente e ao mesmo tempo que lembranças semelhantes inundavam-lhe a mente, percebeu estar sendo carregada através da abertura na rocha. E então, o ar escasso, a força dominadora sobre o corpo e o desespero a fizeram perder a consciência.

“Maldição!”, pensou Derek andando de um lado para o outro da tenda. O sol já se pusera há muito tempo e Paul e Cassandra ainda não tinham voltado do passeio a cavalo. Onde poderiam ter se metido? Tornava-se imprescindível ter uma conversa séria com a irmã. Ela mostrava-se capacitada para o trabalho de arqueóloga, mas precisava aprender a tomar conta de sua vida particular. Seus namoricos estavam prejudicando a expedição. Primeiro tinha sido Marc. Cassie e ele mostraram estar em muito bons termos no dia da tempestade de areia e, agora, mal se falavam. Com toda a certeza, ela o estimulara no início e depois o rejeitara. Cassandra precisava aprender que os homens na periferia do mundo civilizado eram diferentes dos frequentadores dos salões de Londres. No momento, estava entusiasmada com Thornton. O único tranquilo era Adam, mas este mal levantava os olhos dos preciosos hieróglifos. A irmã era muito desastrada e não fora sem razão que o velho Sir Robert tinha se desvencilhado do encargo de cuidar dela.

As reflexões de Derek foram interrompidas pela chegada de Marc que, a caminho da tenda de Adam, parara ali para convidar o amigo a acompanhá-lo.

— Boa noite, Derek. Não quer se juntar a todos para tomar um gole do vinho francês que Adam ganhou?

— Talvez um pouco mais tarde, Marc. No momento, estou muito preocupado com a demora de Sandra e Thornton. Já deviam ter voltado do passeio há horas.

Marc reprimiu a vontade de dizer que, além de aflito, ele também estava com ciúme, mas, graças à amizade de ambos, tentou apenas tranquilizá-lo:

— Sem dúvida não aconteceu nada para deixá-lo ansioso. Vamos lá

beber um pouco e relaxar.

Derek acedeu e acompanhou-o à tenda de Adam onde se encontrava o resto do grupo. Todavia, a prosa interessante e a vivacidade dele haviam desaparecido e, em pouco tempo, seu estado de desânimo contagiou a todos. Não demorou muito para que cada um voltasse à própria tenda.

Na tentativa de acalmar o sentimento de solidão, Marc ingeriu boa parte de uma garrafa de uísque. Adam, embora por razões diferentes, também consumiu bastante bebida.

Marc acordou tarde no dia seguinte. A caminho da tenda da cozinha, imaginou que Sandra e Derek já deviam ter feito as pazes ou brigado de vez. Surpreendeu-se ao saber que Thornton e a estagiária continuavam ausentes.

Derek não tinha conseguido acordar Marc e Adam para ajudá-lo numa busca. Receoso de deixar o acampamento desprotegido, ele pedira a Ahmet para ir a Et Til e indagar se alguém vira o casal. Cassandra, várias vezes, ia até lá e talvez houvesse feito o mesmo na véspera.

Irritadíssimo com a falta de compostura da moça por passar a noite fora, Marc sorvia uma xícara de café forte na esperança de concatenar as ideias embaralhadas pelo efeito do álcool. Mais exasperado ficou quando ouviu a voz ressonante de Pemberton que acabava de retornar ao acampamento.

Marc, porém, deixou os sentimentos pessoais de lado com a chegada de Ahmet sem notícia alguma de Sandra e Thornton. Ninguém os tinha visto. Os homens passaram a deliberar sobre providências urgentes a serem tomadas quando Paul apareceu com a cabeça envolta por ataduras.

— Deus de céu, homem! — exclamou Derek. — O que houve com você?

— Onde está Sandra? — perguntou Sidra nervosa.

— Fomos atacados — replicou Paul ofegante por causa da longa caminhada para o acampamento. — Levei uma pancada na cabeça e fiquei inconsciente não sei por quanto tempo. Os nômades levaram Sandra.

— Você reconheceu os assaltantes? — indagou Pemberton.

— Não. Nem tive a chance de olhar para eles, pois nos atacaram por trás. Eles podiam estar escondidos na passagem que explorávamos ou ter nos seguido até lá. Pelas roupas tenho quase certeza de serem egípcios.

— Quem faria uma coisa dessa? — comentou Adam começando a sentir-se mal, não só por causa da notícia desagradável como também pelo abuso da bebida na véspera.

— Não sei — disse Sidra —, mas talvez, Derek, fosse bom interrogar os homens despedidos ontem. Pode ser uma vingança.

Paul gemeu segurando a cabeça e continuou:

— Voltei o mais depressa possível depois de ir a Hawatta e organizar uma busca. Já há homens espalhados à procura de Sandra.

— Vamos fazer o mesmo — declarou Derek num esforço para manter a calma. — Primeiro conte tudo o que aconteceu. Qualquer detalhe pode ser muito importante.

Enquanto ouviam o relato, Marc traçava um plano de ação. Ao pensar no que faria a qualquer homem que maltratasse Sandra Blake, os olhos azuis adquiriram uma expressão de ódio. Ela podia ser uma menina namorada e talvez por isso mesmo lhe despertasse o sentimento de proteção. Ele já a socorrera duas vezes ali no acampamento e uma em Alexandria. Nada mais natural que fizesse também agora, apesar de lamentar seu envolvimento com Derek.

Ficou decidindo que Sidra e Adam ficariam no acampamento com Paul; este, naturalmente, estava incapacitado de ir a qualquer lugar. Por não querer causar mais transtorno não aceitou o oferecimento de Sidra para examiná-lo o ferimento. Alegou que em Hawatta já tinham feito um bom curativo. Desejando ser útil, ofereceu-se para substituir Adam na guarda das peças descobertas. Ahmet iria para o norte investigar as atividades de Bosrah e Mohammed na véspera. Pemberton cruzaria o rio a fim de comunicar o desaparecimento de Sandra às autoridades e procurá-la no oeste na hipótese de os sequestradores terem atravessado o rio. Marc e Derek tentariam descobrir a pista dos bandidos a partir da pequena passagem nas rochas.

Partiram e foram juntos até o Nilo, de onde dois deles seguiram rumo ao sul, outro ao norte e o terceiro tomou uma *falucca* que o levaria a Mallawi, na margem oposta.

No barro junto à margem do rio, Marc não teve dificuldades em encontrar marcas de patas de cavalo, porém, junto aos vilarejos e no trajeto em direção aos penhascos, tudo tornou-se mais difícil. A profusão de marcas deixadas pelo grupo de busca organizado por Paul impossibilitava o reconhecimento de alguma pista importante e útil. Pelo jeito, eles não tinham descoberto nada e tinham cavalgado sem direção definida.

Enquanto pensava no que fazer a seguir, Marc notou uma nesga de tecido saindo de um montículo de areia, e quase da mesma cor desta. Temeroso, foi investigar acompanhado de Derek, cuja expressão demonstrava ansiedade profunda. Com as mãos, removeram depressa a areia e sentiram um grande alívio por não encontrarem a pessoa procurada, somente suas roupas. A poucos metros de distância, viram um *berko* rasgado,

o véu facial usado pelas mulheres muçulmanas.

— O que acha disso? — indagou Derek aflito.

— Diria que ela está viva — respondeu Marc baixinho. — Provavelmente, eles a vestiram com uma *gallabiya*. Seria mais fácil transportá-la, sem levantar suspeitas, com roupas e véu nativos. Acredito também que ela continue deste lado do rio. Não vi sinais no ponto de travessia perto do acampamento e o outro, mais ao sul, ainda fica bem longe daqui. Você deve voltar para Hawatta e esperar pelo grupo de busca de lá. Se tiverem descoberto alguma pista, você vai com eles, caso contrário, informe que os sequestradores fizeram-na trocar de roupa.

— Prefiro ir para o sul com você — declarou Derek.

— Alguém precisa entrar em contato com aquele grupo.

— Por que não vai você, Marc?

— Por que posso seguir rastros melhor do que você. Além disso, conseguirei mais informações vestido como egípcio — garantiu ele, tirando a *gallabiya* de uma sacola presa na sela e começando a se despir. — Com esses seus cabelos loiros e pele clara, você não tapearia ninguém — gracejou Marc.

A seguir, ele colocou um *kaffiyeh*, o turbante árabe, que complementou com um *agal*, pedaço de tecido comprido preso nos dois lados da testa e caído ao longo do rosto e nas costas. Observando-o Derek convenceu-se da lógica do amigo. Apesar disso, não escondeu o desalento por ter de voltar a Hawatta.

— Temos de achá-la, Aton. Você não calcula o quanto ela é importante para mim.

— Olhe, Derek, não temos tempo para essas explicações agora, se pretendemos mesmo alcançá-los. Farei o que puder.

A partida de Derek em tal estado de desespero provocou um conflito de emoção em Marc. Valorizava muitíssimo a amizade dele, porém não conseguia solidarizar-se com a tristeza do amigo. Afinal, Derek competira com ele e vencera.

Na primeira pequena fazenda alcançada depois de se separar de Derek, Marc alugou um cavalo descansado e deixou Nomad refazendo-se no estábulo. O fazendeiro não soube lhe dar informação alguma e o mesmo aconteceu em outros lugares mais adiante. Algum tempo depois do meio-dia a sorte começou a mudar, com a ajuda de um velho que conduzia uma parrelha de bois para arar a terra.

Ciente de que a maioria dos agípcios auxiliaria um compatriota mas não um infiel estrangeiro, Marc não só se vestira daquela forma como também

conduzia seus interrogatórios de maneira a não levantar suspeitas. Qualquer *fellahin* ou camponês ficaria desconfiado com perguntas sobre uma moça europeia, porém uma história sobre uma esposa desgarrada provocaria comiseração e, talvez, informações. Ao aproximar-se do velho, ele o cumprimentou num árabe perfeito e sem sotaque:

— Boa tarde, meu avô. Será que pode me ajudar?

— O que você quer? — perguntou o fazendeiro examinando Marc da cabeça aos pés.

— Tenho vergonha em lhe dizer, mas não me resta outra escolha. Estou à procura de minha esposa e imagino se o senhor não a viu por estas bandas.

— Como você a perdeu?

— Eu não a perdi, vovô, ela fugiu por causa de uma discussão. Como a irmã dela mora rio acima, pensei na possibilidade de o senhor a ter visto passar por aqui.

— Vocês jovens de hoje não sabem tomar conta de suas mulheres. É preciso severidade e não tolerar bobagens. Foi assim que sempre agi com a minha e ela tem sido uma boa esposa por quarenta anos.

— Obrigado pelo conselho, mas ele não me servirá de nada se não encontrar minha mulher. O senhor viu alguém que pudesse ser ela? — indagou Marc.

— Não. A única moça que vi tratava-se de uma noiva sendo devolvida aos pais, aliás, muito contra a vontade dela. Imagine o escândalo que o pobre pai vai enfrentar.

— Coitado — concordou Marc. — Mas por que a filha dele estava sendo devolvida?

— Como posso saber? Não costumo me meter no que não é da minha conta. Só cumprimentei os homens enquanto eles davam água aos cavalos na minha vala de irrigação à tardinha, ontem. Eles iam em direção à passagem para o deserto alto.

— Talvez a noiva estivesse sendo acusada injustamente, já que os homens não ofereceram explicação sobre o comportamento dela — ponderou Marc.

— Não creio. Ficou claro tratar-se de uma moça teimosa e má. Ora, ela nem obedece nossos costumes religiosos! Na ora de nossa prece à noite, e enquanto os homens curvavam-se em obediência aos mandamentos, ela continuou a cavalo com as mãos na sela. Olhe, é um mau negócio para o noivo, e não deve ser à toa que ele a esteja mandando de volta. Só não sei o que fará com o dote.

Absorto na avaliação das possibilidades de a tal noiva ser Sandra, Marc mal ouvia os comentários do velho. Não deixava de ser um plano engenhoso esconder uma moça europeia sob roupas árabes e explicar sua atitude agressiva com a história da noiva rejeitada. A moça podia muito bem estar amarrada à sela do cavalo e por isso não desmontara para rezar. Ele achou que valia a pena investigar essa pista. Agradeceu e despediu-se do velho. Em pouco tempo, deixava a fazenda para trás e seguiu rumo à passagem para o deserto alto.

Na cavalgada veloz, Marc foi tomado por uma grande excitação: Sandra, provavelmente, encontrava-se viva. Isso significava que os sequestradores valorizavam a presa e não estavam dispostos a sacrificá-la ou mesmo feri-la.

Marc alcançou as terras altas e reconheceu marcas recentes da passagem de um grupo. Deduziu que a direção mais lógica a ser seguida dali era a do oásis Al-Dehan. Se cavalgasse depressa durante o resto do dia e parte da noite, conseguiria chegar lá antes do alvorecer, quando os homens deveriam levantar acampamento.

A certa altura do trajeto, ele detectou sinais do encontro de dois grupos diferentes. Um vinha de Al-Dehan, em camelos, e retornara com um cavalo também. O outro, cujas pegadas ele seguira desde o rio lá em baixo, dirigira-se para os vilarejos percorridos por ele ao norte e contava com uma montaria a menos. Tornava-se evidente que alguém, ou algo, tinha mudado de mãos.

Marc continuou rumo ao oásis. O sangue fervia-lhe nas veias com a excitação de encontrar Sandra. Todavia, censurava-se, certo de que seria bem melhor para todos os interessados no caso se não a vissem nunca mais. Desde o início, ela não fizera outra coisa a não ser causar-lhe aborrecimentos. Tudo havia mudado. Mesmo quando a ignorava, as lembranças de Sandra perturbavam-lhe os pensamentos. Gostaria de livrar-se dela de uma vez por todas, entretanto prosseguia cavalgando levado por um impulso inexplicável.

Já passava das duas da manhã quando Marc avizinhou-se de Al-Dehan. Desmontou e puxou o cavalo pelas rédeas até a borda do oásis, de onde percorreu o olhar pelas tendas armadas no centro. Havia três. Pelo silêncio, todos deviam estar dormindo, exceto o guarda sentado em frente a uma fogueira. Ele segurava um fuzil e uma longa cimitarra curva pendia da faixa na cintura.

Pelas marcas detectadas na areia, Marc sabia que o grupo compunha-se de cinco ou seis homens. Ele podia tentar dominar o guarda e sumir com Sandra dali. Porém, não sabia em qual das tendas estava ela e se, de fato, tratava-se da estagiária desaparecida. Se acordasse os outros enquanto a

procurava, poderia ser morto, tomado por assaltante, e Sandra estaria perdida. A única coisa a fazer era entrar no acampamento e propor uma troca.

A oferta inicial tinha de ser feita com muito cuidado, refletiu. Por outro lado, a oportunidade de obter um lucro bom e rápido impediria os nómades de investigarem sua história antes de fazerem a transação. Apesar disso, ele precisava contar com alguma vantagem. Tentava encontrar alguma quando se deu conta de que os primeiros sequestradores, com toda a certeza, eram de uma das vilas ao norte, muito provavelmente Mohammed e Bosrah. Como não se convencera ainda da culpa do primeiro, resolveu usar o nome do outro para ser aceito pelo grupo.

Nesse instante, o uivo dos chacais assustou o cavalo, que relinchou. Não havia mais tempo a perder em considerações. O guarda pulou em pé, com a arma apontada, e Marc aproximou-se do círculo de luz da fogueira.

— Não se assuste, irmão — disse em árabe. — Sou primo de Bosrah.

O guarda não demonstrou surpresa, mas continuou com o fuzil assestado à espera de maiores explicações. Aparentemente, Marc tinha acertado, pois o nome de Bosrah fora reconhecido. Mais animado, ele continuou:

— Vim para iniciar uma transação de interesse mútuo.

— Por que veio conduzir seus negócios na calada da noite? — perguntou o egípcio. — Essa é uma hora em que só os chacais trabalham.

— Não me confunda com o animal, amigo — protestou Marc, rindo com uma naturalidade longe de ser sentida. — Vim depressa para encontrá-los antes que levantassem acampamento e desaparecessem no deserto. Na verdade, é o meu primo Bosrah quem é um chacal. Ele me prometeu a mercadoria que entregou a vocês ontem. Depois de um pequeno desentendimento, Bosrah a vendeu sem eu saber. Vim reclamar o que é meu por direito.

O homem começou a se preocupar. Talvez o estranho esperasse que eles entregassem a virgem vendida por Bosrah. Ela podia render muitas piastras pagas por um xequê solitário do deserto. Bosrah garantira que não seriam seguidos e, confiante, o chefe da caravana designara apenas um homem para montar guarda e impedir qualquer dano à moça.

— E por que, irmão, acha que a moça é sua?

— Por Allah, ela me foi prometida — disse Marc em tom áspero, mas continuou em outro mais ameno. — Não pretendo, entretanto, causar-lhe prejuízo por conta do desentendimento com meu primo. Pagarei um preço

justo em moedas de ouro.

— Ora, será mais fácil matá-lo e nos apossarmos de suas moedas de ouro, caso um homem tão pobremente vestido as possua — ressoou uma voz atrás de Marc.

Ele virou-se e viu quatro homens com armas de fogo apontadas para ele.

— Você deve saber que trabalhar para Bosrah é bem lucrativo. Eu tenho o ouro. Quanto a me matar, duvido. Você é astuto demais para fazer isso, uma afronta a seu parceiro em negócios. Apesar de Bosrah e eu termos discutido, somos parentes, temos o mesmo sangue — mentiu Marc. — Ele teria de se vingar de qualquer um que assassinasse um membro de nossa família. Talvez ele o mandasse matar. No mínimo não haveria mais negócios fáceis e lucrativos para você.

O chefe do bando aproximou-se de Marc e, rindo, pôs as mãos em seus ombros.

— Muito bem falado, primo de Bosrah, você apelou para o meu bom senso que, aliás, carrego numa sacolinha presa a minha cintura. Mas suas razões não ficaram claras. O que o faz ter tanto trabalho e gastar dinheiro por causa de uma mulher? O que fará com ela se a vendermos a você? Prometemos a Bosrah levá-la para bem longe de Amarna.

Marc olhou para o homem e viu o colar elaborado dado por Thornton a Sandra em volta do pescoço dele.

— Devo confessar que essa moça invadiu o meu sangue e me provoca uma paixão irrefreável — Marc respondeu, sendo mais verdadeiro do que o desejava sê-lo. — Quanto ao que vou fazer com ela, um homem de sua experiência deve saber. — Todos riram do comentário. — Não vou desrespeitar seu compromisso com meu primo. Tenho parentes nas fronteiras do sul e eu levarei a moça para lá, isso se o seu preço for justo. Ela é muito bonita, mas isso não justifica uma quantia exorbitante. A moça é irascível, teimosa, precisa de mão forte para ser dominada. Se a vender para um homem menos interessado em beleza e que não esteja apaixonado, ela será devolvida em questão de horas e com exigência do ressarcimento do dinheiro.

A essas alturas, os homens soltaram exclamações em acordo, pois já tinham se inteirado do temperamento explosivo de Cassandra. Sentaram-se todos à volta da fogueira e o guarda serviu um café forte e adocicado. As negociações iriam começar tão logo eles demonstrassem que a moça continuava ali e sem ter sido molestada.

Cassandra tinha ouvido a movimentação e concluíra que logo estariam a caminho novamente. Para onde iam, não fazia a mínima ideia. De repente, um dos homens entrou na tenda e arrastou-a para fora. Embora assustadíssima, tentou manter a cabeça erguida numa atitude de desafio e uma expressão de desdém.

Marc foi tomado por uma grande sensação de alívio ao vê-la. Não deixou de notar como a *gallabiya* adquiria graciosidade em sua silhueta esguia. Percebeu ainda sua tentativa de não mostrar-se amedrontada. Sua pose o lembrava de sua altivez no tablado do mercado de escravas brancas em Alexandria. Ela não era uma moça fraca, sujeita a desmaios, mas uma fera pronta a atacar na primeira oportunidade.

O chefe do bando notou o olhar enternecedor de Marc dirigido à moça e ficou satisfeito ao ver que ele não mentira. A noite ia ser muito proveitosa.

O nómade começou estabelecendo um preço altíssimo. Marc refutou com uma oferta de um décimo da quantia, lembrando o homem da írdole má da moça. Em resposta, o beduíno exaltou a beleza da mercadoria, mas fez um pequeno abatimento. Regatearam assim por mais de uma hora e, umas duas vezes, Marc levantou-se para ir em direção ao cavalo como se tivesse desistido do negócio, mas o beduíno chamou-o de volta. Finalmente, chegaram a um acordo e fecharam o negócio, cada um achando que poderia ter lucrado um pouquinho mais. Se houvesse aceitado o preço inicial, Marc teria levantado suspeitas, porém ele desempenhara o papel com perfeição.

Em pé e fora do círculo da luz da fogueira, Cassandra não podia ver o rosto do estranho. Percebera que a discussão girava em torno dela, porém só entendeu o significado quando viu as moedas de ouro serem entregues. Então, o visitante caminhou até ela, o rosto escondido pelo *kaffiyeh*, e levou-a em direção ao cavalo na borda do oásis.

Marc lamentava o tratamento bruto que lhe dispensava, mas os nómades não entenderiam uma atitude diferente. Ela lutou para se soltar das mãos fortes e Marc teve de segurá-la com firmeza pela cintura. Os homens gargalhavam diante da cena. Ao lado da montaria, Marc prendeu-a pelos dois pulsos antes de soltar-lhe a cintura, subiu ao cavalo e, então, içou-a para sentá-la na frente da sela. O animal obedeceu à mão firme nas rédeas e Cassandra viu-se sendo levada, rapidamente, através das trevas do deserto. A trepidação provocada pelo galope a jogava de encontro ao peito forte do desconhecido e, sem saber se estava entregue e um homem implacável, estremecia a cada contato dos corpos.

Por razões diferentes, Marc também achava a proximidade

perturbadora. Havia jurado desligar-se dessa moça causadora de problemas e enganadora, contudo, ao tê-la tão perto, excitava-se. O perfume dos cabelos e o calor do corpo provocavam-lhe uma forte reação. Tentou abafar o desejo crescente lembrando-se de que ela pertencia a Derek e havia saído com Thornton. Pensou na infelicidade que lhe causava, mas a cada quilômetro percorrido a carência aumentava, alimentada não só por estarem juntos como também pela raiva. O ritmo de cavalo parecia ecoar: *Derek a teve, Paul a usou Derek a teve, Paul...*

Cavalgaram pelo que pareceu uma eternidade, embora o céu continuasse escuro. Finalmente, certo de não poder mais controlar a ânsia que o dominava, Marc puxou as rédeas e fez a montaria diminuir o passo até parar. Não vendo oásis ou tendas na vizinhança, Cassandra soltou um grito de pavor, desconfiada das intenções do desconhecido. Ele desmontou e puxou-a para o lado dele.

— O que vai fazer? — gritou ela desesperada.

— O que já devia ter feito há muito tempo — respondeu Marc ao arrancar o turbante. — Nunca coletei o *baksheesh* a que tenho direito — acrescentou estreitando-a nos braços e curvando a cabeça para beijá-la.

— Marc?! Por que não me contou que era você? Pensei que um egípcio cruel tinha me comprado! — protestou Cassandra, relaxando o corpo de encontro ao dele.

— Não errou muito; você não sabe que sou meio egípcio?

Apesar do tom gélido, ele não revelou a raiva que ainda sentia.

— Não, eu não sabia — respondeu ela um tanto surpresa. — Mas sei que não corro perigo a seu lado. Você é um homem em quem posso confiar.

— Tem certeza? — indagou ele começando a tirar as roupas.

Num misto de fascínio e alarme, Cassandra murmurou:

— Marc, você sabe que sou inexperiente e...

— Você é uma mentirosa competente, Sandra. Passa um tempo enorme na tenda de Derek enquanto me faz de bobo. E eu vi bem como Thornton a cumprimentou na outra noite, como se vocês fossem mais do que amigos. Você me fez acreditar nessa história de inocência e pureza, mas já tenho minhas dúvidas.

— Marc — balbuciou ela recuando. — O que quer dizer?

— Que vou desfrutar de algo pelo qual paguei duas vezes — replicou ele ríspido, ao mesmo tempo que a forçava a deitar-se na areia. — Sua ingênua, pensou mesmo ter escapado facilmente daqueles homens excitados em Alexandria? Eu a comprei lá e tornei a fazê-lo esta noite. Por isso, vou tê-la.

Cassandra percebeu que Marc pretendia forçá-la e começou a lutar para impedi-lo de tirar-lhe a roupa.

— Marc, você não sabe o que está fazendo. Derek...

— Estou muito senhor de meus atos. Derek pode ir para o inferno. Ele a terá depois que eu terminar.

A fim de evitar mais protestos, ele calou-lhe a boca com um beijo impetuoso e possessivo enquanto a despiu. Ao sentir-lhe a pele macia, imaginou quantas outras mãos a haviam tocado e isso o enfureceu mais ainda.

Então determinou-se a proporcionar a ela um prazer jamais sentido com outro homem para que pudesse vir a desejá-lo mais do que a qualquer outro, embora jurasse nunca voltar a tocá-la.

Ele podia senti-la estremecer e a pele arrepiar-se sob seus beijos, apesar de sua luta para impedir-lhe o avanço.

Cassandra resistiu o quanto pôde, mas o corpo, numa vontade própria, despertou às carícias e forçou-a a ceder.

— Sandra, a tentadora — murmurou ele em seu ouvido. — Como se sente ao ser tentada?

Sua única resposta foi um gemido tão suave quanto a brisa do deserto. Odiava-o pelo que lhe fazia, no entanto, suas mãos o puxavam para mais junto de si. Ele a queria, comprara-a e ela ansiava por todos os prazeres daquele contato físico.

Os joelhos dele separaram os seus. Marc não podia esperar mais para possuí-la. O tormento cruel transformara-se numa paixão jamais conhecida e completamente fora de controle. Quanto a ela, suportava a contradição de querê-lo e não querê-lo ao mesmo tempo.

Marc penetrou-a depressa e surpreendeu-se com a tênue camada de resistência e com o grito de dor. Porém, nem mesmo a constatação de virgindade conseguiu demovê-lo da decisão tomada. O futuro de ambos havia sido traçado no passado e nada poderia mudá-lo.

Cassandra gemia baixinho sob ele, ansiosa por um alívio que não compreendia. Quando Marc intensificou o ritmo de seus movimentos, os sentidos estimulados a fizeram acompanhá-lo até não sentir mais nada além daquela união. E então, ela experimentou o auge do prazer conhecido pelas mulheres e seus parceiros, como Nefertiti nos braços de Akhenatòn.

Marc afastou-se e Cassandra foi envolvida pelo frio da noite no deserto e pela traição do homem em que confiara. Com os olhos cheios de lágrimas, fitou-o.

— Bastardo! Como teve coragem? — perguntou em prantos.

A palavra usada tantas outras vezes com maldade e conotação diferente abalou-o profundamente. Contudo, os soluços do choro desesperado e a certeza da inocência de Cassandra agora maculada o fizeram tomá-la nos braços com ternura.

— Pensei que te amasse, mas eu te odeio — declarou banhada em lágrimas.

— Minha pobre Sandra — murmurou ele afagando-lhe os cabelos. — Eu a ensinarei a me amar de novo.

Ficaram sentados por um longo tempo até Marc, delicado e meigo, voltar a possuí-la ansioso por proporcionar-lhe prazer.

Entre palavras de carinho sussurradas em inglês e árabe, deram-se conta de pertencerem um ao outro de uma forma que jamais tinham imaginado.

CAPÍTULO IX

A viagem ao Egito parecia uma determinação do destino para testar a coragem de Cassandra. Vítima de dois ataques violentos naquela terra desértica, Cassandra pensara que o pavor acabaria por levá-la à loucura.

No entanto, agora não conseguia lamentar-se. Pelo contrário. Apesar da reaproximação pouco romântica de Marc, finalmente haviam chegado a um entendimento. E era uma mulher feliz que cavalgava agora junto a Marc desfrutando, durante o trajeto de volta ao acampamento, da alegria pela intimidade conquistada, do prazer da descoberta do sexo e do amor.

Seguiram devagar pelo deserto alto, pois a montaria cansara-se com os galopes apressados na ida ao oásis. Muitas vezes, caminhavam a pé a fim de aliviá-la do peso. Nessas ocasiões, Marc flagrava Sandra fitando-o acanhada por entre os cílios longos. Sabia, então, que mataria qualquer homem que ousasse magoá-la. Se Bosrah ainda se encontrasse na área, a vida dele não valeria mais nada.

Todavia, o raciocínio lúcido avisava-o de que o egípcio era uma peça pequena de um grande quebra-cabeça. Ele não aceitava a teoria de Sidra sobre vingança dos descontentes com a demissão do emprego. Bosrah contava com dinheiro demais para um simples escavador e a reputação dele junto aos beduínos convencera Marc das transações duvidosas do homem. Ele não teria procurado trabalho nas escavações se não estivesse interessado nas peças achadas. Não havia mais nada para atraí-lo a Amarna já que a expedição era modesta. Ele tinha certeza de que Bosrah estava ligado ao contrabando que infestava a cidade deserta de Akhenaton.

Marc enfurecia-se por Bosrah ser capaz de vender herança tão preciosa a troco de moedas. Infelizmente, há séculos, esse se tornara o meio de vida dos *fellahin*. Os saques tinham começado ainda nos tempos dos faraós e intensificara-se com o estabelecimento do islamismo no Egito. A cultura árabe não dedicava outra coisa senão desprezo pelo paganismo existente no país. Os novos convertidos tinham aprendido que os resquícios da antiga religião não serviam para nada, exceto se fossem usados de maneira prática no fortalecimento da fé abraçada. Assim sendo, monumentos foram desfigurados ou destruídos e suas pedras usadas como material de construção. A fisionomia do Egito fora danificada mais por seus governantes

do que pela ação do tempo.

Há poucas décadas ainda, o governo vendera ativamente antiguidades numa ânsia de modernização do país. Numa escala menor, os *fellahin* seguiam o exemplo dos governantes vendendo, ilegalmente, qualquer antiguidade em que conseguissem pôr as mãos. Tinham chegado ao extremo de pulverizar restos de múmias de seus ancestrais a fim de conseguir um pó altamente resinoso a ser vendido com fins medicinais. Bosrah tinha assinado a própria sentença de morte não só ao se envolver com a adorável Sandra como também por aderir à velha tradição contra a qual ele declarara guerra, refletiu Marc.

Ao desvendar um passado glorioso, embora ainda parcialmente envolto em mistério, Marc esperava preservar a herança do Egito. Ela deveria ser utilizada para estabelecer um novo senso de unidade e orgulho nacionais. Desejava que a pátria ocupasse o lugar merecido no século XX, mas, ao contrário de muitos, não queria a modernização do país à custa da própria essência de sua história. Na sua opinião, só poderiam progredir se alimentassem um respeito saudável pelo passado. O esboço dele feito por Sandra capturara concisamente essa ambição. Será que havia sido assim tão transparente? Olhou para a moça graciosa caminhando a seu lado e foi tomado por uma grande ternura e instinto de proteção.

Desde os tempos de estudante, Marc não nutria muita simpatia pelos ingleses. Na volta para o Egito, percebera não gostar de muitos dos que ocupavam cargos oficiais. A eficiência e dedicação ao dever ficavam obscurecidas pela atitude condescendente de que o Egito existia graças à proteção inglesa. Havia outros, Marc lembrou com amargura, que ignoravam as responsabilidades e abocanhavam o que queriam sem se importar com a situação do país. Por razões pessoais e políticas, ele deplorava a presença britânica em sua terra natal.

Entretanto, o lado prático de sua personalidade o havia ensinado a conviver com os ingleses a fim de atingir os próprios objetivos. Nesse processo, ele descobrira que muitos podiam ser úteis e, contra a vontade, passara a respeitar uns poucos, pessoas como Derek e Sandra, que dedicavam a vida estudando a riqueza da história egípcia.

O destino percorria caminhos estranhos. Marc nunca imaginara tornar-se amigo íntimo de um inglês e, muito menos, arranjar uma namorada dessa nacionalidade. E, agora, conscientizava-se de que as duas pessoas mais importantes para ele neste mundo eram ingleses.

Pensamentos sobre Derek e Sandra trouxeram à tona o dilema presente.

Afastou da mente as considerações sobre a amizade e concentrou-se no problema do sequestro e as várias implicações dele.

Acomodada à frente de Marc e sentindo-lhe os braços à volta do corpo, Cassandra encontrava-se imersa em paz e satisfação. Há poucas horas, isso parecia impossível, mas agora os beduínos, o rapto e até Amarna faziam parte de lembranças distantes. Seria este homem atraente, meigo e amoroso o mesmo que se apossara dela de maneira tão rude na noite anterior no deserto? Lembranças da separação deles em Alexandria, a reação a sua chegada ao acampamento e a violência de poucas horas atrás contrastavam com as imagens de Marc rindo com Derek, brincando com os filhos de Ahmet, beijando-a no túmulo de Akhenaton e fazendo-lhe amor ao amanhecer.

Classificá-lo como volúvel estava muito aquém da realidade. Cassandra sabia que as exigências incontrolláveis da véspera não tinham raízes na luxúria e sim no desejo nascido do amor. Essa, convicção aquecia-lhe a alma tanto quanto os raios de Aton, já a caminho do horizonte no céu.

Imagens do amor compartilhado encheram-lhe a mente. Na primeira vez, a atitude possessiva de Marc não deixara dúvida quanto ao resultado da situação. Ele resolvera possuí-la e levava a cabo o propósito. Se nada mais houvesse acontecido depois, ela teria sufocado a sua atração com sentimentos de ódio e repulsa. Mas houvera a segunda vez, quando ele se mostrara carinhoso e preocupado com o seu prazer, limitando-se a aceitar o que ela lhe oferecia sem pressioná-la. Envolvidos pelo êxtase, tinham visto o sol nascer e iluminá-los com a luz dourada e tão preciosa quanto os sentimentos que nutriam.

Chegaram à trilha que os levaria à passagem nos penhascos e à margem do rio. Marc desmontou e, com as mãos na cintura dela, ajudou-a a fazer o mesmo. Cassandra sorriu, pois mesmo num contato como esse podia sentir-lhe o carinho.

Pensou no irmão e no que diria se soubesse dos acontecimentos dessa noite, porém nada abalava seu estado de plena felicidade. Ao lado de Marc, enfrentaria qualquer obstáculo. Até contar a ele sobre sua identidade já não a amedrontava mais. Mas não ia fazê-lo agora. Esperaria uma outra hora para revelar o segredo, talvez quando chegassem ao acampamento. Por enquanto, não queria perturbar a paz e o encantamento da jornada, refletiu quando Marc entrelaçou os dedos nos seus.

Após uma longa descida, Cassandra e Marc voltaram a montar e

cavalgaram ao longo do rio rumo à fazenda onde Nomad ficara. As roupas de estilo europeu de Marc estavam lá na sacola com a montaria e ele tornou a vesti-las. Em Hawatta, informaram aos moradores que não precisavam continuar com as buscas. Segundo o chefe local, Derek havia saído dali há pouco tempo em direção a Amarna a fim de saber se os companheiros estavam de volta com alguma notícia.

Embora prosseguissem num passo vagaroso, Marc tinha a sensação de estarem chegando ao acampamento depressa demais e suspirou ao pensar que teria de enfrentar a situação com Derek. Ele não havia pressionado Sandra para explicar o seu relacionamento com o amigo, mas ficara óbvio que não tinha ido além de um namoro sem intimidades. Não fazia ideia de qual seria a reação de Derek, todavia ele não abriria mão de Sandra de forma alguma. Ela lhe pertencia agora, refletiu ao beijá-la de leve atrás da orelha.

Já passava da meia-noite quando entraram no acampamento. Com exceção da tenda de Derek, o lugar todo encontrava-se às escuras. Marc apertou o braço à volta da cintura de Cassandra e assumiu expressão de desafio.

O barulho das patas do cavalo atraiu Derek e Sidra ao centro do acampamento. Marc observou as feições dos dois e imaginou se Sidra ignorava o envolvimento de Derek com a estagiária. Ela não podia deixar de ver a expressão de alegria no rosto do amante e nem por isso demonstrou surpresa ao ouvi-lo gritar, feliz:

— Ele a achou! Marc a achou!

Derek ajudou Cassandra a desmontar e, com as mãos em seus ombros e os braços estendidos, olhou-a de alto a baixo. Satisfeito por vê-la bem, pelo menos na aparência, estreitou-a de encontro ao peito. Comovida, ela sorriu.

Diante da cena, Marc crispou as mãos nas rédeas de Nomad. Sidra percebeu a reação dele à solicitude de Derek e interferiu:

— Vá conversar com Marc, Derek — disse baixinho. — Compete a mim cuidar de Sandra agora. Você poderá vê-la mais tarde após ela tomar banho e trocar de roupa, mas apenas se estiver disposta a conversar.

Cassandra deixou-se levar por Sidra e só então sentiu o cansaço imenso. À entrada da tenda, virou-se e acenou amorosa em direção aos dois homens. Cada um achou que o gesto se dirigia só a ele.

Antes de passar pela cortina aberta por Sidra, ela viu Adam, Pemberton e, para surpresa sua, Paul Thornton dirigirem-se a Derek e Marc. A amiga levou-a para o interior da tenda, porém ela ainda teve tempo de notar a

cabeça enfaixada de Paul. Cassandra foi invadida por uma grande onda de remorsos. Nem uma única vez, durante o longo trajeto de volta, lembrara-se de perguntar a Marc pelo amigo. Contudo, ela havia testemunhado a agressão sofrida por ele e o considerara gravemente ferido, ou morto. Que tipo de homem era Marc, que podia levá-la a se comportar com tanto descaso pelos outros? Mais importante: em que tipo de mulher ele a induzira a se transformar na noite passada no deserto?

Aceita a sugestão de Sidra, Derek dirigiu-se a Marc com a mão estendida. O amigo olhou-a por um instante antes de retribuir o gesto com uma expressão sombria. Não foi possível dizer nada, pois os outros aproximaram-se com indagações incontidas.

— O que aconteceu? — Pemberton quis saber. — Perdi as esperanças quando Barstowe nos informou sobre sua...

— Você matou os sequestradores? — Adam o interrompeu numa demonstração de nervosismo incomum e que levou Marc a pensar se ele também não se encantara por Sandra.

Ele examinou os homens à volta e tentou avaliar a reação de cada um. Pemberton mostrava-se ansioso por detalhes e Adam, jurando vingança, declarava estar disposto a rastrear os sequestradores. Thornton, muito pálido, tinha uma aparência pior do que quando retornara ao acampamento. Mas de todas as expressões observadas por Marc a de alívio de Derek era a que mais o perturbava.

— Vamos à tenda da cozinha. Lá poderemos conversar mais à vontade — sugeriu o diretor do acampamento.

Uma vez acomodados, Marc iniciou o relato dos fatos que considerava necessários. Não mencionou Bosrah nem seu envolvimento com Sandra. Isso ele contaria numa conversa particular com Derek. Havia um ponto, entretanto, que ele desejava comunicar ao grupo.

— Bem, eu gostaria de dizer que não tenho a menor dúvida de que o sequestro está ligado ao contrabando.

— A ideia já me passou pela cabeça — confessou Derek.

— Acredita mesmo? — perguntou Adam mais nervoso ainda, com a testa porejando de transpiração e sem os traços da coragem exibida antes. — Você acha, Marc, que corremos perigo?

— Talvez, Adam, mas acho pouco provável.

— Pense bem, meu velho — apartou Pemberton —, qual seria a razão de os contrabandistas darem um passo como este? O que lucrariam?

— Não sei com certeza, mas tenho minhas teorias — replicou Marc.

— Ora, teorias não são provas — Pemberton continuou num tom exaltado. — Quando se conduz uma investigação, é preciso muito cuidado. A não ser que você tenha alguma evidência para fundamentar sua suposição, acho bom esquecer o palpite. Amadores, geralmente, mais atrapalham do que ajudam. E você, Thornton, qual é sua opinião? Como representante do governo, mantém-se calado demais.

— Desculpe, sr. Pemberton, não estou me sentindo muito bem, mas mesmo com essa dor de cabeça terrível consigo raciocinar um pouco. Discordo inteiramente do senhor. Embora de maneira involuntária, sou o responsável por esta situação lamentável. Gostaria muito de ouvir as explicações de Whittier. Qualquer hipótese que possa esclarecer a questão e encontrar os culpados é válida para ser analisada. E então, Whittier? Conte por que desconfia da ligação entre os dois crimes.

— Talvez Pemberton tenha razão — ponderou Marc desanimado diante de mais um rival no afeto de Sandra. — É melhor guardar minhas opiniões até conseguir provas. Mas isso eu farei, prometo.

A essa altura da conversa, Sidra apareceu e sentou-se ao lado de Derek.

— Não se preocupe — disse-lhe —, Sandra está bem, na verdade, muito serena, bem mais do que eu me mostraria em tais circunstâncias. Você tem dez minutos para conversar com ela, pois lhe dei um sedativo para dormir melhor.

Derek deixou os companheiros e dirigiu-se à tenda das moças. Parou do lado de fora sem saber ao certo como agir.

Não fazia ideia do que ia ouvir e nem como reagiria a determinadas questões. Ninguém ignorava que os nômades, às vezes, violentavam mulheres. Resolvido a não antecipar o pior, entrou depressa antes de mudar de ideia. Encontrou Cassandra muito cansada, reclinada sobre travesseiros na cama e à espera dele. Derek afastou o cortinado e sentou-se a seu lado.

— Como vai a minha menina? — perguntou abraçando-a.

— Muito bem, Derek, acredite — Cassandra respondeu com calma.

De maneira concisa e com a voz inalterada, ela narrou os acontecimentos. Terminou dizendo:

— E então, Marc me trouxe pelo deserto e aqui estamos.

Curiosamente, Derek sentiu-se desapontado com o fato de a irmã estar encarando a situação tão bem a ponto de dispensar palavras de consolo. Como irmão mais velho, assumira o papel de protetor e até gostava quando Cassandra demonstrava uma certa dependência ali no acampamento. Esta

noite, esperara encontrar uma mocinha aos soluços contando com o apoio dele. Enganara-se, a irmã não precisava de nada.

— Você está mesmo bem? Tem certeza? — insistiu ele.

Não fazia a mínima ideia de como perguntar se os raptos a tinham molestado fisicamente. Caso isso tivesse acontecido, talvez Cassandra mencionasse o fato a Sidra e ele ficaria sabendo depois. Contentou-se com seu aceno afirmativo e indagou se ela seria capaz de reconhecer os sequestradores.

— Não vi muita coisa — respondeu ela sonolenta.

— Faça um esforço de memória, Cassie. É importante.

— Ai, Derek, agora estou muito cansada. Acho que Marc e eu poderíamos reconhecer os beduínos.

— Por falar em Marc, espero que tenha mudado de opinião a respeito dele depois de tê-la resgatado. Não disse nada antes, porém tem sido muito embaraçoso ver minha irmã e meu melhor amigo demonstrarem hostilidade como aconteceu nestas últimas semanas. Imagino se isso não é consequência de seu namorico com ele no dia da visita ao túmulo de Akhenaton. Talvez, por consideração a mim, você possa esquecer qualquer desentendimento com Marc. Esta não foi a primeira vez que a socorreu. Na verdade, ele é um ótimo sujeito.

— Concordo e sinto muito termos brigado algumas vezes. Fiz um mau julgamento de Marc e agora reconheço que é uma pessoa fantástica — confessou, e sorriu ao pensar em seu relacionamento com ele.

Não passaram despercebidos a Derek a voz suave e o brilho nos olhos da irmã. Malicioso, brincou:

— Pode tratá-lo bem, mas não precisa exagerar. Até amanhã, Cass, durma bem.

— Derek, espere um pouco. Quero pedir desculpas pelo transtorno que provoquei.

— Bobagem, Cassie, não foi por descuido seu ou de ninguém daqui — replicou Derek, pensando no sentido de culpa de Thornton. — Não há nada com que se preocupar. O importante é estar de volta sã e salva. Agora, descanse. É uma ordem do diretor do acampamento.

Ao vê-lo sair, Cassandra começou a relaxar. A conversa a deixara tensa não só por causa do relato da experiência do sequestro como também pelo cuidado em não deixar escapar nada sobre seu envolvimento afetivo com Marc. Sidra talvez desconfiasse de alguma coisa, porém o irmão não suspeitava de nada. Como explicar a situação sem colocá-lo contra Marc?

Percebia agora o quanto ela e Marc haviam sido negligentes a esse respeito. Adormeceu pensando em combinar com o namorado a melhor maneira de pôr Derek a par dos fatos.

A discussão tornara-se acalorada na tenda da cozinha, todos se acalmaram com a chegada de Derek. Fitaram-no à espera de novidades.

— Sandra está bem. Infelizmente, não consegui dar informação alguma sobre os sequestradores.

— Que falta de sorte! — exclamou Thornton. — Jamais descobriremos quem planejou isso.

— Discordo, Paul. Sandra estava muito cansada quando conversou comigo e, nessas condições, pode ter esquecido detalhes importantes.

— Bem, Derek, na sua ausência, nós tivemos uma grande discussão — contou Adam excitado. — Se o sequestro está mesmo ligado ao contrabando, nós todos estamos correndo perigo. Thornton teve uma boa ideia. Ele sugere que mandemos todas as peças encontradas até agora para o Museu do Cairo. Sem elas aqui, os contrabandistas não nos perturbarão. Não existe nenhum regulamento proibindo o envio dos achados em várias remessas. Além do mais, o material ficará mais seguro lá.

— Digo e repito — vociferou Pemberton —, essa ideia é absurda! Como posso continuar minhas investigações se as peças não estiverem aqui?

— Você não está levando em conta seus objetivos, Pemberton — censurou Marc ríspido. — O propósito de sua investigação é proteger as descobertas de Amarna. Como pode argumentar contra o envio delas para a segurança do Museu do Cairo?

— Quem me garante que elas chegarão lá? — interpelou o investigador. — Algo pode acontecer no caminho.

— Por que você não vai junto? — sugeriu Sidra.

— E quem manterá olho vivo por aqui durante a minha ausência? — questionou Pemberton.

— Não haverá nada para ser vigiado — replicou Derek.

— Exato, Clive. Com tudo que temos agora na tenda de depósito a caminho do Cairo, não restará nada de valor aqui — argumentou Adam nervoso e esquecido do molde de máscara ainda na tenda de Derek.

— Muito bem, seguindo essa suposição — continuou Pemberton —, não haverá nada aqui para atrair os contrabandistas. Como espera apanhá-los se mandarmos tudo para o museu?

— Esse procedimento eliminaria a oportunidade de alguém trocar outra

peça — comentou Derek pensativo. — Você não pode opor-se a isso. Seu objetivo principal deveria ser impedir o fluxo de objetos de Amarna para fora do Egito. Apanhar os criminosos é secundário, na minha opinião. Eu acho que devemos enviar tudo para o Cairo. E você, Marc?

— Concordo plenamente, Derek. É muito perigoso deixar as peças aqui depois do que aconteceu, especialmente para as moças.

— Você está certo, Whittier — disse Paul. — Ninguém melhor do que eu sabe da impossibilidade de protegermos as moças contra esses bandidos, apesar de nossa boa vontade. Aliás, gostaria de sugerir a ida de Sandra e Sidra para o Cairo conosco. Elas poderão ficar lá até tudo voltar ao normal e não haver mais perigo aqui.

— Não há necessidade disso, Thornton — resmungou Marc. — Lembre-se, não restará nada aqui para atrair os ladrões.

— Mesmo que houvesse perigo, eu não iria — afirmou Sidra. — Este projeto me interessa muito. Tenho um trabalho a realizar aqui e creio que Sandra pensa de maneira idêntica.

— Não tenho a menor dúvida quanto à importância de seu trabalho e nem quis insinuar isso — replicou Thornton. — Mas vocês não acham que, diante dos últimos acontecimentos, uma viagem ao Cairo faria muito bem a Sandra? Ela teria a oportunidade de relaxar, conviver com pessoas não ligadas a Amarna, enfim, uma chance de esquecer este pesadelo.

— Você tem uma certa razão, Paul — concordou Derek. — Amanhã falarei com ela sobre sua sugestão, embora não garanta uma resposta afirmativa.

“Pois eu garanto uma negativa”, pensou Marc com um olhar furioso para Thornton.

— Pelo que entendo, Barstowe, você concorda com esse esquema maluco. Neste caso, protesto e exijo a conservação das peças aqui — declarou Pemberton muito agitado.

— Tomamos conhecimento do seu protesto, mas, como diretor do projeto, eu tomo as decisões aqui — declarou Derek. — Discutiremos os detalhes do plano amanhã cedo durante o café. Como já passa da uma hora, sugiro aos interessados na reunião para irem dormir. Boa noite.

Adam, Pemberton e Thornton retiraram-se logo e Sidra esperou um instante antes de fazer o mesmo.

— Marc, sei do seu cansaço, porém preciso conversar com você sobre o sequestro.

— É bom mesmo, Derek, eu não contei tudo.

— Nem eu — confessou o outro ao mesmo tempo que abria a cortina da entrada da tenda e percorria o olhar à volta a fim de certificar-se se havia alguém por perto. — Ahmet me contou uma coisa importantíssima. Quanto menos gente souber, melhor, pois assim as chances de os contrabandistas descobrirem nossos progressos diminuem bem. Segundo as verificações de Ahmet, as atividades de Mohammed, nestes últimos dias, puderam ser comprovadas, contudo Bosrah sumiu no dia do assalto a Sandra e Paul.

— Estou a par da desonestidade de Bosrah. Fui aceito pelos beduínos porque usei o nome dele. Antes de entregar Sandra ao bando, eles deixaram claro que não era o primeiro negócio que faziam com ele. Estou convencido de que o desgraçado faz parte da operação de contrabando.

— Fazia, Aton. O corpo dele foi encontrado, fora de Et Til, com o pescoço degolado. Não há indícios de quem o assassinou e por quê.

— Muito provavelmente para impedi-lo de dar com a língua nos dentes. Na minha opinião, o rapto teve o propósito de nos afastar do acampamento. Alguém teve tempo de verificar se nada desapareceu da tenda de depósito?

— Adam ficou encarregado de vigiar o lugar. Ele quase não se afastou e até dormiu lá. Thornton ajudou também. Não houve oportunidade para os bandidos tirarem nada ou fazerem substituições. E agora, com Bosrah morto, não creio que voltemos a ter muitos problemas.

— Não fique muito confiante, Derek, ele não trabalhava sozinho. Bosrah pode ter roubado as peças, mas não devia contar com os contatos necessários para tirá-las do país. Além do mais, estava conosco há pouco tempo, chegou na mesma época de Sandra e Pemberton. Com toda a certeza, ele trabalhava para alguém e essa pessoa pode ainda encontrar-se nesta área a fim de contratar um substituto para Bosrah. Como não temos meios de impedir isso, concordei em mandar os achados para o Museu do Cairo.

— Pemberton não aprova a ideia. O que acha disso, Marc?

— Que precisamos vigiá-lo.

— Também penso assim. Bem, resolvida essa parte, vamos esquecer o contrabando por algum tempo. Que tal irmos a sua tenda e tomar um drinque? Seus esforços para salvar a *srtá*. *Blake* merecem um brinde.

— Thornton está dormindo lá — alegou Marc, aliviado por poder adiar a outra conversa com Derek.

— Não, ele está com Pemberton no alojamento de Adam, e este, na tenda de depósito. Vamos, Aton, você não vai negar uma dose daquela mistura deliciosa a seu amigo.

Marc não teve outra saída senão concordar. Pela primeira vez, sentia-se

constrangido na companhia do homem a quem queria como irmão.

Derek sentou-se na cama e Marc providenciou logo dois copos com *zabeeb*, uma bebida muito forte à base de tâmara. O líquido poderoso, cujos vapores gozavam a fama de também embriagar uma pessoa, conseguiria ajudar Derek a se livrar da tensão acumulada. O episódio lamentável o tinha deixado com ar cansado e até envelhecido e Marc sentiu uma ponta de sentimento de culpa ao observar-lhe as feições. Entretanto, não se arrependia do que havia feito. Beberam os primeiros goles em silêncio e depois Derek levantou o olhar e sorriu.

— Marc, não sei como começar a lhe agradecer.

— Não faça isso antes de saber pelo que sente gratidão.

— Mas é você o ignorante, Aton — afirmou Derek servindo-se de outra dose, já começando a relaxar os músculos tensos. — Na verdade, eu me sinto meio bobo ao confessar isso agora. Como meu melhor amigo, eu já devia ter confiado em você.

— Olhe, Marc, não podemos deixar o assunto para amanhã?

— Não. Faço questão de ser honesto com você a respeito de Sandra.

— É tarde demais, Derek.

— Então, ela lhe contou? Isso facilita as coisas.

— Ela não me contou nada. Eu deduzi o relacionamento entre vocês.

— Você foi bem esperto, parabéns — brindou Derek erguendo o copo. — Se eu estivesse em seu lugar, não teria desconfiado de nada. Devia saber que não posso esconder segredos de você.

— Ora, Derek, ela ia para a sua tenda todas as noites após as reuniões, como eu não ia perceber? Você mostrou logo gostar muito dela e trocavam olhares quando imaginavam que não eram observados.

— Você quer dizer que não disfarcei muito bem? Paciência. Pelo menos, tentei julgar o trabalho dela com imparcialidade.

— Impossível, Derek, considerando-se tudo.

A bebida já intensificara as emoções de Derek e o que ele entendeu como crítica à irmã não seria tolerado.

— O que quer insinuar com isso? Ela é uma excelente arqueóloga e eu o desafio a provar o contrário.

— Concordo plenamente, só não entendo como notou essa qualidade estando envolvido com ela. E não gozaram de muita intimidade, como imaginei — declarou Marc preparando-se para revelar o próprio romance com Sandra.

— Eu não teria muita certeza, se fosse você.

— Pois tenho! Sei muito bem que não foram amantes.

— Amantes?! — repetiu Derek incrédulo. — Como se atreve a dizer isso? Sabe muito bem que sou comprometido com Sidra, Marc.

— Conheço bem esse tipo de compromisso — disse Marc com amargura, pensando na mãe egípcia e no pai inglês. — Se gosta tanto dela por que ainda não se casaram? — desafiou, esquecido do respeito que sempre tivera pelos negócios particulares dos outros.

— Você está comprometendo nossa amizade, Marc. Esse assunto não é absolutamente de sua conta, mas já que está tão curioso vou lhe dizer a verdade. Sidra não quer se casar — revelou furioso por ser pressionado a contar algo que preferia manter em segredo.

— Desculpe muitíssimo, Derek, eu não sabia.

— Você não sabe de muitas coisas, Whittier, e, de outras tantas, *eu* gostaria de saber. O que o faz pensar que a srta. Blake é do tipo de ter amantes e por que acha que nós somos? Afinal, isso é da sua conta? — Derek perguntou com voz arrastada e fitando Marc bem de perto.

— Derek, eu não podia pensar outra coisa ao vê-la ir a sua tenda todas as noites enquanto Sidra mantinha-se afastada. Sandra sempre ficava mais alegre quando você estava por perto e a sua presença no acampamento transformou-o numa pessoa muito mais animada e satisfeita.

— Grandíssimo idiota! Sandra Blake não passa de um pseudônimo arranjado a fim de conseguir uma reputação profissional por conta própria. Sandra é Cassandra, minha irmã. E você faça o favor de não se esquecer disso! — ameaçou Derek para, em seguida, ir embora deixando Marc atônito.

— A irmã dele? Deus do céu! — murmurou Marc, que não estava em condições de receber uma notícia de tal impacto.

Atirou o copo longe dominado pela raiva, frustração, remorso e, acima de tudo, paixão.

— Maldição — exclamou continuando a falar sozinho. — Por que fui procurá-la? Nem da primeira vez eu devia ter interferido — lamentou-se ciente de que, mesmo na *mediria*, não poderia ter deixado de socorrê-la.

Ele estava descontrolado e precisava da mente clara para pôr em ordem os pensamentos. Não dormia há mais de quarenta e oito horas, todavia seria impossível conciliar o sono naquele estado de ansiedade. Talvez pudesse refrescar a cabeça se cavalgasse um pouco. Resoluto, dirigiu-se ao lugar onde Nomad ficava.

— Que inferno! Se Derek soubesse...

Enquanto selava o cavalo, ele não viu Clive Pemberton observando-o e

nem o ouviu murmurar quando partia:

— Ah, Whittier, você está facilitando bem as coisas!

Marc deu rédeas à montaria assim que deixou o acampamento. Embora cansado, o cavalo sentiu a tensão do dono e, de boa vontade, seguiu a trilha habitual. Absorvido pelos problemas, Marc não prestava atenção ao trajeto. A sua impulsividade permitira a suposta competição com Derek pelo amor da mulher recém-chegada ao acampamento, porém sua dignidade não admitia que continuasse a violar a inocência da irmã de seu melhor amigo.

Não era mais tão inocente, refletiu com amargura, e por culpa dele. Mas, afinal, o que fazia ela ali? Se Derek não lhe confiara o segredo, ela deveria tê-lo feito a tempo. Lembrou-se de haver interrompido uma tentativa de explicação no deserto e sentiu-se, além de traidor, traído.

— Sandra, Cassandra — sussurrou. — Que raiva!

Desde que a encontrara, ela não fizera outra coisa senão atrapalhar sua vida. E sempre que pensava terem finalmente chegado a bons termos surgia uma nova surpresa. O que fazer agora?

Percebeu que Nomad o tinha trazido aos limites da cidade de Akhenaton. Do alto da montaria, contemplou as ruínas. O faraó também devia ter enfrentado problemas com a mulher, caso contrário o nome dela não estaria ausente dos registros oficiais do último ano de reinado dele. No estado de espírito em que Marc se encontrava, até olhar para o local tão querido o frustrava. Ainda não haviam encontrado indício algum do lugar do descanso eterno de Nefertiti. A rainha morta há tantos séculos talvez fosse tão complicada quanto Cassandra.

Ele ainda desejava a moça, mas o fato de ela ser parente de Derek o confundia. A ideia de assumir um compromisso permanente passou-lhe pela cabeça, porém foi logo afastada. Construir uma vida em comum era um assunto sério e não podia ser decidido apressadamente, tendo como base a paixão de uma noite no deserto, ou o sentimento de obrigação por tratar-se da irmã de um grande amigo. E, além disso, ele não pretendia se casar. Não tinha o direito de exigir que a esposa vivesse na periferia de duas sociedades, ainda mais tratando-se de Cassandra, uma moça rica, de família influente. Bastava lembrar-se da própria mãe para repudiar a ideia. Não, um compromisso estava fora de questão.

Relutante, Marc admitiu que o namoro tinha de terminar. O que se passara entre Cassandra e ele não podia ser alterado; no entanto, poria um fim no relacionamento. Sentia-se aborrecido por ser coagido a agir assim e

mais aborrecido ainda com os resultados que tal atitude provocaria. Ia ser muito difícil manter-se longe de uma mulher encantadora cujo sorriso prometia os mais inesperados prazeres. Talvez fosse bom mesmo que ela fosse ao Cairo com Thornton. Longe um do outro, haveria uma chance de a paixão esfriar. De manhã, informaria Sandra, ou melhor, Cassandra, de sua resolução, porém ocultaria as razões que a tinham motivado.

Quanto a Derek, cabia a Cassandra determinar o que deveria ser revelado. Essa era a maneira de um cavalheiro se comportar, pensou com ironia. Talvez ela preferisse guardar o incidente em segredo. Caso contrário, enfrentaria o amigo quando chegasse o momento adequado.

O nascente já clareava quando Marc, exausto, voltou para o acampamento. Sentia-se infeliz, porém mais calmo com a solução à vista.

CAPÍTULO X

O café, na manhã seguinte, foi mais tarde que o combinado. De mau humor e os olhos muito vermelhos, Derek chegou à tenda da cozinha acompanhado de Sidra. Pemberton, Adam e Paul, este último com pior aparência do que na véspera, já se encontravam lá.

— Sandra continua dormindo profundamente — informou Sidra na esperança de começar uma conversa amena, sem brigas.

— Marc também deve estar — comentou Adam alheio ao olhar furioso de Derek e ao sorriso enigmático de Pemberton. — Se estivesse acordado já teria vindo nos ajudar a planejar a mudança das peças. Coitado, deve estar exausto.

— Não é de espantar, com os hábitos noturnos dele — aparteou Pemberton.

— O que está querendo insinuar? — Derek perguntou alterado. — Do que suspeita dele?

— Cavalheiros — disse Sidra ao olhar séria para Derek —, depois de tudo que Marc fez por nós, sem dúvida todos concordamos que ele tenha o descanso merecido. Deveríamos mostrar gratidão pelos esforços dele, afinal Sandra está salva. Temos tido alguns desentendimentos, mas acho que precisamos pôr as diferenças de lado para enfrentar a tarefa enorme a nossa frente. Não sei como poderemos fazer isso se continuarmos a discutir.

Constrangido com as palavras de Sidra, Derek começou a dar ordens ao grupo quanto às atribuições para aquele dia. Adam e ele trabalhariam nas escavações enquanto Pemberton e Thosnton montariam guarda na tenda de depósito. Sidra orientaria alguns dos trabalhadores na montagem de engradados para o despacho das peças e Ahmet ficaria encarregado de alugar uma *falucca*. Além disso, um dos gufti iria a Mallawi enviar um telegrama à srta. Marquist informando-a da chegada das peças. À noite, fariam as embalagens e, no dia seguinte bem cedo, Pemberton e Thornton partiriam levando os engradados.

Marc acordou depois de todos terem se espalhado no cumprimento das obrigações. Encontrava-se sentado na tenda da cozinha tomando uma xícara de café quando Sidra entrou furiosa com as exigências de Adam. Ele queria

engradados espaçosos para poder inserir bastante algodão entre as peças a fim de não sofrerem danos durante o transporte. Exaltada, ela argumentava que Adam estava sendo meticuloso demais. De repente, notou o ar sombrio de Marc e esqueceu-se das reclamações.

— Você está com um aspecto tão taciturno quanto Derek hoje cedinho. Felizmente, ele já começou a melhorar. Vocês devem ter tido uma briga e tanto.

— Ele contou a você, não é?

— Não fique aborrecido. Geralmente, Derek me confia os problemas.

— Então você também sabe sobre a srta. Barstowe?

— Eu disse “geralmente”. Só fiquei sabendo há poucos dias. Como lembrei a Derek ontem à noite, eu tinha as mesmas suspeitas que você, Marc. Tente compreendê-lo no que diz respeito a Cassandra. Ele assumiu o papel de irmão mais velho com muita seriedade.

— Não o bastante — retrucou Marc.

— Bem, ele não teve nada a ver com a vinda de Cassandra para cá e só descobriu sua identidade quando Paul trouxe o passaporte no dia da tempestade de areia.

Ao pensar nos acontecimentos dos dois últimos meses e meio, Marc começou a ver que eles faziam mais sentido. Todavia não era a situação com Derek que o aborrecia no momento e sim a determinação de se afastar de Cassandra. Isso ele não podia confiar a Sidra.

Um tanto desajeitado, pediu licença e saiu depois de recomendar à enfermeira para seguir as instruções de Adam. Ele havia coordenado o trabalho de embalagem de peças nos dois anos anteriores e, graças às exigências e meticulosidade do arqueólogo, nenhuma delas fora danificada.

Marc dirigiu-se à tenda de Cassandra e entrou sem fazer barulho, certo de que ela ainda dormia.

— Marc! — ouviu-a exclamar entre surpresa e meiga enquanto se aproximava ainda com a camisola transparente. — À plena luz do dia, seu malandro! Não tem medo de alguém nos ver?

— Só vim rapidamente, *Cassandra* — disse ele com ênfase em seu nome.

— Tentei contar a você, Marc — disse ela baixando o olhar. — O quanto me lembre, você estava apressado demais para me dar atenção.

— É verdade, admito. Vim para falar sobre nosso relacionamento futuro.

— Compartilhar a mesma tenda é impossível — declarou ela rindo e beijando-o no rosto. — Mas há outras soluções. Derek e Sidra encontraram uma.

— Vejo que Derek não conseguiu esconder o segredo de você ao mudar Sidra de volta para cá — comentou Marc envolvido pelo seu perfume e a resolução começando a fraquejar.

— Às vezes ainda não estou dormindo quando ela sai. Podemos usar isso a nosso favor.

— Não — discordou Marc criando coragem. — No interesse de sua carreira é melhor não continuarmos nosso relacionamento — argumentou.

— Ora, Marc, você se tornou tão importante quanto minha profissão para mim.

— Como pode comparar um relacionamento sexual sem importância com a carreira sonhada por tantos anos?

— Sem importância, Marc?! Eu te amo!

— Você não pode ter certeza disso. Com mais experiência, saberá distinguir o desejo físico do amor — explicou Marc desesperado por ser tão cruel. — Muitas mulheres sentem ternura pelos homens que as iniciam na vida sexual.

— E quantas delas têm tal sentimento por você, Marc Whittier? — perguntou ela elevando a voz.

— Você não entendeu meu ponto, Cassandra.

— Nem você o meu. Eu disse que te amo! — protestou, consciente da barreira que Marc tentava erguer entre ambos.

— O amor não se baseia em fraude e você não fez outra coisa senão me enganar desde que nos conhecemos. Acredite, você não me ama. Provavelmente, está empolgada por começar a viver suas paixões. A minha experiência pessoal nesse assunto aconselha a terminarmos tudo agora enquanto ainda guardamos uma lembrança agradável do que aconteceu — declarou de um fôlego só e, depois de fitá-la por um instante, deixou a tenda.

Com as lágrimas correndo pelas faces, Cassandra o viu afastar-se. Sem dúvida, ele também sentia algo por ela. A ternura em seus olhos e gestos na véspera não podiam ser fruto de sua imaginação. Compreendia que Marc se sentisse enganado, mas não precisava reagir de forma tão drástica. Enquanto remexia o malão, encontrou o amuleto do amor. Acariciou-o pela primeira vez ansiando acreditar em seus poderes. Quando a raiva passasse, Marc cairia em si e aceitaria seus sentimentos, caso contrário, haveria de convencê-lo.

Tão logo a deixou, Marc foi tomado por duas sensações diferentes: a de honradez e a de um grande vazio. Agira para o bem de todos os interessados,

contudo estava com a nítida impressão de ter cometido um erro.

Ele atravessava o acampamento a passos largos quando sentiu alguém puxar-lhe a manga. Virou-se e viu Mari.

— *Baksheesh!* — disse ela sorrindo.

— Tem razão, menininha, eu não me esqueci de você — respondeu Marc em árabe.

Ele também não havia esquecido do dia em que tinham encontrado o molde funerário. Recordações da descoberta, compartilhada com Cassandra, encheram-lhe a mente e aumentaram a sensação de perda. Sacudiu a cabeça a fim de livrar-se das visões perturbadoras. Tomou a mão de Mari e, juntos, foram à tenda de depósito onde ficavam os registros de pagamento. A menina já esperara demais para receber a recompensa. Contudo, encontrou Thornton e Pemberton lá dentro vigiando as peças. Exasperado, resolveu anotar o *baksheesh* em outra ocasião, para não mencionar o achado do molde funerário na presença de pessoas que não pertenciam à equipe. Pagaria Mari do próprio bolso e depois acertaria as contas com Derek.

Sem dirigir uma palavra sequer a ambos, virou-se para a menina preocupado em como tirá-la dali antes de fazer-lhe o pagamento. Surpreendeu-se quando, novamente, ela o puxou pela manga e, dessa vez, indicando a saída da tenda. Já do lado de fora, ela sacudiu a cabeça com ar assustado.

— O que foi, Mari? Não quer seu *baksheesh*?

— Quero, sim, sr. Marc, mas não gosto daquele homem.

— De qual deles? Você já viu os dois antes.

— Outro dia, vim ver se a moça tinha voltado. Fiquei triste quando Deva contou que ela havia sumido e todos estavam procurando.

— Você não sabe que ela já voltou e está salva? O que os dois homens têm a ver com isso?

— Eu vi aquele de voz muito alta entrar na tenda da moça quando ninguém estava aqui. Depois, ele saiu com alguma coisa escondida que enterrou atrás do alojamento dele. Então, também foi embora. Não sei se ele me viu espiando e agora estou com medo.

— Tem certeza, Mari? — Marc perguntou nervoso e, a um aceno afirmativo da menina, ordenou: — Vá depressa buscar o *Mudir*. Ele está escavando perto da área onde achamos o molde. Diga-lhe para vir depressa, que eu preciso falar com ele.

A menina afastou-se correndo e Marc postou-se aos poucos passos da tenda de depósito sem tirar os olhos dela. Não teve de esperar muito. Logo

ouviu a voz ansiosa de Derek perguntando-lhe qual era a novidade. Em poucas palavras, ele relatou a história de Mari e terminou dizendo:

— Como Pemberton mostrou-se contra nosso plano de enviar as peças para o Cairo, achei que você devia se inteirar logo deste detalhe.

— Correto, Marc, e muito obrigado. Quanto às minhas reações de ontem à noite...

Marc sorriu e interrompeu-o indagando sobre o que pretendia fazer a respeito de Pemberton. Derek queria questioná-lo imediatamente. Mandaram Mari ajudar Sidra e entraram na tenda de depósito.

— Vim aqui fazer umas perguntas — Derek falou sem rodeios.

Thornton pulou assustado. Desde o ataque no deserto, ele mostrava-se nervoso. Pemberton, por outro lado, não perdeu a serenidade, apenas levantou o olhar com expressão de aborrecimento.

— O que é desta vez, Barstowe?

— Fui informado de que você, quando deveria estar a caminho de Mallawi para dar queixa do desaparecimento da srta. Blake às autoridades, resolveu fazer suas próprias investigações do caso.

— E daí? — inquiriu Pemberton imperturbável.

— Você admite ter entrado no alojamento da srta. Blake e saído de lá com algo que enterrou atrás de sua tenda?

— Ora, ora — falou Pemberton com voz arrastada. — Seu informante é bem eficiente e está absolutamente correto. Fiz isso, sim senhor.

— Muito bem, e qual é a sua explicação? — perguntou Marc num tom baixo e ameaçador.

Pemberton olhou-o de lado e respondeu com ar de superioridade:

— Vocês se esquecem de que estou aqui para fazer uma investigação. Quando a srta. Blake foi raptada, achei que isso tinha algo a ver com os esboços feitos por ela das peças substituídas. Às escondidas, voltei ao acampamento para ver se ninguém havia se apossado do bloco de desenho. Como o encontrei, achei melhor escondê-lo antes de fazer minha parte na operação de resgate. Simples, não é? Se quiserem, posso restituir o bloco já. Os desenhos estão intactos.

— Por que não me contou isso antes? — indagou Derek.

— O investigador aqui sou eu, Barstowe, e não você. Eu decido o que revelar e a quem. Quer o bloco já, ou pode esperar até a noite?

— Agora Pemberton. E daqui em diante gostaria de ser informado sobre suas atividades.

— Impossível, meu caro Barstowe — afirmou Pemberton com um sorriso

mordaz. — *Todos* aqui são suspeitos. Mesmo assim, vou contar-lhe uma coisa que vi. Pergunte a seu amigo Whittier por que ele saiu a cavalo à noite e na véspera dos achados serem enviados para o Cairo. Como um homem supostamente exausto foi cavalgar no meio da noite, a não ser que desejasse contatar alguém? Com quem, Whittier — vociferou Pemberton —, você foi se encontrar?

Marc fitou-o cheio de desprezo, demonstrando que não se sentia obrigado a responder. Depois, virou as costas e foi embora.

— Ele saiu numa incumbência minha — mentiu Derek, desconfiando das razões do amigo e conhecedor dos hábitos dele. — Aceito suas explicações como plausíveis e por isso continuaremos com nossos planos. Você acompanhará o transporte das peças até o museu.

— Disso não tenha a menor dúvida. Se persiste com essa ideia absurda, não me resta outra escolha senão ir até o Cairo.

— Olhem aqui — apartou Paul falando pela primeira vez desde a entrada de Derek e Marc na tenda —, com todas essas suspeitas paraindo no ar, eu gostaria de ser incluído na verificação e embalagem das peças. De certa forma, a chegada delas a seu destino em segurança também é responsabilidade minha. Por isso, quero saber o que vai dentro dos engradados.

— Você não deixa de ter razão, Paul. Aliás, é uma boa ideia. Acertaremos os detalhes durante o jantar. Agora, Pemberton, se me devolver o bloco de esboços, posso voltar ao meu trabalho.

Enquanto esperava, Derek ocupou-se em verificar as prateleiras onde ficavam as peças para ver se nada mais havia ocorrido com elas. Foi interrompido por Paul que, um tanto ansioso, queria saber se Cassandra os acompanharia ao Cairo. A pergunta provocou a desconfiança de Derek. Se acreditava na possibilidade de Marc seduzir a irmã, por que não Thornton?

— Não sei. Pergunte a ela na hora do jantar.

Pemberton voltou e, com um floreio exagerado, entregou o bloco de desenho. Derek apanhou-o e, sem agradecer, dirigiu-se à tenda de Cassandra, desejoso de saber se não havia alteração alguma. Encontrou-a sentada na cama, com ar tristonho e o almoço trazido por Sidra intato.

— Não está se sentindo bem, Cass? — indagou solícito.

— Só um pouco cansada — respondeu ela tentando esconder a mágoa — Ai, o meu bloco de desenho. O que faz você com ele?

— Pemberton o confiscou como parte das investigações dele. Pode dar uma olhada e ver se não está faltando nada?

Cassandra folheou-o e garantiu:

— Não, está como o deixei.

Satisfeito, Derek voltou para o trabalho, mas antes pediu a Marc para vigiar o acampamento e não perder Pemberton de vista.

Depois da saída do irmão, Cassandra refletiu que ficar ali sentada não resolveria seu problema com Marc. Talvez uma xícara de chá a ajudasse a levantar o estado de ânimo. Caso contrário, poderia arranjar algo para fazer. Envolver-se em qualquer tipo de trabalho a faria esquecer-se um pouco da situação deprimente.

Vestiu-se e penteou os cabelos com cuidado. Já ia sair quando notou o bloco de desenho na cama e resolveu guardá-lo na sacola com seus outros utensílios de trabalho. Como havia peças jogadas, resolveu arrumar tudo para economizar tempo logo mais à noite. Revirou o conteúdo da sacola na cama e procurou os objetos mais pesados para colocar no fundo. Deu por falta da pistola e ficou intrigada: nunca a tinha tirado de lá! Talvez, ponderou, alguém a houvesse tomado emprestada na confusão de seu desaparecimento, quem sabe o próprio Marc.

Saiu da penumbra da tenda para a claridade do sol de Amarna já a caminho do poente. Os raios a envolveram num calor agradável. Se tudo corresse como esperava, logo o “seu” Aton estaria aquecendo-lhe o coração em vez de enchê-lo de tristeza. Teria Nefertiti jamais se sentido tão abandonada? Cassandra controlou as emoções e entrou na cozinha.

Do ponto estratégico de observação do acampamento, Marc seguiu seus passos com o olhar. Desesperado por querê-la entre seus braços e impedido pela consciência de fazê-lo, praguejou baixinho. A fúria aumentou quando viu Thornton ir ao encalço de Cassandra. Havia renunciado ao direito de reivindicar-lhe o amor, porém era impossível conter o ciúme. Num esforço sobre-humano, controlou-se para não seguir o rapaz.

Cassandra pôs o chá no bule, despejou água fervendo e sentou-se à espera de que tomasse gosto.

— Olá — cumprimentou-a Paul. — Pensei em tomar uma xícara de chá mas não esperava encontrá-la aqui. Como está se sentindo?

Cassandra esqueceu-se dos próprios problemas e foi tomada por uma grande comiseração. O aspecto do amigo era péssimo. Uma atadura enorme cobria-lhe quase a testa inteira, o rosto estava muito pálido e refletia intenso

nervosismo.

— Você ainda me dá a honra de falar comigo? — perguntou ele incapaz de fitá-la diretamente.

— Ah, Paul, com toda a certeza. Você está tão abatido! Sente alguma coisa?

— Não, não. Estou apenas preocupado com você.

— Bobagem. Como vê, estou bem.

— Ah, Sandra, não consigo vencer a vergonha e o embaraço por não ter impedido que tudo acontecesse.

— Não foi culpa sua.

— Obrigado — agradeceu ele e beijou-a na testa. — Não perco as esperanças de pôr as mãos nos bandidos. Diga uma coisa — continuou, com uma nota de ansiedade na voz —, lembra-se de algum pequeno detalhe que possa ajudar na captura dos sequestradores? Viu alguma coisa?

— Derek fez as mesmas perguntas, mas há um branco em minha cabeça. Acho que quero me esquecer e não falar mais no assunto. Se, por acaso, me lembrar de algo, contarei a você.

Meio trémulo, Paul sorriu e passou a contar a Cassandra os planos de levarem as peças para o Museu do Cairo. Terminou convidando-a para acompanhá-lo.

— Isso nos daria a oportunidade de refletirmos juntos sobre possíveis indícios que ajudassem as autoridades na procura dos raptos. Além do mais, você se recuperaria da experiência terrível — acrescentou depressa notando que a ideia não a agradava.

— É muita bondade sua preocupar-se comigo, Paul, porém há trabalho demais aqui — afiançou Cassandra com Marc no pensamento enquanto servia o chá.

— Prometa estudar meu convite — insistiu Paul. — Poderá dar uma resposta definitiva na hora do jantar. Agora, se me der licença, vou voltar para junto de Pemberton.

Beijou-a outra vez e saiu esquecido do chá.

O jantar transcorreu num clima tenso. Quando Sidra e Cassandra chegaram, Adam tentava iniciar uma conversa entre os homens. Todos já se encontravam acomodados à volta da mesa, inclusive Pemberton e Thornton, pois a guarda da tenda do depósito ficara a cargo de Ahmet. Os dois, além de jantar, queriam tomar parte nos planos de embalagem das antiguidades. Ninguém se achava disposto a colaborar com o esforço de Adam, embora

Derek e Marc se mostrassem muito à vontade um com o outro.

Durante a refeição, Sidra observou a maneira disfarçada de Cassandra olhar para Marc e o jeito dele de ignorá-la. Imaginando que a companheira romantizava o resgate no deserto, Sidra aconselhou-a a aceitar o convite de Paul para ir ao Cairo. A viagem ou forçaria Marc a tomar uma atitude em relação a ela, ou proporcionaria a Cassandra tempo para se recuperar do amor mal-sucedido.

— Eu jamais iria depois de haver causado um atraso no andamento do projeto. Vou ficar aqui e trabalhar bastante — declarou Cassandra.

— Bobagem, minha cara — disse Derek. — Vá e divirta-se um pouco. Thornton me contou sobre um baile de passagem de ano. Não gostaria de ir?

— Essas coisas, Derek, não são importantes para mim. Além do mais, sou útil aqui — argumentou ela.

— Em quê? — indagou Marc, cáustico. — Nós produzíamos bastante antes de você chegar e conseguiremos nos arranjar muito bem sem sua ajuda.

Cassandra ficou lívida e Sidra tentou amenizar a situação.

— Marc quer dizer que podemos poupá-la por alguns dias.

— Há um outro ponto — acrescentou Derek. — Eu gostaria de contar com uma pessoa oficialmente ligada à equipe para acompanhar o transporte das peças. Faria isso por mim?

— Exato. E não há razão alguma para você ficar aqui — afirmou Marc com ênfase nas últimas palavras.

— Muito bem, eu vou — concordou Cassandra dirigindo um olhar rancoroso a Marc. — Provavelmente, esses serão os melhores dias de minha estada no Egito.

— Não posso imaginar que você tenha oportunidade de fazer algo melhor — concordou Marc com um sorriso triste.

Enquanto Cassandra arrumava a mala para a viagem do dia seguinte, os homens ocuparam-se em acomodar as antiguidades nos espaçosos engradados feitos sob a orientação de Sidra.

Derek e Marc diziam o número de cada peça em voz alta e Paul verificava a descrição na ficha. Em seguida, Adam a embalava em tiras de algodão e a acomodava entre grossos chumaços dentro do engradado. Pemberton mantinha-se ao lado supervisionando os trabalhos.

Sem dúvida alguma, foi motivo de satisfação e alívio para Derek constatar que não houvera mais nenhuma sabotagem. Terminado o acondicionamento do material, as tampas foram pregadas nas caixas e Adam

insistiu em manter a vigilância durante a última noite.

Bem mais tarde, quando todos já se haviam retirado aos alojamentos, Marc ouviu o relinchar de Nomad. Preocupado, foi verificar o motivo da inquietação do animal. Encontrou Adam do lado de fora da tenda de depósito com uma pá erguida como se fosse uma espada. Ao se deparar com Marc, ele baixou a ferramenta um tanto desconcertado.

— Ouvi um barulho e vim ver do que se tratava, mas antes peguei isto para me defender. Como sabe, detesto armas de fogo. Você também ouviu algo de anormal?

— Pode ter sido um chagal muito perto do acampamento — comentou Marc desconfiado até da própria ansiedade.

Ele sentiria um grande alívio quando as antiguidades alcançassem a segurança do museu, especialmente porque não estava muito convencido da de Cassandra durante a viagem. A bem da verdade, não havia razões para se afligir. Um ataque durante o percurso pelo rio era improvável e a srta. Marquist telegrafara avisando que uma guarda especial os aguardava nas docas. De qualquer forma, refletiu, o bem-estar de Cassandra não era mais de sua conta.

Antes de voltar para a tenda, Marc atendeu ao pedido de Adam para ajudá-lo numa inspeção da vizinhança. Enquanto os dois homens se certificavam da normalidade do acampamento, as tampas dos engradados foram removidas. Depois de algum tempo, voltaram a ser recolocadas no lugar.

Na manhã seguinte a carga foi embarcada na *falucca* e os que partiam se despediram. Cassandra beijou Sidra e abraçou Derek e Adam antes de dirigir-se a Marc e dizer bem devagar:

— Adeus, Marc.

Em seguida, deu os braços a Paul e subiu a bordo da pequena embarcação. Sua atitude orgulhosa e ostensiva provocou o sorriso de Sidra, que se acentuou mais com a expressão magoada de Marc. Antecipava entusiasmada o que aconteceria no acampamento depois do retorno de Cassandra.

Após a partida da *falucca*, Cassandra e Paul acomodaram-se na popa e Pemberton na proa a fim de observar o barqueiro. Em questão de instantes, Paul trouxe à baila a questão do sequestro, deixando Cassandra com os nervos à flor da pele. Embora lhe percebesse o mal-estar, ele só mudou de

assunto quando assegurou-se de que ela não conseguia lembrar-se de nada que já não houvesse contado. Com o passar das horas, o rapaz voltou a mostrar a antiga vivacidade e Cassandra resolveu aproveitar a viagem e esquecer Marc.

CAPÍTULO XI

O grupo chegou ao Cairo no meio da tarde do dia trinta de dezembro. Os guardas do museu transferiram os engradados para duas caminhonetes que deveriam levá-los às mãos da srta. Marquist.

Quando Paul sugeriu a ida imediata de Cassandra para o hotel enquanto ele e Pemberton acompanhavam as peças, ela protestou com veemência:

— De jeito nenhum! Não quero ser tratada como um bibelô. Sem dúvida, preciso descansar, mas não agora. Primeiro quero ver o museu.

— Como assim?

— Isso mesmo. Quando paramos no Cairo da outra vez, chegamos tarde e saímos cedo e não tive a oportunidade de visitar o museu. Além do mais, Paul, com sua influência lá dentro, poderá facilitar as coisas.

— Minha influência?! — questionou ele depressa. — A que está se referindo? Não passo de um assistente diplomático de credenciais sem o menor valor no museu. Não sou ninguém especial.

— Não seja bobo, Paul, claro que é. E, como se ofereceu para acompanhar as peças desde Amarna, talvez consiga que a diretora do museu, numa retribuição a seu gesto, mostre-nos algumas raridades escondidas da maioria dos visitantes.

— Posso tentar, porém devo avisá-la do rigor da srta. Marquist quanto aos regulamentos do museu.

— Derek e Marc mencionaram isso. Aliás, ela os impressionou bem.

— Olhe, Thornton, já que você e a srta. Blake vão acompanhar o final do transporte dos engradados, importa-se se eu for cuidar de outros assuntos?

— indagou Pemberton. — Quero falar com certas pessoas a respeito daquelas imitações.

— Tudo bem, sr. Pemberton — Cassandra respondeu depressa em lugar de Paul, contente por ver-se livre do homem. — Nós dois tomaremos conta de tudo, fique sossegado.

Pouco depois, seguiam pelo tráfego moroso e Cassandra respirou aliviada.

— Deus do céu, Pemberton me provoca uma sensação muito estranha. Ele pode ser pago para ter suspeitas, mas na minha opinião não confia nem na mãe dele.

— Não exagere. Ele apenas tenta ser eficiente ao desincumbir-se de uma tarefa desagradável. A mim, ele não aborrece — afirmou Paul.

— Naturalmente, você foi treinado para ser um diplomata. Mas vamos falar sobre o museu e o que será possível ver. Em Londres, muitas das melhores peças nunca são exibidas e ficam guardadas em algum depósito.

— Aqui é bem diferente. Há tantas coisas para serem vistas que você vai lamentar que uma parte não esteja guardada. As coleções estão aumentando num ritmo que a infra-estrutura do museu não consegue acompanhar — explicou Paul.

— Então por que conservam tantos dos novos achados? Não deveriam ser mais generosos com os arqueólogos?

— Você deveria fazer essa pergunta ao Departamento de Preservação de Antiguidades. A bem da verdade, os egípcios se ressentem do fato de os ingleses terem tirado o nariz da esfinge e o exibido em Londres. Não foi muito bonito de nossa parte, concorda?

— Sem dúvida. Agora, fale um pouco sobre essa extraordinária srta. Marquist. Ela não tem poderes demais para uma mulher?

— Não, não acredito — discordou Paul. — Há sete diretores encarregados das novas descobertas. Ela é uma entre dois, ou três, supervisores das concessões britânicas. Como você, a srta. Marquist é diplomada em História Antiga, porém não teve a sua sorte em arranjar trabalho de campo. Depois de várias tentativas fracassadas, contentou-se com esse emprego no museu. Sem dúvida, ela preferiria encontrar-se em alguma escavação qualquer e não aqui — afirmou Paul apontando para o prédio em frente ao qual acabavam de parar.

Tratava-se de uma construção espaçosa, de dois andares, que mais se assemelhava a uma fortaleza do que a um museu. As paredes de pedra tinham mais de meio metro de espessura e as janelas horizontais ficavam bem acima do nível da rua.

Baseada nessa primeira impressão, Cassandra deduziu que os achados de Amarna estariam bem seguros ali.

Enquanto Paul, acompanhado de um dos guardas, ia em busca de carregadores para a carga preciosa, ela ficou com os outros tomando conta das duas caminhonetes. Seria um alívio ver-se livre da incumbência, embora a responsabilidade maior coubesse a Paul e ele não houvesse demonstrado a mínima preocupação desde o momento da partida em Amarna.

Cassandra refletiu um instante sobre a atitude peculiar do amigo e depois justificou-a pela experiência de Paul no consulado. Ele devia estar

sempre às voltas com tarefas especiais e deveres diplomáticos e acabara acostumando-se a encarar tudo com naturalidade. Nesse momento, ele voltava acompanhado da famosa diretora.

— Srta. Marquist, deixe-me apresentar-lhe a srta. Sandra Black, estagiária da expedição do dr. Barstowe.

Pelas referências de Derek, Cassandra havia imaginado uma matrona, corpulenta e vestida com severidade e falta de gosto. Foi uma surpresa agradável deparar-se com uma moça de uns trinta e cinco anos, alta, com roupas elegantes e, apesar de não muito bonita, de feições atraentes.

— Segundo Paul me contou, você conseguiu trabalho de campo. Deve conhecer alguém muito importante. Tentei isso durante doze anos antes de desistir e me contentar com o emprego do museu. Bem, vamos cuidar de suas preciosidades.

Num movimento brusco e sem dar tempo a Cassandra de falar, a srta. Marquist fez um gesto para os carregadores e encabeçou a procissão por um labirinto de corredores. Num instante, Cassandra viu-se completamente desorientada e desistiu de notar as vitrines ou exposições nas áreas percorridas, numa seleção do que gostaria de examinar mais tarde com vagar. Em vez disso, concentrou-se na figura enérgica e rápida a sua frente. Finalmente, entraram numa sala espaçosa com duas mesas grandes e vazias no centro e caixas de papelão, com etiquetas coloridas, ao longo das paredes.

— Ponham os engradados nas mesas — autorizou a diretora. — Vou já assinar o protocolo de entrega.

— Mas a senhorita ainda não viu o conteúdo das caixas — protestou Cassandra. — Não precisa fazer um inventário?

— Primeiro, vamos deixar de cerimônias e nos chamar pelo primeiro nome. O meu é Pamela. Quanto ao inventário, você em parte tem razão, mas fique sossegada, nós faremos várias verificações de tudo. Thornton não lhe explicou nosso método?

— Ora, você sabe que eu, por questão de ética, não entraria em detalhes quanto a trabalho. Apenas contei a Sandra que é arqueóloga, aliás excelente, e amiga minha.

— Deixe de elogios — protestou Pamela, mas sem esconder sua satisfação. — Se você permitir e não se aborrecer, vou explicar em poucas palavras nosso sistema a Sandra.

— Fiquem à vontade — replicou Paul amável.

— Antes de mais nada, Sandra, quero saber se você estudou com o professor James Kendric na universidade.

— Sim, ele me deu aulas de arqueologia egípcia.

— Homem maravilhoso, não acha? Só ele para nos fazer acreditar na possibilidade de desenterrar segredos antigos. Quase já esqueci os sonhos inspirados por ele, porém sempre terei sua imagem gravada na minha memória.

— Não comece a ficar sentimental, Pamela. Você não é mais uma recém-formada idealista e assumiu um trabalho aqui do qual deve continuar a se desincumbir com eficiência — apartou Paul um tanto ríspido. — Você e Sandra poderão falar desse assunto quando estiverem sozinhas. Agora, tratem de algo de que estejam a par, caso não se importem.

— Naturalmente, Paul. Desculpe se eu dei a impressão de querer voltar aos dias de minha juventude. Muito bem, Sandra, a organização do museu é simples. Quando um país, ou grupo particular, recebe a concessão de escavar algum lugar, deve comprometer-se a seguir os regulamentos impostos pelo governo egípcio. O museu designa um diretor para observar a obediência ao acordo. Relatórios semanais, incluindo o registro de peças catalogadas, precisam ser enviados ao museu pontualmente. Achado algum deve deixar o local de escavação sem autorização nossa. Nem um caco de cerâmica ou conta de colar pode ser desviado. *Tudo* precisa chegar aqui no fim de cada período anual de escavação.

A fluência na exposição dos regulamentos mostrava o preparo da diretora para enfrentar qualquer problema ou situação equívoca.

— No final, e no caso de Amarna, eu faço as recomendações quanto às peças a serem acrescentadas ao acervo do Museu do Cairo e quais poderão deixar o país. Pierre Fournier lida com as concessões francesas. Ted Harvey, arqueólogo americano, controla os achados de Luxor. Os alemães, italianos e russos têm seus supervisores. Naturalmente, o diretor-geral dá a palavra final e pode discordar de nossas decisões, porém isso quase nunca acontece. As peças liberadas deixam o país com a ajuda de cada consulado específico. Dessa forma, os arqueólogos não precisam se preocupar com a burocracia. No caso da expedição do dr. Barstowe, por causa dos problemas que surgiram, achamos melhor receber as peças encontradas agora em vez de esperar pelo final do período. Se descobrirem mais, as juntaremos às que chegaram hoje.

— Derek e Marc estão muito preocupados com as imitações trazidas por Pemberton na semana passada. Você teve oportunidade de examiná-las? — perguntou Cassandra.

— São autênticas quanto à origem egípcia, porém, não antigas, têm um,

ou dois anos. O trabalho de envelhecimento foi muito malfeito — afirmou Pamela olhando para Paul. — Tenho certeza de que estamos aborrecendo nosso amigo. Ele não se interessa muito por arqueologia.

— Não se preocupe, Pamela. Posso admirar peças sem saber detalhes de seu descobrimento. A origem histórica delas não me fascina — defendeu-se Paul. — O mundo moderno tem muito mais a oferecer. A companhia de moças lindas como vocês duas é um bom exemplo.

— Você não aprecia o que desencavamos até agora porque não descobrimos murais como os de Pompeia — gracejou Cassandra. — Se tivéssemos, você ficaria fascinado não só com as imagens como também com o que elas estariam fazendo.

— Agora você acertou em cheio — concordou Pamela rindo. — A maioria dos homens não quer saber de mulheres inteligentes, porém é só mostrar um corpo bem-feito e o caso muda de figura. Esse é um dos pontos que me deixaram muito frustrada em minhas tentativas de arranjar trabalho de campo. Todos os homens que me entrevistaram não escondiam a opinião de que eu deveria ser a cozinheira ou a cortesã da expedição.

— Imagino bem como deve ter se sentido. Eu também faço mais trabalho de secretária do que supervisão das escavações — consolou-a Cassandra.

— Ah, então é por isso que os relatórios do dr. Barstowe melhoraram? Linguagem precisa em vez de descrições líricas. Jamais reclamei ao diretor-geral sobre o dr. Barstowe ou o sr. Whittier, mas tive muita vontade. Alguns relatórios deles chegaram a ser insuportáveis, tamanho o exagero nas descrições. Mesmo com o auxílio das fotografias torna-se difícil visualizar a peça.

— Bem típico de Derek — comentou Cassandra. — Às vezes, ele se entusiasma tanto com detalhes que perde o fio da meada.

— Se não se importam, chega de assunto profissional — interrompeu-as Paul. — Que tal jantarmos mais cedo? O lanche na *falucca* não valeu por um almoço e estamos cansados.

— E as peças? — indagou Cassandra ansiosa. — Eles não têm de ser verificadas?

— Elas encontram-se sob a guarda do museu — garantiu Paul. — Não deixe os perigos do contrabando instigarem sua imaginação.

— Exato — concordou Pamela. — Você viu que os engradados chegaram intatos. Amanhã cedo, começarei a verificação. A decisão final não será tomada antes de dois meses. Já que a segurança está garantida, podemos jantar sossegados e pensar no baile de amanhã.

— Ah, você vai? Como assim? — perguntou Paul.

— Pois é, uma mudança inesperada, o museu achou melhor nos liberar e permitir nossa participação na festa da elite britânica — Pamela contou animada. — Vamos nos arrumar bem para impressionar os dignitários presentes aqui no Cairo para as negociações sobre a constituição. Você está com medo de que eu faça feio?

— Não, não — afirmou Paul. — Eu apenas...

— Estava sendo arrogante — brincou Cassandra enquanto saíam para o corredor e Pamela fechava a porta à chave. — Ele, às vezes, tem umas atitudes estranhas, empoladas. Deve ser influência do ambiente cerimonioso do consulado.

— Talvez, mas eu tenho mesmo um convite para o baile. Aliás, Sandra, você pode dispor de meu cabeleireiro e empregada amanhã. Se quiser, peço a minha costureira para lhe levar alguns modelos. Ela deve ter vestido do seu tamanho.

— É muita amabilidade sua, Pamela, obrigada. Eu estava mesmo imaginando se conseguiria me arrumar para uma festa formal depois de semanas no deserto.

— Bobagem — disse Paul novamente com ar galanteador. — Sem dúvida, vocês duas chamarão a atenção pela beleza e elegância. Será um prazer acompanhar a ambas.

— Obrigada, Paul, mas meu pai já requereu esse privilégio — gracejou Pamela. — Como veio ao Egito, o governo o convidou a me acompanhar. Isso, naturalmente, me tira as possibilidades de arranjar um romance. Paciência. Contudo, ele se contenta em me fazer entrar pela porta e depois some para conversar com outros oficiais reformados do exército. Talvez possamos ir os quatro juntos.

— Ah, seria ótimo — concordou Cassandra. — Olhe, Paul, eu me encontro à tarde com Pamela e, à noite, você irá à casa dela de onde seguiremos, os quatro, para o baile.

— Perfeito. Agora a noite é nossa. Vamos jantar, moças?

Na noite seguinte, enquanto o carro alugado aproximava-se do endereço dado por Pamela, Paul refletia se havia agido bem ao estimular a amizade entre as duas moças. Sandra era ainda muito jovem, inteligente e sem as marcas das vicissitudes da vida. Aproximá-la de uma pessoa tão sarcástica como Pamela Marquist não era uma atitude muito ajuizada. Ele mesmo não devia envolver-se com a moça. O passeio pelo deserto tinha sido um erro

lamentável e talvez esta noite também acabasse sendo. Todavia, Sandra exercia uma atração incontrolável sobre ele. Esperava que Pamela, durante a tarde, não tivesse arrefecido o entusiasmo da jovem arqueóloga. Esta deveria ser uma noite alegre e não de ironias, nem mesmo de realidades. O carro parou e Paul desceu depois de pedir ao motorista para esperá-lo.

A visão das duas moças o surpreendeu. A juventude e o encanto de Cassandra estavam mais evidentes do que nunca e Pamela exibia uma beleza clássica, digna de uma deusa da mitologia. Elas se aproximaram dele consciente de terem sido aprovadas.

Pamela usava um vestido branco, de linhas simples, com fios dourados entremeados no tecido de seda pura. Tanto o drapeado como os cabelos penteados para cima e seguros com presilhas também douradas ressaltavam-lhe a estatura. Uma corrente delicada dourada em volta do pescoço contribuía para lhe dar uma aura régia.

Embora o estilo do vestido de Cassandra fosse convencional, sua beleza imprimia-lhe destaque. Num tom forte de verde, delineava seu corpo com graça e sensualidade, valorizando os seios e a cintura fina. A saia rodada flutuava a poucos centímetros do chão. Dois pequenos laços de fita verde entre os cabelos castanhos davam-lhe um ar de inocência que contrastava com a maturidade de Pamela.

— Bem, espero que não se sinta envergonhado de ser visto em nossa companhia — provocou Cassandra. — O coronel Marquist não teve paciência de esperar enquanto nos aprontávamos e foi embora sozinho. Segundo ele, a reputação de Pamela está mais segura em nossa companhia.

— Não sei, não. Lindas como estão, nenhuma das duas estará a salvo comigo — garantiu Paul.

— Aí está uma coisa que gosto em você, Paul. Sempre diz o que pensa, mesmo sendo bobagem — replicou Pamela. — Essa é a sua versão de elogio?

— Sinto muito, mas é. Desculpe se a ofendi. Posso dizer-lhe que está encantadora? — perguntou Paul curvando-se.

— Agora sim, sr. Thornton — Pamela fingiu severidade. — Vamos, então?

Os três entraram no carro de bom humor e na expectativa de um agradável final de ano acompanhado de um bom jantar ao lado de pessoas amáveis e cordiais. Seguiram alegres pelo tráfego movimentado, embora mais ameno que durante o dia.

A festa na residência do lorde comissário britânico comemorava a abertura anual da mansão palaciana aos residentes ingleses no Cairo. Como

estes estavam envolvidos em trabalhos governamentais, militares ou arqueólogos, a lista de convidados continha nobres, oficiais do exército e membros da elite intelectual. Todavia, o mais importante era o emissário pessoal do rei para negociações pendentes do Tratado Anglo-Egípcio, recentemente chegado ao Cairo. Todos mostravam-se ansiosos por conhecê-lo.

Enquanto Cassandra esperava na fila, ao lado de Pamela e Paul, para ser recebida pelo anfitrião e apresentada ao convidado de honra, o conde de Langshire, sentiu um certo medo de ser reconhecida. Acalmou-se, contudo, depois de alguma reflexão. Afinal, não passava de uma simples estagiária de arqueologia e o seu círculo social londrino não se estendia até essas paragens. Se estivessem em Paris ou Roma teria razão para se preocupar, mas ali estava segura.

— Lorde Comissário e madame Pomeroy, lorde Andrew, apresento-lhes a srta. Sandra Blake, arqueóloga da equipe de dr. Barstowe.

— Srta. Blake, é um prazer conhecê-la. Sigo o trabalho do dr. Barstowe com grande interesse e admiro-lhe o respeito demonstrado pelo povo e tesouros egípcios. Minhas recomendações a ele quando tornar a vê-lo.

— Obrigada, senhoria — agradeceu Cassandra ao ver-se livre do olhar perscrutador do diplomata real que se dirigia agora a Pamela e Paul. Em seguida foram conduzidos a um salão imenso com teto alto decorado com arabescos e entalhes dourados sobre o fundo branco. Lustres de cristal refletiam a luz de velas em candelabros nas paredes à volta. À direita, portas de vidro entreabertas também acrescentavam brilho ao ambiente. As paredes de ambos os lados da entrada ostentavam tapeçarias e a do fundo exibia um mural moderno retratando formas antigas da parte egípcia. Nele viam-se Osíris e Ísis numa cena de riqueza opulenta na corte real. O naturalismo artístico tão comum em Amarna não estava presente no mural, aliás demasiadamente estilizado.

— É horroroso se comparado com a decoração do palácio de Akhenaton, não concorda, srta. Blake? — indagou uma voz vinda de trás.

Cassandra virou e deparou-se com Clive Pemberton ao lado de uma moça muito bonita e atraente.

— Sim, sr. Pemberton, porém não acho delicado criticar o gosto do nosso anfitrião.

— Tolice. O mural não foi mal executado. Trata-se apenas da reprodução de uma era diferente daquela que nos atrai. Mas agora quero que conheça a srta. Regina Lyle. Regina, Sandra Blake é membro da expedição à qual fui

designado há pouco tempo.

Cassandra notou que ele omitiu a palavra “investigação”. Talvez Pemberton tivesse, afinal, um pouco de sensibilidade, embora não a demonstrasse.

— Enquanto se conhecem melhor, vou buscar-lhes ponche — anunciou ele dirigindo-se ao bufe.

— Ah, Sandra, não imagino como estava ansiosa por conhecê-la — confessou Regina sem esconder a curiosidade ao fitá-la. — Ouvi incontáveis comentários a seu respeito e sobre o acampamento onde trabalha. Aliás, você é o assunto preferido das conversas aqui no Cairo.

— Deus do céu! — exclamou Cassandra rindo para esconder a apreensão. — Não sou ninguém especial, apenas uma estagiária vinda de Londres para trabalhar com o dr. Barstowe.

— E quanto a Marc Whittier? — insinuou Regina.

— Marc? Bem, ele ocupa o segundo posto no acampamento, portanto eu o auxilio também. O trabalho nas escavações é árduo e sempre há alguém precisando de ajuda.

Embora a atitude da moça fosse irritante, Cassandra mostrou-se amável, pois tinha a impressão de conhecê-la de algum lugar.

— Pelo que Clive me contou, Sandra, você também contribui com a diversão do grupo.

Antes de Cassandra poder replicar ao comentário, Pemberton voltou acompanhado de Carstairs e de uma senhora de rosto grande.

— *Srta. Blake*, não é? — cumprimentou o cônsul. — É muito bom revê-la. Ao virmos de Alexandria para recepcionar o emissário do rei, o conde Langshire, não contávamos ter mais este prazer. Deixe-me apresentá-la a minha mulher, Clothilde.

Durante os cumprimentos trocados com a sra. Carstairs, Cassandra lembrou-se de não conhecer Regina e sim de ter ouvido falar dela. Não teve tempo, entretanto, de refletir sobre a história já um tanto esquecida, pois o cônsul voltava a falar.

— *Srta. Lyle*, não creio tê-la encontrado depois daquela festa em sua casa. Espero que seu passeio no deserto não tenha provocado consequências desastrosas.

— Não, sr. Carstairs, posso lhe garantir — respondeu Regina sem fitar o cônsul. — Como deve estar lembrado, meu cavalo, assustado com uma cobra, empinou e me atirou longe. Felizmente Marc me socorreu e não sofri nada. Marc não é sempre o cavalheiro perfeito, porém, se fosse, a companhia dele

não teria a mínima graça, não acha, Sandra?

Cassandra reprimiu a irritação a custo. A moça falava como se fosse proprietária de Marc e o tivesse emprestado, temporariamente, a ela.

— Se estou bem lembrado, a srta. Blake não compartilha de seu apreço por Whittier, srta. Lyle — informou Carstairs —, ou será engano meu? — indagou dirigindo-se a Cassandra.

— Não completamente, senhor. Considero o sr. Whittier um excelente arqueólogo e acho um privilégio trabalhar com ele. Contudo, como não confia muito nas mulheres, acho difícil ser amiga dele. Talvez alguém tenha lhe dado motivos para tal comportamento cético em relação a nós — Cassandra sugeriu e encarou Regina.

— Fico surpresa por ele aceitar trabalhar com uma moça — apartou a sra. Carstairs. — Sempre me deu a impressão de considerar as mulheres apenas como uma diversão quando lhe convém, e se irrita com facilidade quando elas não o agradam. Não é verdade, Regina?

— Ah, isso depende muito da moça, sra. Carstairs. Segundo as histórias que correm por aí, Marc tem razão de sobra para se exasperar com Sandra. Parece que houve alguns transtornos com um tornozelo torcido, o aparecimento misterioso de uma cobra na tenda dela, um rapto ridículo e uma noite passada no deserto.

A sra. Carstairs aproximou-se mais, ávida pela explicação de Cassandra.

— O sr. Whittier me livrou dos nómades que haviam atacado Paul e eu durante um passeio a cavalo pelo deserto. Por esse fato, podem me considerar grata a ele — declarou Cassandra em tom gélido.

— A senhorita não me pareceu muito agradecida quando deixamos o acampamento. Não acredito que os dois mantenham bons termos de amizade — comentou Pemberton malévolo.

— Bem posso imaginar a razão — interpôs Regina. — Conhecendo Marc, imagino que ele esperava o tipo de gratidão impossível de ser demonstrada por uma moça decente — mentiu satisfeita com o rubor de Cassandra e o interesse da matrona.

— Quando caí do cavalo e ele me trouxe de volta, tive de lutar contra os avanços de Marc. Se ele não soubesse que sou uma moça de classe e respeito, com toda a certeza, teria me forçado a algo horrível. Como isso não fosse possível, ele chegou em casa de mau humor, não é verdade, sra. Carstairs? — indagou satisfeita por transformar o embaraço de momentos antes num pequeno triunfo.

A fúria provocada pelas palavras de Regina forçou Cassandra a

demonstrar uma calma e desinteresse que estava longe de sentir. Então Marc tinha o hábito de socorrer moças para aproveitar-se delas? Por isso mostrava-se tão solícito em ocasiões difíceis, concluiu. Embora sentisse um certo alívio por Regina admitir que não mantivera um envolvimento sexual com ele, as razões que contribuíram para isso aumentavam sua raiva. Ele considerava a moça fina demais para ser violentada. Nesse caso, o que pensava dela, Cassandra? Ou, indagou-se envergonhada, fora ela que não resistira o suficiente para impedi-lo?

Confusa, Cassandra manteve-se à parte da conversa que agora girava em torno do comportamento virtuoso de Regina. Todavia, a sra. Carstairs cansou-se logo do assunto e declarou querer ouvir da própria estagiária do dr. Barstowe a história completa do sequestro. Disposta a não satisfazer o pedido dessa caçadora de escândalos, Cassandra acenou para Paul a poucos passos de distância do grupo.

— Paul, Regina e a sra. Carstairs estão muito curiosas sobre a emboscada que sofremos.

Paul cumprimentou os homens com um aceno de cabeça e as senhoras com uma ligeira curvatura ao mesmo tempo que tocava o curativo, pequeno agora, na testa.

— Foi uma experiência terrível e não muito apropriada para ser descrita numa reunião social como esta. Perdi os sentidos ao receber um golpe na cabeça enquanto os bandidos fugiam com Sandra certos de terem me matado. Não faço ideia de onde surgiram e não pude ver a direção tomada por eles. Felizmente, Marc Whittier conseguiu seguir-lhes a pista e salvar a nossa amiga — sintetizou Paul ao tomar a mão de Cassandra entre as dele. — Marc é muito eficiente em situações como essa.

— Veja, Regina — começou Cassandra com um sorriso de superioridade —, como arqueólogos, Marc e eu temos uma grande consideração mútua. A semana passada, ele e Derek ficaram entusiasmados com um molde funerário que eu encontrei. Trata-se de uma peça de bronze, muito antiga e provavelmente o protótipo de uma máscara para mulher jovem, talvez da própria Nefertiti. Não deixaria de ser excitante o fato de uma mulher descobrir um artefato pertencente à egípcia mais famosa da antiguidade — concluiu satisfeita.

— Estranho — murmurou Pemberton. — Não ouvi falar nada sobre o molde. Sem dúvida, ele não veio num dos engradados que trouxemos ontem para o Cairo. — Cassandra percebeu logo sua indiscrição. Na ânsia de colocar Regina no devido lugar, esquecera-se de que a descoberta do molde ainda

não tinha sido registrada.

— Derek e Marc não terminaram de decifrar as inscrições e o senhor estava aqui quando eu o encontrei — explicou constrangida.

— Um achado e tanto para uma mulher — elogiou Carstairs animado.

— Uma descoberta magnífica para uma arqueóloga, sr. Carstairs — corrigiu Pemberton. — Terei muito interesse em examinar a peça quando voltarmos ao acampamento, Sandra. Se me der o prazer desta dança, talvez possa me contar mais sobre ela.

— Lamento, Pemberton, mas Sandra me prometeu a primeira dança — informou Paul e, em seguida, conduziu Cassandra para longe do grupo. — Achei que você preferia meus braços aos dele. Desculpe se fui abrupto.

— Eu só tenho a agradecer. Regina e o casal Carstairs já estavam acabando com os meus nervos. Falei demais sobre o molde.

Pelo canto dos olhos, Cassandra viu Pemberton acompanhar Pamela Marquist à pista de dança enquanto o cônsul, a mulher e Regina continuavam conversando.

— Esqueça essa gente e suas tolices. O tal molde parece espetacular, parabéns, Sandra. Entretanto, eu gostaria que você relaxasse e aproveitasse esta noite em minha companhia sem lembranças de Amarna interpondo-se entre nós. Aprecio seu talento de arqueóloga mas também seus encantos de mulher.

Deslizando ao compasso da música, Cassandra achou fácil deixar-se guiar por Paul pela pista de dança. Todavia a mente teimava em não se distrair com facilidade.

A pressão do braço de Paul em sua cintura, apesar de leve, insinuava interesse. Contudo, Cassandra não conseguia abandonar-se à sensualidade como acontecia quando estava junto de Marc. Era possível apagar as lembranças e concentrar-se na atenção agradável de Paul. E, como também não desejasse brincar com os sentimentos de outra pessoa apenas para esquecer suas mágoas, delicadamente esquivou-se das tentativas do amigo para uma aproximação maior.

Contente em ser uma parceira disputada na pista de dança, Cassandra entretinha-se e não percebia aqueles que procuravam o anonimato das sombras do jardim. Um certo casal esforçou-se para se esconder no canto mais afastado, mas não por uma questão de prazer.

— Então, você retirou nossas peças do inventário de Barstowe sem ninguém perceber?

— Providenciei tudo. É uma pena a moça ser tão eficiente ao esboçar e catalogar peças. Você destruiu o bloco de desenho dela?

— Não tive oportunidade, Barstowe está sempre de olho nele. Mas não há razão para se preocupar, ele não conhece o conteúdo do bloco e imagina que existam esboços de artefatos não catalogados.

— Esconder nossas peças sem registro com as legítimas deles foi uma boa saída para conseguir tirá-las do acampamento e para fora do país, eventualmente. Não podemos correr o risco de deixar a moça vê-las.

— De fato. Depois de colocar números de registro falsos, não houve problema em pô-las na tenda de depósito entre as outras que seriam trazidas para cá. Só assim você poderia ter certeza de nosso material passar pelas mãos do museu e depois para as nossas como fazíamos no início. O ideal seria ter um homem da equipe de outros locais de escavação como contamos com o de Amarna. Aí sim, poderíamos expandir bem os negócios.

— Nem pense nisso, o risco seria grande demais. E, por falar em risco, repito que aquelas peças de imitação foram um grande erro. Desde que apareceram, o consultado, a alfândega e meio mundo de pessoas começou a examinar tudo com redobrada atenção. Teria sido melhor se houvéssemos tentado desviar a atenção deles, ou se a moça não tivesse desenhado nossas peças sem registro com tanta perfeição. Agora, as imitações provocaram um interesse maior do que merecem e nós não conseguiremos vender, as originais por um preço bom.

— Na minha opinião, a troca ajudou a afastar suspeitas sobre os nossos métodos. Você não queria que as autoridades descobrissem, não é? Aquelas peças deram algo tangível para Barstowe e sua equipe seguirem uma pista falsa. Sacrificamos o preço de uns amuletos, mas podemos ficar tranquilos e descansar o resto do período. O que queríamos já tiramos de Amarna.

— Então você não vai atrás do tal molde que a moça falou?

— Me sinto tentado, claro, porém a história me parece meio suspeita. Vamos esperar e ver o que acontece quando eu voltar ao acampamento.

— Se for esperto, não se envolverá com isso e ficará satisfeito com...

— Se eu sempre desse ouvidos a você, minha cara, jamais teríamos tirado esse carregamento das mãos de Barstowe. A entrega de peças antes da data estipulada deu-nos uma boa folga, eu penso, para permitir...

— Que refletisse duas vezes antes de agir e não cometesse mais bobagens como o sequestro. Foi obra sua, aposto!

— O rapto teria dado certo se não tivessem deixado as roupas para trás dando uma pista para Whittier. Ele nunca teria conseguido nada sem elas.

Ali, então, a expedição, alvoroçada com suspeitas de tráfico de escravas brancas e de tumultos de nômades, esqueceria as preocupações com o contrabando. Essa foi minha intenção. Apesar de a moça ter sido resgatada, o resultado do sequestro foi positivo. Se não fosse a preocupação de Barstowe com a segurança das moças, ele não teria concordado em mandar os achados agora para o museu — afirmou o homem e riu satisfeito.

— Cuidado para não se sentir muito seguro de si. Pelo que ouvi contar, continuam procurado os sequestradores e o período de escavação ainda não acabou.

— Certo, senhorita. Ouvi e anotei o conselho, porém o considero inútil. Se encontrarem Bosrah, ele não poderá contar coisa alguma. E agora, quer me dar o prazer desta dança antes de alguém notar nossa falta?

Nesse ponto da conversa, o casal já voltava para o salão. Ao juntar-se a outros pares na pista de dança, passou a falar sobre trivialidades.

Requisitada a todo instante para dançar, Cassandra mal sentia o passar das horas. Até o intermediário inglês do Tratado Anglo-Egípcio, Lorde Andrew, entreteve-se com sua companhia. Além de bom dançarino era bonito e atraía o interesse das mulheres. Com mais de cinquenta anos, Lorde Andrew conservava uma vitalidade impressionante.

— Acredito, senhoria, que estamos sendo alvo de comentários maldosos — Cassandra disse com um riso alegre. — Não seria melhor escolher outra parceira antes de ser acusado de favoritismo?

— E deixar a moça mais linda da festa escapar de meus braços? E para escolher quem? A srta. Marquist ou a desagradável sra. Carstairs? Tolice! Tenho idade para ser seu pai. Há muitos anos, quando era jovem, fiz algo como ajuizado pela sociedade e, até hoje, amargo um grande arrependimento. Minha filosofia agora é seguir meus impulsos sem me preocupar com comentários.

— Eu gostaria que as coisas fossem assim tão fáceis, senhoria — replicou Cassandra, lembrando-se das atitudes de Marc. — Certas decisões não dependem apenas de uma pessoa.

— Tem razão, minha cara. Mas vamos conversar sobre um assunto mais ameno. Você já mencionou o dr. Barstowe. E esse sujeito Whittier, ele é tão eficiente nas escavações quanto como estrategista? Ouvi muitos elogios sobre o trabalho dele no ano passado.

Lorde Andrew continuou a fazer perguntas sobre as técnicas de Derek e Marc. Embora seguisse a carreira política, seu interesse por arqueologia era

grande. Para alguém recém-chegado de Londres, possuía um considerável conhecimento de Amarna. Cassandra apreciou a conversa até a dança terminar e Lorde Andrew deixá-la na companhia de Paul com uma despedida cordial.

CAPÍTULO XII

— Talvez seja Ano-Novo no resto do mundo, porém, aqui, o trabalho continua — reclamou Derek.

Indeciso se continuava ou não com os cálculos numéricos do relatório a ser mandado para Londres, ele olhou para a tenda iluminada de Sidra e reprimiu o desejo. Tentava trabalhar para satisfazer Marc, cujo mau humor surgira logo após a partida do grupo para o Cairo na véspera. Os *tourieh* tinham se ressentido tanto da rispidez das ordens dele de manhã que ameaçaram deixar o trabalho. Fora preciso afastá-lo e designar Adam para supervisionar as escavações. Rancor guardado não era típico de Marc, nem esse afã de pôr em dia a papelada. Devia haver algo errado com ele, refletiu Derek ao vê-lo folhear o bloco de esboços de Cassandra e fazer anotações num papel ao lado. O melhor seria forçá-lo a se abrir.

— Como é, Aton, não quer falar sobre o que o aborrece? É óbvio que alguma coisa escureceu os raios do sol para você e esses esboços não são assim tão fascinantes. Pare de olhar para eles e preste atenção, homem — exigiu Derek impaciente. — Vamos ver se resolvemos seu problema. A expedição irá por água abaixo se os gufti não trabalharem e, se o seu humor não melhorar, serei forçado a deixar Adam encarregado da supervisão deles. Pense nos resultados disso.

A última recomendação levou Marc a fazer uma careta de desagrado, porém encorajou Derek a continuar com um leve aceno de cabeça.

— Você sabe que ele, como arqueólogo, não tem um terço de seu valor. O próprio Museu Britânico reconheceu isso há dois anos quando viemos para cá. Com todos os diabos, o que há de errado com você? Não pode ser saudade de Pemberton ou Thornton, também não está apaixonado por Cassandra, embora ela demonstre interesse por você. Só rejsta, então, a questão do trabalho como raiz do problema. Diga do que se trata para eu poder ajudá-lo — implorou Derek. — Se não fizer isso, não poderei procurar Sidra em paz com minha consciência.

— Pois não, dr. Barstowe. Os problemas deste acampamento assemelham-se a capítulos de um folhetim: peças falsas, o aparecimento de uma cobra numa tenda, contrabando, tocaia e rapto, resgate no deserto, remoção secreta dos tesouros para o Cairo, mas você preocupa-se apenas com

sua vida sexual.

— Ah, então é isso! Ciúme, Marc? Você podia muito bem ter ido ao Cairo com os outros, sabe disso. Alguma belezinha teria cedido a seus encantos, sem dúvida. Provavelmente, seu problema é amor; ou está apaixonado, ou faminto.

— Cale a boca, Derek. Pare de querer analisar meu estado de espírito. Aliás, você não tem jeito para a coisa. Não tenho problema algum, só quis pôr em dia o trabalho atrasado.

— Ah, sem dúvida! A atualização dessa papelada é de suma importância e precisava mesmo ser feita esta noite!

— Está bem, está bem, chega de ironias, Derek. Estou aborrecido com o tempo perdido longe das escavações e por você ter deixado escapar de nossas mãos as evidências do contrabando antes de descobrirmos algo.

— Você acha que as peças falsificadas teriam nos revelado alguma pista? Pemberton as levou ao Cairo na véspera do Natal e só agora você vem reclamar?

— Levei algum tempo para juntar os fatos. Não acha estranho você ter dado pela falta das originais no dia em que ele foi a Mallawi? Depois, Pemberton levou as imitações para o Cairo na véspera da emboscada e do ataque a Cassandra e Thornton. Cada vez que ele se ausenta, acontece alguma coisa errada. E o fato de Pemberton ter escondido este bloco? Isso levantou minhas suspeitas sobre as verdadeiras intenções do homem — argumentou Marc enérgico.

— Tudo bem, compreendo as suas desconfianças. Mas, se Pemberton é o vilão, por que teria se oposto à remessa das peças para o Cairo agora?

— Não sei. Talvez ele esperasse roubar mais algumas peças se continuassem guardadas aqui. Seria impossível fazer isso no museu sob a vigilância de Marquist. O que me deixou mais intrigado foi a ansiedade de Pemberton em pôr as mãos nestes esboços. Sei que concordei com o envio dos achados para o Cairo, mas sinto não haver tido a oportunidade de compará-los com os outros desenhos aqui. Isso me deixou com uma sensação estranha a respeito deles. Sabe, havia muito menos peças do que esboços.

— Cassie não chegou no início da expedição, portanto acho perfeitamente normal que não haja coincidência nos números.

— Sei muito bem há quanto tempo ela está aqui — impacientou-se Marc, muito ciente dos efeitos da presença dela sobre ele durante essa temporada.

— O normal seria haver mais peças do que desenhos, concorda? Cassandra fez o esboço de cinco amuletos diferentes e só me lembro de termos

registrado três, um dos quais ela mesmo encontrou. De onde surgiram os outros dois neste bloco?

— Não faço ideia. Talvez ela tenha feito esboços de peças ou de detalhes imaginários como aquele que fez de você com indumentária egípcia. Nunca achamos um amuleto semelhante ao que ela pôs em você.

Os olhos de Marc anuviaram-se ameaçadores, ele porém refreou a vontade de responder à provocação.

— Pode ser. Entretanto estes esboços dos amuletos têm um número no canto.

— Estão fora de sequência dos nossos de registro — argumentou Derek.
— Quem sabe se não são tão imaginários quanto os amuletos? Nunca usamos o prefixo 371.

— Não fiz conjunturas sobre eles, mas se tivéssemos o inventário aqui poderíamos esclarecer tudo com facilidade. Agora, só nos resta esperar pela volta de nossa artista de seu passeio pelas rodas da alta sociedade, para descobrirmos qualquer coisa — queixou-se Marc com certa amargura, revelando seu ressentimento pela ausência de Cassandra.

— Olhe, Marc — replicou Derek exasperado —, vou pedir a Sidra para examinar amanhã cedo as cópias de nossos relatórios para Londres e Marquist. Talvez encontremos alguma explicação. Enquanto isso...

— Eu dou o fora daqui e deixo você à vontade — interrompeu Marc. — Mas, antes, deixe-me dar uma olhada no molde funerário. Já deve ter clareado bem no banho de sulfato.

— Boa ideia — concordou Derek, animado com a perspectiva de os planos para a noite com Sidra darem certo afinal. — Está ali embaixo da minha cama — disse de costas e da entrada da tenda, de onde fazia um sinal para a namorada.

— Eu sei e já estou pegando. Não quero atrasar mais sua festinha — provocou Marc ao erguer a vasilha.

O movimento fez parte do molde deslizar na solução e deixar à vista uma parte lustrosa.

— Com mil demónios, Derek, veja isto aqui! Quem diria que os artesões de Amarna fossem capazes de tal dissimulação!

Enquanto falava, Marc levantou o que haviam tomado por um molde funerário de bronze e descobriu que se tratava de um cuidadoso disfarce para encobrir a outra peça, ainda no fundo da vasilha com sulfato.

— Esta proteção é inacreditável, Derek! Não imaginei que fosse uma proteção para esconder a verdadeira máscara.

— Deus meu! — exaltou Derek completamente esquecido de Sidra. — Isso parece uma máscara de ouro!

— Sem dúvida, meu amigo!

Deixando de lado a parte de bronze que escondera os contornos delicados de um rosto de mulher, Marc ergueu a máscara de reflexos dourados e levou-a para perto da lanterna.

Revelada agora em sua beleza espetacular, ela era um pouco maior do que o tamanho natural. Isso, naturalmente, para dar espaço às ataduras de embalsamamento ditado pelas tradições. As maçãs altas do rosto e o leve puxado dos olhos tinham sido feitos com cuidado extremo para imprimir traços de aristocracia e de encanto feminino. A máscara mostrava a face de uma mulher capaz de seduzir um homem com um sorriso e curar uma criança com um beijo. Era um rosto mágico, uma imagem misteriosa que exalava vida.

Os dois arqueólogos fitaram-se estupefatos e murmuravam ao mesmo tempo:

— Nefertiti!

— Só pode ser, Marc. Veja os olhos e as linhas do pescoço. É o conjunto de todas as representações que encontramos da rainha de Akhenaton. Esta máscara poderá nos fornecer um indício do túmulo dela.

— Olhe os brincos e a corrente trançada ao pescoço. Eles devem ter a insígnia dela, tenho certeza — afirmou Marc.

— Vou buscar Adam para nos ajudar a transcrever os hieróglifos. Afinal, é a especialidade dele. Há muitos e até mesmo na parte interna da máscara.

— Não, Derek, ainda não — sugeriu Marc enfático. — No momento, quanto menos gente souber disto, melhor. É nosso achado e não vamos deixá-lo desaparecer como as outras peças. Desse jeito, se sumir, saberemos que um de nós dois é o culpado.

— Ora! — exclamou Derek bravo. — Você me conhece o suficiente para saber que sou incapaz de uma sujeira dessa ou de suspeitar de você. O seu respeito pelo Egito o impediria de roubar qualquer antiguidade, pequena ou grande.

— Tem certeza? E se você não conhece o verdadeiro Marc Whittier?

— Deixe de bobagem. Eu não só o conheço bem como confio inteiramente em você. Ela é lindíssima! — murmurou Derek passando a ponta dos dedos nas faces da máscara.

— Esse é o ponto importante. Ela constitui um achado magnífico demais para não atrair os contrabandistas. Vamos preparar uma cilada para eles,

fazer uma encenação para levá-los a crer que você suspeita de mim. Você me expulsará publicamente do acampamento alegando ter encontrado uma peça não catalogada escondida na sacola de minha sela. Ou, então, poderá dizer que desconfia de meu envolvimento com o sequestro de Cassandra, por isso a achei tão depressa. Serei condenado aos olhos de todos, porém você usará de sua autoridade para manter Pemberton e a lei fora do caso por não ter evidências concretas. Quando revelar a descoberta maravilhosa da máscara, ele morderá a isca, ainda mais se estiver solto e puder servir de bode expiatório.

— E a sua reputação? Você estará se arriscando muito!

— Quero que o Egito tenha provas de seu orgulho pelo passado e elas não podem ser vendidas no mercado negro para quem pagar mais. Além disso, se o contrabando em Amarna não parar, tanto minha reputação quanto a sua estarão perdidas. Podemos contar nosso plano a Ahmet e ele servirá de contato entre nós dois. Ficarei pela vizinhança a fim de manter olho vivo em Pemberton e na máscara.

— E quanto a Sidra e Cassandra? Elas jamais acreditariam que você se envolveu em algo ilegal.

— Na verdade, não sei em que Cassandra acreditaria — replicou Marc antes de perceber que traía seu ressentimento. — Bem, Sidra aceitaria suas palavras, talvez Cassandra também. Se você for bem convincente, elas se convencerão da minha culpa.

— Acha justo enganá-las? Não seria melhor revelar a verdade a elas?

— Não. Quanto mais gente souber, menores as probabilidades de o plano dar certo. Acha correto cruzar os braços e permitir a continuação do contrabando? Se nossa encenação não for convincente, não pegaremos ninguém. Não pode haver suspeita alguma em relação a minha culpa.

— Com o seu comportamento destes últimos dias, não haver problemas para convencer as pessoas. Hoje de manhã, os gufti estavam prontos para largar o trabalho, graças a seu mau humor. Ótimo! Comece a me atacar.

— Agora?! Já é quase uma da manhã!

— Tanto melhor. Se acordar o acampamento com uma explosão de raiva contra mim e continuar suas críticas amanhã, quando Pemberton voltar, daqui a dois dias, ninguém lamentará minha falta. Terá de me pintar como a encarnação do diabo.

— Mas eles esperariam uma retaliação sua, Marc. Você não é tido como um sujeito muito passivo.

— Não se preocupe comigo. Você é forte o bastante para aguentar uns

dois murros e talvez leve um no queixo. Agora, vamos esconder a máscara e levantar as cortinas do nosso teatrinho amador, amigo velho.

Sorrindo, Marc bateu no ombro de Derek que, inesperadamente, abraçou-o.

— Não ligue para o que eu disser, Aton, mas vou ofendê-lo bastante em benefício da audiência — avisou Derek ao abrir a cortina de entrada da tenda.

— Olhe aqui, Marc, estou cheio dessa sua atitude de superioridade. Sou o chefe desta expedição e é melhor não se esquecer mais disso, caso contrário, suma daqui. Não vou mais aguentar sua insubordinação, nem a maneira rude de tratar os *touríeh*. Seu jeito com eles deixou clara a intenção de forçá-los a abandonar as escavações aqui. Não pretendo nem vou tolerar isso!

— Quem designou seu papel de Deus Todo-Poderoso? — gritou Marc no mesmo tom de Derek enquanto apontava para as tendas iluminadas de Adam e Sidra. — Que eu saiba, você é tão humano quanto nós outros e, em se tratando de Sidra, bem mais animal do que a maioria.

— Deixe Sidra fora da discussão, Whittier! Ela não é da sua conta! — trovejou Derek com fúria indisfarçável e, até certo ponto, genuína. — Estamos tratando de sua falta de habilidade em controlar as emoções. Isso põe em risco o progresso da expedição. Há algum tempo, recebi uns relatórios sobre você, mas não liguei para as informações. Elas diziam que você não era digno de confiança e, por causa de parte de sua descendência egípcia, estava se transformando num salafrário do mesmo nível dos mercadores de escravas brancas em Alexandria. Um leopardo não consegue disfarçar as pintas, não é?

— Não meta minha família nesse negócio, Barstowe. Ela é bem mais respeitável do que a sua, apesar da cor da pele.

— Foi um grande erro meu tratá-lo como amigo, Whittier. Não preciso de homens que não me inspiram confiança no acampamento. Se não se corrigir, será despedido!

Antes de Derek terminar, Marc piscou e afastou-se ruidosamente, largando-o a falar sozinho.

— Derek? — chamou Sidra assustada ao se aproximar depressa. — O que houve? Você e Marc nunca brigaram assim! Discussões entre amigos são uma coisa, mas não essa explosão horrorosa com ameaças de despedir Aton.

— Aton?! Ridículo! Se ele tem alguma coisa em comum com o sol é o poder de secar a última gota de paciência.

— Afinal, o que aconteceu, Derek, para deixá-lo tão exaltado?

— Não diz respeito a você, amor. Não quero envolvê-la na confusão, por

isso, fique fora dela e longe desse homem. Ele é capaz de qualquer coisa. Vamos para sua tenda porque o ambiente da minha está horrível. O Ano-Novo não será muito promissor caso seu humor não seja melhor que o de Marc.

Enquanto passava o braço pela cintura de Sidra, Derek viu a lanterna da tenda de Adam apagar. Pouco depois, quando começava a beijá-la finalmente, ouviu Marc assobiar a melodia do Hino Nacional Egípcio cujas primeiras palavras diziam: “A Ti, a Ti, Meu País, Entrego Meu Amor e Meu Coração”.

Sem dúvida, o Ano-Novo navegava em águas revoltas, mas existia a esperança de se acalmarem.

No Cairo, os braços de Paul à volta de Cassandra já não mostravam mais delicadeza ao estreitá-la num gesto de despedida. Ele a beijou e, depois de soltar-lhe os lábios, murmurou em seu ouvido:

— Sandra, você é adorável! Eu poderia abraçá-la e beijá-la a vida inteira. Esta noite foi mágica! Não importa você ter me mantido afastado, eu a quero e você sabe disso.

Mais uma vez os lábios dele apertaram os seus numa procura ansiosa de receptividade que não encontrou.

— Paul, Paul! — protestou Cassandra ao mesmo tempo que se desvencilhava do abraço insistente. — Lembre-se de onde estamos. Se o gerente do hotel nos visse, ficaria aborrecido com sua exibição de paixão aqui no corredor. Além do mais, eu já disse que não o conheço o suficiente para querer intimidade — acrescentou e enfiou a chave na fechadura da porta.

— Então, deixe-me entrar por uns momentos. Poderemos nos conhecer melhor.

— Desculpe, Paul, porém isso não acontece em questão de minutos. Compartilhamos de uma noite maravilhosa e de boa parte da manhã, já que são quase cinco horas. Estou exausta e quero dormir. Vejo você à hora do jantar, lá pelas nove, está bem?

— Se não tenho outra opção, está — rendeu-se ele. — Poderemos planejar nossa viagem de volta ao acampamento durante o jantar.

— Nossa viagem?! Você não tem de apresentar-se ao consulado no dia dois?

— Fui temporariamente transferido para o Cairo e um de meus deveres é ajudar na guarda dos tesouros de Amar-na, lembra-se? E você, minha querida — disse com os lábios quase roçando o rosto de Cassandra —, é o mais

preciso deles.

— Obrigada, Paul, mas você não deve gastar mais tempo algum por minha causa. Carstairs não simpatiza comigo por eu ter usado identidade falsa. Ele mostrou-se meio implicante na festa mesmo sem nenhuma provocação de minha parte. Você ouviu como ele pronunciou “srta. Blake”? O cônsul também não gosta muito de você, caso contrário não teria impedido suas duas promoções, como você mesmo me contou. Pemberton é companhia suficiente. Aliás, foi ele quem me levou a primeira vez daqui a Amarna, lembra-se? Agora, boa noite e muitíssimo obrigada pelo réveillon maravilhoso.

Depressa, Cassandra abriu a porta do quarto, entrou e fechou-a sem dar tempo a Paul de protestar outra vez. Podia passar bem sem mais uma complicação romântica.

Minutos depois, já deitada, Cassandra imaginou o que o novo ano lhe traria. Restavam-lhe três meses de estágio, mas agora não era só o trabalho que a interessava. Agora gostaria muito de saber o que o destino reservava para seu coração.

— Ai, que tristeza! — sussurrou inconsolável.

Se por um lado estava consciente de que devia esquecer Marc, por outro não conseguia convencer-se da indiferença dele. Durante a viagem pelo deserto haviam vivido uma verdadeira lua-de-mel. Seria possível experimentar tanta paixão sem um mínimo envolvimento afetivo? Bateu com os punhos cerrados no travesseiro. Nada, nem a dor de rejeição era capaz de refrear o desejo de estar com ele e voltar a sentir o calor do prazer, a doçura do amor.

Tão logo chegasse ao acampamento voltaria a conversar com Marc. Ele não devia ter falado sério quando afirmara que não existia um sentimento mais forte entre eles.

Os dois dias seguintes passaram muito depressa no acampamento enquanto Marc e Derek consolidavam os planos com a ajuda secreta de Ahmet. Por sugestão dele, Ezram, um parente de Mohammed Abu, foi contratado para agir como informante. Ele deveria contar ter visto Marc remover uma valiosa armadura peitoral das escavações e escondê-la na sacola da sela de Nomad. Na verdade, a peça fora achada por Derek, na véspera, e não tinha sido vista por ninguém, nem mesmo pelos *tourieh*, assim, servia bem aos propósitos dos planos. A ausência dela na reunião de registro na noite anterior e sua descoberta entre os pertences de Marc davam a Derek

razões de sobra para expulsá-lo. Tudo estava pronto, esperavam apenas pelo sinal da chegada de Pemberton e Cassandra. O investigador não teria muito tempo para questionar a validade da ação.

Alheio ao plano Adam estava por demais envaidecido com o aumento de autoridade para desconfiar da briga séria entre os dois supervisores. Qualquer fato em benefício próprio ele encarava por dádiva da sorte e não cogitava dos motivos. Sidra, entretanto, tentou várias vezes reconciliar Marc e Derek. Foi silenciada por reações raivosas de ambos. Confusa, fitava Marc quando o caminho dele cruzava com o seu.

A tarde já ia avançada quando as pessoas no acampamento ouviram a chegada da *falucca*. Sidra dirigia-se ao rio para receber Cassandra e Adam dispensava os *tourieh* do trabalho desse dia, porém foram atraídos por gritos furiosos vindos da tenda de Derek.

— É o fim de tudo, Whittier! Eu deveria matá-lo pelo seu atrevimento, mas sou disciplinado demais para tanto. Pegue suas coisas e suma daqui! Você conhece muito bem o sistema de registro de peças. Se achou isso ontem, devia ter entregado, à noite, para ser catalogado. Não existe razão alguma para não haver feito isso, a não ser a intenção de conservar o achado para si mesmo. O mínimo indício de sua ligação com os contrabandistas me obriga a expulsá-lo daqui. Segundo Ezram...

— Como pode acreditar num camponês mentiroso e sujo? — perguntou Marc no mesmo tom. — Você é bem menos inteligente do que eu pensava. Tanto tempo passado entre os lençóis com Sidra deve ter atrofiado seus miolos!

O som da luta e de um murro ecoou no ar no momento em que Cassandra e Pemberton juntavam-se a Sidra e Adam no centro do acampamento.

— Isso o faz sentir-se mais homem, Barstowe? Você sempre se mostrou meio incerto quanto a seu papel na vida: meio babá da irmã distante e meio amante.

Ao olhar para as feições transfiguradas de Derek, Marc informou o ataque verbal. Havia limites para a encenação!

— Fora daqui, Whittier, antes que eu o atire longe. Não tenho de ouvir suas insinuações sujas!

— Com prazer, Barstowe. Dê ouvidos a quem quiser. Não preciso deste lugar imundo!

— Acredito. Você já deve ter feito seu pé de meia à custa de peças subtraídas nas duas últimas expedições. Muito esperto de sua parte —

ironizou Derek —, fingiu-se de amigo leal enquanto era, o tempo todo, o desgraçado que procurávamos — declarou e cuspiu aos pés de Marc.

— Você não tem provas disso, portanto, tome cuidado com suas acusações, doutor! — resmungou Marc em tom ameaçador.

— Não, infelizmente. Você foi bem sagaz em não deixar pistas, e até permitir a demissão de um homem inocente acusado por seus roubos. Aí, as coisas começaram a se complicar para seu lado, não é? Você não esperava que a família de Mohammed vigiasse o acampamento à espera de um erro do contrabandista, certo? Chegou mesmo a bancar o bonzinho com aquela teoria do rapto estar ligado ao contrabando! Pois as suas trapaças terminaram. Vá embora daqui antes que eu chame a polícia, seu sem-vergonha!

Outra vez ouviu-se o barulho de luta e murros, porém antes de alguém entrar na tenda Marc saiu esfregando os nós dos dedos. O resto dele refletia violência, a face sangrando e os olhos com um brilho selvagem. Ele prendeu a sacola na sela de Nomad e montou.

— Não se preocupe, Sidra, seu amante não ficará com cicatrizes para o resto da vida, embora merecesse depois das acusações que me fez. O idiota não conseguirá provar nada.

Ele já ia partir quando Cassandra segurou as rédeas do animal para impedi-lo.

— Marc, explique que confusão é essa. Eu não acredito... — Parou ao ser puxada para trás por Derek e Marc partiu a galope. — Você não pode ser culpado! — gritou aflita.

— Deixe o bandido ir embora — ordenou Derek. — Provavelmente, foi ele quem arranjou o seu rapto e esteve por trás do contrabando o tempo todo. Dê-se por feliz por termos nos livrado do maldito!

— Derek, ele o machucou, você está sangrando! — exclamou Sidra assustada. — Vamos fazer um curativo já.

— Um instante, srta. Collins — interrompeu Pemberton ao falar pela primeira vez que chegara. — Devo ser informado, exatamente, do que ocorreu aqui em minha ausência. O senhor tem provas quanto ao sr. Whittier pertencer ao grupo de contrabandistas, dr. Barstowe, ou é mera suposição?

— Suposição?! — explodiu Derek. — Vá para o inferno, Pemberton! Encontrei uma peça não registrada nas coisas dele, apesar de não ter saído do acampamento.

— Isso quer dizer que não há provas concretas de que ele tirou alguma coisa?

— Marc tentou me convencer de que estava protegendo a peça contra

roubos, mas isso não passou de uma desculpa esfarrapada. Com certeza, ele desviou dezenas de achados dessa maneira e deve ter encenado o sequestro a fim de poder levar outros tantos enquanto fingia procurar Sandra.

— Quem diria — comentou Adam, que só agora dava-se conta da expulsão de Marc. — Fiquei imaginando como ele tinha conseguido apanhar os sequestradores com tanta facilidade. Afinal, o deserto é grande demais quando não se sabe onde procurar algo. Ele deve ter arranjado tudo para bancar o herói depois.

— Mas Marc? — protestou Cassandra. — Não posso acreditar que ele faça parte de um negócio tão horrível. Ele me salvou daqueles homens e... — Parou abrupta lembrando-se dos acontecimentos daquela noite.

Teria ele sido mesmo o salvador benevolente, ou tudo não passara de uma artimanha para satisfazer-lhe os interesses? Marc dera a entender que estava errada em confiar nele e antes de amá-la com ternura havia usado de violência.

— Como você se atreve a pensar que o conhece bem? — perguntou Derek furioso. — Se ele pôde me fazer de bobo durante anos, certamente conseguiria levar uma mulher a acreditar nele em poucos meses. Aceite a verdade, Sandra. Marc Whittier é um bandido que usou cada um de nós_Venha comigo, Pemberton. Vou lhe dar os detalhes todos enquanto Sidra me faz um curativo.

Antes de voltar ao interior da tenda, Derek relanceou o olhar para a irmã. Sentiu um grande peso na consciência ao vê-la cabisbaixa e de ombros curvados, uma criatura desolada no entardecer do deserto. Tocou-a no braço.

— Cassie, mais tarde vou conversar com você. Tente descansar um pouco agora.

Ela apenas sacudiu a cabeça e afastou-se em direção à própria tenda seguida por Adam.

— Você não pode acreditar no pandemônio que este lugar virou — começou ele. — Marc e Derek não pararam de brigar desde a passagem do ano. Fiquei muito surpreso de Derek suspeitar que Marc fosse contrabandista.

Cassandra notou o tom de dúvida na voz de Adam, porém estava tão arrasada e confusa que não conseguia formar opinião sobre o caso. Se Derek estava convencido da culpa de Marc, talvez tivesse razão. Os dois haviam sido amigos tão chegados que o irmão seria incapaz de tais acusações sem ter fundamentos. O sofrimento dele devia ser igual ao seu.

— Não sei, Adam. O dr. Barstowe é muito íntegro para fazer afirmações

levianas sobre um assunto tão grave. Afinal, ele achou a tal peça depois de Ezram haver contado o que vira — argumentou Cassandra triste.

— Se, de fato, Marc organizou o sequestro, ele podia tê-la matado, em vez de salvar, caso isso o interessasse — teorizou Adam. — Engraçado, não precisávamos ter mandado as peças para o Cairo. Com a expulsão de Marc, elas ficariam seguras aqui. Aliás, elas chegaram ontem?

— Claro. Estão sob a guarda da srta. Marquist. Desculpe, Adam, não estou com ânimo para conversar hoje. Até amanhã.

— Tudo bem, Sandra, preciso mesmo ir ajudar o dr. Barstowe. Ele passou a depender muito de mim nestes últimos dias. Você gostaria de uma xícara de chá? Posso trazê-la aqui.

— Senão for muito trabalho, aceito sim, Adam.

Cassandra observou-o afastar-se e, sem querer, desejou que fosse ele o criminoso em vez de Marc.

Mais tarde, quando Derek entrou na tenda de Cassandra, encontrou-a reclinada sobre travesseiros na cama, os olhos vermelhos de tanto chorar. Ela tivera tempo suficiente para avaliar a situação. Quanto mais refletia no compromisso moral de Marc com a conservação da herança egípcia, mais se convencia da necessidade de questionar o julgamento do irmão. Não lhe deu chance de falar primeiro e começou a apresentar os argumentos já concatenados na mente.

— Derek, como teve coragem de cometer tamanha injustiça? Marc é seu melhor amigo; suas cartas, durante anos, eram cheias de elogios ao companheiro de confiança, Aton. Vocês trabalharam juntos há séculos e não posso acreditar que, da noite para o dia, o homem em quem você se fiava tanto cedesse à tentação do roubo. Ele não é um malandro desonesto, ou criminoso. Até mesmo quando me salvou dos nômades no deserto, ele... — Cassandra hesitou com medo das emoções a fazerem revelar o segredo.

— Ele o quê? Você me disse que não houve problemas, ele não a importunou e os nômades não a maltrataram.

— Falei a verdade, Derek, e só estou tentando explicar como Marc agiu com bom senso. Em vez de atacar os homens pagos para me manterem prisioneira, ele os convenceu de me venderem. Fui salva e ninguém saiu ferido.

— Talvez ele tenha inventado essa história para você. Não pensou nessa possibilidade? Você não fala árabe e só tem a palavra de Marc para se basear. Quem sabe ele não estava pagando os homens pelo trabalho combinado

antes?

Derek fitou Cassandra e lamentou ter de magoá-la com tantas mentiras. Infelizmente, estava comprometido com o plano de Marc e não podia desistir agora.

O silêncio de Cassandra levou o irmão a acreditar no êxito dos esforços para convencê-la a esquecer a lealdade romântica ao homem que a resgatara dos nômades. Enganava-se, entretanto. As acusações de Derek tinham apenasnmfcsiisi-fiçado suas emoções. Se aceitasse a hipótese de Marc haver armado o sequestro, pela lógica teria de admitir que o envolvimento que tiveram depois também havia sido premeditado.

— Pensei que ele fosse especial — protestou de repente. — Quer dizer, eu...

Confusa, rompeu num pranto sentido e recostou a cabeça no ombro de Derek.

— Como pude ser tão boba?

Sem jeito, o irmão afagou-lhe os cabelos e sentiu-se tentado, mais uma vez, a revelar a verdade. Contudo, a insistência de Marc sobre sigilo absoluto e a possibilidade de Cassandra armar um escândalo ao saber-se enganada forçaram-no a não ceder.

— Vamos, vamos, Cassie. Sei que gostava dele um pouco, mas não tenho o que dizer para consolá-la. Há uma semana, eu também não teria acreditado nessa história. Pemberton contou ter visto Marc deixar o acampamento no meio da noite quando todos dormiam. Ezram testemunhou o comportamento estranho dele e eu mesmo apanhei-o de posse da peça muito tempo depois do prazo de entrega para registro. — Parou ao ver novas lágrimas correrem pelas faces de Cassandra. — Talvez haja uma razão que desconheçamos, uma explicação que o inocente, mas — continuou reassumindo o tom autoritário —, por enquanto, lamento ter de aceitar as evidências diante de meus olhos. Não posso pôr em risco esta expedição e a do próximo ano se existe a possibilidade de Marc estar errado.

Cassandra endireitou-se e tentou sorrir. Triste, Derek acrescentou:

— Cassie, minha querida, juro que ninguém ficará mais feliz do que eu se a inocência de Marc for provada e se tudo isto não passar de um pesadelo.

— Então, pelo amor de Deus, por que não lhe deu a oportunidade de se defender? Do jeito com que os dois gritavam, você não podia ouvir uma palavra de Marc — desafiou Cassandra, percebendo uma certa hesitação no irmão. Derek suspirou desanimado. Viera ver a irmã com o propósito de animá-la; no entanto, deixara-a mais determinada em defender Marc. À

frente dele, encontrava-se uma moça enamorada pelo amigo, um bom homem sem dúvida, porém difícil de se lidar. Ele assumiu outra vez o tom autoritário e respondeu impaciente:

— Já lhe disse, mocinha, a expedição é muito importante para ser exposta a riscos por uma questão de amizade. Agi como achei melhor e não há nada para ser feito a esta altura. Agora, eu gostaria de sua colaboração a respeito de uns detalhes de seus esboços. Isso poderá nos auxiliar a descobrir como os contrabandistas operam.

Aproximou-se da mesa e abriu o bloco no desenho de um dos amuletos que ele e Marc não se lembravam de ter visto.

— Faça qualquer coisa para ajudar a limpar o nome de Marc. Tenho certeza da inocência dele — afirmou Cassandra.

— Ora, Cassie, eu não disse que isso era possível, nem provável. Marc pode ser tão culpado quanto seus ancestrais egípcios que pilharam as pirâmides há séculos — argumentou Derek, esperançoso de que um apelo a seu patriotismo a levasse a desconfiar do caráter de Marc. — Você sabia que ele é parte egípcia e parte inglês? E ele costuma negar esta última. Na verdade, não gosta de ingleses.

— Marc mencionou algo sobre isso, sim. Só não entendo por que isso o torna suspeito. Vamos deixar o assunto de lado. No fim, você descobrirá que está errado.

Derek sentiu um grande alívio com o pedido e voltou a atenção para o esboço.

— Quando você desenhou isto?

— Num dos primeiros dias no acampamento. Meu tornozelo ainda estava enfaixado e eu trabalhava na tenda de depósito. Lembra-se? Por quê? Não está certo? Copiei os desenhos e o trabalho de contas com precisão, até marquei o número de registro. Olhe aqui. Nesse mesmo dia, fiz o esboço de um outro amuleto, mas não tão elaborado como este.

Cassandra folheou o bloco à procura do desenho mencionado. Algumas páginas já estavam soltas pelo manuseio constante. Derek esperava impaciente.

— Ah, aqui está ele. Veja, eu nem terminei, o colorido não está completo. Nesse dia, Adam veio falar comigo e viu o esboço. Caçoou afirmando que eu ainda tinha muito a aprender como arqueóloga. Segundo ele, essas peças eram inferiores não só na forma como na execução e eu não devia perder tempo com elas. Aí, então, apontou para uma escultura linda de um leão deitado para eu desenhar. — O silêncio de Derek incentivou-a a continuar. —

Não terminei este e uns outros porque achei que você não faria questão de esboços de peças inferiores.

— Não precisa se explicar, Cassie. Eu só fiquei curioso e queria saber onde você viu essas peças. — Ele parou pensando numa desculpa plausível que não revelasse a suspeita de Marc sobre os achados não catalogados. — Bem, elas foram descobertas bem antes de sua chegada aqui.

— Ah, então é por isso que os números de registro estão tão fora de sequência — comentou Cassandra aceitando facilmente a explicação. — Fiquei cismada com eles. Mas não vejo o que isso tem a ver com o contrabando.

— Nada, é claro. Quero examinar todas as possibilidades e esses esboços me pareceram fora de lugar. — Derek deu de ombros resolvido a não agir enquanto não conversasse com Marc sobre essa estranha virada dos acontecimentos. Mudou de assunto. — Olhe, Cassie, quero que você veja um achado espetacular e comece a fazer um esboço dele antes de mostrá-lo aos outros de manhã. Está na minha tenda, mas vou levá-lo ao depósito amanhã.

— Tudo bem. Não tenho mesmo nada melhor para fazer.

Cassandra seguiu Derek e, no caminho, olhou para a tenda escura de Marc. Ainda não se convencera de sua falta de caráter, não importava como a houvesse tratado. Marc alimentava profunda afeição por Derek e pelo Egito para traí-los. Disso tinha absoluta certeza.

— Você se lembra do molde que achou na véspera de Natal? — perguntou Derek ao entrarem na tenda. — Veja o que aconteceu a ele no banho de sulfato, Cassie. Você encontrou um verdadeiro tesouro.

Ele ergueu a máscara perto da luz, revelando a face dourada de uma linda mulher.

— Derek! Como? Não era de bronze? Meu Deus, é Ne-fertiti, não é? — Cassandra perguntou tomada por uma excitação incontrolável.

O irmão manteve-se calado à espera da oportunidade de explicar-lhe como ocorrera a segunda descoberta.

— Por que alguém haveria de esconder esta maravilha sob um molde de bronze? Estaria o artista tentando salvá-la da destruição após a morte de Akhenaton? É lindíssima!

— Acalme-se, Cassie, para eu contar como a achamos.

Enquanto narrava a história preparada por ele e Marc, Derek imaginava o que o dia de amanhã traria. A mensagem da máscara, inscrita no interior, fora transcrita às pressas na noite da descoberta. Sem o auxílio de Adam, decifraram os hieróglifos da melhor maneira possível e chegaram à conclusão

aproximada de que se tratava de uma confirmação do amor de Akhenaton por Nefertiti: “Ontem e amanhã”. Derek esperava que o próprio amanhã deles fosse recompensador também. Ele e Marc imaginavam que a máscara os ajudaria a encontrar o túmulo de Nefertiti, porém o mistério teria de aguardar a captura dos contrabandistas e a retomada das escavações, se o tempo permitisse. No momento, contentava-se em distrair Cassandra, satisfeito com sua alegria quase infantil.

— Derek, não posso acreditar! Eu achei isto, quer dizer, você, a sua expedição a encontrou!,

De repente, ao lembrar-se das acusações contra Marc, seu rosto anuviou-se.

— Espere. Se Marc sabia da descoberta da máscara e é mesmo contrabandista, por que não a levou daqui?

— Eu não lhe dei chance de apossar-se dela, mas isso não quer dizer que ele não quisesse.

— Você não acha... Ele não...

Tomada pela dúvida, Cassandra virou-se e foi embora. Na tenda, apagou a lanterna e deitou-se, porém a escuridão que lhe envolvia a alma era muito mais densa do que a noite.

CAPÍTULO XIII

Deitado entre as plantações que iam desde a margem do rio até a uns quarenta metros da periferia do acampamento, Marc mudou de posição. Pela terceira noite consecutiva, não houvera atividade estranha alguma e a vigia tornava-se monótona. Talvez o plano não fosse bom.

A lua, pouco acima do topo dos penhascos à volta de Amarna e num céu limpo e estrelado, produzia luz suficiente para se observar qualquer movimento no agrupamento de tendas.

A magnitude e a clareza do firmamento fizeram Marc lembrar-se de nunca ter visto tantas nuvens juntas como nos tempos de estudante na prestigiosa escola na Inglaterra. Eram tantas que, na maior parte do tempo, bloqueavam a luz e o calor do sol. Em dias de frio e chuva, os colegas deliciavam-se à frente de lareiras, cujo fogo crepitante Marc considerava um péssimo substituto dos raios de sol. Como não compartilhasse do entusiasmo dos outros meninos, tornara-se mais solitário ainda. Sentia agora o mesmo vazio a corroer-lhe a alma e atribuiu-o às reflexões sobre aqueles dias distantes.

Curioso, desde a volta para o Egito, ele pensara muito poucas vezes sobre os anos infelizes passados na Inglaterra. A lembrança deles voltara a importuná-lo depois da chegada de Cassandra ao acampamento. Indagava-se como um clima tão detestável podia ter produzido uma moça tão encantadora.

Marc fechou os olhos por um instante a fim de afastar a imagem de Cassandra da mente e concentrar-se na observação das tendas, especialmente a de depósito. Durou pouco a atenção forçada. Em instantes, ele voltava a pensar na criatura linda, cujos olhos verdes o perseguiram sem trégua.

Como teria ela reagido à suposta culpa dele? Se a sua despedida ao partir para o Cairo servia de indicação, ela deveria ter acreditado na história de Derek e ficado satisfeita por ver-se livre dele. Todavia, Cassandra tentara segurar as rédeas de Nomad e impedi-lo de partir sem explicações. Se gostava mesmo dele, por que, então, resolvera tão prontamente fazer a viagem?

— Ah, essa mulher! — exclamou alto com um suspiro. — Poderá existir um homem que, conhecendo-a, não sofra?

Na sua opinião, Cassandra já encontrara em Thornton outro alvo para seu afeto. E ele deveria ficar satisfeito com a situação. Entretanto, agora se consumia de arrependimento, emoção com a qual não estava habituado. Sentia-se desgostoso e mais ficou ao apanhar-se imaginando como seria sua vida se não tivesse rompido com a adorável estagiária.

Praguejou baixinho e acusou-se de sentimental. De volta à observação, não se deu conta de que seu olhar pairava com mais frequência na tenda de Cassandra. Pouco depois, ouviu o grito assustado de um íbis à beira do rio, sinal da aproximação de Ezram para substituí-lo. Em silêncio, cumprimentaram-se com gestos e Marc foi dormir por algumas horas antes de reassumir o posto ao amanhecer.

Todas as manhãs, Cassandra levantava-se e se aprontava na penumbra da tenda a fim de acompanhar Derek ao local de escavações. O irmão insistira nisso desde o seu retorno do Cairo. Os últimos dias tinham sido muito difíceis. Todavia, trabalhar sob o sol quente do Egito e entre as ruínas de Amarna dava-lhe a oportunidade de esquecer as emoções por algumas horas. O breve sonho do faraó, representado pelas peças gastas e antigas, tornava insignificante sua falta de esperança. Ali, o amor de Akhenaton e Nefertiti florescera glorioso, e, embora sofresse um fim incerto, continuava a ser exaltado mais de três mil anos depois. Qualquer achado referente ao casal real convencia Cassandra da eternidade do amor e fortalecia sua crença na inocência de Marc. Se acreditasse no contrário, sua vida ruiria como os escombros antigos a sua volta.

O choque causado pelas acusações de Derek contra Marc a tinham deixado muito nervosa. Nesse estado de espírito, vira-se forçada a admitir que amava Marc apesar de haver sido tratada com descaso. Continuava a defendê-lo, a oferecer evidências a favor dele e a implorar a Derek para ir procurá-lo onde estivesse a fim de ouvir-lhe as explicações. Derek, entretanto, mantinha-se inflexível. Essa era uma faceta desconhecida da personalidade do irmão e ela o odiaria por isso não fosse o tratamento que lhe dispensava. Amoroso e paciente, ele tentava, sem descanso, pôr um fim a seu sofrimento. Ela reconhecia e sentia-se grata pelo esforço de Derek, porém sua única esperança resumia-se na vaga possibilidade de a verdade subir à tona por um acaso da sorte.

De alguma forma, Cassandra conseguia preencher seus deveres profissionais, embora o brilho de entusiasmo houvesse desaparecido de seus olhos. Em seu lugar, surgira um de desafio que não passara despercebido a

Derek.

Como chefe da expedição, ele não achava defeitos no trabalho de Cassandra, mas como irmão encontrava cada vez mais dificuldade em lidar com ela. Irritada, Cassandra mantinha um mínimo de civilidade na relação com os outros membros da expedição. Quanto a Pemberton, sua hostilidade tornara-se indisfarçável. Na verdade, o investigador não se cansava de proclamar que desconfiava de Marc desde o início. Dizia ainda persistir na busca de provas concretas contra ele até poder condená-lo pelos crimes cometidos. O antagonismo de ambos crescia com o passar do tempo, ameaçando o bom andamento do projeto.

Derek exasperava-se com o comportamento da irmã, porém compreendia sua luta contra a infelicidade.

A preocupação com Cassandra diminuiu no quarto dia, quando encontrou, à tarde, uma taça delicada de alabastro. Com a forma de uma flor de lótus e coberta de hieróglifos, era um achado excepcional. Esse bom acaso da sorte elevou o ânimo de todos os membros da equipe e Derek sentiu-se aliviado ao ver o brilho de interesse nos olhos de Cassandra ao examinar a peça.

Ele não poderia ter imaginado que a encenação com Marc viesse a causar tanta tristeza à irmã. Porém, continuava fora de cogitação revelar-lhe a verdade. Qualquer mudança no comportamento de Cassandra poderia alertar o contrabandista. Da prisão dele dependia muita coisa: não só a reputação de profissionais estava em jogo bem como futuras escavações inglesas em Tell-el-Amarna.

No fim dos trabalhos à tarde, voltaram ao acampamento cheios de expectativa, imaginando o que Adam lhes contaria depois de decifrar os hieróglifos na reunião habitual após o jantar. Derek tinha apenas reconhecido a insígnia de Aton, porém, sem a ajuda de Marc, a transcrição completa tivera de ficar a cargo do filólogo da equipe.

A alegria de Cassandra não durou muito. Ao entrar na tenda de depósito para a reunião, deparou-se com Pemberton, disposto a participar dos trabalhos dessa noite. A irritação substituiu-lhe logo o entusiasmo.

— É melhor esconder logo essa taça linda, Barstowe — recomendou Pemberton com um risinho forçado. — Se o ladrão ainda continua rondando por aí, qualquer manhã você dará pela falta dela.

— Não há perigo, Pemberton, Whittier já desapareceu das redondezas. Ele não se arriscaria a ficar por aqui sabendo que queremos apanhá-lo.

Cassandra não se furtou de dirigir a ambos um olhar furioso. Se já não

gostava de Pemberton, agora o detestava. Quanto a Derek, Sir Robert tinha razão, ela não o conhecia bem. As palavras dos dois homens a oprimiam e a faziam lembrar-se dos acontecimentos do dia de seu retorno do Cairo. Para desviar o pensamento deles, concentrou a irritação em coisas menores: o calor excessivo, os mosquitos, o uivar distante dos chacais e, acima de tudo, o trabalho vagaroso de Adam na transcrição dos hieróglifos.

Alheio à animosidade de Cassandra, Adam encantava-se por ocupar o centro das atenções de todos. Nos dois últimos anos, nenhum de seus achados tinha sido muito espetacular, mas, de vez em quando, sua habilidade em transcrições proporcionava-lhe reconhecimento. Ele parava a interpretação com frequência para explicar detalhes de metodologia e isso transformou-se em pura tortura para Cassandra. Sentia-se sufocada pelas circunstâncias desagradáveis e mais algum desgosto seria a gota d'água.

— E agora — Adam murmurou — faremos nossa leitura. Ao que tudo indica, trata-se de versos do *Hino ao Sol*. Estamos prontos? — perguntou e, em seguida, declamou em voz dramática:

“Tu te ergues em perfeição no horizonte do céu, Aton vivificante, tua presença refletida em tudo que fazemos. Erguendo-te no leste Tu nos trazes tudo que é bom, Todavia tu estás sozinho”.

Cassandra repetiu o último verso mentalmente imaginando por onde andaria Marc e o que estaria fazendo. De repente toda a sua angústia e amor vieram à tona com violência. Num ímpeto, levantou-se e saiu à procura de refúgio em sua tenda.

— Oh! Lamento — desculpou-se Adam confuso. — São versos bonitos, mas eu não esperava esse tipo de reação. Acham que minha leitura foi muito dramática?

Sidra fitou-o exasperada e foi correndo no encalço de Cassandra, deixando Derek deprimido entre as transcrições de Adam e as gargalhadas espalhafatosas de Pemberton.

— Sandra — disse Sidra baixinho ao sentar-se a seu lado. — Posso compreender muito bem por que a inscrição a perturbou. Estes são dias difíceis para nós todos. Você e eu estamos muito transtornadas, mas o problema afeta Derek também. Você já notou como anda cansado? A responsabilidade dele em manter a programação em dia é tremenda. Nós duas temos de nos controlar e não lhe dar motivos para mais aborrecimentos.

— Estou também preocupada com Derek, mas não posso deixar de pensar em Marc.

— Naturalmente não pode, nem eu. Entendo como se sente.

— Não, não entende — replicou Cassandra. — Há muita coisa que você desconhece.

Premida pela necessidade de desabafar, ela contou sobre seus sentimentos por Marc e descreveu o primeiro encontro amoroso de ambos no dia da tempestade de areia. Contudo, omitiu a experiência no deserto.

Sidra contemplou a silhueta delicada da amiga e sentiu uma vontade imensa de consolá-la. Revelou-lhe, por isso, a infelicidade de Marc durante a estada dela no Cairo.

— Então, por que ele rompeu nosso relacionamento? — perguntou Cassandra desolada.

— Quem pode explicar o que se passa na cabeça de um homem? Nem eles, muitas vezes, sabem o que querem — argumentou Sidra ao abraçá-la, saindo em seguida.

Resoluta, entrou na tenda de Derek. Sabia-se impotente para ajudar Cassandra a resolver seu problema amoroso, contudo pretendia impedir Derek de continuar atormentando a irmã com as constantes referências ao ex-amigo.

Ao ver Sidra entrar, Derek fitou-a com ar interrogativo.

— Sua briga com Marc já está afetando a equipe inteira. Você não pode estar enganado? — perguntou ela impaciente.

— Por favor, Sidra, esse é um problema difícil e doloroso para mim. Ficará muito pior se começar a questionar meu julgamento.

— Talvez. Mas já notou os efeitos da situação em sua irmã? Você precisa parar de mencionar suas suspeitas na frente dela — aconselhou Sidra e, em seguida, falou sobre os sentimentos de Cassandra por Marc.

A informação apenas confirmou a desconfiança de Derek. Em qualquer outra ocasião, ele ficaria satisfeitiíssimo com o fato e, sem dúvida, faria o possível para encorajar o namoro. Entretanto, agora, a notícia lhe causava consternação. O plano falhava completamente. Ninguém tinha se aproximado da máscara e ele e Marc continuavam tão longe do contrabandista como antes. Só haviam conseguido tumultuar a expedição e provocar a infelicidade de Cassandra.

Havia marcado um encontro com Marc para mais tarde essa noite. O propósito era trocar informações, porém Derek estava resolvido a pôr um fim à encenação infrutífera. Daria a Marc mais uns dias para uma última tentativa, mas, se os resultados fossem negativos, ele deveria voltar para o acampamento. Os dois, então, explicariam os propósitos do esquema ao resto da equipe.

Numa voz cansada, disse a Sidra que ia falar com Ahmet sobre a programação do dia seguinte. Depois, pretendia andar um pouco ao longo do rio para refrescar as ideias, por isso ela não deveria esperá-lo. Saiu antes de Sidra poder indagar, ou sugerir algo.

No alojamento do capataz, encontrou-o à espera para levá-lo ao local do encontro. Ficava a uns dois quilómetros e meio do acampamento, numa pedreira à margem do rio, numa curva. Qualquer intruso poderia ver Derek sentado na pedra mas não a silhueta encolhida nas sombras e com vestes árabes. Como precaução extra, Ahmet postou-se de guarda a alguns passos de distância.

— Saudações, honrado *Mudir* — soou a voz divertida de Marc tão logo Derek sentou-se no lugar combinado. — Espero que seu queixo tenha ficado bom. Tem conseguido se virar sem mim, ou as coisas estão atrapalhadas?

— Muito engraçado, Marc. Você pode estar se divertindo com o papel de espião, mas a minha tarefa tornou-se bastante incômoda. Desde que você deixou o acampamento, Pemberton não fez nada suspeito, nem chegou perto da máscara. Ele está exultante com a sua condenação. E você, viu algo errado?

— Ninguém, até agora, aproximou-se da tenda de depósito. Nem Pemberton, de dia, enquanto vocês estão nas escavações. E você, descobriu alguma coisa sobre os esboços de Cassandra? — perguntou Marc.

— Um negócio muito esquisito. Cassie garante ter desenhado peças guardadas nas prateleiras do depósito. Disse também que Adam criticou seu trabalho, afirmando que os amuletos não tinham valor. Duas coisas me deixaram intrigado: o que achados sem registros nossos faziam lá e por que Adam permitiu que ficassem se não prestavam?

— Eu só sei que nós descobrimos o problema depois da chegada de Pemberton. Ele tinha acesso tanto às peças como aos registros. Quem sabe o que fez com eles?

— Continuamos sem provas, Aton.

— Adam não podia ser mais meticuloso com a catalogação. Ora, você sabe como ele se sente ligado ao projeto e estava aqui antes de nós. Alguém deve ter mexido nos registros dele e só pode ter sido Pemberton.

— Cassandra disse tê-lo visto com um árabe perto da tenda de depósito quando quase todos já dormiam. Ele também pegou o bloco de esboços, lembra-se? São várias coisas, porém elas não se coadunam — comentou Derek pensativo.

— Você indagou sobre os esboços a Adam?

— Não, eu queria falar primeiro com você. Mas vou fazer isso na primeira oportunidade em que estivermos a sós. Não vai ser fácil. Pemberton sempre aparece nos momentos mais importunos — comentou Derek, e depois informou em voz autoritária: — Tomei uma decisão. Você tem só até o fim da semana para apanhar Pemberton. Se ele não tentar roubar a máscara até então, você volta para o acampamento.

— Derek, me dê mais uma chance.

— Lamento, estou irredutível nesse ponto. O negócio todo teve consequências imprevistas. Não posso mais tolerar ver o projeto nessa confusão, o trabalho indo devagar sem sua ajuda e o resto da equipe aborrecido sem necessidade.

— Como assim? Os gufti estão sentindo minha falta? — perguntou Marc tentando esconder a curiosidade sobre a reação de Cassandra sobre a suposta culpa dele.

— Não é a atitude dos gufti que me preocupa — começou Derek, sem saber o quanto deveria revelar sobre o comportamento da irmã. — A bem da verdade, eles trabalham com mais eficiência sob a sua supervisão do que sob a de Adam. O que me incomoda é o abalo sofrido por Cassie e Sidra.

— O que deu nelas? — perguntou Marc em tom indiferente e feliz pela escuridão não revelar sua satisfação.

— E você não sabe? — inquiriu Derek impaciente. — Sidra perdeu um amigo e Cass... Bem, Aton, desconfio que ela ficou um tanto ligada a você.

O silêncio de Marc não deu a Derek indicação alguma de seus sentimentos. Embora não desejasse abusar dos laços de amizade, Derek não queria continuar a ver a irmã sofrendo. Por isso, prosseguiu:

— Entendo como a situação é difícil, Aton, porém é comum uma mocinha inexperiente interessar-se pelo homem que arriscou a vida para salvá-la. Cassie passou a pensar em você como um herói e está muito infeliz agora. Encontra-se completamente dividida. Ela não consegue atribuir o crime de roubo a um homem valente capaz de tirá-la das mãos dos nômades e, ao mesmo tempo, tem de aceitar o fato por respeito a mim. Nunca vi uma pessoa tão infeliz, e infernizando tanto a vida dos outros. Para dizer a verdade, ela está uma fera.

Marc continuou em silêncio, refletindo sobre a informação de Derek. Contra a vontade, sentia uma imensa ternura por Cassandra, um sentimento bem diferente do desejo físico que era o único que pensava nutrir por ela. Surpreendia-se com o fato do plano tê-la magoado e imaginava se Derek

estava correto ao afirmar que Cassandra ainda se importava com ele. Gostaria de acreditar nisso, mas tinha dúvidas. Respirou fundo e disse:

— Sinto muito que Cassandra esteja sofrendo. Não imaginei essa sua reação. Talvez você devesse contar-lhe a verdade.

— Agora não dá mais. Cassie deixou muito claro o sentimento dela por você. Se ficar alegrinha, despertará a desconfiança de Pemberton. Além do mais, não pretendo enfrentar a fúria dela sozinho, quando souber que foi enganada. Nós dois vamos ter de contar a história juntos. Quanto ao assunto entre vocês, não é da minha conta, porém Cassie é minha irmã e não quero vê-la sofrer sem necessidade. Peço que você tenha um pouco de paciência com ela, pois, afinal, Cassandra é bem inexperiente em questões de amor.

Mais uma vez, Marc sentiu-se grato pela escuridão. A referência de Derek à pureza de Cassandra o fizera corar até a raiz dos cabelos. Disseram boa noite e marcaram outro encontro para dois dias depois, pela manhãzinha.

Derek retornou ao acampamento e Marc, com a mente confusa, sentiu-se grato pela solidão que o permitia refletir. Continuava a ter dúvidas quanto à interpretação correta do amigo sobre as razões da reação de Cassandra. Se ele as atribuía a sua inocência, então também poderia estar enganado a respeito de seus sentimentos para com o homem que a socorrera. Sem chegar a conclusão alguma, Marc passou a analisar as próprias emoções, o que lhe proporcionou poucas horas de sono agitado antes de assumir o posto de observação do acampamento ao amanhecer.

O trem particular com destino a Mallawi deixou a plataforma do Cairo à meia-noite. Confinado no minúsculo compartimento reservado a ele, Paul Thornton irritou-se por não ter espaço suficiente para andar nele.

— Maldito Carstairs! — praguejou bravo. — O idiota não fez questão de esconder a vontade de bajular o conde de Langshire. Uma pequena amostra de interesse do Lorde Andrew pelas escavações em Amarna foi o bastante para o cônsul pôr um trem e eu à disposição do emissário do rei — reclamou falando sozinho.

Com a suspensão de quatro dias das negociações, o diplomata aceitara depressa a sugestão de Carstairs. Agora, ele e o conde encontravam-se a caminho da expedição de Barstowe. Passariam dois dias em Amarna, onde o homem poderia brincar na areia para depois voltar à Inglaterra com histórias sobre escavações de tesouros antigos do Egito pensou Paul.

Ele estava furioso, pois não queria voltar a Amarna agora. Embora

tivesse prazer em rever Cassandra, a última experiência dele lá fora péssima. Paul tentara escapar da incumbência lembrando Carstairs dos dias que havia acabado de passar em Amarna. O cônsul, porém, fizera-lhe uma preleção sobre a falta de consideração de subordinados para com as ordens de seus superiores.

Assim sendo e à disposição dos caprichos da aristocracia, Paul dirigia-se à única região do Egito da qual queria distância. A atração dele por dinheiro e poder sempre igualara-se em intensidade à repulsa pela subserviência. A aversão crescia a cada quilómetro percorrido pelo trem, bem como a determinação de abandonar o posto subalterno o mais depressa possível.

De acordo com o plano elaborado, o trem deveria chegar a Mallawi às quatro da manhã. Isso daria tempo para Paul procurar uma *falucca* que os levasse à outra margem do Nilo às seis horas. Dessa forma, Lorde Andrew estaria no acampamento antes de a equipe sair para o trabalho. A ideia toda era absolutamente ridícula e cada estalo das rodas nos trilhos intensificava o ressentimento e as apreensões de Paul. E se os nómades ainda estivessem na área?

O barulho vindo das docas fez os membros da equipe deixarem a mesa do café a fim de verificarem do que se tratava. A expressão de Derek anuviou-se. Ele não precisava de mais problemas desagradáveis.

Ao atravessar as plantações perto do rio, Derek surpreendeu-se; Paul Thornton desembarcava da *falucca* seguido por um senhor de meia-idade e de expressão severa. Chegou a temer que se tratasse de alguma autoridade vinda a pedido de Pemberton, porém Cassandra acalmou-o.

— Imagine, é Lorde Andrew!

Paul aproximou-se com a mão estendida para Derek e declarou-se contente por estar de volta, embora após uma ausência curta. Depois de piscar para Cassandra, apresentou a visita importante.

— Lorde Andrew, aqui estão o dr. Barstowe, a srta. Sidra Collins, o sr. Adam Ward. A srta. Blake e o sr. Pemberton Vossa Senhoria já conhece. Senhoras e senhores, este é o nono conde de Langshire, Lorde Andrew. Sua Senhoria mostrou vontade de conhecer Amarna, pois há dois anos vem seguindo os relatórios das escavações.

Durante as apresentações, Derek notou como o visitante percorria o olhar interessado pelo acampamento. O que o conde estaria procurando?, indagou-se ansioso. Contudo, relaxou ao ouvir as últimas palavras de Thornton.

— Fico feliz com o entusiasmo de Vossa Senhoria por nosso projeto. Por acaso, pertence a alguma das sociedades de arqueologia? — perguntou o diretor da equipe.

— Infelizmente, não, embora contribua financeiramente. Meu conhecimento do assunto, na melhor das hipóteses, é de segunda mão. Espero não incomodá-los com a minha chegada inesperada. Existem aspectos da expedição de Tell-el-Amarna que desejo conhecer há tempos. Estou ficando velho e não quero adiar certos prazeres da vida, especialmente quando se tornam acessíveis, como é o caso desta visita.

— O seu interesse em nosso trabalho nos deixa honrados — Adam começou a balbuciar, deixando transparecer seu nervosismo por tratar com uma pessoa da importância de Lorde Andrew. — Se eu puder ser de alguma utilidade para tornar sua estada mais aprazível, ficarei felicíssimo!

— Tolice, Ward, estou aqui apenas para observar e, se tiver sorte, sujar as mãos, mas não para atrapalhar a rotina de vocês. O que estariam fazendo caso eu não houvesse chegado? Respondam com franqueza.

— Estaríamos a caminho do local de escavações — replicou Derek.

— Pois então, vamos. Importa-se se eu for junto, dr. Barstowe?

— De forma alguma. Vossa Senhoria será muito bem-vinda.

— Não está faltando um membro de sua equipe? Onde está ele? Whittier, não é?

Enquanto Derek respondia, os outros trocaram olhares.

— No momento, encontra-se fora. — E, para mudar de assunto, dirigiu-se à irmã: — Sandra, por que não fica e ajuda Sua Senhoria e Paul a se instalarem na tenda de... extra? Depois, poderão se juntar a nós.

Com essas palavras, Derek afastou-se deixando Cassandra na posição incômoda de satisfazer a curiosidade de Paul despertada pela quase referência à tenda de Marc. O seu silêncio também o levava a acreditar na ausência do arqueólogo.

— Whittier pediu demissão? — indagou ele.

— Não, não — respondeu Adam ainda parado ao lado. — O dr. Barstowe acredita na participação de Marc no grupo de contrabadistas, por isso expulsou-o da equipe. Não é surpreendente?

Paul deu um longo assobio em sinal de espanto e depois indagou de Cassandra:

— Quem acreditaria nisso?

— Eu, não, jamais — foi a resposta firme de Cassandra tanto para Paul como para Adam, que se afastou depressa.

Vendo sua tristeza, Paul tomou-lhe ambas as mãos, beijou-a na testa e disse-lhe para não se preocupar, pois deveria haver algum engano.

— Eu suspeitava que Marc fosse meu rival na conquista de seu afeto, Sandra, apenas nisso. Quanto às acusações de Derek, só posso dizer que as pessoas, às vezes, têm ideias estranhas. Quando Carstairs me mandou trazer seus documentos aqui, ele também desconfiava de sua colaboração com os contrabandistas. Incrível, não é? Não fique transtornada com essa história ridícula. Tenho certeza de que tudo vai se esclarecer. Agora, anime-se. Enquanto eu estiver aqui, vou ajudá-la a esquecer as apreensões com Whittier.

O pequeno gesto de afeto e as palavras bondosas de Paul conseguiram acalmá-la. Todavia, não proporcionaram conforto algum ao par de olhos azuis que, de um esconderijo a pouca distância, observava a cena.

Uma mulher, ao ouvir acusações sobre um homem que acabava de rejeitá-la, facilmente aceitaria as atenções de outro, refletiu Marc. Porém, ele não estava disposto a permitir isso. Instigado pela presença de Thorton e pela infelicidade de Cassandra, resolveu procurá-la, às escondidas, essa noite. Queria revelar-lhe a verdade não só sobre a situação como também a respeito dos próprios sentimentos. A ideia de Derek para esperarem até o final da semana que fosse para o inferno!

As escavações desse dia não resultaram em achados espetaculares, apenas algumas ferramentas comuns. Enquanto trabalhava, Cassandra olhava de vez em quando para Lorde Andrew. Convencia-se mais e mais de tê-lo visto antes da festa de réveillon no Cairo. O sorriso e os olhos azuis eram-lhe familiares. Com certeza, conhecera-o num dos jantares de Sir Robert. Caso estivesse certa, não tinha importância, pois ele não a reconheceria.

Depois do jantar, o conde mostrou-se interessado em assistir à reunião de catalogação de peças. Adam ficou tenso, já que não havia muita coisa para mostrar. Com a exceção da armadura peitoral, da taça de alabastro e de outras pequenas peças, tudo tinha ido para o Cairo. Ele explicou a situação ao visitante e acrescentou o fato de terem tido um pequeno problema com contrabando, mas já resolvido.

— Mas, Adam, você se esqueceu da máscara — apartou Derek na esperança de tentar Pemberton quando a peça fosse exibida outra vez.

Adam balbuciou uma desculpa e, a pedido de Derek, foi buscar a

máscara para a inspeção de Sua Senhoria.

— Depressa, Adam —reclamou Pemberton com um risinho irritado. — Não seja bobo em se preocupar com a peça. Ela não corre mais o risco de ser roubada.

Adam retornou com a obra de arte antiga, porém com ar contrafeito, como se não confiasse nas pessoas presentes.

“Estranho”, refletiu Cassandra, “ele está agindo como se a máscara não estivesse segura.” Talvez Adam não acreditasse na culpa de Marc e não tivesse coragem para questionar o julgamento de Derek.

A peça passou de mão em mão e foi muito admirada por Lorde Andrew. Paul, que esperava ver apenas um molde de bronze, não escondeu a surpresa. Declarou tratar-se da antiguidade mais linda que já vira e demonstrou uma certa relutância ao devolvê-la a Derek. Só o fez depois de passar a ponta dos dedos pela face reluzente de mulher.

— Quem é o responsável por esse achado magnífico? — o conde quis saber.

— Eu encontrei o molde funerário — replicou Cassandra com orgulho — junto com o sr. Whittier. Entretanto, foi *ele* quem *descobriu* a máscara e a mostrou a Derek. Se não fosse por Marc, talvez nem soubéssemos ainda de sua existência.

— Tem razão — concordou Derek com firmeza.

— Ah, sei — disse Lorde Andrew com os olhos brilhando de interesse. — E onde está o sr. Whittier? Esperei o dia todo pela oportunidade de encontrá-lo. Aliás, devo confessar que a verdadeira razão de minha vinda aqui foi conhecê-lo.

— No momento, ele encontra-se fora — Derek repetiu a explicação dada de manhã.

— E não deverá voltar tão cedo — afirmou Pemberton rindo. — Mas por que Vossa Senhoria gostaria de conhecer um homem tão desprezível como Whittier?

— Porque — começou Lorde Andrew em voz pausada e fria — ele é meu parente e herdeiro. Sou Lorde Andrew *Whittier*, conde de Langshire.

Apesar de todos manterem-se num silêncio de surpresa, Pemberton riu de modo grosseiro.

— Nesse caso, sugiro respeitosamente que Vossa Senhoria mude o testamento. Sem dúvida, não gostaria de deixar parte da fortuna da família a um contrabandista, não é verdade? Essa é a razão pela qual Whittier não pertence mais à equipe. Barstowe expulsou-o sob a suspeita de roubo.

— Este não é o lugar para discutirmos um assunto tão delicado — admoestou Derek embaraçado.

O conde de Langshire empalideceu visivelmente e Pemberton, sem a menor sensibilidade, revelou cada detalhe das evidências circunstanciais.

Se antes Cassandra sentia-se triste, agora estava desolada. O homem a quem amava não só sofria acusações como também um parente seu era informado do fato sem que ele pudesse se defender. Por essa razão, ela tomou a si o dever de garantir a inocência de Marc, mas sua defesa foi logo interrompida por Pemberton. Em voz exaltada, ele declarou que seu envolvimento pessoal tornava-lhe a opinião suspeita.

— Chega, Pemberton! — ralhou Derek. — Se Vossa Senhoria me acompanhar até meu alojamento, eu explicarei os fatos de acordo com o meu conhecimento.

Os dois homens saíram e o resto do grupo continuou na tenda de depósito numa discussão acalorada.

Enquanto servia duas doses de gim, Derek maldisse a si mesmo por ter concordado com o plano louco de Marc. Primeiro o acampamento todo, especialmente a irmã, tinha se aborrecido com a história, e agora também um parente do amigo. Não considerava justo deixar o pobre homem partir na noite do dia seguinte sem conhecer a verdade. Por isso, resolveu pôr o conde a par da história. Contou-lhe tudo e terminou dizendo:

— Lamento muitíssimo, Lorde Andrew, o abalo causado a Vossa Senhoria. Se desejar, revelarei a verdade a todos agora à noite.

— Não, dr. Barstowe. Sou-lhe grato por ter confiado em mim. Não quero atrapalhar o plano. Quanto a me sentir constrangido, não se preocupe. Quase sempre acontece o contrário. Na imaginação de Marc, eu sempre fui motivo para embaraçá-lo.

— Não entendo.

— Sou o pai dele.

A revelação fez Derek estremecer e ele serviu mais duas doses reforçadas de gim, como as circunstâncias exigiam. Enquanto bebiam em silêncio, ele lembrou-se das cartas misteriosas, em envelopes timbrados, que Marc recebia de vez em quando, apenas para queimá-las sem as abrir. Ignorava qual seria a situação entre pai e filho, porém não pressionou o conde para que lhe revelasse detalhes, como jamais fizera com Marc. Lamentava o velho diplomata não ter a oportunidade de acertar o relacionamento com o filho, a não ser que houvesse algum tipo de intervenção.

Derek afastou as dúvidas e propôs a Lorde Andrew um papel na encenação criada por ele e Marc. Se o conde compartilhasse das acusações ao filho, o verdadeiro contrabandista sentir-se-ia mais seguro e se aproximaria para roubar a máscara.

Os outros homens já se haviam retirado do depósito, onde Sidra e Cassandra permaneciam, quando se ouviu um início de confusão. O conde de Langshire deixava a tenda de Derek gritando ameaças. Jurava cortar todas as ligações com o parente desonesto que o cobria de vergonha. Sem dúvida, deserdaria Marc e agradecia a Derek por tê-lo colocado a par da verdade. Para provar a gratidão, Sua Senhoria prometia fazer uma doação vultosa ao projeto de Amarna. Já estava a caminho de se recolher quando foi abordado pela srta. Blake, com quem dançara no Cairo.

— Por favor, Lorde Andrew, não pense o pior de Marc. Tenho certeza absoluta da inocência dele. Se fosse culpado, por que me salvaria dos sequestradores ou, então, mostraria a máscara para Derek? Imploro a Vossa Senhoria para não julgá-lo com severidade! — disse Cassandra com veemência.

As feições contraídas de Lorde Andrew suavizaram-se ao fitar a moça linda a sua frente e que lhe defendia o filho com tanto empenho. Tomou uma de suas mãos e, numa voz meiga, disse:

— Não se aflija com minha indignação, Marc não o faria. Até agora, foi ele quem nunca quis se aproximar de mim. Esta viagem é meu último gesto para retificar o relacionamento entre nós dois. Porém, já não tem mais importância.

Sem dar oportunidade a Cassandra de argumentar, o conde afastou-se depressa em direção ao alojamento onde passaria a noite.

De volta ao depósito, Cassandra não encontrou Sidra e foi procurá-la na cozinha. Como também não a encontrasse ali, deduziu que a amiga fora ter com Derek. Aborrecido com a situação tumultuada do acampamento ele precisava mesmo de algum apoio, ponderou enquanto se servia de uma xícara de chá.

Nesse exato momento, à beira do rio, Adam discutia a situação com um companheiro.

— Não tive chance de conversar com você sobre o assunto desde a sua chegada do Cairo — começou ele ciente de haver silenciado mais por covardia do que por falta de oportunidade. — Tenho andado muito

apreensivo com essa história de Whittier relacionar o sequestro com o contrabando. Estou também bastante ressentido.

— Por quê? Você cometeu aquela bobagem com a cobra e...

— Eu pretendia apenas assustar a moça e forçá-la a voltar para a Inglaterra. Não queria matar Sandra ou perdê-la no deserto — argumentou Adam.

— Não seja implicante. Ela não sofreu nada.

— Graças a Whittier. O sequestro não fazia parte do plano e eu estou ofendido por você ter feito isso sem meu conhecimento e permissão. Pensei que trabalhássemos juntos.

— E está certo. Você recebe sua parte dos lucros.

— Não estou falando disso e você sabe. Qual foi sua intenção ao colocar a moça naquela situação horrível?

— Vou explicar de um jeito que até você poderá entender — replicou o outro, sarcástico. — Achei necessário criar um clima de perigo para distrair a atenção de Barstowe e dos outros de nossos métodos de operação. Eles já estavam chegando muito perto e você falhou nas tentativas de roubar o bloco de esboços da moça. Isso me forçou a agir. Consegui não só o que queria como também retirar nossas peças daqui. Bem simples, não acha?

— Quero deixar bem claro o meu desagrado com sua iniciativa. Não faça outra bobagem desse tipo.

— Você está ficando muito sensível. Ninguém o forçou a se envolver ou a inventar um meio de remover ilegalmente as peças de Amarna. Você tem sido muito bem pago por seus esforços, mas isso não o isenta de parte das responsabilidades. Tome cuidado para não me irritar ou a nossa amiga do Cairo.

A ameaça velada abafou o ressentimento de Adam.

— É melhor voltarmos ao acampamento — sugeriu ele.

— Mas vamos separados.

— Por quê? Não precisamos mais ser tão cautelosos. Whittier já foi responsabilizado por nossos erros.

— Ponto um pouco conveniente demais para o meu gosto — replicou Adam nervoso. — Tome cuidado e, por favor, fique longe da máscara. Vi o brilho em seus olhos quando a tocou esta noite e sei como sua cabeça trabalha.

— Não se meta com minhas ações, ou vai se arrepender — avistou o outro numa voz calma e firme. — Boa noite, Adam.

Algum tempo depois, Cassandra continuava sentada na tenda da cozinha. Sem ter com quem conversar, sentia-se mais solitária ainda. Naturalmente, não se interessava pela companhia de Pemberton, ou Adam, porém gostaria de poder contar com a de Paul. Talvez ele conseguisse confortá-la. Convencida de que ninguém apareceria mais ali, resolveu recolher-se também.

Na tenda, a lanterna ficara acesa com chama bem baixa. Isso permitia sua movimentação apesar da penumbra e de boa parte da área ficar sombreada.

Soltou os cabelos e começou a escová-los sem saber que, do canto mais escuro da tenda, alguém a observava. De repente, sentiu um braço enlaçar-lhe a cintura enquanto uma mão lhe cobria a boca. Embora o assaltante estivesse a suas costas, soube, pelas mangas, que ele vestia uma *gallabiya*. Talvez fosse um dos nómades do sequestro, pensou em pânico. Tentou em vão desvencilhar-se, porém parou ao ouvir a voz que lhe pediu calma.

— Cassandra, sou eu, Marc. Se eu a soltar, promete que não vai gritar? Nós todos correremos perigo, se eu for encontrado aqui.

Devagar, Cassandra concordou com um aceno de cabeça. O susto e a expectativa de fitar Marc de frente impediam que seu coração retomasse o ritmo normal.

Marc soltou-a e ela virou-se depressa, temendo que tudo não passasse de um sonho. Ele perscrutou-lhe a expressão e, na profundidade dos olhos verdes, constatou vulnerabilidade, atordoamento, e o que mais procurava, amor. Derek estava certo.

A confirmação desse sentimento provocou-lhe uma satisfação inesperada. Mas viu, então, as lágrimas prestes a rolar e a preocupação voltou a assaltá-lo:

— Cassandra — falou baixinho. — Não chore, por favor.

Contendo a vontade de abraçá-lo, ela enfim desabafou toda a mágoa acumulada nos últimos dias.

— Por que voltou, Marc? Se Derek o encontrar aqui...

— Vai ficar furioso por eu não ter obedecido às ordens dele — Marc a interrompeu e riu baixinho. — Eu tinha de vir, Cassandra, para dizer-lhe que as coisas não são exatamente como parecem. Você acredita na minha inocência? Gosto demais de você para suportar suas dúvidas.

— Ah, Marc, eu jamais suspeitaria de você — disse, e então deixou-se envolver nos braços que se abriram para acolhê-la.

— Você me enfeitiçou — queixou-se Marc. — Nesses dias não conseguia me concentrar em nada que fazia. Soube que me defendeu sempre, mesmo

assim morri de medo que acabasse me odiando.

— Eu te amo e já disse isso antes — repreendeu ela.

— Ah, Cassandra, tomara que seja mesmo verdade. Quando a vi hoje com Thornton e percebi que podia perdê-la, fiquei desnortado. Eu não queria, mas... estou apaixonado, não? — perguntou, sorrindo hesitante.

Ela mal conteve a felicidade.

— E isso é tão ruim assim?

— Há tanta coisa em nosso relacionamento e em meus antecedentes que você desconhece, querida. Jamais imaginei pedir a uma mulher para compartilhar comigo...

— Estou disposta a qualquer coisa — garantiu Cassandra antes de se entregarem ao beijo tão ansiosamente esperado.

Embora quisesse unir-se a ela com toda a paixão, Marc se afastou. Jurara não pressioná-la nem mesmo sugerir-lhe nada. Caberia a Cassandra escolher o momento.

— Preciso ir. Continue confiando em mim, meu amor. É só por mais alguns dias.

— Marc, espere. Lorde Andrew está aqui e pensa que você está envolvido com o contrabando.

— Não tem importância, Cassandra. Não o deixe importuná-la. Ele nunca teve muita consideração por mim. Você é a única pessoa que me preocupa.

— Mas ele, Marc...

— Boa noite, Cassandra — interrompeu ele e a beijou novamente antes de sair e desaparecer nas sombras por onde viera, sem, contudo, explicar a outra razão da visita.

CAPÍTULO XIV

Todos ainda dormiam no acampamento, na manhã seguinte, quando Derek e Lorde Andrew partiram a cavalo. A saída fora planejada contando com essa possibilidade. Quando acordassem, aceitariam, facilmente, a desculpa dada pelo diretor do projeto a Sidra na véspera. Ele ia mostrar as redondezas ao visitante. Só Ahmet conhecia o verdadeiro destino dos dois.

Enquanto cavalgavam pelas dunas de areia, os primeiros raios de sol refletindo nos picos dos penhascos, Derek deixou-se envolver pela beleza do deserto. Tendo passado tanto tempo nessa terra, discordava dos que a consideravam inóspita. De fato, o deserto poderia matar, mas o clima de outras regiões também, caso não se estivesse preparado para habitá-las.

Nessa manhã, o panorama diante dos olhos dos dois cavaleiros era infinito em sua glória. A ondulação da areia dourada era quebrada aqui e ali por formações rochosas no horizonte ou por tamareiras e cactos ao longo do rio. A correnteza mansa das águas e o espadanar ocasional de peixes prendiam-lhes a atenção.

Eles seguiam a meio galope rumo a um lugar cheio de pedras a seis quilômetros e meio ao norte do acampamento. Mais uma vez, Derek indagava-se se agira bem ao providenciar o encontro de Lorde Andrew com o filho. Imiscuir-se no relacionamento incipiente de Marc e Cassandra fora um gesto excepcional, pois o assunto dizia respeito à felicidade da irmã. Agora, também, tentava convencer-se de que tivera bons motivos para se intrometer, porém temia as consequências.

— Sou-lhe muito grato, Barstowe — Lorde Andrew afirmou, ao emparelhar a montaria com a de Derek, interrompendo-lhe as reflexões. — Não seria qualquer um que se atreveria a pôr em risco uma amizade para ajudar um velho a reparar erros antigos. Gosto muito do rapaz, embora só o tenha visto uma vez quando contava onze anos e, mesmo assim, de longe. Ele estava jogando rúgbi na escola e fui lá para vê-lo. Eu havia prometido à mãe dele nunca procurá-lo e mantive minha palavra até o seu falecimento. Tive minhas chances com ela, porém perdi-as para seguir uma carreira e as regras da sociedade. Restou-me apenas aceitar minha obrigação.

A voz dele esmoreceu e, por algum tempo, não disse mais nada. Depois, prosseguiu:

— Com a morte dela, senti necessidade de conhecer meu filho. Marc nunca respondeu a minhas cartas e esta missão diplomática ao Egito deu-me a oportunidade propícia para procurá-lo. Gostaria que compreendesse o que passou e aceitasse, embora tarde, o fato de ter um pai.

— Sem dúvida, Marc o ouvirá de coração aberto — garantiu Derek, porém logo percebeu o erro da afirmação. Corrigiu-se: — Maldição, não tenho certeza de como Marc reagirá. Ele nunca falou a seu respeito, apesar de mencionar a mãe com frequência e carinho.

— Illaria era uma mulher muito boa, porém, quando quis levá-la comigo para a Inglaterra, ela recusou. Achava que meu casamento com uma egípcia arruinaria minha carreira política e ela não queria ser a responsável por um possível fracasso. Talvez Illaria houvesse se casado comigo se eu tivesse ficado no Egito como um funcionário qualquer de Sua Majestade. Todavia, eu era ambicioso e não concebia a vida fora da Inglaterra.

Mais uma vez ele parou, com os pensamentos perdidos no passado compartilhado com a mulher amada. Então continuou:

— Quando Illaria me escreveu, para informar e não a fim de pedir ajuda, sobre o nascimento de meu filho, eu já tinha feito o casamento “adequado” com a filha de um ministro de Estado. Apenas me coube ampará-los a distância. Mesmo isso, Illaria só aceitou sob a condição de eu não interferir em sua vida ou querer conhecer o menino. Ela temia a possibilidade de um escândalo sobre mim e a criança. Agora, lamento os passos errados ao longo do caminho inteiro e me apavora, tanto quanto desejo, encarar meu filho.

— Marc é um homem bom e íntegro. A princípio, ele poderá reagir com agressividade, mas se lhe der tempo para raciocinar ele acabará querendo conhecê-lo, eu creio.

— É minha esperança, dr. Barstowe... Derek — emendou ele com um meio sorriso. — Caso ele tenha herdado meu temperamento, vamos ter uma manhã agitada.

— As explosões de Aton são dramáticas, mas de curta duração. Nós aguentaremos. A raiva dele pode ser grande, porém não mais do que a lealdade.

— Farei o possível para Marc não se voltar contra você. Talvez ele já saiba de minha vinda ao Egito. Não quero ser o responsável por você perder um bom amigo.

— Confie um pouco nele, Lorde Andrew, e não ficará desapontado, tenho certeza. Olhe, lá está a tenda de Marc.

Instigando a montaria, Derek seguiu à frente, os problemas de seu

acampamento completamente esquecidos diante das perspectivas do momento.

Enquanto os outros ainda terminavam o café da manhã, Adam pediu licença para se retirar da cozinha.

— Preciso verificar a organização do depósito. Com Derek e Marc fora, o trabalho recai sobre mim — explicou em tom condescendente. — Srta. Blake, não seria muito pedir-lhe para interromper seu flerte com o sr. Thornton a fim de que possa terminar o esboço da máscara? Notei ontem que ainda está incompleto.

— O dr. Barstowe mostrou-se satisfeito com o progresso de Sandra — aparteou Sidra. — Você não está querendo questionar o julgamento dele, não é?

— Sabe, Adam, agora de manhã a srta. Blake pretende me mostrar o lugar onde encontrou o molde — informou Thornton. — Lamento, ela não terá tempo para seus desenhos, a não ser à tarde. Isso se não resolvermos dar um passeio a cavalo. Afinal, hoje é dia de folga para todos.

— Duvido muito que ela se disponha a ir cavalgar com você depois do que aconteceu na última vez — replicou Adam. — Como deve estar lembrado, você não a protegeu naquela ocasião e foi preciso Whittier ir socorrê-la.

— Eu fui subjugado à força — refutou Paul com os olhos faiscando de raiva. — Não tem o direito de me culpar, Adam, se a própria Sandra não o fez. Ela apreciará o passeio.

— Que discussão mais absurda! — Cassandra os interrompeu. — Estão se comportando como dois menininhos bobos. “Ela vai — Não vai. Você fez — Não fez.” Posso falar por mim mesma, fiquem sabendo. — Surpresa com o próprio tom de voz, ela hesitou e depois continuou mais calma: — Desculpem, não suporto bobagens logo de manhã e também dormi mal.

— Nem todos dormiram bem esta noite, pelo menos, um sono sem interrupções — comentou Pemberton. — Achei de bom alvitre montar guarda no depósito durante a noite e notei um bom número de pessoas perambulando pelo acampamento. Naturalmente, minha preocupação limitava-se à segurança da máscara, pois a visita de pessoas a outras tendas não me interessa.

— Não fazemos a mínima questão de ouvir o resultado de suas observações, sr. Pemberton — declarou Sidra ríspida.

Sem dúvida, suas idas à tenda de Derek não eram da conta do

investigador, porém lembrou-se da crise emocional de Cassandra antes da visita ao namorado. Ela devia ser a responsável pelo mau humor da amiga. Precisava ajudá-la.

— Sandra, tenho certeza de que Paul a dispensará da visita ao local do achado e Derek não tem urgência do esboço.

— Claro, Sandra — Paul concordou amável. — Já que Adam sente orgulho por ser tão útil por aqui agora, ele me levará para visitar as ruínas. Vamos embora logo — acrescentou dirigindo-se a Adam e, sem lhe dar tempo para protestar, arrastou-o para fora.

Pemberton pediu licença e saiu também.

— Ai, Sidra, não sei mais o que pensar. Fui indelicada com todos, mas não paro de me preocupar com Marc.

— Uma perda de tempo, na minha opinião. Marc foi sempre muito independente. Duvido que ele goste de ser alvo de preocupação.

— Você e Derek o conhecem bem, eu não. Por que sou a única a acreditar na inocência dele? Como meu irmão, amigo de Marc há tanto tempo, pôde julgá-lo capaz de um erro tão grave com o contrabando?

Sidra passou o braço sobre os ombros de Cassandra e, num tom calmo, aconselhou-a:

— Cassie, se você ama Marc, confie no que diz seu coração. Seu sentimento por ele é novo e lindo, mas muito frágil ainda. Não o destrua com sua ansiedade.

— E quanto a meu irmão? Não posso aceitar o fato de que ele vê mesmo um contrabandista criminoso em Marc.

— Cassandra, o que Derek pensa sobre Marc não é tão importante e significativo como o que você pensa. Se os fatos provam uma coisa que o seu coração não aceita, siga os seus sentimentos. Conheço Marc e Derek, e amo os dois. Acredito em ambos, não importa o que estejam fazendo agora.

— Sidra, o que está dizendo? Os dois estão certos?

— Penso que é bobagem ficarmos ansiosas querendo decifrar tudo. Considero seu coração muito bom. Siga as indicações dele. Vou deixá-la agora; se quiser, mais tarde voltaremos a conversar.

Na tenda de depósito, Paul não conteve a raiva ao falar com Adam.

— Qual era sua intenção quando mencionou o sequestro, levantar suspeitas sobre mim?

Ao ver Thornton avançar em sua direção, Adam refugiou-se atrás de uma das mesas de trabalho.

— Não, não, eu não quis insinuar nada, apenas...

— Olhe aqui, eu já o avisei ontem à noite. Você está tão enterrado neste negócio quanto eu. Não tomou parte no sequestro, mas não pode provar caso eu afirme o contrário. Se Barstowe souber que seu assistente de confiança foi nosso homem aqui dentro durante dois períodos anuais consecutivos ele não acreditará em nem mais uma palavra sua.

Malévolo Paul sorriu ao ver Adam começar a transpirar de nervosismo. Não podia negar a verdade da afirmativa. Para intimidá-lo mais, continuou:

— Lembra-se da cena de expulsão de Whittier que você me descreveu? E Barstowe o considerava um amigo. Imagine como reagiria caso descobrisse que você o traiu e à preciosa irmãzinha dele, além de fazê-lo virar-se contra Marc. Com todos os diabos, Adam, você seria um homem morto! — declarou Paul, e riu diante da expressão apavorada de Adam.

— A irmã dele? Irmã de quem?

Mesmo no auge da aflição, a mente metódica de Adam registrava detalhes pequenos e tentava relacioná-los aos fatos.

— Ah, você não sabia que a tal Sandra Blake, na verdade, é a irmã de Barstowe? — perguntou Paul deliciado por contar com mais essa carta.

— Cassandra?! Impossível! Ela está fazendo uma grande viagem — argumentou Adam trêmulo coma perspectiva da presença de Cassandra no acampamento e do perigo que o fato acarretava.

— Não, não está, seu medroso. Agora me diga: como Derek reagiria se alguém lhe contasse que você não só organizou o sequestro como também enfiou aquela cobra na tenda a fim de encobrir a própria culpa, mesmo com o risco de vida da irmã dele?

— Você não faria isso, Paul, não pregaria tamanha mentira, não é? — perguntou Adam aflito. — Você não poderia contar nada sem revelar também seu envolvimento, e isso traria o fim de nossa operação em Amarna.

— Não temos mais nada para fazer aqui este ano. Todas as peças que queríamos já estão no Cairo, exceto a máscara. Por isso, você não precisa se preocupar, desde que obedeça às ordens e mantenha a boca fechada.

— A máscara?! Você não pode... Pensei...

— O que você pensa não me interessa, Adam. Aquela máscara vale mais do que todas as peças juntas que já tiramos daqui. Passei a noite em claro refletindo sobre as possibilidades encerradas nela. Vou pegá-la e desaparecer para sempre. Carstairs continua bloqueando minhas promoções e, sem uma posição adequada e dinheiro, o mundo torna-se um lugar miserável para se viver. Pelo menos, uma dessas duas coisas pretendo conseguir logo.

Ninguém poderá me apanhar se eu agir com rapidez — falou Paul enquanto tomava a máscara da prateleira e a enrolava num pano macio encontrado ao lado. — Você informará a Sua Senhoria que fui chamado às pressas de volta ao consulado. Quando descobrirem a verdade, já estarei bem longe daqui.

Numa atitude covarde, Adam observava os movimentos de Paul enquanto decidia como agir.

— Como vou explicar o desaparecimento da máscara? O que vou dizer? E se o virem deixar o acampamento com ela?

— Acalme-se, Ward, vou explicar tudo direitinho. Eu e você vamos até o local onde o molde foi encontrado, como eu disse que faríamos. Quando voltarmos para cá, a fim de não levantar suspeitas sobre você, digo que recebi uma mensagem lá nas escavações para partir imediatamente para o Cairo. Aí, então, vou-me embora fingindo tomar uma direção e, depois, seguindo outra. Longe daqui, não me importa quem der pela falta da peça, mas você, se puder, adie até a noite a descoberta do roubo. Sendo Marc o principal suspeito, ninguém dará muita atenção ao meu comportamento. Eu já estarei em segurança quando Derek começar a vasculhar o deserto à procura de Whittier. Você mantenha a calma e não se traia, assim jamais descobrirão algo sobre nossas operações.

— Está bem — concordou Adam derrotado. — Vamos logo até as ruínas e acabar com isso de uma vez. Quanto mais depressa você for embora daqui, melhor para mim.

— Deixe-me primeiro levar esta mulher linda até minha tenda — avisou Paul enquanto enfiava o precioso embrulho sob a camisa. — Arrume o resto desse pano e o molde para dar impressão de normalidade. Num olhar rápido, ninguém perceberá a ausência da máscara.

Adam obedeceu e Paul saiu da tenda de depósito em direção à dele, porém não sem antes certificar-se de que Pemberton e as moças não estavam por perto. A maioria dos trabalhadores e suas famílias tinham ido à feira semanal em Et Til. Apenas algumas crianças brincavam no centro do acampamento, mas Paul, concentrado nos preparativos rápidos para a partida quase imediata, não se preocupou com elas.

Nessa mesma hora e a alguns quilômetros ao norte do acampamento, Marc encilhava Nomad a fim de efetuar a própria fuga de uma cena evitada há tanto tempo. Todavia a sua inquietação assustava o cavalo. O toque calmo e firme das mãos estava agora descontrolado e bruto. Ao tentar colocar a brida, o garanhão recuou e empinou as patas dianteiras quase atingindo a

cabeça do dono quando as baixou.

— Marc! — gritou Derek exasperado. — Essa sua birra infantil vale o risco de ser morto?

Em seguida, ele apanhou as rédeas de Nomad e afastou-o de perto de Marc entregando-o aos cuidados de Lorde Andrew.

Depois, voltou para junto do amigo e, num tom paciente como se falasse com uma criança teimosa, disse:

— Muito bem. Caso o ajude a se sentir melhor, ataque.

— O quê?

— Isso mesmo. Não quer me bater? Você me acusou de tentar arruinar sua vida, vamos lá, acabe a briga que começamos na semana passada. Se levar uma surra minha, talvez pare com essa agressividade e seja razoável.

— Quem sabe se não mato você? — provocou Marc observando o homem que se dizia seu pai acalmar Nomad, animal tão avesso a estranhos quanto seu dono. — Por meter-se em coisas fora de sua alçada, merece morrer.

— Pois então tente, Aton. Ou está com medo de passar vergonha na frente de seu pai? Ele viajou milhares de quilômetros para vê-lo e você está sendo um tonto obstinado como, provavelmente, sua mãe foi.

Antes de Derek poder se abaixar a fim de evitar o soco, viu-se atirado no chão. Ergueu-se depressa e pôs-se a rodear Marc disposto a deixá-lo extravasar todo o ódio e ressentimento guardados por tantos anos. Já era tempo de quebrar o gelo à volta das emoções do amigo e um conflito físico e inesperado poderia forçá-lo a liberar as mágoas e angústias, a intuição lhe dizia que só assim ele estaria livre para confiar no pai.

— Essa é sua melhor direita, Whittier? Até Cassandra bateria com mais força. Você enfraqueceu não só da cabeça como do braço também — provocou Derek.

— Já avisei, Derek, afaste-se. Esta briga não é sua, por isso, deixe-me em paz e volte para o acampamento. Leve embora o idiota a quem nunca tive, tenho ou terei nada para dizer — esbravejou Marc.

Entretanto, enquanto fazia um gesto em direção a Lorde Andrew, ele não percebeu a vinda do golpe que o atingiu no queixo. Cambaleou e perdeu a relutância em brigar.

— Essa é a maneira correta de se referir a seu pai? Duvido que tenha recebido tal educação na escola da Inglaterra.

— Muito bem, companheiro, se é isso o que quer, vou cooperar — declarou Marc em tom gélido.

O par assumiu posição, cada homem tendo o mesmo tipo de treinamento na arte da luta. Calmamente, avaliavam-se em busca de sinais de fraqueza. Ambos encontravam-se em ótima condição física e, embora Derek fosse um pouco mais velho, a túnica árabe usada por Marc atrapalhava-lhe um pouco os movimentos. Dessa forma, constituíam-se adversários em pé de igualdade.

Perdendo a paciência com as preliminares, Marc alvejou Derek. Sua intenção era atingi-lo no queixo e surpreendeu-se com o estalar de vidro quebrado. Mais atônito ficou quando se deu conta de haver acertado o peito de Derek, que tinha endireitado o corpo para escapar do murro e agora respirava ofegante. Antes de poder pedir desculpa pelo golpe sujo, Marc recebeu um soco no lado da cabeça e recuou uns passos e ficou aguardando que passasse a zoeira no ouvido.

— Sabe, Whittier — começou Derek com desdém —, devo avisá-lo que não aprovo o interesse de Cassandra por você. Vou me esforçar ao máximo para ela esquecê-lo. Thornton é um partido melhor, mais civilizado.

Abaixando-se para evitar um murro no queixo, Derek girou sob o braço estendido de Marc e acertou-o no olho e na face, que começou a sangrar. Numa fração de segundo, recebia o troco no lado do nariz, no queixo e vários outros golpes violentos que o derrubaram no chão.

— Ah, não aprova? — rugiu Marc curvado sobre o homem cujo sangue do nariz já tingia a areia do deserto. — E quem pediu sua opinião, Barstowe? Você goste, ou não, amo sua irmã. E mais, vou pedi-la em casamento.

— Quem, você?! O grande amante do Egito, Marc Whittier, casar-se com um inglesa? — caçoou Derek ainda caído.

Achava mais seguro continuar ali enquanto empregasse o último argumento que, de uma maneira ou de outra, poria fim à luta.

— Quanto eu saiba — prosseguiu — você sempre manteve uma boa distância de qualquer inglesa da mesma forma que sua mãe, que achando não estar à altura de seu pai recusou-o. Agora, você e Cassandra teriam de enfrentar problemas idênticos dos quais sua mãe fugiu há trinta anos. Tem certeza de saber, no presente, mais do que ela no passado?

Os olhos de Marc chamejaram e os músculos retesaram-se para um novo ataque. Todavia, o significado das palavras de Derek o tomou de surpresa. De repente, ele riu e atirou-se no chão ao lado do amigo.

— O que você acaba de me dizer, Derek, teve um efeito mais forte do que todos os seus socos juntos. Será que venho revivendo a insegurança de minha mãe e pondo a culpa nele? — perguntou dirigindo um olhar para onde Lorde Andrew, aflito, esperava junto aos cavalos.

— Por que não pergunta a ele e descobre a verdade? — sugeriu Derek e fez uma careta de dor ao tentar levantar-se. — Que pancada mais pesada a sua, Aton. Você é um oponente formidável, meus óculos são testemunha.

Depois de dar um tapa amigável nas costas de Marc, ele enfiou a mão no bolso da camisa, de onde os tirou para exhibir as lentes rachadas. Gemeu quando os colocou e a armação apoiou-se no nariz dolorido. Mesmo assim, afirmou bem-humorado:

— Marc, você sabe que menti em relação a Cassandra. Será um prazer contá-lo como membro da família.

— O mesmo digo eu — começou Lorde Andrew que se aproximara a um aceno de Derek —, caso não costume espancar seus parentes como faz com os amigos — e, meio hesitante, estendeu a mão, temeroso de Marc não aceitá-la.

— Não, senhor. Temos muito a explicar para perdermos tempo com brigas — replicou Marc retribuindo o gesto.

— Lamento você já não pensar assim quando chegamos — reclamou Derek. — Se estou com uma aparência igual a sua, Aton, vai ser muito difícil explicar as coisas para Sidra. Pelo menos, Cassandra não vai vê-lo hoje.

— Desculpe, Derek, mas foi você quem me forçou a brigar. De qualquer jeito, sinto muito não ir ao acampamento para Cassandra me fazer curativos.

— Esqueça, Marc, vocês ainda não são casados. Certos prazeres têm de esperar.

— Ah, sei, como você e Sidra fazem? — provocou Marc.

— Pela sua expressão, Derek, ele o deixou sem saída — opinou Lorde Andrew.

— De jeito nenhum. Sidra não é sua irmã, Aton, e Cassandra é a minha.

— Vamos nos lavar para depois conversarmos mais à vontade. Atrás daquelas pedras, há água no fogo — informou Marc, desejoso de mudar de assunto; não queria lembrar-se da noite passada com Cassandra no deserto.

— Você se parece muito com ele, Aton — Derek comentou alguns momentos mais tarde enquanto observavam o conde ir até o Nilo em busca de mais água. — Pode ter crescido sem respeitá-lo, porém seu pai sempre seguiu o próprio código de honra. O conde amparou você e sua mãe financeiramente, custeou sua educação e, apesar do alto preço emocional, não quebrou a promessa feita a Maria de não contatar você. Através desses anos todos, deve ter sido tão difícil para ele quanto para você, acredito.

— Você pode ter razão, Derek.

Agora que o ódio e a raiva ameaçavam se dissipar, Marc começava a

analisar seus sentimentos em relação ao estranho que alegava ser seu pai.

Lorde Andrew voltou com a água e fitou o filho.

— Marc, você pode acreditar que o fato de eu ter deixado sua mãe não foi uma decisão só minha? — perguntou ele sem esconder a ansiedade.

— Posso. Mamãe não hesitava em se separar de alguém querido se estivesse convencida de que era o melhor para a pessoa. A minha ida para a Inglaterra é um bom exemplo.

— Não a culpe por isso, Marc. Sua mãe duvidava de que sua vida pudesse ser melhor, aqui no Egito ou lá na Inglaterra, se você fosse criado como membro do governo.

— Foi por isso que ela deu um nome cristão ao filho? — indagou Derek.

— Não, Maria era cristã. Segundo a tradição, o Egito conheceu o evangelho através do apóstolo Marcos. Quanto ao sobrenome, reconheci legalmente meu filho tão logo soube da existência dele. Você é meu herdeiro, Marc, fato, com certeza, omitido por sua mãe. Lamento não ter poderes para legar-lhe o título também. Mas você já foi informado de tudo isso através de minhas cartas.

Pensando nos envelopes destruídos antes de serem abertos, sem dar oportunidade a este homem de se explicar, Marc sacudiu a cabeça envergonhado e disse apenas:

— Eu nunca fiz questão de dinheiro ou título.

— Só aprendi essa lição quando já era quase tarde demais. Diga uma coisa, Marc, terei a chance de conhecer Cassandra? — Lorde Andrew perguntou desejoso de tocar num assunto mais ameno. — Aliás, conheci uma moça da equipe de Derek muito interessada em você. Se sua namorada é tão encantadora como essa arqueóloga, será um prazer conhecê-la. Contudo, entenderei caso você queira manter nosso grau de parentesco em segredo. Talvez possa me apresentar como um parente distante.

— Não, chega de sigilo — declarou Marc rindo com o fato de o pai não saber que Sandra Blake e Cassandra Barstowe eram a mesma pessoa.

Satisfeito, desfez o engano. Lorde Andrew não chegou a demonstrar a alegria pela escolha do filho, pois o ruído da aproximação de um cavaleiro fez os três homens guardarem silêncio. Marc puxou a *gallabiya* sobre a cabeça para diminuir as chances de ser reconhecido.

O aspecto do trio era de fato alarmante, porém seria difícil dizer qual deles ficou mais surpreso ao ver Pemberton desmontar apressadamente. Por seu lado, este perdeu a fala, atônito com o que via.

O distinto Lorde Andrew Whittier, conde de Langshire, tinha as roupas

em desalinho e sujas de sangue e areia. O sr. Barstowe estava quase irreconhecível com os óculos quebrados sobre o nariz inchado, um olho já bem arroxado e a frente da camisa manchada de sangue. A uns passos atrás, encontrava-se um egípcio excepcionalmente alto e também com sinais evidentes de luta.

— Deus do céu, dr. Barstowe, o que aconteceu por aqui? — exclamou Pemberton aflito. — Eu cavalgava à procura de socorro quando vi, ainda de longe, Lorde Andrew à beira do rio. Vejo que eles os atacaram antes de irem até o acampamento. Sinto muito não ter chegado a tempo para ajudá-lo, mas, pelo jeito, os senhores os puseram em debandada.

— Atacaram?! Quem? Do que está falando, Pemberton? Surgiram problemas no acampamento? — demandou Derek.

— Não como aqui, doutor, quer dizer, não fomos agredidos fisicamente. Os contrabandistas apareceram lá às escondidas e atearam fogo na tenda da cozinha a fim de escaparem com a máscara.

Antes de Pemberton poder continuar, os homens já corriam para os cavalos. Enquanto montavam, Derek deu ordens lacônicas, mas precisas.

— Pemberton, você me dará os detalhes enquanto voltamos. Lorde Andrew vai conosco, porém ficará um pouco para trás a fim de poder escapar em caso de perigo. Marc, você irá na frente. Nomad o levará mais depressa do que os nossos cavalos. Veja que providências tomar e comece a agir logo. As moças estão bem, Pemberton?

Esperando apenas para ouvir a resposta afirmativa de Pemberton, a silhueta encapuçada partiu a galope conseguindo depressa uma boa dianteira dos outros.

— Marc? Marc Whittier? Aquele homem não é egípcio? Quem o atacou então, dr. Barstowe? Sua cabeça precisa de um curativo urgente, aliás, nem deveria cavalgar. Quero um relatório completo do que aconteceu aqui — Pemberton, alarmado, não conteve indagações e afirmativas simultâneas.

— Não temos tempo agora para satisfazer sua curiosidade. Conte depressa o que houve no acampamento. — pediu Derek.

— Ah, está bem. Adam levou Thornton às ruínas para mostrar o lugar onde a máscara tinha sido encontrada. Com certeza, Paul queria se distrair durante a ausência do conde. Quando voltaram, ele disse ter recebido uma mensagem...

— Sinto muito, Sandra, tenho de ir embora. Chegaram ordens urgentes para eu voltar ao Cairo. Gostaria de gozar mais um pouco de sua companhia,

mas o dever me chama — desculpou-se Paul.

— E quanto a Lorde Andrew, vai voltar sozinho? — perguntou Sidra ao lado.

— De acordo com a carta de Carstairs, amanhã chegará um novo acompanhante para o conde. Esse negócio não faz sentido para mim, porém não sou o cônsul-geral. Com licença, vou arrumar minhas coisas e partir.

— Estranho, não acha, Sandra? — perguntou Sidra depois de Paul afastar-se. — Chamar de volta um acompanhante e mandar outro por uma questão de horas.

— Curioso mesmo. E como o mensageiro chegou? Ele não teria vindo aqui primeiro antes de ir às ruínas, ainda mais sendo domingo, dia em que ninguém trabalha? Eu, pelo menos, não vi pessoa alguma procurando por Paul — comentou Cassandra.

— Ah, mocinhas, vocês estão se esquecendo de como as repartições públicas funcionam — repreendeu Adam. — O governo não evita gastos supérfluos e, nem sempre, dá exemplo de contenção. Não sei por que hoje haveria de ser diferente.

— Tem razão, Adam — concordou Cassandra.

— Vou ajudá-lo a se preparar — disse ele e seguiu em direção à tenda ocupada por Paul.

— Engraçado, pelo comportamento deles na mesa do café, não pensei que fossem amigos — comentou Sidra.

— Talvez Adam queira ver Paul pelas costas depressa. Bem típico dele. Esqueça os dois, Sidra, e me faça companhia enquanto trabalho nos esboços da máscara.

— Quando percebi — continuou Pemberton — as moças gritavam assustadas porque um incêndio destruía a tenda da cozinha e ameaçava passar para as outras. Não sabemos como o fogo começou, porém suspeitamos dele quando corremos à tenda de depósito para salvar as peças e demos por falta da máscara. Resolvi patrulhar a área antes de ir à cidade dar o alarme.

— Espero que você tenha mandado Sidra e Sandra ficarem nas tendas com Adam e Thornton até nós voltarmos — disse Derek ao instigar a montaria a aumentar a velocidade. — A máscara é inestimável, porém aquelas duas moças têm valor muito maior do que qualquer tesouro da antiguidade.

Enquanto Marc e os outros galopavam rumo ao acampamento, a perplexidade das moças sobre os acontecimentos crescia.

— Sidra, quanto mais eu penso, mais estranha a história de Paul me parece. Mesmo que o mensageiro o tivesse ido procurar nas escavações, aonde foi depois? Não teria vindo para cá com ele? — questionou Cassandra.

— De fato essa história está muito mal contada. O mais peculiar foi Paul ter partido um pouco antes de o incêndio começar. Pelo menos, já tinha ido quando o procuramos. Você o viu partir? Ele se despediu?

— Não, mas talvez Adam o tenha visto. Paul ficou meio esquisito depois daquela pancada na cabeça. O ferimento foi muito grande? Só vi as ataduras que você pôs, Sidra.

— Eu não fiz curativo algum na cabeça de Paul, foi um amigo dele em Hawatta.

— Tem certeza? Mais um ponto estranho sobre Paul. Quando fomos fazer o tal passeio a cavalo no dia de Natal, ele afirmou nunca ter ido ao sul e sugeriu que tomássemos a estrada de Hawatta. Também foi ideia dele explorarmos a passagem nos penhascos onde fomos assaltados. Posso estar enganada, mas, de repente, começo a ver uma porção de incongruências no comportamento de Paul — comentou Cassandra.

— Você está imaginando que ele roubou a máscara e pôs fogo na tenda da cozinha de propósito a fim de desviar nossa atenção do caminho por onde escapou?

— Não é impossível, concorda? Cada vez que Paul esteve aqui, surgiram problemas — argumentou Cassandra.

— Mesmo que seja verdade, não podemos fazer nada antes de Derek chegar. Nem sabemos a direção tomada por Paul.

— Então, precisamos descobrir isso logo. Como você fala árabe, Sidra, vá perguntar a Mari e às outras crianças se não viram Paul partir. Elas estavam brincando perto das tendas e podem ter notado alguma coisa. Enquanto isso, vou falar com Adam. Talvez ele saiba de algo.

Quando Cassandra o interrogou alguns minutos depois, Adam a fitou como se houvesse enlouquecido.

— Para onde Paul foi? — repetiu ele. — Para o Cairo, naturalmente, seguindo as ordens de Carstairs.

— O que haveria de tão urgente a ponto de não poder nos ajudar a apagar o fogo e salvar as peças antes de ir?

Adam não chegou a responder, pois um grito de Sidra chamou-lhes a

atenção.

— Ei, ouçam isto. Mari viu Paul ir para o sul a cavalo e jura que ele enfiou um objeto embrulhado em pano sob a camisa hoje de manhã. Ela observou tudo da cortina aberta da tenda de depósito. Depois, Paul saiu, olhou para todos os lados e correu ao alojamento dele. Fui até lá agora e não encontrei nada. Se ele roubou a máscara, fugiu com ela.

— Um momento, srta. Collins. — Ajudei Paul a arrumar as coisas dele e não vi nada suspeito — objetou Adam. — A menina deve estar enganada.

— Duvido, Adam. Vamos embora, Sidra. Se não pudermos deter Paul, deixaremos uma trilha clara para Derek nos seguir.

— Ai, srta. Blake, isso é uma insensatez! — exclamou Adam. — Em primeiro lugar, não sabe a direção tomada por ele e, em segundo, caso o alcance, será ridículo acusá-lo sem provas. Isso sem falar no perigo de nômades rondando pelo deserto. Duas moças desacompanhadas os atrairiam.

— Tem razão sobre esse último ponto. O jeito é ir conosco, Adam — declarou Cassandra.

— Eu?! Eu... não sei — gaguejou ele à procura de uma razão para desencorajá-las. — Devemos esperar pelo retorno de Pemberton e do dr. Barstowe. Nem sabe se Thornton é culpado. E se foi Whittier? Ele deve andar vagando por aí.

— Por isso mesmo devemos ir atrás de Thornton e descobrir a verdade — declarou Cassandra com firmeza.

— Continuo achando... — começou Adam, mas Sidra o interrompeu.

— Adam Ward, acredita que não devemos fazer nada e permitir o desaparecimento da máscara?

— Não, porém...

— Está com medo de nos acompanhar? Prefere a segurança do acampamento enquanto Sidra e eu nos arriscamos?

— Não é isso também.

— Então, está decidido, vamos os três. Adam e eu cuidamos dos cavalos enquanto você, Sidra, confirma com Mari a direção seguida por Paul. Diga a ela aonde vamos a fim de avistar Derek assim que ele chegar aqui.

Pouco depois, deixavam o acampamento em perseguição de um homem que, segundo os indícios, fugia com uma peça preciosa e de alto valor histórico. Para Cassandra, não restavam mais dúvidas da culpabilidade de Paul e isso punha fim às preocupações com Marc. Sidra desconfiava de Paul e sentia-se apreensiva com a segurança de Cassandra e a paz de espírito de Derek. Tenso, Adam agarrava-se à sela. Temia o confronto com Thornton,

porém não podia evitá-lo.

CAPÍTULO XV

Ao mesmo tempo que Nomad e o seu cavaleiro ansioso entravam no acampamento pelo lado norte, a poeira levantada pelas montarias de Cassandra, Sidra e Adam assentava-se ao sul. Marc, todavia, não a notou por causa da fumaça erguida das cinzas da tenda. Ele desmontou depressa e gritou enquanto vistoriava o lugar:

— Cassandra, Sidra, onde estão vocês? Sou eu, Marc, e não um nómade — explicou lembrando-se da *gallabiya*.

Temendo encontrar as duas feridas, ou amordaçadas, e impossibilitadas de responder, passou a procurá-las no interior de todas as tendas. Ao se aproximar da delas, viu um vulto movimentar-se atrás e do lado de fora.

— Quem está aí? — gritou.

Apareceu logo uma menininha assustada e ele reconheceu Mari. Ajoelhou-se a seu lado e tentou acalmá-la.

— Mari, não tenha medo, sou eu, o sr. Marc. Pode me contar o que aconteceu por aqui? Onde estão as moças?

Passado o susto provocado pelas roupas sujas e manchadas de sangue e estimulada pelo sorriso e o tom meigo do amigo, Mari relatou os fatos de seu conhecimento, inclusive a saída de Cassandra, Sidra e Adam em perseguição ao fugitivo. Quando ela terminava de dar o recado deixado por Sidra, Derek e os outros galoparam acampamento adentro.

— Onde estão elas? Em segurança? — gritou Derek aflito. — O que faz você aí com essa menininha?

— Onde está Adam? — perguntou Pemberton. — Falta mais alguma peça? Ele ia refazer o inventário enquanto eu procurava socorro.

Em silêncio, Lorde Andrew desmontou e manteve-se a uns passos do grupo. Marc, em poucas palavras, contou o que descobrira e terminou dizendo:

— Devemos ir atrás deles já. Se Thornton é mesmo o contrabandista, não poupará as mulheres.

— Calma, Whittier, ele não matou a srta. Blake quando a levou ao deserto da última vez — argumentou Pemberton.

— Nós não suspeitávamos dele naquela ocasião e isso faz diferença — respondeu Marc furioso pela inocência quase comprovada de Pemberton e

pela ingenuidade deles em culpá-lo. — Caso Thornton esteja mesmo de posse da máscara, fará qualquer coisa para não entregá-la. Ele poderá manter as moças como reféns, ou matá-las a fim de não ter testemunhas. Não confio na coragem de Adam para protegê-las.

— Ô menina teimosa! — reclamou Derek. — Sidra jamais deixaria o acampamento sem sua instigação. Essa minha irmã não pensa antes de agir.

— Então, rapaz, vamos em seu encalço — sugeriu Lorde Andrew. — Se ela vai ser minha nora, vocês não podem me excluir do grupo de salvamento — afirmou ao ver a hesitação no olhar de Marc. — Vocês precisam da ajuda de todos, já que os guftis encontram-se fora do acampamento hoje.

— Tudo bem — concordou Derek. — Pemberton, faça o favor de apanhar as espingardas na minha tenda e vamos embora.

Acomodado na margem leste do Grande Rio, Paul tomou um gole da água tépida do cantil lembrando-se de que, logo, só beberia champanhe. Mais uma vez, levantou o invólucro de pano e contemplou a face que lhe prometia uma fortuna. Acariciou as curvas do rosto dourado e perdeu-se nos sonhos de um futuro fantástico e próximo.

Os raios do sol do meio-dia intensificavam o brilho da máscara. Se um dia ela fora a representação de um amor eterno, transformava-se agora no símbolo da ganância enquanto Paul a expunha ao impacto da luz do sol. O poder de Aton refletia sobre ela num aviso, entretanto Paul só vislumbrava a fortuna que tinha entre as mãos. Um instante depois, sacudia a cabeça e ria dos idiotas a quem trapaceara.

— Não passam de uns ingênuos — disse em voz alta. — Quando derem pela falta da máscara, sairão à procura de Whittier. Boa sorte para ele — resmungou enquanto montava e voltava a cavalgar num passo moroso, certo da própria segurança.

Sonhando com o futuro dourado, deixou o cavalo escolher a trilha e só voltou ao presente quando um íbis, ao levantar vôo, assustou a montaria. Esta empinou e, depois, pisou num cano de irrigação meio escondido na areia. Paul foi atirado entre a vegetação da margem do rio, porém levantou-se depressa a fim de verificar se o tesouro continuava intacto na mochila presa à sela. O cavalo quebrara a perna e, deitado de lado, em vão tentava levantar-se.

Aliviado por encontrar a máscara em perfeito estado, ele maldisse a falta de sorte e apanhou o cantil também preso à sela. Teria de continuar a pé até uma das pequenas fazendas mais adiante à margem do rio, onde poderia

adquirir uma nova montaria. Sem se importar com o sofrimento do cavalo e pensando apenas em si mesmo, foi embora.

Adiante dele, estavam as pedreiras de alabastro, em silêncio nesse dia por ser domingo. Não deviam ficar a mais de um quilômetro e, depois de transpô-las, ele encontraria as primeiras chácaras e sítios da região. Sem se importar com a inclemência do sol, Paul continuou a caminhar cheio de determinação.

Atordoadado com o calor opressivo, Adam enxugou a transpiração da testa. Sem conseguir encontrar uma maneira para atrasar a perseguição, ele seguia as duas moças rezando para que não encontrassem Paul.

O olhar atento de Cassandra vasculhava a trilha na esperança de ver os rastros de Paul, o traidor. Ele abusara da hospitalidade da expedição e a retribuíra com o furto aviltante, refletiu furiosa, lamentando não estar mais de posse da pistola que Marc lhe dera. Sem dúvida, ela a usaria caso surgisse a oportunidade. Seu ódio e desdém por Thornton cresciam a cada segundo. Ele não só tentara conquistar-lhe a afeição como também aproveitara-se das acusações contra Marc para continuar a agir.

De repente, Sidra parou, pois notara um movimento entre os juncos e caniços à direita da trilha. Ela desmontou e acenou aos outros para irem ver a triste descoberta que acabava de fazer. Lá, em meio à vegetação quebrada, encontrava-se o cavalo ferido que, sem compaixão alguma, Paul abandonara. O pobre animal ainda tentava, em vão, levantar-se. Horrorizada, Cassandra exclamou:

— Deus do céu, o homem não tem coração!

Num gesto de coragem pouco característico, Adam afastou as duas dizendo-se disposto a terminar com a agonia do cavalo. Pouco depois, elas ouviram o tiro de misericórdia que, ecoando pelas altas pedreiras de alabastro, alertou Paul, como Adam intencionava, da presença inesperada de pessoas na área.

Apreensivo, Thornton percorreu o olhar à volta à procura de um lugar onde pudesse esconder-se até ter certeza de não correr perigo algum. Bem acima da cabeça, viu um afloramento rochoso, de fácil acesso e ideal a seus propósitos. Enquanto subia depressa, ouviu o barulho de patas de cavalos que se aproximavam pela margem do rio. Deitado à espera e em segurança contra olhares indiscretos, ele segurou com mais força a máscara numa proteção contra possíveis ameaças.

— Maldição! — exclamou Derek impaciente. — Você sempre cavalga mais depressa do que os outros, Marc, e agora mantém esse passo vagaroso. Só Deus sabe se Thornton já não apanhou as mulheres e você gasta tempo examinando o chão.

O medo e a ansiedade estampavam-se nas feições de Derek enquanto ele expressava o desprezo pelo cuidado do amigo em estudar as marcas deixadas na trilha barrenta ao longo do rio. Contudo, ele não podia pensar em nada a não ser no perigo que Cassandra e Sidra corriam.

— Tenha um pouco de paciência, Barstowe — aconselhou Pemberton. — Você mesmo afirmou não conhecer ninguém melhor do que Whittier para seguir pistas nesta região. Se Thornton segue para o sul é sinal de que tem as fronteiras em mente. Apesar de o Sudão ser um protetorado britânico, os pontos de passagem para lá são bem numerosos e muito mal guardados. Ele não terá dificuldade alguma em passar para o lado de lá. Caso você não deixe Whittier utilizar a habilidade dele e nos pôr no caminho certo, de nada adiantará esta perseguição. Acabaremos não encontrando ninguém, nem a máscara.

— Tem razão, Pemberton. Desculpe, Aton.

Determinado a não deixar escapar sinal algum deixado pelos cavaleiros à frente deles, Marc não prestara atenção às palavras trocadas. Não permitia que nada lhe interrompesse a concentração.

— Por aqui — determinou ele irrompendo, novamente, num galope veloz pela margem do rio.

Do lugar vantajoso onde se encontrava, Paul não teve, dificuldades em identificar os cavaleiros e riu baixinho. Afinal, a ameaça temida não existia, só não entendia o que Adam e as moças faziam ali. Esperou até ficarem bem embaixo da pequena plataforma rochosa para pôr-se em pé e dar um tiro no ar e acima da cabeça deles.

— Parem onde estão — ordenou Paul.

Confusos, os três obedeceram e viraram-se para ver de onde partira a ordem autoritária.

— Aqui em cima, Cassandra. Você veio me procurar? Ficou com saudade ou quer a adorável mulher dourada que me acompanha? — perguntou sarcástico e levantou a máscara. — Agora que nos encontrou, espero que perceba não haver nada a fazer, a não ser cumprir minhas ordens.

— Não fique muito confiante — replicou Cassandra. — Derek vem vindo

logo ali atrás.

— Não sou nenhum idiota para acreditar que o valente dr. Barstowe permitiria a vinda de vocês em minha perseguição — contestou Paul. — Duvido até que ele saiba onde vocês se encontram. E, caso já tenha voltado ao acampamento, deve ter saído à caça daquele mestiço Whittier.

— Um homem bem mais íntegro do que você, seu Judas — declarou Cassandra com os olhos fuzilando de raiva.

— Adam — sussurrou Sidra —, puxe a pistola.

Ele enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou a arma enquanto Sidra o observava e sentia alívio por Thornton não perceber o movimento.

— Então, Ward, o que tem a dizer? As moças o trouxeram para protegê-las? — caçoo Paul.

Adam observou primeiro as duas à frente dele, depois Thornton acima e, finalmente, a pistola na própria mão direita. Em silêncio, avaliou a oportunidade de ter uma atitude heróica, porém, como sempre, a covardia o dominou e ele escolheu o caminho mais seguro.

— Foi o que pensaram — disse ele ao apontar a arma para as duas.

Cassandra mal pôde reprimir a surpresa quando reconheceu a sua pistola.

— Adam! — murmurou atônita, mas sua voz foi abafada pelas palavras e riso de Thornton.

— Parabéns por escolher o melhor lado. Foi uma decisão acertada. Quanto às senhoritas, vou ter de pedir para desmontarem, mas uma de cada vez. Você é a primeira, Cassandra. Há uma espécie de degrau a sua esquerda. Adam, segure as rédeas da montaria dela e mantenha Sidra sob a mira da arma.

Cassandra olhou para Sidra e achou melhor obedecer. A única chance de sobrevivência para ambas resumia-se numa atitude de cooperação aparente com Paul. Escorregou da sela e dirigiu-se à elevação rochosa. Mal surgiu no topo, ele agarrou-lhe o braço e o torceu para trás forçando-a a ajoelhar-se no chão.

— Está vendo, minha adorável Cassandra, este acompanhante diplomático não é um simplório no final das contas. Você me recusou por achar Whittier mais atraente, mas agora eu a tenho ao meu alcance além do outro tesouro — afirmou referindo-se à máscara de Nefertiti.

Retirou-a do invólucro de tecido e a colocou de encontro à rocha de alabastro sob os raios fortes do sol. Embora não desviasse a arma de Cassandra, encolhida no chão, ele sentia-se preso à imagem fulgurante de

alguém morto há tanto tempo e ainda tão lembrado.

Thornton dividia agora a atenção entre o símbolo do futuro dourado que o aguardava e Cassandra, cujo olhar não se desviava da máscara. Sempre segurando a arma, rasgou duas tiras longas do tecido tirado do artefato.

— Desculpe ter de incomodá-la com isto, minha querida. Aliás, você não me pertence, não é? Deve continuar sonhando com o seu herói, Marc Whittier. Infelizmente, não posso deixá-la solta a fim de fugir de mim e voltar para ele, por isso, vou ter de amarrá-la.

De maneira eficiente, prendeu-lhe os pulsos e tornozelos e depois afastou-se um pouco para contemplar o trabalho feito e comparar os traços de Cassandra e Nefertiti. Apesar de as feições serem muito diferentes, ambas irradiavam uma grande feminilidade, capaz de enfeitiçar um homem.

— Você não deve estar *muito* desconfortável e tem uma vista linda daqui. Adam, mande...

Antes de Thornton terminar a ordem, Sidra desmontou depressa e, com um tapa forte na anca do cavalo, afugentou-o numa carreira desabalada. Sem perda de tempo, subiu correndo para cima da rocha. A ação inesperada fez os dois homens focalizarem a atenção nela e não na fuga do animal. Furioso por ser ludibriado com tanta facilidade, Paul estapeou-a com força brutal, jogando-a de encontro à rocha.

— O que faço agora, Paul? Não posso perseguir o cavalo e segurar o de Sandra ao mesmo tempo — gritou Adam aflito.

— Pouco importa o animal — respondeu Thornton ao começar a amarrar Sidra. — Agora que só temos duas montarias, as moças não vão conosco. Amarre os dois cavalos e suba até aqui para decidirmos o que fazer com elas.

— Mas o animal pode alertar Derek quanto a sua rota — explicou Adam alarmado.

— Por que ele haveria de estar me procurando? Derek nem se encontrava no acampamento quando parti e deve estar no encalço de Whittier.

— Engano seu — garantiu Cassandra ao entender, de repente, as palavras de Marc na noite anterior. — Tanto quanto eu, Derek não suspeita de Marc e você deixou indícios bem óbvios hoje: a história mal contada do mensageiro do Cairo, o incêndio da tenda da cozinha e o desaparecimento da máscara um pouco antes de sua partida. Mas o mais importante é uma testemunha que ficou no acampamento. Ela viu você levar a máscara a seu alojamento. Por que acha que nós o seguimos? Não foi por causa da fértil imaginação feminina. Derek vem mesmo vindo aí.

— Ward, isso é verdade? — indagou Paul desconfiado.

— Bem — começou Adam hesitante enquanto galgava a rocha e sem querer enfurecer mais o outro —, pode ser. Sidra deixou uma mensagem com uma das crianças. Tentei convencê-las de sua ida para o Cairo, porém...

— Não fomos ingênuas, ou bobas, para acreditar nele. Mari vai dar meu recado a Derek, pode estar certo — garantiu Sidra.

— Sem dúvida — confirmou Cassandra. — Você pode não ter visto a menininha brincando no centro do acampamento, contudo ela sabe o bastante para incriminá-lo perante as autoridades, caso Derek o deixe vivo para enfrentar julgamento.

— Em seu lugar, eu não me importaria com esse detalhe, pois não estará viva para presenciá-lo — murmurou Thornton, já tendo tomado uma decisão forçado pelas palavras de ambas. — Muito bem, Ward, temos de calar, de uma vez por todas, essas duas matracas.

— Certo — provocou Cassandra desesperada para prorrogar, o mais possível, os planos de Paul. — Entretanto, você não conseguiu me eliminar no deserto. Tem certeza de que vai ter sucesso hoje?

— Você nem teve coragem de dar o tiro de misericórdia naquele pobre cavalo e agora pretende atirar em duas mulheres indefesas? — indagou Sidra com a mesma intenção de Cassandra, na esperança de Derek aparecer a tempo.

— Ora, você não sabe? — disse Cassandra. — Paul só obedece ordens, como as de Carstairs. Ele não tem iniciativa própria, coisa que exige anos de prática. Um bom exemplo é esta fuga desastrosa.

Depressa, Adam postou-se entre Cassandra e Thornton para evitar o pontapé ameaçado por este.

— Olhe, Paul, você é o encarregado aqui, mas eu gostaria de dar minha opinião. Se você matar essas duas, não conseguirá escapar de Barstowe. A acusação, aí, será de homicídio e não apenas de contrabando. Vai ser difícil fugir dele — argumentou nervoso.

— Ah, eu é? E quanto a você? — gritou Thornton. — Também está envolvido, esqueceu-se? Quem escondeu as peças sem registro e imaginou o esquema de furto? Estamos falando tanto de minha vida quanto da sua.

— Então, vamos amordaçar as duas e deixá-las aqui — sugeriu Adam ao mesmo tempo que enfiava um lenço na boca de Cassandra, apesar de sua reação. — Levará horas, talvez dias, até serem achadas e nós ainda contamos com uma boa dianteira antes de Barstowe conseguir organizar um grupo de busca.

— Não mais, seu idiota! — rosnou Thornton. — Olhe a trilha por onde vocês vieram.

De fato, podiam ver a silhueta de cavaleiros a distância cavalgando a toda velocidade pela margem do Nilo. Embora ainda estivessem muito longe para ver as pessoas no afloramento de alabastro, logo poderiam fazê-lo, pois se avizinhavam rapidamente. O coração de Cassandra disparou ao reconhecer um egípcio alto, à frente do grupo e montado num garanhão que não podia ser outro a não ser Nomad.

Thornton amordaçou Sidra depressa enquanto Adam começava a tremer em antecipação ao confronto inevitável. Paul jamais entregaria a máscara, pois Barstowe morreria antes. Fez uma última tentativa para evitar o pior.

— Graças a Deus eu o convenci a não matar as mulheres. Talvez eles nos poupem se você as entregar e devolver a máscara, Paul.

— E o que vou ganhar com isso, imbecil? De jeito algum vou abrir mão de uma fortuna — rugiu Thornton.

— Você poderá ser morto, Paul. E para quê?

Em resposta, Thornton esmurrou-o e bateu-lhe com a cabeça de encontro à pedra.

— Se você não é homem suficiente para lutar a meu lado, então fique onde está. A qualquer sinal seu para avisar Barstowe, darei fim a sua vida miserável.

Em seguida, ele tirou a pistola de Adam, cujo pavor o impediu de reagir. Da extremidade da plataforma, Thornton pôs-se a pensar numa saída para a situação.

Lorde Andrew foi quem notou o brilho imóvel na face rochosa a distância. Como justificar a luz estranha ali no deserto, refletiu, sem querer distrair a atenção de Marc. Depois de algum tempo, e como não visse mudança na intensidade do brilho, resolveu alertar os outros.

— Não sei se é importante, mas olhem aquele objeto brilhante nas rochas a leste. Ele vem se mantendo constante há vários minutos e talvez seja algum sinal — sugeriu o conde.

Silenciosos, os homens procuraram pelo brilho suspeito. Como se fosse uma divindade antiga, o fulgor acenava-lhes concitando-os a resgatar sua amada. Ao mesmo tempo, Derek e Marc exclamaram:

— É a máscara! — gritou o primeiro.

— Deve ser Nefertiti refletindo à luz do sol — o segundo opinou.

Enquanto o grupo analisava as probabilidades oferecidas pelo reflexo,

surgiu um cavalo a galope vindo da mesma direção das rochas. Derek conseguiu segurá-lo e o identificou.

— É a montaria de Sidra. Espero que elas ainda não tenham alcançado Thornton. Tenho medo do que ele possa lhes fazer — confessou ansioso.

— Se estivessem juntos, ele não teria impedido a fuga do animal? — objetou Pemberton. — Aliás, não evitaria também o reflexo do sol na máscara? Thornton perceberia o perigo de ambas as coisas, com certeza.

— Caso Cassandra e Sidra estejam com ele, Thornton tem as mãos cheias para cuidar de detalhes — comentou Derek.

— Nesse caso, é melhor irmos até lá com cautela — preveniu Marc. — Poderá ser perigoso para elas se chegarmos de maneira intempestiva.

Seguiram em fila pela trilha com Marc encabeçando o grupo. Sem perder de vista o reflexo brilhante, aproveitavam-se de qualquer cobertura oferecida pela natureza, como pequenos agrupamentos de tamareiras, touceiras de caniços ou blocos irregulares de rochas.

Thornton observava o avanço do grupo com raiva crescente e, quando chegaram a uma distância de onde poderiam ouvi-lo, ordenou em altos brados:

— Não se aproximem mais! Tenho as moças comigo!

— E a máscara também — redarguiu Pemberton furioso ao ser feito de bobo por um reles laçao governamental.

— Exato! Todas as mulheres estão aqui, as de vocês e a minha dourada — concordou o contrabandista às gargalhadas.

— Se você lhes causou algum mal, vai lamentar ter nascido — ameaçou Derek.

— Ambas estão bem e nada lhes acontecerá caso Barstowe aceite minha proposta. Soltarei uma delas agora em sinal de boa-fé — explicou Paul achando mais fácil ir embora apenas com uma refém, de quem se livraria, bem como de Adam, quando a segurança estivesse próxima. — Vocês entregarão as armas e me deixarão partir. A outra moça será libertada um pouco ao norte da fronteira. A máscara, naturalmente, irá comigo.

— Está louco se pensa que concordarei com isso — Derek replicou furioso.

— Pois então, considere isto um ato de loucura — disse Paul ao apontar a pistola e atirar no ar um pouco acima das cabeças deles.

Depressa, todos se espalharam, cada um atrás de pedras esparsas entremeadas de caniços ao longo do rio.

Pemberton levantou a espingarda e já a apontava para Thornton quando este forçou Sidra e Cassandra a se sentarem em frente a ele como proteção.

— É um tiro difícil, mas acho que vou acertar — resmungou o investigador acertando a mira, contudo a arma foi-lhe arrancada das mãos.

— Tente outra vez, Pemberton, e eu o matarei antes de Thornton fazê-lo — ameaçou Marc em voz baixa e áspera.

— O que sugere então, Whittier? Ceder às exigências dele?

Sem esperar, ouviram outro estampido e, desta vez, o tiro atingiu a pedra atrás da qual Derek se escondia..Em seguida, Thornton gritou:

— Agora que tenho novamente sua atenção, doutor, responda qual das duas gracinhas quer primeiro, a irmã ou a namorada?

— Você vai pagar com a vida, cão danado!

— Não tenho medo de você, Barstowe. Suas testemunhas são as pessoas que me deixaram escapar com a máscara e, agora, ninguém vai tirá-la de mim! — gritou Paul numa voz aguda beirando a histeria. — Dou-lhe dez minutos para resolver qual das duas quer primeiro. Se, no final desse tempo, não tiver chegado a uma decisão, eu lhe mostrarei o meu empenho em fazê-lo por você.

Marc começou a pensar com a rapidez que o desespero exigia. Se conseguisse chegar à pedreira sem ser visto, poderia galgá-la e surpreender Thornton por cima. Arrastou-se até a pedra de Derek e expôs-lhe o plano. Este faria qualquer coisa para chamar a atenção do contrabandista enquanto Marc retrocederia pelos cactos e, mais adiante, por um agrupamento de tamareiras. De lá, seria fácil atingir a curva da pedreira fora do campo de visão de Paul. Então, ele subiria a um nível mais alto da plataforma onde Sidra e Cassandra se encontravam. Provavelmente, Adam, que ainda não tinha sido visto, também estivesse lá. Mesmo que não pudesse ajudá-lo, Marc não duvidava da própria capacidade de dominar Thornton.

Ao acompanhar o progresso de Marc pelo canto dos falhos, Derek gritou:

— Thornton, tenho uma outra proposta. Solte as mocas e eu ficarei como seu refém. Elas não serão capazes de o seguir como eu a vocês. Entregue uma e irei desarmando a seu encontro. Quando chegar aí, você libertará a outra. Que perigo eu poderei lhe oferecer em tais circunstâncias?

— Ora, nenhum, como também agora, idiota — foi a resposta maldosa. — Você tem ainda sete minutos para acatar minhas exigências.

Marc alcançava o lado oposto dos cactos e tinha de se expor no espaço aberto entre eles e as tamareiras. O movimento dele despertou a atenção de Thornton. Certo de tratar-se de um egípcio desertor, o contrabandista riu

divertido e, resolvido a pregar-lhe um susto, apontou a arma para ele.

Lorde Andrew percebeu a iminência do perigo corrido pelo filho que acabara de conhecer. Ergueu-se depressa e atirou na pedreira acima da cabeça do ladrão.

Instintivamente, Thornton virou-se em direção ao lugar de onde partira o tiro e retribuiu-o. Riu às gargalhadas ao ver a mancha rubra espalhar-se pela camisa do conde antes de este encolher-se outra vez atrás da pedra. Não tinha importância a fuga do egípcio, refletiu excitado, pois afinal atingira um membro da aristocracia, um nobre. Eufórico, pensava ter rompido um elo do sistema social que o mantivera numa posição servil e imerecida. Em seu delírio, contemplou a máscara que continuava a lhe sorrir.

— Ótimo, Barstowe, o grupo de salvamento está diminuindo. O egípcio fugiu e Lorde Andrew não poderá mais ajudá-lo. A sorte está a meu favor e você tem poucos minutos para se decidir.

Nesse instante, Marc começava a escalada da rocha. Estimulava-o agora não só o medo por Cassandra como também a vontade de vingar o pai. Com o coração disparado, ele não se dava conta da aspereza nem das pontas afiadas do alabastro que lhe feriam as mãos. A dor física não se comparava à emocional. Chegou finalmente ao topo e pôs-se a correr pela borda quando ouviu Thornton rir e bradar:

— Acabou o tempo, Barstowe! Eu o assustei? Não precisa ficar alarmado, elas ainda estão vivas. Só quis estimular sua decisão. Qual das duas vai primeiro? Sem dúvida, você está disposto a acatar minhas exigências, já que não lhe ofereço outra alternativa.

Cassandra relanceou o olhar para Sidra e lamentou a situação desastrosa em que se encontravam todos por causa de sua decisão precipitada. Rezava para que Derek escolhesse Sidra em primeiro lugar. A namorada do irmão, e amiga sua, encontrava-se ali por culpa sua. E Derek devia estar sofrendo demais. Como podia ter sido tão leviana e colocado todos nesse perigo? Se ao menos Marc surgisse e os socorresse como a salvara das outras vezes, pensou desanimada.

Com o máximo cuidado para não deixar pedras soltas rolarem, Marc parou bem acima do pequeno afloramento rochoso e deitou-se de bruços a fim de estudar a situação. A plataforma ficava a seis metros abaixo, devia medir cinco por três e as moças estavam a dois da borda. Os rostos virados para o paredão, elas serviam de escudo para Thornton. Adam, encolhido numa posição fetal num canto, dava a impressão de estar inconsciente, ou morto, e não poderia ajudá-lo. Todavia, ele não tinha os tornozelos e pulsos

presos como as moças. Marc olhou para os companheiros ansiosos e levantou o braço num aviso mudo. Ouviu, então, a voz de Derek.

— Muito bem, Thornton, vamos acatar sua decisão. Já resolvi quem vai ser a primeira.

Marc viu Thornton manter a pistola apontada para Derek e levantar a cabeça numa atitude impaciente pela decisão. A escolhida devia ser a mais querida do arqueólogo e, portanto, Cassandra seria levada como refém por uma questão de segurança.

Sem esperar mais, Marc pulou e impulsionou o corpo para cair logo atrás de Thornton e minimizar a possibilidade de atirar uma das moças para fora da plataforma.

De repente, Thornton ouviu um baque surdo ao mesmo tempo que sentia o pescoço ser vergado para trás. Numa fração de segundo, recebia o violento ataque de Marc. Com a energia de um louco, entregou-se à luta e os dois homens rolaram pelo chão. Cada um tentava ganhar o controle da pistola que continuava em poder de Thornton. Marc, receoso de machucar Sidra ou Cassandra, desviava-se cada vez mais para a borda da plataforma levando o adversário junto.

O coração de Cassandra confrangia-se aflito vendo Marc atacar e ser atacado, sempre mais próximo do limite perigoso da rocha. Abruptamente, ouviu-se o estampido da arena abafado pelo dois corpos entre os quais fora disparado. Ela soergueu-se depressa para ver quem fora atingido, enquanto os dois homens levantavam-se.

As camisas de ambos mostravam a mancha rubra de sangue e Cassandra levou um segundo de agonia terrível para perceber que a de Thornton aumentava a olhos vistos até ele cambalear e despencar da plataforma.

— Está tudo bem aí em cima, Marc? Thornton morreu? — gritou Derek ao correr de encontro ao amigo. — E Sidra e Cassandra?

— Tanto quanto posso ver, não foram molestadas — replicou Marc enquanto soltava Cassandra.

Derek surgiu lá em cima e apressou-se em ajudar Sidra ao mesmo tempo que Marc, já com Cassandra entre os braços, queixava-se:

— Eu te amo, Cassandra, mas desde a primeira vez em que a vi reconheci sua capacidade de meter-se em encrencas. Pensou mesmo que podia resolver esta situação sozinha?

Mal acreditando encontrar-se na segurança dos braços de Marc, ela aconchegou-se mais e só então notou os ferimentos no rosto dele.

— Oh, Marc, eu não queria que se machucasse tanto por minha causa —

desculpou-se apreensiva ao acariciar-lhe, de leve, o rosto.

— Esqueça isso agora, Cassandra. Lorde Andrew atraiu a atenção de Thornton para me proteger e recebeu um tiro. Pode estar muito ferido, ou até morto — disse Marc conscientizando-se do gesto do pai.

— Não se preocupe, Aton, ele vai se recuperar depressa. O tiro o atingiu de raspão. Mesmo assim, ele perdeu bastante sangue. Acho bom Sidra examinar o ferimento antes de voltarmos para o acampamento — sugeriu Derek enquanto massageava os pulsos e tornozelos dormentes da namorada.

Os quatro, emocionados com o reencontro, não tinham dado atenção a Adam, que continuava encolhido num canto. Ao vê-lo mexer-se, Derek aproximou-se.

— Fiz o possível para salvá-las — balbuciou o covarde. — Paul queria matá-las e eu o convenci a não fazer isso.

— Naturalmente, Adam — concordou Derek, feliz com o fato de a irmã e de a namorada terem saído ilesas do episódio.

— Derek, Adam fazia parte do grupo de contrabandistas — avisou Cassandra, e depois virou-se para Marc. — Ele até roubou a pistola que você me deu e a apontou para nós hoje.

Furioso, Marc tentou interceptar Adam que, já em pé, apanhava a máscara e tentava descer da plataforma; Pemberton, porém, interpôs-se em seu caminho.

— Não deixe Adam escapar — gritou Derek. — Ele é um dos contrabandistas e quer fugir com a máscara.

Satisfeito pela chance de participar da captura, o investigador agiu com presteza. Podia imaginar o relatório oficial do caso em que narraria, com uma ponta de verdade, ter impedido sozinho a fuga do delinquente e recuperado a máscara.

Os quatro desceram finalmente do afloramento rochoso, cenário de tanta ganância e violência, e foram ao encontro de Lorde Andrew, que se abrigara numa sombra.

Tão logo Sidra examinou-lhe o ferimento e garantiu a Marc que o conde podia cavalgar sem perigo, Derek determinou o retorno imediato ao acampamento. Lá, poderiam analisar os acontecimentos e tomar as decisões cabíveis.

Pemberton encarregou-se de amarrar o corpo de Thornton na sela da montaria de Cassandra e de vigiar Adam, e Derek entregou a máscara aos cuidados de Sidra.

Feliz e confortável entre os braços de Marc e em cima de Nomad,

Cassandra lembrou-se de seu primeiro dia no Egito, quando vira a aproximação do cavaleiro que a ajudaria a fugir das vielas do bazar.

— Ah, Marc — sussurrou ao encetarem o retorno pela margem do Nilo.

— Você sempre surge no momento em que preciso de sua ajuda.

No trajeto de volta, o calor já não se mostrava tão opressivo. Aton, o deus do sol, após testemunhar o resgate da amada, perdera a fúria e agora apenas coloria o céu com estrias rosadas.

CAPÍTULO XVI

Ao chegarem ao acampamento, Adam foi entregue à vigilância de Ahmet e Ezram enquanto todos se dirigiam aos próprios alojamentos a fim de descansarem um pouco antes de se reunirem para uma avaliação dos acontecimentos. Sidra, contudo, apressou-se em apanhar a maleta de medicamentos e foi à tenda de Mark para onde Lorde Andrew se retirara. Depois de examiná-lo e constatar que não passava de um ferimento superficial, fez um curativo e recomendou repouso por causa da perda de sangue e da cavalgada naquelas condições.

Após a retirada de Sidra, e já refeito das tensões daquele dia, Marc resolveu enfrentar o dilema do relacionamento com o pai. Endireitou-lhe os travesseiros e, disposto a expressar sua gratidão, começou, hesitante:

— Espero que o senhor não esteja muito desconfortável.

— Não se preocupe, meu rapaz. Estou muito mais à vontade do que você neste momento. Para falar a verdade, nunca me senti tão bem, graças a nosso encontro, embora tardio. Mas gostaria de saber o que o aflige.

— Não sei bem como agradecer o que fez hoje por mim. Se não fosse o senhor, talvez Thornton tivesse me matado.

— Nem pense nisso. Apesar de ter custado a criar coragem para procurá-lo pessoalmente, você é meu filho e eu não poderia ter procedido de outra forma. Agora, diga uma coisa — continuou Lorde Andrew disposto a mudar de assunto: — Vou ficar sabendo, antes de ir embora, se serei sogro logo? Quando pretende pedir Cassandra em casamento?

— Não sei, talvez não faça isso. Eu estava muito emocionado quando libertei Cassandra, mas, ao refletir com objetividade, não estou certo de como devo agir.

— Francamente, não entendo. Vocês se amam!

— Justamente por isso que tenho dúvidas, porque a quero muito. O senhor acreditaria que Cassandra continuaria a ser aceita em seu círculo social se fosse casada com um mestiço bastardo? Ela não sentiria falta dos amigos se viesse morar no Egito comigo? Meus sentimentos por ela não devem trazer-lhe infelicidade e dissabores.

— Marc, meu filho, sei que não posso aparecer tão tarde em sua vida e querer lhe impor meus conselhos, mas confie em mim porque falo por

experiência própria. Não se pode ser objetivo em circunstâncias como esta. Isso só provocaria a infelicidade de ambos. Amei muitíssimo a sua mãe, mas ao longo dos anos duvidei sempre da sensatez da atitude dela. Não cometa o mesmo erro, Marc. Não escolha o que pensa ser melhor para os outros. Exponha os fatos a Cassandra e dê-lhe a oportunidade de tomar a própria decisão.

Em silêncio, Marc dirigiu-se à saída da tenda, onde parou e virou-se para dizer numa voz quase inaudível:

— Não sei ainda o que vou fazer. Mesmo assim, obrigado, meu pai, pelo conselho. Agora, se me der licença, vou ajudar Derek no interrogatório de Adam.

Tão logo Marc apareceu na tenda de depósito, teve início a inquirição do filólogo.

— O que aconteceu com você, Adam? Sempre o considerei uma pessoa honrada e de princípios e, de repente, descubro que, além de não ter essas qualidades, é um sujeito miserável que traiu a expedição. Vamos lá, explique-se — exigiu Derek entre frustrado e confuso.

O competente dr. Barstowe, homem de sucesso e posses, encontrava-se ladeado por Sidra, Cassandra e Marc, pessoas queridas e dedicadas ao trabalho. Pemberton também estava presente e pronto para tomar nota de tudo. Adam levantou a cabeça e sorriu com escárnio para o grupo.

— Você sempre conseguiu tudo com facilidade... glória, êxito, fama, não é verdade, Barstowe? Alguma vez parou para pensar como eram as coisas para mim? Trabalhei em Amarna por dois períodos antes de você aparecer. Eu conhecia o terreno e sabia decifrar hieróglifos, entretanto não fui escolhido para diretor quando vagou o cargo, mas você foi. Também não mereci a posição de seu assistente porque Whittier o ocupou. Eu até teria aguentado a situação se ambos fossem incompetentes e com isso me dessem a ilusão de ser a força por trás dos sucessos da expedição. Quando vi vocês dois trabalharem, percebi que nunca poderia ofuscá-los, por mais que me esforçasse. E tentei muitíssimo. Tomava cuidado com os mínimos detalhes e era metuculofo ao extremo no registro das peças. Mesmo assim, ninguém jamais me valorizou. Até que, um dia, Marquist...

— Marquist? Pamela Marquist? — perguntou Pemberton ao lembrar-se da mulher no elegante vestido branco e formal no baile da passagem de ano.

— Ela mesma. A srta. Marquist também está envolvida. Quando ela me procurou, eu fazia pesquisas no Museu do Cairo, durante o seu primeiro

período aqui, Derek. Confesso ter achado não só a sua proposta como ela também muito atraente. Nós dois éramos espíritos gêmeos, talentosos, porém sem aquele carisma tão necessário para o sucesso.

— Marquist?! O que você viu naquela criatura pedante? — indagou Derek abismado.

— Ela me fez sentir autoconfiante. Pamela começou a reconhecer minha cultura, minha dedicação, qualidades que ninguém até então havia valorizado. Prometeu-me, então, riqueza e poder se eu me dispusesse a trabalhar para ela.

Impaciente, Marc determinou:

— Muito bem, Adam, você já nos disse por quê. Agora, explique como.

— O método foi todo elaborado por mim. Pamela e Thornton não teriam conseguido nada sem a minha colaboração. Pela primeira vez na vida, eu me senti importante. Durante todos os momentos, tive um prazer muito grande, até o controle começar a escapar de minhas mãos e ir para as de Thornton. Se não fosse pela ganância dele, ainda estaríamos operando sem que ninguém desconfiasse de nós.

A voz de Adam revelava um misto de orgulho e desafio. Parou uns instantes e depois prosseguiu:

— Era tão fácil! Todos confiavam no humilde e persistente Adam cuja dedicação não permitia nada fora de lugar nesta tenda. Você nunca imaginou, Derek, por que os meus achados não eram tão valiosos quanto os seus? Sem dúvida, atribuía o fato a minha falta de competência em detectá-los. Erro. Eu retinha as peças mais preciosas e entregava ao projeto apenas as de qualidade inferior.

Ele parou novamente e observou o efeito de suas palavras no grupo antes de continuar.

— Quando as prateleiras aqui estavam vazias, eu enterrava as peças destinadas a nossa operação na areia perto do local onde eu escavava. No momento em que os achados da expedição começavam a ficar numerosos, eu punha os meus no meio deles. Eles tinham um número para tapear quem os pegasse por acaso, mas não eram catalogados. Quem iria procurar peças de contrabando entre as legítimas do projeto? Com centenas delas aqui, as minhas passavam despercebidas.

Sem querer interromper a concentração de Adam, porém desejosa de obter um esclarecimento, Cassandra comentou:

— Alguém as notou, não é verdade? Aquelas peças das quais fiz esboços e você garantiu não valerem meu trabalho faziam parte do material a ser

contrabandeado, não é?

— Sim — admitiu Adam. — Ninguém jamais tinha investigado os artefatos já armazenados. Os novos eram mais importantes por ainda despertarem curiosidade. Você foi a única a se meter com os meus achados.

— Foi por isso que tramou o rapto de Cassandra? — perguntou Marc ameaçador.

Amedrontado, Adam estremeceu e encolheu-se.

— Não, não! Isso foi trabalho de Thornton, palavra! E eu só fiquei sabendo da verdade quando Whittier deduziu a conexão com o contrabando. Eu jamais quis fazer-lhe mal, Cassandra. Pus a cobra em sua tenda, é verdade, mas só para incentivar sua volta para a Inglaterra.

— Como se atreveu a tanto? — Derek quase gritou. Ele e Marc levantaram-se e postaram-se ao lado de Adam, porém Sidra fez um gesto para que voltassem a se sentar.

— Continue, Adam, Derek e Marc não vão machucá-lo — garantiu ela.

Nervoso e aflito para terminar logo a reunião, Adam contou como Thornton executara o sequestro e a maneira pela qual os artefatos chegavam ao Cairo.

Derek sacudiu a cabeça e comentou perplexo:

— E pensar como nós apreciávamos o cuidado com que você embalava as peças para despachá-las no fim de cada período.

— Isso explica também os engradados enormes exigidos por você, Adam. Eles tinham espaço suficiente para levar suas peças — concluiu Sidra.

— De fato. Uma vez no museu, Pamela as retirava antes de o diretor inspecionar a documentação.

— Qual era a parte de Thornton na operação? — indagou Pemberton embaraçado por ter compartilhado do alojamento dos dois contrabandistas e flertado com uma terceira sem suspeitar de nenhum deles.

— Paul providenciava a papelada e o transporte para as peças irem para os receptadores de Pamela no exterior.

— Se o sistema era tão engenhoso e eficiente, por que vocês o abandonaram e passaram a fazer imitações de nossos achados? — perguntou Cassandra.

— Talvez eu possa explicar isso — replicou Pemberton com uma ponta de humildade. — Desconfio que eles queriam desviar minha atenção dos verdadeiros culpados e me mandar atrás da pessoa errada. Infelizmente, eu me prestei aos propósitos deles. Desculpe, meu velho — acrescentou estendendo a mão para Marc.

— Tudo bem, Pemberton. Eu também desconfiava de você — respondeu Marc ao aceitar o gesto conciliatório.

— Eu?! Que grandíssimo absurdo!

Terminava assim a reunião e, pouco depois, o investigador conduzia Adam a uma *falucca* que os esperava para levá-los a Mallawi. Lá, Pemberton faria um relatório à polícia local e receberia uma escolta para acompanhá-lo ao Cairo com o prisioneiro. As autoridades de Mallawi também telegrafariam requisitando a detenção de Marquist e pedindo para o governo egípcio determinar funcionários do museu para assumirem a responsabilidade das peças em poder dela. Embora o resultado final talvez levasse meses para ser conhecido, desde já a expedição e os tesouros de Amarna encontravam-se a salvo de contrabando.

Convencido de que todos precisavam de algo para relaxar, Derek convidou o grupo a acompanhá-lo num drinque antes de se recolher. Como a ideia fosse muito bem-vinda ele foi buscar gim e pediu a Marc para providenciar uísque.

Deixadas a sós, Sidra e Cassandra trocaram um olhar cansado e sorriram num estranho constrangimento. A questão da escolha proposta por Thornton tornara-se um ponto desagradável na amizade de ambas. Em silêncio, esperaram pela volta de Derek, cada qual resolvida a questioná-lo com o fito de deixar a outra tranquila. Inconsciente do estado emocional das duas, ele entrou na tenda sem saber o que o esperava. Sidra foi a primeira a falar.

— Derek, por favor, explique a Cassandra que eu não guardo ressentimento algum contra ela pelo fato de você a ter escolhido.

— Ora, Derek, não dê atenção às palavras de Sidra. Sei que ela ocupa o primeiro lugar no seu coração e, acredite...

Cassandra foi interrompida pela voz furiosa de Marc.

— Em nome de Deus, o que significa esse falatório? Qualquer um pode ouvi-las do outro lado do acampamento!

— Ah, eu posso explicar — começou Derek em tom de zombaria enquanto servia porções generosas de bebida para os quatro. — Através dos estranhos mecanismos da mente feminina, essas duas estão tentando analisar qual teria sido minha resposta à proposta de Thornton.

— Não acredito! — exclamou Marc exasperado. — Depois de eu arriscar minha vida e você atrair a atenção de Thornton para me dar cobertura, elas querem saber o que teria acontecido se eu falhasse? Criatura alguma pode ser tão perversa como a mulher!

— Sob esse seu ângulo de encarar a questão, Marc, concordo que parecemos terríveis — reconheceu Sidra. — Mas Derek, eu não queria que Cassandra se sentisse culpada por ser a sua escolhida. Afinal, ela é sua irmã.

— Meia-irmã — corrigiu Cassandra em tom gélido. — De forma alguma, tenho a sua influência na vida de Derek, portanto, eu não...

— Calem-se as duas! Chega de falarem bobagem! Se quiserem acreditar em mim, tudo bem, senão, paciência. Na verdade, eu nem pensei na proposta de Thornton — afirmou Derek.

— Se continuarem nessa discussão ridícula, vamos ter de admitir a desvantagem de tê-las tirado do perigo em que se meteram por conta própria — reclamou Marc.

— Tem razão, nossa atitude é bem tola. Estamos vivas e graças a você, Marc — admitiu Sidra e o beijou no rosto.

— Obrigada, meu amigo. E agora, se derem licença, vou me retirar. O dia foi longo demais.

— Essa, minha adorada, foi a maneira mais delicada de se referir ao dia de hoje — comentou Derek ao levantar-se.

— Aton, meu grande amigo, boa noite e muito obrigado. Cassie, apesar de impulsiva, eu a quero muito. Não duvide de meu afeto por você, nunca. Boa noite, minha cara — disse e a beijou. Depois, virou-se para Sidra: — Vou acompanhá-la até sua tenda.

— Ora, Derek, por que já não vamos juntos de uma vez para a sua? — sugeriu Sidra.

— Isso mesmo, chega de encenações. Gosto de vocês dois, não importa onde durmam — afirmou Cassandra.

Rindo da franqueza sincera da irmã que ele julgara tão ingênua, Derek sorriu e piscou para Marc antes de desaparecer abraçado a Sidra.

Mal entraram na tenda, Derek tomou Sidra nos braços e a beijou afoito. Apressado, tirou os óculos do bolso e colocou-os, como sempre, na mesinha-de-cabeceira. Em seguida, despiu a camisa, completamente esquecido da luta travada com Marc de manhãzinha.

— Derek! — exclamou Sidra ao notar-lhe o peito machucado e os óculos quebrados. — Eu não sabia que estava ferido. Deixe-me ver se não quebrou nenhuma costela. Naturalmente, reparei no seu rosto e fiquei intrigada como você podia ter se machucado enquanto perseguia Thornton. O que aconteceu, o cavalo jogou você da sela?

— Não, não foi nada disso. Ai! — gemeu Derek ao sentir os dedos de

Sidra num ponto dolorido.

— Isso está me parecendo briga. Foi com os trabalhadores? — insistiu ela.

— Eu apenas discuti com Marc hoje de manhã.

— Discuti?! Se o resultado é esse, acho melhor vocês não se falarem mais! — Sidra gracejou, mas depois continuou em tom mais sério. — Espero que o motivo não tenha sido Cassandra. É melhor que eles resolvam tudo sozinhos e sem interferência de ninguém. E por falar em Marc você não o tinha expulsado daqui? Onde o encontrou hoje de manhã?

Muito sem jeito e hesitante, Derek contou a Sidra o plano dele e de Marc para apanharem Pemberton, de quem desconfiavam. Como a encenação tivera o propósito de proteger a expedição, ela ignorou o fato de não terem lhe contado nada e voltou ao assunto da briga.

— Cada vez, compreendo menos. Se vocês dois estavam em tão bons termos, como se machucou assim?

Paciente, Derek explicou não só a situação entre Lorde Andrew e Marc bem como seu empenho para ambos finalmente chegarem a bons termos.

— Você não poupa esforços para ser um bom amigo, dr. Barstowe — elogiou Sidra beijando-o carinhosamente. — E um ótimo amante também!

Derek lembrou-se da infelicidade do conde através dos anos e replicou:

— E quando terei a oportunidade de ser um bom marido, Sidra? Isso já foi longe demais!

Foi a vez de Sidra mostrar-se hesitante.

— As coisas vão tão bem entre nós como estão, Derek...

— Podem ir bem agora, mas não pretendo passar minha vida, a exemplo de Lorde Andrew, lamentando não ter me casado com a mulher a quem amo.

Comovida e ao mesmo tempo sem vontade de abrir mão de sua imagem de mulher independente, Sidra referiu-se à razão antiga que os impedira de se casarem até agora.

— E quanto a sua teimosia boba de desistir do trabalho de campo caso eu diga sim? Sei que você não seria feliz fazendo conferências em universidades, ou coisa parecida. Acha que nosso casamento duraria muito em tais circunstâncias?

— Quero dar um lar a minha esposa e não obrigá-la a remexer ruínas pelo resto de sua vida. Você é muito mais importante para mim do que minha carreira.

— Pois eu lhe garanto uma coisa: não estou disposta a viver ao lado de um homem infeliz, Derek. Você se esquece de que eu passei anos vagando

pela face da terra. Não quero, nem preciso, que sacrifique suas vontades em favor das que supõe serem as minhas.

— O que você sugere então? — perguntou Derek animando-se ao perceber que a proposta de casamento nunca estivera tão perto de ser aceita.

— Que nos casemos e continuemos a viver desta forma.

— E como vamos ter filhos?

— Derek, crianças nascem e são criadas o tempo todo em lugares muito mais ermos do que este.

Derek ficou em silêncio. Tirara uma lição da experiência de Lorde Andrew. Um homem não podia manter planos rígidos em relação a uma mulher. Ao olhar para Sidra e lembrando-se de como quase a perdera nesse dia, chegou à conclusão de que não haveria nada errado em ceder um pouco.

— Então, está acertado. Faremos a cerimônia o mais depressa possível — declarou resolutivo.

— Não vai me dar a oportunidade de dizer sim?

— Não — respondeu Derek tomando-a nos braços e murmurando ao ouvido: — Se não estiver muito cansada, poderemos começar a planejar nossa família agora mesmo.

Sidra ergueu o rosto para ele e comentou:

— Você, Marc, Cassandra, todos enfim, pensam que são os únicos a terem segredos. Eu também tenho um.

— Não vai contar para mim? — perguntou Derek ao beijá-la ao longo do pescoço.

Sidra sorriu, enigmática.

— Acho que nossa família já está a caminho.

— Tem certeza?

— Não, mas minhas suspeitas são bem fortes.

— Pois então, vamos comemorar como se deve — replicou ele ao tomar-lhe o rosto entre as mãos e cobri-lo de beijos.

Cassandra e Marc já se encontravam um bom tempo sozinhos na tenda de depósito, contudo ele mantinha-se calado e respondia apenas com monossílabos a qualquer pergunta. Achava-se na iminência de tomar a decisão mais importante de sua vida e isso o impedia de pensar em outros assuntos.

Já um tanto acostumada ao temperamento dele, Cassandra sentia-se mais curiosa do que apreensiva. Certa de já estar na hora de investigar as razões daquele humor sombrio, levantou-se e rodeou a mesa que Marc usava para

manter distância entre ambos. Parou atrás da cadeira dele e acariciou-lhe os cabelos.

— Cassandra, o que quer agora? — perguntou ele impaciente, revelando o tumulto de suas emoções.

— Notei que está muito machucado e aborrecido desde que voltamos ao acampamento. Achei melhor verificar se não machucou a cabeça e é isso que estou fazendo.

Delicada, massageou-lhe a nuca e os ombros numa tentativa de aliviar a tensão de Marc.

— Então estou aborrecido? — perguntou ele ao estender o braço para trás e puxá-la para o colo. — Você e Sidra, sem proteção alguma, saem a cavalo em perseguição de um bandido e eu não tenho razão de me preocupar? Deus do céu, Cassandra, Thornton podia ter matado vocês duas! Como pode se sentir tão displicente, mesmo agora que o perigo passou?

Feliz no aconchego dos braços de Marc, Cassandra ergueu o olhar e respondeu com candura:

— Por que ele não me matou graças a você. Por causa disso, jamais conseguirá se livrar de mim. Trate de se acostumar com a ideia e pare de fazer cara feia. Eu te amo, Aton, e ontem à noite você disse que também me amava. Vamos gozar esse amor, meu querido.

Seus lábios encontraram os dele e, depois de alguma hesitação, a reação de Mark correspondeu às expectativas da namorada. Os temores e preocupações desapareceram enquanto suas bocas compartilhavam os segredos da paixão num estímulo ao desejo crescente.

Foi Marc quem quebrou a magia da sensualidade. Num gesto brusco, pôs Cassandra no chão e levantou-se para caminhar agitado de um lado a outro da tenda.

— Cassandra, não é assim tão fácil — começou, porém ela o interrompeu receosa de ouvir uma declaração indesejada.

— Deixe de bobagens, Marc. O que não é fácil? Nada poderia ser mais simples. Somos dois adultos que nos amamos. Depois daquela noite no deserto, eu posso ter perdido um pouco o senso da realidade, mas eu te amo. Se é contra o casamento, tudo bem, serei apenas a sua companheira. Não importa o que acontecer, não ficarei mais longe de você. Nada de viagens ao Cairo, ou expedições com Derek.

Aproximou-se de Marc e tocou-lhe as faces com suavidade.

— Marc, você se importou comigo hoje a ponto de arriscar a própria vida. Não tente escapar de mim porque eu não permitirei. Eu preciso de você.

Deve ter sido a magia deste lugar que me fez perceber isso. Eu te amo, Aton, da mesma forma que Nefertiti amou Akhenaton. No início, pensei que fosse apenas uma empolgação, mas não é. O que eu sinto é forte, Marc, um sentimento bonito, amor...

Marc fitou a mulher delicada a sua frente. Observou-lhe o rosto marcado pela emoção e imaginou que deus generoso o havia abençoado com essa devoção comovedora.

— Você é o meu amor, Cassandra, admito com toda a honestidade, porém, antes de mais nada, quero que saiba de certas coisas sobre mim. Eu te amo muito para ser desonesto com você. Por isso, prefiro ser franco e correr o risco de perdê-la.

Apreensiva com esse preâmbulo, Cassandra sentou-se e ficou à espera de que ele continuasse.

— Quando a encontrei em Alexandria, eu a qualifiquei como uma inglesa mimada e pedante que se considerava superior ao povo egípcio.

Cassandra fez menção de protestar, porém Marc, com um gesto, pediu-lhe silêncio.

— Vim a conhecê-la melhor e achei que, talvez, houvesse errado em meu julgamento. Aquele dia no túmulo de Akhenaton foi muito especial e me deixou feliz. Mas depois, achei que você e Derek eram amantes e isso me confundiu. Depois, surgiu Thornton, disposto a conquistá-la e eu fiquei tão furioso a ponto de não pensar mais com racionalidade. Passei a vê-la como uma moça fútil que merecia um tratamento rude. Foi esse misto de atração e desprezo que me levou a agir com violência...

Marc fitou o rosto de expressão meiga e acariciou-o com imensa ternura.

— Lamento muitíssimo, Cassandra, mesmo que eu não tivesse errado a seu respeito, jamais deveria ter procedido daquela forma, obrigando-a a... — Ele fechou os olhos, como se assim pudesse apagar da memória o ato condenável. — Eu errei, peço que me perdoe...

— Eu já te perdoei, Marc — ela afirmou, apreensiva. Percebia que Marc ainda tinha revelações a fazer. E não se enganou.

— Cassandra, não tenho outra escolha senão contar tudo. Eu te quero, mas vou entender se não quiser mais se casar comigo quando souber de minha origem. Minha mãe era egípcia e meu pai um nobre inglês...

— Lorde Andrew, por acaso? — Cassandra concluiu surpresa, lembrando-se da reação de Marc à menção desse nome na véspera à noite.

— Ele mesmo. Desde a infância eu o culpava pela minha ilegitimidade e por me transformar num pária entre duas culturas sem pertencer a nenhuma

delas. Hoje de manhã, entretanto — Marc parou e tocou o olho roxo —, Derek me ajudou a ver as coisas por outro prisma.

— Derek?

— Sim. Nem ele nem Lorde Andrew conseguiam me forçar a ouvi-los, então Derek empregou um pouco de força. Minha mãe, por ser egípcia, achava que não seria bem aceita na Inglaterra e amava muito a meu pai para atrapalhar-lhe a carreira política. Por isso, recusou-se a se casar com ele e me criou sozinha, como mãe solteira... Não sou um nobre, como você — concluiu ele e dirigiu-se à saída da tenda de onde a fitou com tristeza: — Não desperdice sua vida comigo, Cassandra. Acreditei na possibilidade do nosso amor, porém, enquanto falava, percebi que não seria justo para você.

— Um momento, Marc Whittier — advertiu ela zangada. Levantou-se e bloqueou-lhe a passagem. — Posso tomar minhas próprias decisões. Nada no mundo é mais importante para mim do que você. Se imagina que vou desistir do meu amor porque não é um nobre de sangue azul, acho bom preparar-se para brigar com mais um membro da família Barstowe.

Marc sorriu ao ver-lhe os punhos cerrados e a expressão de desafio, embora os olhos estivessem marejados de lágrimas.

— Não, meu amor, não vai haver luta. Você já conquistou meu coração, falta apenas eu lhe entregar meu corpo, se aceitar se casar comigo — capitulou ele.

A um aceno de aquiescência, Marc ergueu-a nos braços e a estreitou de encontro ao peito para beijá-la com uma paixão livre de barreiras. Sentindo-lhe a disposição de entrega total, murmurou:

— Imponho uma condição: não voltarei a seduzir a irmã de Derek. Você só me terá depois do casamento.

Cassandra riu divertida.

— Não sou eu quem deveria dizer isso?

— Desde quando seu comportamento segue as convenções? Contudo, há uma que eu gostaria de satisfazer agora. Quero apresentá-la a meu pai, ainda esta noite, como minha noiva.

— Será um prazer. Indique o caminho, meu amor, e eu o seguirei agora e sempre.

— Sempre?!

— Bem, na maioria das vezes.

Com o braço sobre seus ombros, Marc conduziu-a através do acampamento sob o céu estrelado de onde Aton se recolhera há muitas horas. Pela primeira vez na vida conhecia a segurança de receber amor e retribuí-lo.

No período de escavações do ano seguinte, eles descobririam o túmulo de Nefertiti. Neste, ele já encontrara um tesouro fabuloso.

EPÍLOGO

Cassandra estendeu o braço sobre as cobertas e afastou uma mecha de cabelos da testa de Marc. Feliz, admirou-lhe as afeições tão serenas sob o sono. Mesmo machucado, ele era o homem mais bonito que jamais conhecera. Haviam se casado de manhã, bem como Derek e Sidra, numa cerimônia oficiada pelo sacerdote de Mallawi. Lá em Amarna, haviam feito as promessas para o futuro entre as ruínas do passado.

Era difícil acreditar que em pouco mais de quarenta e oito horas tinham voltado ao acampamento novamente de posse da máscara. Sentindo o calor do corpo de Marc junto ao seu, Cassandra lembrou-se divertida da pressa dele em realizar o casamento. Segundo ele, seria a única maneira de mantê-la fora de confusões.

— Não há necessidade de esperarmos. A família toda encontra-se aqui — dissera ele com o olhar indo de Derek e Sidra para Lorde Andrew.

O conde sorrira emocionado e Cassandra ficara feliz com a delicadeza de Marc ao incluir o pai no evento. Sentira um pouco de remorsos por Sir Robbie não estar presente, porém sabia que o padrinho a perdoaria.

Ela não pôde deixar de rir ao lembrar-se da satisfação com que Derek dera a permissão para o casamento. Qualquer um transferiria correndo a responsabilidade de cuidar de uma irmã impetuosa para outra pessoa, imaginou divertida.

Durante a cerimônia, Marc fizera seu juramento de amor e lealdade em voz firme e clara, mostrando-se tão feliz quanto Derek e Sidra. A pequena Mari aparecera graciosamente vestida trazendo flores para as duas noivas. Sem a ajuda dessa garotinha esperta, os fatos talvez não houvessem tido um final feliz.

Cassandra pensou também em Lorde Andrew, cujos olhos brilhantes expressavam a mais genuína satisfação. Ele agora estava em paz; a busca pela afeição do filho fora amplamente recompensada. Seu presente de casamento fora a promessa de assumir as despesas do projeto durante o período de escavações do ano seguinte. Depois de uma festinha preparada às pressas pelas mulheres do Et Til, sob a supervisão de Deva, o conde tinha declarado já estar bom para retornar ao Cairo e reassumir as negociações entre o Egito e a Inglaterra. Cassandra e Marc o acompanharam ao embarque no pequeno

trem particular de Mallawi, onde pai e filho se despediram com dificuldades.

O sr. e a sra. Whittier estavam passando a noite em Mallawi por insistência de Derek. Na opinião dele, o novo casal merecia um pouco de tempo e sós e esse constituía o presente de casamento que lhes dava. No dia seguinte, entretanto, deveriam voltar ao trabalho nas escavações.

Marc acordou e interrompeu-lhe os pensamentos com beijos ardentes em seu ombro nu. Num gesto impaciente, ele afastou as cobertas e contemplou o corpo esguio e delicado.

— Não sabia que era um homem tão ganancioso, Marc Whittier! Se soubesse, teria acreditado quando Derek o acusou de ladrão.

— Não estou roubando nada, minha querida esposa, que já não seja meu. E você não parece aborrecida com minhas exigências. Além disso, fui muito paciente no início da noite.

— Paciente até demais. Se eu não tivesse tomado a iniciativa, talvez ainda estivesse sentado naquela cadeira junto da janela — queixou-se Cassandra.

— Eu me comportei como um noivo atencioso — justificou-se. Havia apenas cumprido o juramento de deixar Cassandra escolher o momento certo para se unirem.

— Quanto a minha ganância, uma só noite de paixão não vai ser suficiente para aplacá-la. As reuniões na tenda do depósito à noite vão ser rapidíssimas daqui em diante — garantiu entre beijos que logo reacenderam as chamas de um desejo voraz.

Novamente entregaram-se ao ritual do amor, amantes incansáveis em busca dos prazeres inesperados de uma união perfeita. Do pleno gozo.

— Isso vai satisfazer você até amanhã cedo? — Cassandra o provocou mais tarde, aninhada entre os braços dele.

— Duvido — replicou Marc.

— Desse jeito, não teremos força para trabalhar amanhã. O que dirão Sidra e Derek?

— Bobinha, o que acha que eles estão fazendo?

Num abraço aconchegante, permaneceram algum tempo em silêncio. Então, Marc sussurrou sonolento:

— Ai, Cassandra, como pude existir sem você?

— Que eu saiba, em relação a mulheres você vivia muito bem — replicou ela com uma ponta de ciúme.

— Nunca houve mulher alguma que me fascinasse tanto quanto você,

exceto uma.

— Quem é ela? — indagou Cassandra lembrando-se de Regina.

— Está com ciúme? Meu amor, estou falando de Nefertiti. Que esposa mais desconfiada! Ah, eu me esqueci de contar que consegui decifrar, mais ou menos, as inscrições no interior da máscara — informou ele reprimindo um bocejo.

— Verdade? O que diziam? — perguntou Cassandra excitada ao mesmo tempo que se sentava na cama.

— Elas sugerem um tipo de promessa, ou voto, feito por Akhenaton a Nefertiti porém como se fosse Aton, o deus sol. Volte a deitar a meu lado e eu tentarei me lembrar da inscrição — prometeu, puxando-a para junto de si.

Numa voz suave em seu ouvido, ele declamou:

“Iluminarei a noite de tua eternidade, Bem-Amada

Porque todos os dias me dedico a iluminar a Terra

Apenas para merecer passar as noites A teu lado”.

— Que lindo! — comentou Cassandra e repetiu a promessa de amor sem fim feita há mais de três mil anos.

As palavras continuaram a ecoar em sua mente, cada vez mais fortes, enquanto Marc entregava-se ao sono. De repente, ela exclamou excitada:

— Acorde, Marc! Já sei o que Akhenaton queria dizer!

— Eu também. Como ele, quero passar todas as noites a seu lado, meu amor. Os amantes não eram diferentes há milhares de anos.

— Não, não, Marc — protestou ela sacudindo-o pelos ombros a fim de impedi-lo de dormir novamente.

— Cassandra, você é insaciável!

— Não se trata disso, seu bobo. Eu acho que a máscara contém indícios do túmulo de Nefertiti.

— E daí? — perguntou Marc entreabrindo os olhos. Na verdade, esquecera-se de que a esposa adorável era tão interessada em arqueologia quanto ele. Devia ter esperado até a manhã seguinte para falar-lhe sobre as inscrições.

— Marc, preste atenção. Por quererem estar sempre juntos, a maioria dos amantes providencia para continuarem lado a lado através da eternidade.

— Você imagina que Nefertiti esteja enterrada em algum ponto do túmulo de Akhenaton? Engana-se. O lugar já foi vasculhado inteiramente. Boa noite, Cassie — disse ao beijá-la na face e fechar os olhos outra vez.

— Eu não disse isso — garantiu Cassandra empolgada com sua teoria e aflita para a conversa não esmorecer. — Akhenaton não haveria de querer

Nefertiti enterrada com ele. Se esperava erguer-se diariamente integrado a Aton e desejava passar todas as noites da eternidade ao lado da esposa, onde ela seria sepultada? Possivelmente a oeste de Amarna, do outro lado do Nilo.

— Pode ser — concordou Marc já contagiado por seu entusiasmo. — Contudo, ninguém sabe o que aconteceu a Nefertiti. Se morreu antes do marido, um plano como esse poderia ser executado, caso ela não houvesse caído no desagrado do faraó. Ela podia ser do tipo de mulher que mantém o marido acordado para conversar...

— Por favor, Marc, estou falando sério.

Marc sorriu ao fitá-la e prosseguiu:

— Se Akhenaton faleceu antes de sua rainha, quem poderá nos garantir que os defensores do reino tinham poder suficiente para satisfazer a vontade do faraó após a morte de Nefertiti? O fato de termos encontrado a máscara nas vizinhanças do ateliê do artesão sugere a inexistência ou o abandono de tal plano.

Cassandra não se deixou convencer.

— Ou, apesar de lindíssima, Akhenaton não tenha gostado da máscara como réplica de Nefertiti. O artesão, por sua vez, não quis destruí-la e escondeu-a sob o molde.

— Jamais saberemos, meu amor. Quanto a procurar a oeste de Amarna, que lugar específico você sugere?

— Na linha do poente vista do palácio real. Afinal, de lá, tem-se a impressão de que o sol nasce nos penhascos onde se localiza o túmulo de Akhenaton. Podemos falar com Derek amanhã e...

— Esperar até o próximo ano para ver se sua teoria merece crédito, embora seja plausível.

— No ano que vem?!

— Certamente. Não contamos com mais de dois meses até a estação das tempestades de areia. Depois delas, vem o verão cujas temperaturas altas impossibilitam escavações.

— Ah — murmurou Cassandra triste.

— Não fique desapontada, minha querida estagiária, pois eu prometo mantê-la bem ocupada até a ocasião de voltar a remexer ruínas no ano que vem. Sabe, pretendo lhe proporcionar uma verdadeira lua-de-mel. Quando fecharmos as escavações, iremos visitar os monumentos mais famosos da antiguidade egípcia.

— O que mais me interessa no Egito encontra-se bem aqui a meu lado — garantiu Cassandra com as mãos espalmadas no peito de Marc.

— Sua feiticeira! Onde vou encontrar energia para mantê-la satisfeita? — perguntou ele quando as primeiras luzes do amanhecer já clareavam o céu.

— No sol, meu bem-amado Aton — sussurrou Cassandra ao entregar-se a um beijo com sabor de eternidade.



PRAZER PROIBIDO

Veronica Sattler

UM TERRÍVEL EQUÍVOCO ROUBA A INOCÊNCIA DE UMA JOVEM E COMPROMETE O CORAÇÃO DE UM FAMOSO CONQUISTADOR

Amedrontada, Ashleigh correu os olhos pelo imponente aposento que lhe haviam destinado. A ampla cama de casal, as ricas cortinas de veludo, os espelhos nos quais via-se refletida de todos os ângulos. Aquele luxo a impressionava, era excessivo. ..viu renascer seus receios. Havia algo errado.

Uma batida na porta tirou-a de suas divagações. O duque de Ravenprd entrou no quarto e ficou surpreso. Esperava por um brinquedo divertido mas não por uma mulher tão jovem e bela. Podia jurar que aquele rosto espelhava inocência. Mas era uma prostituta. E como ele já havia pago por seus “serviços”, agora iria ocupar-se apenas do prazer!